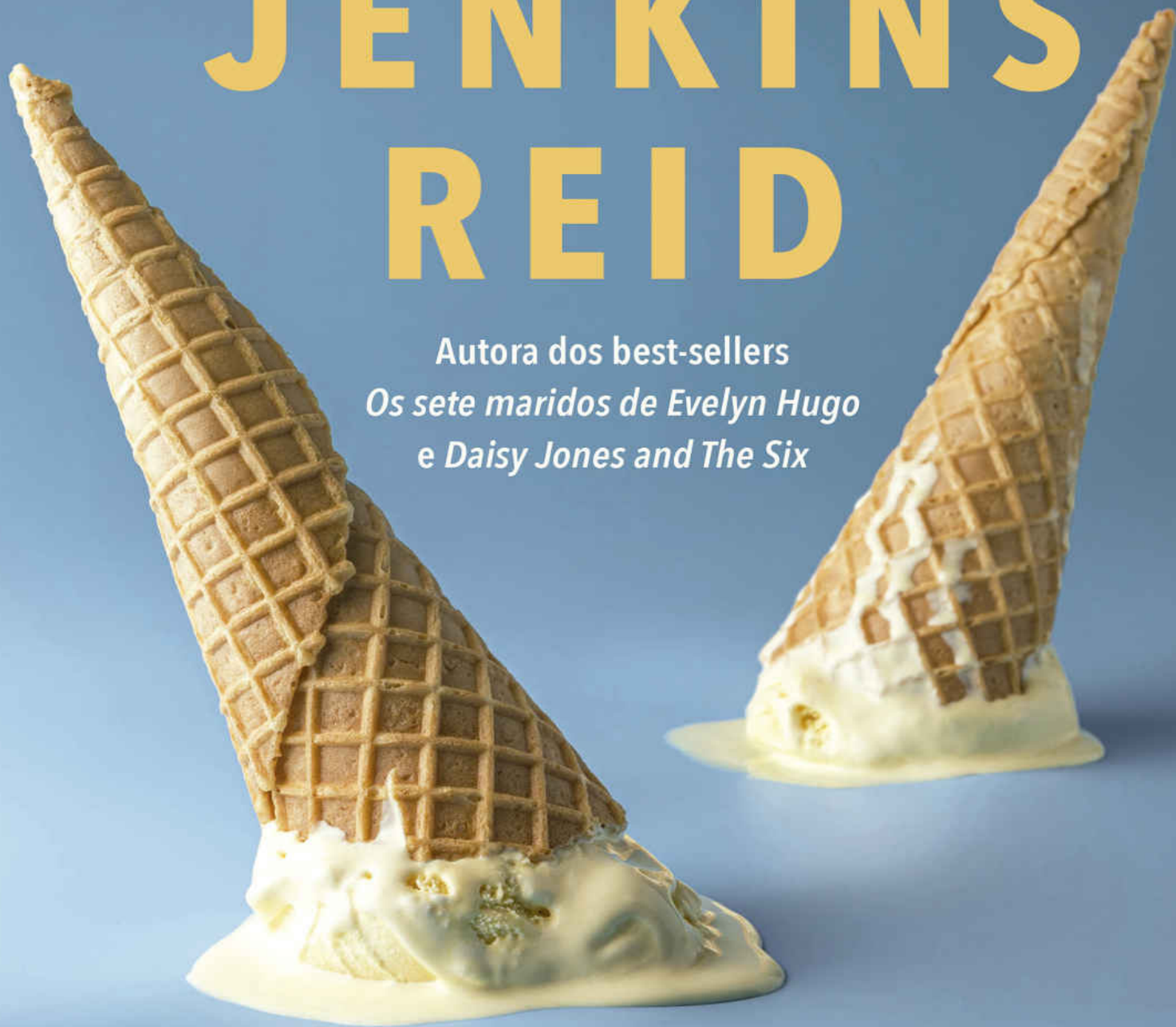


TAYLOR JENKINS REID

Autora dos best-sellers
Os sete maridos de Evelyn Hugo
e *Daisy Jones and The Six*



**PARA SEMPRE
INTERROMPIDO**

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

TAYLOR JENKINS REID

**PARA SEMPRE
INTERROMPIDO**

Tradução

ALEXANDRE BOIDE

**PA
RA
IS
LA**

Sumário

Capa

Folha de rosto

Sumário

Dedicatória

Epígrafe

PARTE UM

PARTE DOIS

Agradecimentos

Sobre a autora

Créditos

*Para Linda Morris
(por ler as histórias policiais de uma menina de doze anos)*

*E para Alex Reid
(um homem por quem o mundo inteiro deveria se apaixonar)*

Toda manhã, quando acordo, por uma fração de segundo esqueço que você não está mais aqui e estendo o braço para te procurar. Tudo o que encontro é uma cama fria. Meus olhos se voltam para nossa foto em Paris, na mesinha de cabeceira, e sinto uma alegria imensa porque, mesmo que tenha sido só por um breve momento, eu te amei e você me amou.

Post no Craigslist, Chicago, 2009

PARTE UM

Junho

“Já decidiu se vai mudar seu sobrenome?”, Ben me pergunta. Ele está do outro lado do sofá, massageando meus pés. É tão gato. Como foi que eu arrumei alguém tão incrivelmente gato?

“Tenho pensado no assunto”, provoco. Já pensei bastante. Eu abro um sorriso. “Acho que vou mudar, sim.”

“Sério?”, ele pergunta, todo animado.

“Você gostaria disso?”, questiono.

“Está brincando?”, ele diz. “Quer dizer, você não é obrigada. Se achar que é uma coisa ofensiva ou... sei lá, sentir que está renegando seu próprio nome. Quero que você tenha o sobrenome que quiser. Mas se esse sobrenome por acaso for o mesmo que o meu” — Ben fica um pouco vermelho — “isso seria muito legal.”

Ele é meio que atraente demais para ser um marido. Quando a gente pensa em maridos, o que vem à mente são caras barrigudos e carecas que tratam as mulheres como lixo. Só que o meu marido é atraente. Ele é jovem, alto, forte. É perfeito. Estou parecendo uma idiota. Mas é assim que deve ser, não? Como recém-casada, é para eu ver o mundo cor-de-rosa. “Eu estava pensando em mudar para Elsie Porter Ross”, digo a ele.

Ben para de massagear meus pés por um instante. “Isso é muito sexy”, ele diz.

Eu dou risada. “Por quê?”

“Sei lá”, ele responde, voltando a massagear meus pés. “Deve ser um troço bizarro de homem das cavernas. Mas gosto dessa ideia de a gente ser os Ross. O sr. e a sra. Ross.”

“Gostei disso!”, digo. “Sr. e sra. Ross. É mesmo sexy.”

“Não falei?”

“Então está decidido. Assim que receber a certidão de casamento, vou mandar pro Departamento de Trânsito, ou para quem quer que cuide disso.”

“Que demais”, ele diz, soltando meus pés. “Muito bem, Elsie Porter Ross. Minha vez.”

Eu seguro os pés dele. Ficamos em silêncio por um tempo, enquanto massajeio distraída seus dedos por cima das meias. Minha mente começa a divagar, e de repente chego a uma constatação surpreendente: estou com fome.

“Você está com fome?”, pergunto.

“Agora?”

“Eu queria muito comer uns Fruity Pebbles agora, não sei por quê.”

“A gente não tem cereal aqui em casa?”, Ben pergunta.

“Até tem. Mas é que... quero Fruity Pebbles.” Só temos cereais matinais para adultos em casa, aqueles marrons enriquecidos com fibras.

“Bom, vamos comprar, então? Com certeza ainda tem algum lugar aberto. Na verdade, eu posso ir pra você.”

“Não! Não posso te deixar fazer isso. Eu estaria sendo muito folgada.”

“Você estaria sendo muito folgada, mas você é minha mulher e eu te amo, e quero que os seus desejos sejam atendidos.” Ele começa a se levantar.

“Não, é sério, não precisa fazer isso.”

“Eu vou.” Ben sai da sala e volta logo em seguida com a bicicleta e os sapatos.

“Obrigada!”, eu digo, agora esparramada no sofá, ocupando o espaço que ele acabou de deixar vago. Ben sorri pra mim, abre a porta e sai com a bicicleta. Escuto quando ele a apoia no descanso, e sei que agora vai voltar para se despedir.

“Eu te amo, Elsie Porter Ross”, ele diz, e se inclina sobre o sofá para me beijar. Está de capacete e luvas, e sorri para mim. “Eu adoro dizer esse nome.”

Abro um sorriso enorme. “Eu te amo!”, digo. “Obrigada.”

“De nada. Te amo! E já volto.” Ele fecha a porta ao sair.

Apoio melhor a cabeça e pego um livro, mas não consigo me concentrar. Sinto falta dele. Vinte minutos se passam e começo a ansiar por sua volta, mas a porta não se abre. Não escuto ninguém na escada.

Quando já faz meia hora que Ben saiu, ligo no celular dele. Caixa postal. Minha mente começa a cogitar mil possibilidades. São todas exageradas e absurdas. Ele conheceu outra pessoa. Parou em um clube de strip-tease. Ligo de novo enquanto meu cérebro começa a lidar com possibilidades mais realistas, e que por isso mesmo são mais assustadoras. Quando ele não atende mais uma vez, me levanto do sofá e saio para a rua.

Não sei o que esperava encontrar, mas olho de um lado para outro da rua em busca de algum sinal dele. Eu sou maluca por achar que pode ter acontecido alguma coisa? Fico indecisa. Tento manter a calma e digo a mim mesma que ele deve ter ficado preso em algum engarrafamento impossível de contornar, ou talvez tenha encontrado um amigo que não via fazia tempo. Os minutos começam a passar mais devagar. Parecem horas. Cada segundo é insuportavelmente longo.

Sirenes.

Escuto as sirenes vindo na minha direção. Vejo as luzes piscantes se projetando sobre os telhados da minha rua. O barulho estridente parece me chamar. Consigo ouvir meu nome naquele padrão escandaloso e repetitivo: *El-sie. El-sie.*

Começo a correr. Quando chego ao fim da rua, sinto o cimento gelado sob meus pés. Minha calça de moletom é fina demais para me proteger do vento, mas continuo correndo até encontrar a fonte de toda aquela comoção.

Vejo duas ambulâncias e um caminhão dos bombeiros. Algumas viaturas da polícia começam a cercar a área. Corro até lá como se as minhas pernas agissem por vontade própria. Alguém está sendo colocado em uma maca. Um caminhão de mudanças está tombado na lateral da rua. As janelas estão quebradas, e tem vidro espalhado ao redor. Observo mais atentamente o caminhão, tentando entender o que aconteceu. Nesse momento, percebo que não é só vidro. O asfalto também está coberto de pedacinhos de outra coisa. Eu me aproximo e vejo um deles aos meus pés. É um Fruity Pebble. Olho ao redor, rezando para não encontrar a única coisa que não quero ver, mas é o que encontro. Bem na minha frente — como pude não

perceber? —, enfiada até a metade no caminhão, está a bicicleta dele. Amassada e retorcida.

O mundo inteiro fica em silêncio. As sirenes param. A cidade se paralisa. Meu coração começa a bater tão rápido que sinto o sangue pulsando no meu cérebro. Está tão quente aqui. Quando foi que isso aconteceu? Não consigo respirar. Acho que não sei mais respirar. Não estou respirando.

Só percebo que estou correndo quando chego à ambulância. Começo a bater na lataria. Dou alguns pulos para bater na janela, que é alta demais para eu conseguir alcançar. Enquanto faço isso, só o que escuto é o barulho dos Fruity Pebbles sendo esmagados sob os meus pés. Estou moendo os cereais coloridos no chão cada vez que pulo. Partindo em milhões de pedacinhos.

A ambulância arranca. Ele está lá dentro? Ben está lá dentro? Estão tentando mantê-lo vivo? Ele está bem? Está machucado? Talvez esteja sendo atendido só por protocolo, mas na verdade está bem. Talvez esteja em algum lugar por aqui. Talvez quem esteja na ambulância seja o motorista. Aquele cara só pode estar morto, né? Sem chance de ter sobrevivido. Então deve estar tudo certo com Ben. É assim que funciona o carma em acidentes: o culpado morre, o inocente sobrevive.

Eu me viro para olhar ao redor, mas não vejo Ben em lugar nenhum. Começo a gritar seu nome. Sei que está tudo bem com ele. Tenho certeza. Só preciso que isso acabe de uma vez. Só quero vê-lo com um ou outro arranhão e ouvir que está tudo sob controle e que ele já pode ir para casa. Vamos para casa, Ben. Aprendi a lição e nunca mais vou deixar você fazer nenhum favor idiota para mim. Já aprendi a minha lição; vamos para casa.

“Ben!”, grito para a noite. Está tão frio. Quando foi que esfriou tanto? “Ben!”, eu berro de novo. Sinto que estou andando em círculos, até ser barrada por um policial.

“Senhora”, ele diz ao me segurar pelo braço. Eu continuo gritando. Ben precisa me ouvir. Precisa saber que estou aqui. Precisa saber que é hora de ir para casa. “Senhora”, repete o policial.

“Quê?”, grito na cara dele. Solto meu braço e me viro para o outro lado. Tento atravessar aquilo que é claramente uma barreira de isolamento. Sei que quem isolou a área me deixaria passar. Qualquer um entenderia que eu só preciso encontrar meu marido.

O policial me alcança e me segura de novo. “Senhora!”, ele diz, mais firme dessa vez. “A senhora não pode ficar aqui agora.” Ele não entende que aqui é exatamente onde eu *preciso* estar agora?

“Tenho que encontrar o meu marido!”, explico. “Ele pode estar machucado. Essa é a bicicleta dele. Preciso saber onde ele está.”

“Senhora, seu marido foi levado para o Cedars-Sinai. Você tem como chegar até lá?”

Meus olhos estão voltados para o policial, mas não entendo o que ele está me dizendo.

“Onde ele está?”, pergunto. Preciso que ele diga de novo. Não estou entendendo.

“Senhora, seu marido está a caminho do Centro Médico Cedars-Sinai. Está sendo conduzido às pressas para o pronto-socorro. Quer que eu a leve até lá?”

Ele não está aqui?, eu penso. *Estava naquela ambulância?*

“Ele está bem?”

“Senhora, eu não posso...”

“Ele está bem?”

O policial olha para mim. Em seguida, tira o quepe da cabeça e coloca na frente do peito. Eu sei o que isso significa. Já vi esse mesmo gesto sendo feito diante de viúvas de guerra em filmes de época. Começo a soluçar violentamente.

“Eu preciso ver o meu marido!”, grito entre as lágrimas. “Preciso ver o meu marido! Preciso ficar do lado dele!” Caio de joelhos no meio da rua, amassando mais cereais coloridos. “Ele está bem? Preciso ficar lá com ele. Só me diz se ele está vivo.”

O policial me olha com pena e culpa. Nunca havia visto essa mistura no rosto de uma pessoa, mas é fácil de reconhecer. “Senhora. Eu sinto muito. O seu marido...”

O policial não está agitado; não está cheio de adrenalina como eu. Sabe que não adianta ter pressa. Sabe que o cadáver do meu marido pode esperar.

Não permito que ele termine a frase. Já sei o que vai ser dito, e não consigo acreditar. Me recuso a acreditar. Grito com ele, começo a esmurrar seu peito. É um homem enorme, de mais de um metro e noventa, muito maior que eu. Me sinto uma criança. Mas isso não me detém. Continuo chorando e batendo. Tenho vontade de dar um tapa na cara dele. Um chute. Quero que ele sinta a mesma dor que eu.

“Ele faleceu com o impacto do acidente. Eu sinto muito.”

Nesse momento, eu vou para o chão. Tudo começa a girar. Consigo ouvir minha pulsação, mas não o que o policial está dizendo. Eu não imaginava que isso pudesse acontecer. Pensei que tragédias só acontecessem com gente arrogante e presunçosa. Que não atingissem pessoas como eu, que sabem como a vida é frágil,

que respeitam a autoridade de um poder maior. Mas aconteceu. Aconteceu comigo.

Meu corpo se acalma. Meus olhos secam. Meu rosto para de se contorcer, e meu olhar se volta para um andaime e se fixa lá. Meus braços estão dormentes. Não sei se estou de pé ou sentada.

“O que aconteceu com o motorista?”, pergunto ao policial, calma e controlada.

“Como?”

“O que aconteceu com a pessoa que estava dirigindo o caminhão?”

“Ele faleceu, senhora.”

“Ótimo”, digo a ele. Como se fosse uma sociopata. O policial se limita a assentir com a cabeça, talvez indicando um acordo tácito de que vai fingir não ter ouvido aquilo, e que eu posso fingir que não acabei de desejar a morte de outra pessoa. Mas não me arrependo.

Ele segura minha mão e me leva até o banco da frente de sua viatura. Liga a sirene para se locomover em meio ao trânsito, e vejo as ruas de Los Angeles passando em velocidade rápida. Nunca me pareceram tão feias.

Quando chegamos ao hospital, o policial me deixa sentada na sala de espera. Estou tremendo tanto que faço a cadeira tremer junto.

“Preciso ir até lá”, digo a ele. “Preciso ir até lá!”, grito mais alto. Leio o nome na plaqueta de identificação em seu uniforme. Policial Hernandez.

“Eu entendo. Vou tentar descobrir tudo o que for possível. Acho que deve ter algum assistente social para conversar com você. Já volto.”

Consigo escutá-lo, mas não esboço nenhuma reação ou sinal de entendimento. Só fico sentada na cadeira, olhando para a parede. Sinto minha cabeça balançando de um lado para outro. Percebo que estou levantando e indo até o balcão das enfermeiras, mas paro ao notar que o policial Hernandez está voltando. Está acompanhado de um baixinho de meia-idade, usando uma camisa azul e uma gravata vermelha. Aposto que esse idiota pensa que aquela é sua gravata da sorte. E que acha que vai ter um bom dia quando a usa.

“Elsie”, ele diz. Eu devo ter dito meu nome para o policial Hernandez. Não me lembro disso. Ele estende a mão para me cumprimentar. Não vejo motivo para formalidades em meio a uma tragédia. Eu o deixo com a mão estendida. Antes de tudo isso, eu

jamais me recusaria a cumprimentar alguém. Sou educada. Às vezes, até boazinha demais. Não sou o tipo de pessoa considerada “difícil” ou “encrenqueira”.

“Você é a esposa de Ben Ross? Está com algum documento de identificação?”, o homem me pergunta.

“Não. Eu... eu saí correndo de casa. Eu não...” Olho para os meus pés. Estou inclusive descalça, e esse homem acha que eu estou com a minha carteira de motorista?

O policial Hernandez vai embora. Percebo quando ele se afasta devagar, todo sem jeito. Deve achar que seu trabalho já está feito. Gostaria de estar na posição dele. Gostaria de poder me afastar de tudo isso e ir para casa. Eu iria para casa com meu marido, para nossa cama quentinha. Meu marido, uma cama quente, e uma bosta de uma tigela de Fruity Pebbles.

“Infelizmente, você não pode ir até lá, Elsie”, diz o homem de gravata vermelha.

“Por que não?”

“Os médicos ainda estão trabalhando.”

“Ele está *vivo*?”, grito. Como a esperança volta rápido.

“Não, eu sinto muito.” Ele sacode a cabeça. “Seu marido morreu há pouco. Mas era listado como doador de órgãos.”

Me sinto como se estivesse em um elevador despencando rumo ao chão. Estão arrancando pedaços dele e dando para outras pessoas. Ele está sendo esvaziado.

Eu volto a me sentar na cadeira, morta por dentro. Uma parte de mim sente vontade de gritar com esse homem para me deixar ir até lá. Para me deixar ir vê-lo. Quero atravessar aquelas portas duplas e

ir encontrá-lo, abraçá-lo. O que estão fazendo com ele? Mas estou paralisada. Eu também morri.

O homem de gravata vermelha se retira por um instante e volta com um chocolate quente e um par de chinelos. Meus olhos estão secos e cansados. Mal consigo enxergar. Todos os meus sentidos parecem embotados. Me sinto presa no meu próprio corpo, isolada de todos ao meu redor.

“Você quer que a gente ligue para alguém? Para os seus pais?”

Faço que não com a cabeça. “Ana”, digo. “Preciso ligar para Ana.”

Ele põe a mão no meu ombro. “Você pode anotar o número da Ana para mim? Eu ligo para ela.”

Faço que sim com a cabeça, e ele me entrega um papel e uma caneta. Demoro um tempinho para me lembrar. Escrevo o número errado algumas vezes até acertar, mas tenho certeza de que entreguei o telefone certo quando devolvo o papel.

“E o Ben?”, pergunto. Não sei exatamente o que quero saber. Só que... ainda me recuso a desistir. Não é possível que eu já esteja na fase de ligarem para alguém para me levarem para casa. A gente precisa entrar nessa luta, não? Preciso encontrá-lo e salvá-lo. Como é que eu faço para encontrá-lo e salvá-lo?

“As enfermeiras já ligaram para o familiar mais próximo dele.”

“Quê? A pessoa mais próxima dele sou eu.”

“Ao que parece, na carteira de motorista dele constava um endereço em Orange County. Temos a obrigação legal de notificar a família.”

“E para quem vocês ligaram? Quem está vindo para cá?” Mas na verdade já sei quem é.

“Vou tentar descobrir. E vou ligar para Ana. Volto daqui a pouco, está bem?”

Concordo com a cabeça.

No saguão, posso ver e ouvir outras pessoas à espera. Algumas parecem preocupadas, mas a maioria parece bem. Tem uma mãe com uma filha jovem. Estão lendo um livro. Tem um garotinho com uma bolsa de gelo no rosto ao lado de um pai que parece irritado. Tem um casal de adolescentes de mãos dadas. Não sei por que estão aqui, mas, a julgar pelo sorriso no rosto e pelo jeito como estão se tocando, só posso supor que não é nada terrível e... sinto vontade de gritar com eles. Quero dizer que prontos-socorros são para emergências, e que eles não deveriam estar aqui se estão tão felizes e despreocupados assim. Que eles deviam ir para casa e ser felizes em outro lugar, porque não sou obrigada a ver isso. Nem me lembro de como é se sentir assim. Não sei mais nem como era ser eu mesma antes de tudo isso acontecer. Só o que sinto é um medo esmagador. Isso e raiva desses dois merdinhas que não param de sorrir bem na minha cara.

Sinto ódio deles e das malditas enfermeiras, que estão trabalhando normalmente, como se esse não fosse o pior dia da vida delas. Fazem ligações, tiram cópias e bebem café. Sinto ódio delas por serem capazes de beber café em um momento como este. Sinto ódio de todo mundo neste hospital, porque ninguém está se sentindo arrasado.

O homem de gravata vermelha volta e diz que Ana está a caminho. Ele pergunta se pode se sentar e esperá-la comigo. Dou de ombros. Por mim, ele pode fazer o que quiser. Sua presença não me traz consolo nenhum, mas me impede de levantar e gritar com

alguém por estar comendo chocolate em um momento como este. Minha mente se recorda dos Fruity Pebbles espalhados pela rua, e sei que vão estar lá quando eu voltar para casa. Sei que ninguém limpou porque ninguém tem como saber o quanto pode ser apavorante olhar para eles de novo. Então penso no motivo estúpido que causou a morte de Ben. Ele morreu por causa de uma caixa de Fruity Pebbles. Seria engraçado se não fosse tão... Na verdade, nunca vai ser engraçado. Nada disso tem graça. Muito menos eu ter perdido meu marido por causa de uma vontade repentina de comer um cereal infantil inspirado no desenho dos Flintstones. Sinto ódio de mim mesma por isso. É quem eu mais odeio.

Ana aparece em pânico. Não sei o que o homem de gravata disse a ela. Ele se levanta para cumprimentá-la quando ela vem na minha direção. Consigo ver os dois conversando, mas não escuto nada. A conversa dura só um instante, e então ela vem até mim e me abraça. Eu me deixo abraçar, mas não tenho energia para retribuir o gesto. Deve ser como abraçar uma estátua. Ela murmura "Eu sinto muito" no meu ouvido, e eu desmorono em seus braços.

Não tenho nenhuma vontade de me conter, nenhum desejo de esconder meu sofrimento. Estou aos prantos na sala de espera. Chorando e soluçando no peito dela. Em qualquer outro momento da minha vida, eu teria me afastado dessa parte de seu corpo. Ficaria desconfortável por estar com os olhos e os lábios tão próximos de uma zona erógena, mas neste momento, sexo me parece algo trivial e estúpido. Parece uma coisa que idiotas fazem para matar o tempo. Aqueles adolescentes felizes devem fazer só por diversão.

Os braços dela não me confortam. As lágrimas escorrem dos meus olhos como se eu estivesse fazendo força para pôr tudo para fora, mas não estou. Estão caindo sozinhas. Não estou nem triste. Meu sofrimento é tão maior que um simples choro que chego a me sentir ridícula.

“Você já viu ele, Elsie? Eu sinto muito, muito mesmo.”

Eu não respondo. Ficamos sentadas no chão da sala pelo que parecem ser horas. Às vezes choro, às vezes não sinto nada. Na maior parte do tempo, fico aninhada nos braços de Ana, não porque preciso, mas porque não quero ter que encará-la. Por fim, Ana se levanta, me deixa encostada na parede, vai até o balcão das enfermeiras e começa a gritar.

“Quanto tempo ainda vamos ter que esperar para ver Ben Ross?”, ela grita à jovem mulher latina sentada diante do computador.

“Senhora”, a enfermeira diz, se levantando, mas Ana se afasta dela.

“Não me venha com esse papo de senhora. Me diga onde ele está. Nós vamos para lá.” O homem de gravata vermelha se aproxima e tenta acalmá-la.

Os dois conversam por alguns minutos. Vejo que ele tenta tocá-la, oferecer algum consolo, mas ela afasta o ombro de seu alcance. Ele só está fazendo seu trabalho. Todo mundo aqui só está fazendo seu trabalho. Que bando de babacas.

Vejo uma mulher mais velha passar apressada pela porta da frente. Parece ter uns sessenta anos, e o cabelo castanho avermelhado cai em ondas sobre seu rosto. A máscara dos cílios escorreu por suas bochechas, e ela leva uma bolsa marrom sobre o ombro e um xale escuro atravessado sobre o peito. Está com lenços

de papel na mão. Eu queria que minha dor fosse tranquila o bastante para usar lenços de papel. Estou limpando o ranho que escorre do meu nariz nas mangas e na gola da blusa. E as lágrimas estão se acumulando em uma poça no chão.

Ela vai correndo até a recepção e depois aceita esperar sentada. Quando se vira para mim, percebo imediatamente de quem se trata. Fico olhando para ela. Não consigo parar de encará-la. É minha sogra, uma desconhecida, para todos os efeitos. Vi fotos dela uma vez em um álbum de família, mas ela nunca me viu antes.

Eu me retiro e vou para o banheiro. Não sei como me apresentar para ela. Não sei como dizer que estamos aqui por causa do mesmo homem. Que estamos sofrendo a mesma perda. Fico diante do espelho e dou uma boa olhada em mim mesma. Meu rosto está vermelho e inchado. Meus olhos estão injetados de tanto chorar. Lembro que alguém já amou este rosto. E que agora ele se foi. E ninguém mais ama o meu rosto.

Quando saio do banheiro, ela não está mais lá. Sinto alguém me segurar pelo braço, e vejo que é Ana. "Você já pode entrar", ela diz e me leva até o homem de gravata vermelha, que me conduz para o outro lado das portas duplas.

O homem de gravata vermelha para diante de um quarto e pergunta se quero que ele entre também. Por que eu iria querer que ele entre comigo? Acabei de conhecer esse sujeito. Ele não significa nada para mim. O homem que está dentro daquele quarto significa *tudo* para mim. Não tem como *nada* amenizar a perda de *tudo*. Abro a porta e percebo que há outras pessoas no quarto, mas só consigo ver o corpo de Ben.

“Com licença!”, diz minha sogra, por entre as lágrimas. É um som fraco, mas assustador. Eu a ignoro.

Seguro o rosto dele entre as mãos, e sinto sua pele fria ao toque. Suas pálpebras estão fechadas. Nunca mais vou ver os olhos dele. Me dou conta de que talvez nem estejam mais lá. Não tenho coragem de checar. Não quero nem imaginar. O rosto está machucado e não sei o que isso significa. Será que ele sentiu dor antes de morrer? Será que morreu se sentindo sozinho e abandonado no meio da rua? Ai, meu Deus, será que ele sofreu? Me sinto tonta. Seu peito e suas pernas estão cobertos com um lençol. Fico com medo de que Ben esteja exposto demais, que haja muito para mostrar. Ou que haja muita coisa faltando.

“Segurança!”, ela grita para o vazio.

Enquanto seguro a mão de Ben e um segurança aparece na porta, eu me viro para minha sogra. Ela não tem motivo nenhum para saber quem eu sou. Não tem nenhuma pista para entender por que estou aqui, mas deve saber que eu amo seu filho. Isso já deve ter ficado óbvio a esta altura.

“Por favor”, eu imploro. “Por favor, Susan, não faz isso.”

Susan me encara com uma expressão curiosa e confusa. Só pelo fato de eu chamá-la pelo nome, deve ter percebido que existe alguma coisa da qual não está sabendo. Ela assente muito levemente e se vira para o segurança. “Desculpe. Você pode nos dar um minuto?” Ele se retira, e Susan se volta para a enfermeira. “Você também. Obrigada.” A enfermeira sai do quarto e fecha a porta.

Susan parece estar sofrendo muito, e ainda consegue manter a compostura, mas percebo que está prestes a desmoronar.

“Ele está com uma aliança de casamento”, ela me diz. Fico olhando para ela, tentando me lembrar de respirar. Com um gesto mínimo, mostro minha mão esquerda.

“A gente se casou faz uma semana e meia”, digo em meio às lágrimas. Sinto os cantos da minha boca se curvarem para baixo. Eles parecem tão pesados.

“Qual é o seu nome?”, ela me pergunta, agora trêmula.

“Elsie”, respondo. Estou morrendo de medo. Ela parece furiosa e vulnerável, como uma adolescente em fuga.

“Elsie de quê?”, ela insiste, com a voz embargada.

“Elsie Ross.”

Então ela desmorona. Assim como eu. Em pouco tempo, está no chão. Não há nenhum lenço de papel à vista para evitar que suas lágrimas caiam sobre o piso de linóleo.

Ana está sentada ao meu lado, segurando minha mão. Estou soluçando ao lado de Ben. Susan pediu licença e se retirou algum tempo atrás. O homem de gravata vermelha aparece e avisa que temos algumas coisas para resolver, e que o corpo de Ben precisa ser transferido. Fico só olhando para a frente, sem me concentrar no que está acontecendo, até que o homem de gravata vermelha me entrega um saco com as coisas de Ben. O celular dele, a carteira, as chaves.

“O que é isso?”, pergunto, apesar de saber o que é.

Antes que o homem de gravata vermelha possa responder, Susan aparece na porta. Seu rosto está tenso; os olhos, vermelhos e inchados. Parece mais velha do que quando saiu. Exausta. Eu estou com uma aparência dessas? Aposto que sim.

“O que você está fazendo?”, Susan pergunta ao homem.

“Eu... Nós precisamos desocupar o quarto. O corpo do seu filho vai ser transferido.”

“Por que está entregando isso para ela?”, Susan pergunta, mais especificamente. Como se eu sequer estivesse lá.

“Perdão?”

Susan entra no quarto e pega o saco com as coisas de Ben que estava na minha frente. "Todas as decisões sobre Ben, e todos os pertences dele, devem ser direcionados a mim", ela afirma.

"Senhora", diz o homem da gravata vermelha.

"Absolutamente tudo", ela reforça.

Ana fica de pé e me puxa para que eu a acompanhe. Ela quer me tirar dessa situação, mas, apesar de não querer estar aqui agora, não posso me afastar. Tiro a mão de Ana do meu braço e me viro para Susan.

"A gente não deveria discutir quais são os próximos passos?", pergunto a ela.

"O que nós temos para discutir?", Susan rebate. Ela é fria e controlada.

"Eu só quis dizer que..." Na verdade, não sei o que quis dizer.

"Sra. Ross", diz o homem da gravata vermelha.

"Sim?", Susan e eu respondemos ao mesmo tempo.

"Desculpe", eu digo. "Com qual das duas você estava falando?"

"Com a mais velha", ele explica, olhando para Susan. Tenho certeza de que ele quis demonstrar respeito, mas a irritação que causou nela é perceptível. Susan não quer ser uma das duas sras. Ross, isso está bem claro, e com certeza o fato de ser a mais velha torna o incômodo ainda maior.

"Eu me recuso a continuar levando isso a sério", Susan diz para todos no quarto. "Ela não tem nenhuma prova de que conheceu meu filho, e muito menos de que eles se casaram. Nunca ouvi falar dessa mulher! Ele era meu filho. Eu o encontrei no mês passado. Ele nem sequer mencionou nada do tipo. Então, não, os pertences do

meu filho não vão ser entregues a uma estranha. Isso eu não aceito.”

Ana se aproxima de Susan. “Acho melhor a gente ir com um pouquinho mais de calma”, ela diz.

Susan vira a cabeça como se tivesse acabado de notar a presença de Ana. “Quem é você?”, ela pergunta, como se não tivéssemos o menor direito de estar ali. Como se estivesse cansada de ter que lidar com pessoas aleatórias.

“Sou uma amiga”, Ana diz. “E acho que ninguém aqui está em condições de tomar decisões racionais, então é melhor respirar fundo e...”

Susan se vira para o homem de gravata vermelha, interrompendo a fala de Ana com sua linguagem corporal agressiva. “Eu e você precisamos conversar sobre isso em particular”, ela ordena.

“Senhora, por favor, se acalme.”

“Me acalmar? Você só pode estar brincando!”

“Susan...”, eu tento dizer. Não sei como ia terminar a frase, mas ela me ignora, de qualquer forma.

“Pare com isso”, ela diz, pondo a mão no meu rosto em um gesto agressivo e impessoal, como se precisasse se proteger das minhas palavras.

“Senhora, Elsie chegou aqui com a polícia. Estava na cena do acidente. Não tenho motivo nenhum para duvidar de que ela e seu filho eram...”

“Casados?” Susan parece incrédula.

“Sim”, responde o homem da gravata vermelha.

“Ligue para a prefeitura! Quero ver o registro civil!”

“Elsie, você tem uma cópia da certidão de casamento para mostrar à sra. Ross?”

Sinto que estou encolhendo diante deles. Não quero encolher. Quero erguer a cabeça, demonstrar orgulho e confiança. Mas essa situação é pesada demais, e não tenho nada para mostrar.

“Não, mas, Susan...”, eu digo, com as lágrimas escorrendo pelo meu rosto. Estou me sentindo tão feia, totalmente minúscula e burra.

“*Pare de me chamar assim!*”, ela grita. “Você nem me conhece. Pare de me chamar pelo meu nome.”

“Tudo bem”, eu digo. Meus olhos estão fixos no ponto onde está o cadáver no quarto. O meu marido. “Pode ficar com tudo”, continuo. “Não estou nem aí. Podemos ficar aqui discutindo aos berros a noite toda, mas isso não muda nada. Então foda-se quem vai ficar com a carteira dele.”

Vou colocando um pé na frente do outro e saio. Deixo o corpo do meu marido para ela. E, assim que chego ao corredor, assim que Ana fecha a porta, me arrependo. Eu deveria ter ficado lá até a enfermeira me expulsar.

Ana me conduz até a saída.

Ela me leva até o carro. Afivela meu cinto de segurança. Dirige devagar pela cidade. Estaciona na entrada da garagem. Não me lembro de nada disso. Só percebo que, de repente, estou na porta de casa.

Quando entro no apartamento, não faço a menor ideia de que horas são. Não faço ideia de quanto tempo se passou desde que me sentei de pijama naquele sofá como se fosse a dona do mundo, reclamando que queria meus cereais. Este apartamento, um lugar que amo desde que me mudei, e que passou a ser “nosso” quando Ben veio morar comigo, agora está me traindo. Nada mudou por aqui desde que Ben morreu. É como se o lugar não se importasse.

O apartamento não guardou os sapatos dele que estão no meio da sala. Não dobrou o cobertor que ele estava usando. Não teve sequer a decência de tirar a escova de dentes dele da minha vista. Age como se nada tivesse mudado. Só que tudo mudou. Digo às paredes que ele se foi. “Ele morreu. Não vai mais voltar para casa.” Ana acaricia minhas costas e responde: “Eu sei, meu amor, eu sei”.

Ela não sabe. Jamais teria como saber. Vou andando até o quarto sem olhar para onde estou indo. Bato o ombro no batente da porta e

não sinto nada. Eu me sento do meu lado da cama e sinto o cheiro dele ainda ali. Ele ainda está nestes lençóis. Apanho o travesseiro dele e respiro fundo, com o choro engasgado. Quando entro na cozinha, Ana está pegando um copo de água para mim. Passo por ela com o travesseiro na mão, e o enfio dentro de um saco de lixo. Dou vários nós apertados, até o plástico arrebentar da minha mão e o saco cair no chão da cozinha.

“O que você está fazendo?”, ela pergunta.

“Está com o cheiro do Ben”, respondo. “Não quero que o cheiro evapore. Quero guardar.”

“Não sei se isso vai funcionar”, ela diz, com delicadeza.

“Vai se foder”, digo, voltando para a cama.

Começo a chorar assim que coloco a cabeça no travesseiro. Que raiva do que isso tudo está fazendo comigo. Nunca mandei ninguém se foder antes, muito menos Ana.

Ana é minha melhor amiga desde que eu tinha dezessete anos. Nós nos conhecemos no primeiro dia de faculdade, no refeitório. Eu não tinha com quem me sentar, e ela estava tentando evitar um garoto. Foi um momento revelador para nós duas. Quando Ana resolveu se mudar para Los Angeles e ser atriz, eu vim junto. Não porque tivesse alguma afinidade com a cidade, que nem conhecia, mas pela afinidade que tinha com ela. Ana me falou: “Vem comigo. Você pode ser bibliotecária em qualquer lugar”. E estava absolutamente certa.

E aqui estamos, nove anos depois desse primeiro encontro, com ela me vigiando como se eu estivesse prestes a cortar os pulsos. Se estivesse com a cabeça mais em ordem, eu diria que é uma

demonstração de amizade verdadeira, mas não estou nem aí para isso. Não estou nem aí para nada.

Ana aparece com dois comprimidos e um copo de água. “Encontrei isso no armário de remédios”, ela diz. Reconheço o medicamento na mão dela. É Vicodin, o analgésico potente que receitaram para Ben quando ele sofreu um espasmo nas costas no mês passado. Ele tomou bem poucos. Devia pensar que remédio era para os fracos.

Eu pego os comprimidos da mão dela e engulo sem questionamentos. “Obrigada”, digo. Ela me cobre com o edredom e vai dormir no sofá. Ainda bem que não quis se deitar na cama comigo. Não quero que o cheiro vá embora. Meus olhos estão secos de tanto chorar, meu corpo está fraco, mas meu cérebro precisa do remédio para apagar. Estendo o braço para o lado da cama quando fico grogue e começo a pegar no sono. “Eu te amo”, digo. E, pela primeira vez, não tem ninguém lá para ouvir.

Acordo de ressaca. Estendo o braço para segurar a mão de Ben, como faço todas as manhãs, e encontro o lado dele da cama vazio. Por um instante, chego a pensar que ele deve estar no banheiro ou preparando o café da manhã, e então me lembro. O sofrimento volta, dessa vez menos agudo, porém mais denso, pesando sobre o meu corpo como um cobertor, comprimindo meu peito como uma pedra.

Levo as mãos ao rosto para limpar as lágrimas, mas elas estão caindo rápido demais. É como se minha tristeza tentasse me mostrar quem é que manda.

Ana aparece com uma toalha de rosto para secá-las.

“Você acordou”, ela diz, surpresa.

“Não me diga.” Por que estou sendo tão grosseira? Eu não sou uma pessoa grosseira. Essa não sou eu.

“Susan ligou.” Ela está ignorando minhas alfinetadas, o que me deixa muito grata.

“O que foi que ela falou?” Eu me sento e pego o copo de água que Ana deixou na mesinha de cabeceira na noite passada. “O que ela quer comigo?”

“Ela não falou nada. Só pediu para você ligar.”

“Ótimo.”

“Deixei o número na geladeira. Caso você queira ligar.”

“Obrigada.” Dou um gole na água e me levanto.

“Preciso passear com o Buggy e já volto”, Ana diz. Buggy é seu buldogue inglês. Aquele cachorro baba em tudo, e sinto vontade de dizer que ele não precisa sair para passear coisa nenhuma porque é um preguiçoso de merda, mas fico quieta, porque eu realmente quero parar de ser tão cruel.

“Tá.”

“Quer que eu traga alguma coisa da rua?”, ela pergunta, o que me lembra que eu pedi para Ben ir comprar Fruity Pebbles. Volto a deitar na cama.

“Não, não preciso de nada. Obrigada.”

“Certo, volto daqui a pouco.” Ela reflete um pouco a respeito. “Pensando bem, você quer que eu fique por aqui caso decida ligar para ela?”

“Não, obrigada. Eu me viro.”

“Tudo bem, mas se mudar de ideia...”

“Obrigada.”

Ana vai embora e, quando escuto a porta se fechar, me dou conta de como estou sozinha. Estou sozinha neste quarto, neste apartamento e, acima de tudo, sozinha na vida. Não consigo nem pensar a respeito. Simplesmente levanto e pego meu telefone. Vejo o número na porta da geladeira e um ímã da Georgie’s Pizza. Vou para o chão e sinto a lajota fria contra o meu rosto. Acho que não consigo levantar.

Dezembro

Era véspera de Ano-Novo, e Ana e eu tínhamos um ótimo plano. Íamos a uma festa para ela se encontrar com um cara que ela andava paquerando na academia, mas a ideia era ficar só até as onze e meia. Queríamos ir à praia, abrir um champanhe juntas e entrar no novo ano meio bêbadas e cobertas de maresia.

Só que, em vez disso, Ana encheu a cara na festa, começou a se pegar com o cara da academia e desapareceu durante horas. Isso era bem típico de Ana, um tipo de atitude que eu adorava nela, porque nada nunca saía conforme o planejado. Sempre acontecia alguma coisa. Era um bom contraste com a minha personalidade. Comigo, tudo seguia como o previsto e nada acontecia. Então fiquei sozinha na festa, esperando Ana reaparecer do lugar onde tinha se enfiado, fosse lá qual fosse, e não fiquei brava nem surpresa. Eu sabia que essa era uma possibilidade concreta. Só me irritei um pouco por ter que comemorar o Ano-Novo com um monte de desconhecidos. Fiquei lá sem graça, enquanto amigos e conhecidos se beijavam e se abraçavam, e eu só tinha minha taça de champanhe. Mas não deixei isso estragar a minha noite. Conversei com umas pessoas bem legais. Levei tudo numa boa.

Conheci um cara chamado Fabian, que estava se formando em medicina, mas que gostava mesmo de “vinhos finos, comidas finas e mulheres finas”. Ele deu uma piscadinha para mim ao dizer isso e logo em seguida, quando dei um jeito de me desvencilhar da conversa, Fabian pediu meu número. Eu dei e, embora ele fosse gatinho, sabia que não atenderia caso ligasse. Fabian parecia ser o tipo de cara que me levaria a um bar caríssimo no primeiro encontro; o tipo do cara que ficaria olhando para outras garotas enquanto eu estivesse no banheiro. Era o tipo de cara que considerava uma espécie de conquista levar uma mulher para a cama. Era tudo um jogo para ele, e eu... eu nunca fui boa nisso.

Ana, por outro lado, sabia se divertir. Conhecia um monte de gente. Flertava com as pessoas. Tinha aquela qualidade especial que faz os homens caírem de joelhos pelas mulheres e perderem todo o respeito próprio. Era Ana quem dava as cartas em todos os seus relacionamentos românticos e, apesar de eu entender o apelo de uma vida como aquela, olhando de fora nunca me parecia uma coisa movida por paixões verdadeiras. Era tudo muito calculado. Da minha parte, eu estava esperando por alguém que me arrebatasse e se sentisse arrebatado por mim na mesma medida. Queria alguém que não fizesse joguinhos, porque isso significaria passarmos menos tempo juntos. Não sabia nem se essa pessoa existia, mas ainda era jovem demais para desistir da ideia.

Quando finalmente encontrei Ana, ela estava dormindo no banheiro da suíte principal. Eu a tirei de lá, e fomos embora de táxi. Cheguei ao meu apartamento perto das duas da manhã, e estava cansada. A garrafa de champanhe que levaríamos em nossa escapada até a praia continuava fechada. Eu fui dormir.

Quando me deitei na cama, sem tirar o delineador do rosto, com o vestido preto de paetês largado no chão, pensei no que aquele ano me traria, e minha mente começou a cogitar inúmeras possibilidades, por mais improváveis que fossem. Mas nunca imaginei que no fim de maio estaria casada.

Acordei no primeiro dia do ano sozinha no meu apartamento, igual a todos os outros dias, e não havia nada de especial. Fiquei lendo na cama por duas horas, tomei banho, me vesti. Fui tomar café da manhã com Ana.

Eu já estava acordada fazia três horas e meia quando a encontrei. Já ela parecia ter acordado cinco minutos antes. Ana é alta e magra, com um cabelo castanho comprido que desce até bem abaixo dos ombros e combina perfeitamente com o marrom-dourado de seus olhos. Ela nasceu no Brasil e viveu lá até os treze anos, o que de vez em quando se torna perceptível em certas palavras que usa, principalmente nas exclamações. Fora isso, é totalmente americanizada, assimilada, desprovida de qualquer identidade cultural. Tenho certeza de que seu nome deveria ser pronunciado com a primeira vogal anasalada, "Ã-na", mas quando ainda estava no colégio ela desistiu de ficar explicando e agora aceita numa boa ser chamada de "É-na" ou qualquer outra forma que a pessoa queira pronunciar.

Naquela manhã em particular, Ana estava usando uma calça de moletom bem larga, mas que não mudava em nada sua silhueta, com os cabelos presos em um rabo de cavalo e uma jaqueta com o zíper fechado. Não dava nem para saber se ela estava usando uma camiseta por baixo, e percebi que esse era um dos truques de Ana. É assim que ela leva os homens à loucura. Mesmo totalmente

vestida, transmite a impressão de estar nua. E ela não dá a mínima indicação de fazer isso de propósito.

“Gostei da jaqueta”, comentei, tirando os óculos escuros e me sentando diante dela. Às vezes eu temia que, perto dela, meu corpo parecesse grande demais, e que minhas feições tipicamente americanas só servissem para destacar como ela era exótica. Quando fazia alguma brincadeira a respeito, ela me lembrava que eu era uma loira nos Estados Unidos. Segundo ela, aqui são as loiras que mandam. Sempre vi meu cabelo mais como castanho-claro, nem um pouco chamativo, mas entendia o que ela queria dizer.

E, apesar de Ana ser maravilhosa, nunca a vi fazer comentários elogiosos à própria aparência. Quando eu reclamava que não gostava dos meus peitos pequenos, ela me lembrava que tenho pernas compridas e dizia que mataria para ter uma bunda como a minha. E confessava que detestava seus cílios curtos, seus joelhos e “pés de troll”. Então talvez a gente esteja no mesmo barco. Talvez todas as mulheres se sintam presas a uma foto do “antes” sem o “depois” de que gostariam.

Ana já estava bem acomodada na mesa do pátio externo, comendo um muffin e bebendo chá gelado. Fez menção de se levantar quando cheguei, mas no fim só estendeu a mão para uma tentativa de abraço.

“Você deve estar querendo me matar por causa de ontem à noite, né?”

“Quê?”, eu disse quando peguei o cardápio. Nem sei por que ainda me dava ao trabalho de olhar. Eu comia ovos benedict todos os sábados de manhã.

“Nem lembro o que aconteceu, pra ser sincera. Só de umas partes da volta no táxi, e depois de você tirando os meus sapatos e me cobrindo.”

Eu balancei a cabeça. “Foi bem isso. Perdi você de vista por umas três horas e te encontrei no banheiro do andar de cima, então nem sei dizer até que ponto você chegou com o tal cara da academia, mas imagino...”

“Não! Eu fiquei com o Jim?”

Eu baixei o cardápio. “Quê? Não, estou falando do cara da academia.”

“Pois é, o nome dele é Jim.”

“Isso é um muffin integral?”

Ela assente com a cabeça, então pego um pedaço.

“Nós devemos ser as únicas pessoas do planeta que gostam de muffins integrais”, ela me diz, e deve estar certa. Ana e eu sempre descobrimos semelhanças espantosas em coisas aleatórias, sobretudo em se tratando de comida. Não faz a menor diferença se duas pessoas gostam de tzatziki. Isso não altera em nada o relacionamento delas, mas de alguma forma essas coincidências de gosto funcionam como um laço de proximidade entre Ana e eu. E eu sabia que ela também ia pedir ovos benedict.

“Enfim, eu vi você e o Jim da academia se pegando, mas não sei o que aconteceu depois disso.”

“Ah, acho que a coisa não foi muito longe, porque ele já me escreveu hoje cedo.”

“São onze horas.”

“Eu sei. Só achei meio rápido demais. Mas é fofo, mesmo assim”, ela disse.

“Vocês querem pedir alguma coisa?” A garçonete que veio até nossa mesa não era a mesma de sempre. Era mais velha, e parecia cansada.

“Ah, oi! Acho que a gente não se conhece. Eu sou a Ana.”

“Daphne.” A garçonete não demonstrou tanto interesse em fazer amizade com a gente quanto Ana esperava.

“O que aconteceu com a Kimberly?”, Ana quis saber.

“Ah, não sei. Só estou cobrindo a folga dela.”

“Tá certo. Então vamos facilitar para você. Dois ovos benedict, e vou querer um chá gelado, assim como ela”, falei.

“É pra já.”

Quando ela se afastou, Ana e eu retomamos nossa conversa.

“Andei pensando em umas resoluções de Ano-Novo”, Ana disse, me oferecendo um pouco de chá enquanto eu esperava o meu. Recusei porque sabia que, se bebesse do dela, Ana se sentiria liberada para pegar o quanto quisesse do meu, e acabaria tomando o copo inteiro. Eu a conhecia bem o suficiente para saber estabelecer limites e fazer isso de um jeito que ela não percebesse.

“Certo. E?”

“Estou pensando em uma coisa radical.”

“Radical? Isso promete.”

“Celibato.”

“Celibato?”

“Celibato. Não fazer sexo.”

“Sim, eu sei o que significa. Só não entendi por quê.”

“Ah, então, foi uma coisa que pensei hoje de manhã. Tenho vinte e seis anos e ontem à noite fiquei tão bêbada que nem sei se fui

para a cama com um cara ou não. Acho que é o mais perto do fundo do poço da piranhagem que quero chegar.”

“Você não é uma piranha.” Eu não estava muito certa de que isso fosse verdade.

“Sim, você tem razão. Eu não sou uma piranha. Ainda.”

“Você podia só parar de beber.” Eu mantinha um relacionamento interessante com a bebida, às vezes bebia, às vezes não. Beber, não beber — para mim não fazia diferença. Mas, pelo que eu estava começando a entender, a maioria das pessoas tinha uma forte inclinação para um lado ou para o outro. Ana mostrava uma tendência consistente para o lado “beber”.

“Como assim?”

“Sabe como é, parar de encher a cara.”

“De vez?”

“Qual é. Não estou falando nenhum absurdo. Tem um monte de gente que não bebe nada.”

“Sim, Elsie, os alcoólatras em recuperação.”

Eu dei risada. “Então tá, o problema não é a bebida. É sair transando por aí.”

“Exatamente. E eu vou parar de transar.”

“E o que acontece se você conhecer alguém com quem estiver realmente a fim de transar?”

“Bom, eu penso nisso quando acontecer. No ano passado, não conheci ninguém que valesse a pena. Não acho que esse ano vá ser diferente.”

Daphne reapareceu com dois ovos benedict e meu chá gelado. Ela colocou tudo na mesa, e só percebi o tamanho da minha fome quando me vi diante da comida. Parti para o ataque na hora.

Ana balançou a cabeça enquanto mastigava. Quando ficou claro que já era possível falar sem cuspir comida, ela acrescentou: “Quer dizer, se eu me apaixonar por alguém, com certeza. Mas, até lá, ninguém vai conseguir nada comigo”. Ela fez um x no ar com os talheres.

“Muito bem.” A melhor coisa de comer naquele lugar era que eles punham espinafre nos ovos, então o prato virava meio que ovos benedict à florentina. “Mas isso não significa que eu não possa transar, certo?”, perguntei.

“Não, você ainda pode. Não vai. Mas pode.”

Logo Ana voltou para o outro lado da cidade. Ela vivia em Santa Monica, num apartamento com vista para o oceano Pacífico. Eu ficaria com inveja, caso ela não ficasse o tempo todo me convidando para morar lá com ela. Sempre recusei os convites, pois sabia que dividir uma casa com Ana poderia ser a única coisa capaz de fazer com que eu parasse de gostar dela. Nunca entendi como Ana conseguia sobreviver com o salário de meio período de instrutora de ioga, mas ela sempre parecia ter dinheiro suficiente para as coisas que queria e precisava quando queria e precisava delas.

Depois que ela foi embora, voltei a pé para o meu apartamento. Eu sabia exatamente como passaria a tarde. Era o início de um novo ano, e eu nunca sentia que o ano havia mudado se não reorganizasse a mobília. O problema era que eu já tinha feito isso várias vezes ao longo dos dois anos anteriores, e havia esgotado todas as possibilidades. Eu adorava meu apartamento, e trabalhava muito para poder bancar o aluguel e a decoração que escolhi. Então, quando mudei o sofá de uma parede para outra e no fim me dei conta de que ficava melhor no lugar onde estava, mesmo assim me

senti satisfeita. Troquei a posição da prateleira de livros, inverti as mesinhas de canto e decidi que isso bastava para marcar a chegada do novo ano. Então sentei no sofá, liguei a televisão e acabei pegando no sono.

Quando acordei, eram cinco da tarde e, apesar de tecnicamente ser sábado à noite, um dia em que as pessoas solteiras saem para conhecer gente em bares e baladas, optei por ver televisão, ler um livro e pedir uma pizza. Talvez naquele ano eu finalmente decidisse fazer só o que tivesse vontade, ignorando as normas sociais. Talvez.

Quando começou a chover, tive a certeza de que havia tomado a decisão certa. Ana me ligou algumas horas depois para perguntar o que eu estava fazendo.

“Só queria ter certeza de que você não está sentada no sofá vendo televisão.”

“Como assim? Por que não posso ver televisão?”

“É sábado à noite, Elsie. Levanta daí! Sai de casa! Até passaria aí para te buscar, mas vou sair com o Jim.”

“Então o celibato já era.”

“Quê? Eu não vou dormir com ele. Nós só vamos jantar.”

Eu dei risada. “Então tá, mas eu vou ficar aqui no meu sofá. Estou cansada, com sono, e...”

“Cansada e com sono são a mesma coisa. Para de inventar desculpas.”

“Tudo bem. Eu sou preguiçosa e gosto de ficar sozinha de vez em quando.”

“Ótimo. Pelo menos você admitiu. Te ligo amanhã. Me deseja sorte para ir para a cama sozinha no fim da noite.”

“Você vai precisar.”

“Ei!”

“Ei!”, repeti.

“Certo, te ligo amanhã.

“Tchau.”

Como já estava com o celular na mão, aproveitei para pedir meu jantar. A atendente da Georgie’s Pizza me disse que a entrega demoraria uma hora e meia. Quando perguntei o motivo, ela só falou: “Chuva”. Eu avisei que iria buscar a pizza em meia hora.

Não senti nada de diferente ao entrar na pizzaria. Nenhuma parte do meu cérebro ou do meu corpo sabia o que estava por vir. Não tive nenhuma premonição. Estava usando um par de galochas de um amarelo bem vivo e uma calça jeans bem larga. A chuva colou meu cabelo no rosto, e eu já tinha desistido de tentar desgrudá-lo da pele.

Nem percebi Ben ali sentado. Estava envolvida demais no processo de tentar comprar uma pizza. Quando a moça do caixa me avisou que ainda demoraria dez minutos, fui me sentar no pequeno banco na frente da pizzaria, e então me dei conta de que havia outra pessoa na mesma situação que eu.

Meu coração não acelerou nem nada do tipo. Eu não fazia ideia de que aquele seria “o” momento; que aquele cara era “ele”. O homem com quem eu sonhava desde criança, quando me perguntava como meu marido seria. Eu estava olhando para o rosto que passara a vida inteira imaginando, mas não o reconheci. Só o que fiz foi pensar: *A pizza dele deve sair antes da minha.*

Ele era bonito de um jeito que mostrava que não tinha ideia da dimensão de sua beleza. Não fazia nenhum esforço, nem parecia se sentir o tal. Era alto e magro, com ombros largos e braços fortes.

Sua calça jeans tinha o tom perfeito de azul; a camisa ressaltava o toque acinzentado de seus olhos verdes, que formavam um contraste marcante com os cabelos castanhos. Eu me sentei ao lado dele e afastei o cabelo da testa outra vez. Peguei o celular para verificar meus e-mails e criar uma distração enquanto esperava.

“Oi”, ele disse. Demorei um instantinho para confirmar que de fato estava falando comigo. E, só com isso, ele despertou meu interesse.

“Oi”, respondi. Tentei parar aí, mas sempre me senti desconfortável com silêncios. E aquele precisava ser preenchido. “Eu deveria ter mandado entregarem lá em casa.”

“E perder tudo isso aqui?”, ele falou, apontando para a decoração cafona em pretense estilo italiano. Eu dei risada. “Você tem uma risada bonita”, ele disse.

“Ah, para com isso”, respondi. Juro que minha mãe me ensinou como se deve agir ao receber elogios, mas sempre que alguém me dirigia um eu acabava rejeitando como se fosse a coisa mais horrível do mundo. “Quer dizer, obrigada. É isso que a gente tem que falar, né? Obrigada.”

Percebi que, de forma inconsciente, eu havia virado o meu corpo todo na direção dele. Já tinha lido um monte de reportagens sobre linguagem corporal e pupilas dilatadas quando as pessoas sentem atração uma pela outra, mas, toda vez que me encontrava em uma situação em que isso pudesse ser útil (*As pupilas dele estão dilatadas? Ele gostou de mim?*), acabava me distraíndo.

“Não, você deveria me elogiar de volta”, ele falou com um sorriso. “Assim eu posso saber se a minha iniciativa foi bem recebida.”

“Ah”, eu disse. “Bom, agora não adianta muito, né? Vai ficar óbvio que só estou elogiando porque você pediu...”

“Confia em mim, eu sei quando um elogio é sincero ou não.”

“Tudo bem”, falei, olhando-o de cima a baixo. Enquanto eu o observava, ele estendeu as pernas e alongou o pescoço. Jogou os ombros para trás e estufou o peito. Admirei a barba por fazer em seu rosto, aquele jeito de ficar bonito sem fazer esforço. Meu olhar foi atraído para a força de seus braços. O que eu queria dizer era: “Você tem uns belos braços”, mas não tinha coragem. Resolvi ser mais contida.

“E então?”, ele perguntou.

“Gostei da sua camisa”, eu disse. Era uma camiseta cinza de malha flamê com um pássaro estampado.

“Ah”, ele disse, e deu para notar uma decepção sincera em sua voz. “Já entendi tudo.”

“Que foi?” Sorri, meio na defensiva. “Foi um bom elogio.”

Ele deu risada. Não parecia muito interessado nem desesperado. Mas também não parecia frio, nem distante, estava simplesmente... tranquilo. Não sei se ele era assim com todas, se era capaz de falar com qualquer mulher como se a conhecesse fazia anos ou se foi só comigo. Mas não fazia diferença. Estava funcionando. “Ah, sim, foi bom”, ele confirmou. “Só que não vou nem tentar pedir seu número. Quando uma mulher elogia seus olhos, seu cabelo, sua barba, seus braços, seu nome, dá abertura para vocês saírem algum dia. Mas uma mulher elogiando a sua camisa? É um grande fora.”

“Espera aí... não foi isso que...”, comecei, mas fui interrompida.

“Ben Ross!”, a moça do caixa gritou, e ele ficou de pé em um pulo. Em seguida se virou para mim e falou: “Só um instante”.

Ele pagou pela pizza, agradeceu à moça com palavras sinceras e voltou a se sentar ao meu lado no banco.

“Enfim, estou achando que, se chamar você para sair, vou levar um fora. Eu vou levar um fora?”

De jeito nenhum. Mas eu estava morrendo de vergonha, fazendo de tudo para não parecer interessada demais. Só que não consegui me segurar e acabei abrindo um sorriso. “Sua pizza vai esfriar”, falei.

Ele fez um gesto de desdém. “A pizza não importa. Pode ser sincera comigo. Você vai me dar o seu número?”

Era a hora da verdade. Tudo ou nada. Como responder sem gritar para dissipar a energia nervosa que tomou conta do meu corpo? “Eu vou te dar meu número, sim. Nada mais justo.”

“*Elsie Porter!*”, a moça do caixa berrou. Pelo jeito, estava me chamando fazia um bom tempo, mas Ben e eu estávamos distraídos demais para ouvir.

“Ah! Desculpa, é a minha vez. Hã... espera aí.”

Ele deu risada, e fui pagar a minha pizza. Quando voltei, ele estava com o celular na mão. Passei o meu número e peguei o dele.

“Eu vou ligar em breve, se você não se importa. Ou é melhor respeitar o lance dos três dias? Isso faz mais o seu estilo?”

“Não, vai fundo”, falei com um sorriso. “Quanto antes, melhor.”

Ele estendeu a mão, e eu o cumprimentei.

“Ben.”

“Elsie”, falei, e pela primeira vez pensei que Ben era o nome mais bonito que já tinha ouvido. Eu abri um sorriso. Foi inevitável. Ele retribuiu o gesto e bateu com os dedos na caixa da pizza. “Bom, então até lá.”

Eu assenti. “Até lá”, respondi, e voltei para o meu carro. Atordoada.

Junho

Arranco o ímã da Georgie's Pizza da geladeira e tento rasgá-lo ao meio, mas meus dedos estão muito fracos. O material plástico só entorta e fica vincado. Percebo a inutilidade do que estou fazendo, como se arrancar aquele ímã e destruí-lo fosse amenizar de alguma forma meu sofrimento. Então o ponho de volta na porta da geladeira e digito o número de Susan.

Ela atende no segundo toque.

"Susan? Oi. É a Elsie."

"Oi. Pode me encontrar hoje à tarde para falar sobre as providências?"

"Providências?" Eu não tinha pensado no que Susan poderia querer comigo antes de ligar. Nem tinha pensado que havia providências a serem tomadas. Agora me dou conta de que elas obviamente existem. Coisas para planejar, a maneira certa de ficar de luto. A gente não pode nem sofrer em paz. Precisa respeitar todo o cerimonial ditado pelos costumes americanos. Os próximos dias vão ser ocupados por obituários e elogios fúnebres. Funerárias e fornecedores de serviços de buffet. Estou em choque por ela cogitar que eu faça parte disso.

“Claro, com certeza”, digo, tentando demonstrar alguma fibra em minha voz. “Onde a gente se encontra?”

“Estou hospedada no Beverly Hotel”, ela diz, e me passa o endereço, como se eu fosse uma recém-chegada a Los Angeles.

“Ah”, respondo. “Não sabia que você estava ficando aqui.” Ela mora a duas horas de viagem. Não podia ir dormir em sua própria cidade? E deixar esta para mim?

“Há muito a ser feito, Elsie. Podemos nos encontrar no bar do hotel.” Seu tom de voz é seco, distante e frio. Digo que posso chegar lá às três. Já é quase uma. “O que for mais conveniente para você”, ela diz, desligando.

Nada disso é conveniente para mim. O mais conveniente para mim seria dormir e nunca mais acordar. Isso, sim, seria muito conveniente. Conveniente para mim seria estar no trabalho, porque está tudo certo e Ben vai estar em casa para o jantar às sete horas e vamos comer tacos. Isso seria conveniente para mim. Conversar com uma sogra que só conheci ontem sobre o funeral do meu marido morto não é nada conveniente para mim, não importa a que horas aconteça.

Volto para a cama me sentindo sobrecarregada por tudo o que preciso fazer antes de ir me encontrar com ela. Tenho que tomar banho, me trocar, pegar o carro, dirigir, estacionar. É coisa demais. Quando Ana volta, derramo lágrimas de gratidão, porque sei que ela vai cuidar de tudo.

Chego ao hotel alguns minutos atrasada. Ana vai estacionar e avisa que ficará no saguão. Diz ainda que, se eu precisar de alguma coisa, é só mandar uma mensagem pelo celular. Esquadrinho o bar à procura de Susan. Está frio lá dentro, apesar do calor do lado de fora. Detesto ar-condicionado. Me mudei para cá por causa do clima quente. Tem um cardápio escrito a giz atrás de um balcão limpo demais para ser da época à qual o decorador pretendia aludir. Os banquinhos são parecidos com os dos bares clandestinos dos tempos da Lei Seca, mas não estão rachados nem desgastados pelo uso. Estão perfeitos. É essa a época em que vivemos — sentindo nostalgia pelas coisas do passado. Se viesse aqui na semana passada, teria adorado este bar, por ser tão clean e descolado. Agora odiei, porque é tudo falso e sem autenticidade.

Finalmente vejo Susan, sentada a uma mesinha alta nos fundos. Está lendo o cardápio, de cabeça baixa, cobrindo o rosto com a mão. Ela ergue os olhos e me vê. Nós nos encaramos por um instante, e percebo que seus olhos estão vermelhos e inchados, mas seu rosto é impassível.

“Oi”, digo ao me sentar. Ela não se levanta para me cumprimentar.

“Oi”, ela diz, ajeitando-se no assento. “Passei no apartamento do Ben ontem à noite para...”

“No apartamento do Ben?”

“Perto do Santa Monica Boulevard. Conversei com o colega dele, que me contou que Ben se mudou de lá no mês passado.”

“Isso mesmo”, respondo.

“Ele falou que Ben foi morar com uma garota chamada Elsie.”

“Sou eu”, digo, animada com a possibilidade de que ela acredite em mim.

“Isso eu já entendi”, ela diz, seca. Em seguida, pega uma pasta que estava no chão e coloca diante de mim. “Recebi isto da agência funerária. É uma lista de opções de serviços.”

“Certo”, digo.

“É preciso tomar decisões a respeito das flores, da cerimônia, do obituário et cetera.”

“Claro.” Não sei exatamente o que esse “et cetera” quer dizer. Nunca estive em uma situação como essa.

“Acho melhor você cuidar disso.”

“Eu?” Ontem ela achava que eu não tinha sequer o direito de estar no hospital. Agora quer que eu cuide de tudo relacionado ao funeral? “Você não quer participar de nada?”, pergunto, desconfiada.

“Não. Eu não vou participar. Acho melhor você cuidar de tudo sozinha. Você queria ser a pessoa mais próxima dele...”

Ela se interrompe, mas eu sei o que viria a seguir. Susan iria dizer: “Você queria ser a pessoa mais próxima dele, então conseguiu”. Eu ignoro a hostilidade e tento pensar em Ben — o meu marido, o filho dela, o nosso Ben.

“Mas... a família dele precisa participar.”

“Eu sou toda a família que ele tem, Elsie. Tinha. Eu sou tudo o que ele tinha.”

“Eu sei. Só quis dizer que... você deveria participar. Nós podemos fazer isso juntas.”

Susan fica em silêncio e abre um sorriso amargurado, baixando os olhos para os utensílios na mesa. Ela começa a mexer nos guardanapos e no saleiro. “Ben claramente não queria que eu fizesse parte da vida dele. Não vejo por que me envolver em sua morte.”

“Por que você acha isso?”

“Eu já disse”, ela diz. “Ele nem se deu ao trabalho de me contar que estava se casando, ou que ia morar com você, ou que vocês eram sei lá o quê um pro outro. E eu...” Ela limpa uma lágrima com um lenço de papel, em um gesto firme e delicado. Em seguida sacode a cabeça para clarear os pensamentos. “Elsie. Eu não quero conversar sobre isso. Você tem muito o que fazer. Só o que peço é que me diga onde vai ser a cerimônia e o que vai ser feito com as cinzas.”

“Ben queria ser enterrado”, eu conto. “Ele me falou que queria ser enterrado de calça de moletom e camiseta, pra ficar bem confortável.”

Quando ele me falou isso, achei muito fofo. Nem cogitei a hipótese de que eu não seria uma velhinha quando isso acontecesse, que ele morreria dali a poucos meses.

Ela franze um pouco o rosto ao redor dos olhos e da boca, e percebo que está irritada. As rugas ao redor de sua boca ficaram mais pronunciadas, e pela primeira vez tenho uma evidência clara de

que se trata de uma mulher de certa idade. Minha mãe também tem essas rugas? Faz muito tempo que não nos vemos, então não sei.

Talvez Susan não perceba o que está fazendo. Talvez pense que vai conseguir se manter firme e me incumbir dos arranjos do funeral como uma forma de castigo, mas não é o caso. Ela inclusive já está incomodada.

“Todo mundo na nossa família foi cremado, Elsie. Nunca ouvi Ben dizer que queria outra coisa. Só me avise o que vai ser feito com as cinzas.” Ela baixa os olhos para a mesa e bufa, soltando o ar com força pela boca. “Preciso ir.” Susan se levanta da mesa e vai embora, sem olhar para trás, ignorando a minha existência.

Pego a pasta e vou para o saguão, onde Ana me espera com toda a paciência. Ela me leva para casa, e subo os degraus até minha porta. Quando percebo que esqueci as chaves dentro de casa, eu me viro e começo a chorar. Ana me consola enquanto tira a chave reserva de seu chaveiro e me entrega, como se isso resolvesse tudo, como se o único motivo para eu estar chorando fosse não ter como entrar no meu apartamento.

Janeiro

Acordo na manhã seguinte à noite em que conheci Ben com uma mensagem dele no meu celular.

“Hora de acordar, Elsie Porter. Posso te levar para almoçar?”

Eu pulei da cama, dei um gritinho ridículo e fiquei saltitando sem sair do lugar por pelo menos uns dez segundos. Meu corpo estava cheio de energia, e não havia outra maneira de dissipá-la.

“Claro. Aonde vamos?”, foi minha resposta. Fiquei olhando para o celular até a tela se acender de novo.

“Eu passo pra te pegar. Meio-dia e meia. Qual é seu endereço?”

Mandei o endereço e corri para o chuveiro como se fosse uma coisa urgente. Não era. Faltando quinze para o meio-dia eu já estava pronta, e me senti absolutamente patética. Prendi o cabelo em um rabo de cavalo no alto da cabeça e vesti minha calça jeans favorita e minha camiseta com melhor caimento. A ideia de ficar esperando toda arrumada durante quarenta e cinco minutos fez com que eu me sentisse meio boba, então resolvi sair para dar uma volta. E, de tão alegre e empolgada que estava, acabei me trancando para fora de casa.

Meu coração disparou de tal forma que eu não conseguia pensar direito. Tinha deixado tudo lá dentro — meu celular, minha carteira.

Ana tinha a chave reserva, mas isso não me servia de nada sem um telefone para ligar para ela. Andei pela rua procurando moedas para usar em um orelhão, só que no fim não é verdade essa história de que existe dinheiro dando sopa pelas calçadas. Teoricamente era possível acreditar nisso, porque as moedas são minúsculas e não valem quase nada, mas, quando a gente precisa de uma, percebe que a coisa não é tão simples. Eu decidi procurar um orelhão mesmo assim, porque de repente poderia estar quebrado e fazendo chamadas de graça, ou alguém poderia ter esquecido uma moeda dentro do compartimento de troco. Depois de vasculhar metade do bairro, não achei nenhum telefone público. Portanto, não me restava opção a não ser invadir meu próprio apartamento.

E foi isso que tentei fazer.

Eu morava no segundo andar de um assobradado, mas meio que dava para chegar à minha varanda pela escadaria da frente; então subi os degraus, fiquei de pé no corrimão e tentei me agarrar à grade da minha varanda. Se conseguisse firmar a mão e jogar minha perna por cima da grade, tinha certeza de que poderia chegar à varanda sem cair e quebrar o pescoço. Uma vez lá, era só rastejar pela portinhola do cachorro, instalada pelos inquilinos anteriores. Eu detestava aquela coisa até esse exato momento, quando me convenci de que seria minha salvação.

Enquanto tentava alcançar a grade da varanda, me dei conta de que poderia ser uma ideia absurdamente idiota, e de que eu poderia acabar me machucando feio. Se eu não estava conseguindo nem me agarrar à grade, como ia levantar minha perna até lá quando estivesse pendurada?

Fiz uma última e corajosa tentativa antes de ter a ideia de jericó de colocar a perna primeiro. E foi assim que Ben me encontrou.

“Elsie?”

“Ah!” Eu quase perdi o equilíbrio, mas consegui trazer a perna de volta para a escada, me desequilibrando apenas um pouco no processo. Logo em seguida me recompus. “Oi, Ben!” Desci os degraus e o cumprimentei com um abraço. Ele estava rindo.

“O que você estava fazendo ali?”

Fiquei morrendo de vergonha, mas por algum motivo ainda conseguia me sentir à vontade com ele.

“Estava tentando invadir o meu apartamento. Me tranquei para fora sem celular, sem carteira, sem nada.”

“Você não tem uma chave reserva?”

Sacudi a cabeça. “Não. Eu já tive, mas em algum momento achei melhor dar a chave reserva para a minha amiga Ana, para o caso de alguma emergência.”

Ele deu risada de novo. Não parecia estar rindo de mim. Mas acho que tecnicamente estava.

“Entendi. Então, o que você quer fazer? Se quiser, pode ligar para sua amiga com o meu celular. Ou a gente pode almoçar e você liga no caminho de volta, que tal?”

Abri a boca para responder, mas ele me interrompeu.

“Ou eu posso invadir a sua casa para você numa boa. Caso ainda esteja cogitando essa ideia.”

“Você acha que consegue jogar sua perna do corrimão para a grade da varanda?”, perguntei. Eu estava brincando, mas ele não.

“Claro que consigo.”

“Não, para com isso. Era brincadeira. Vamos almoçar.”

Ben começou a tirar a jaqueta. "Não, eu faço questão. Vou parecer muito corajoso. Vou ser considerado um herói."

Ele chegou mais perto da grade e analisou a distância. "Na verdade é um salto e tanto. Você estava mesmo tentando fazer isso?"

Fiz que sim com a cabeça. "Mas eu não tenho a menor preocupação com a minha própria segurança", falei. "Nem a mínima noção de distância."

Ben assentiu. "Certo. Eu vou pular, mas você precisa me prometer uma coisa."

"Tudo bem. Pode falar."

"Se eu cair e me machucar, não deixa ninguém ligar para o meu contato de emergência."

Eu dei risada. "Por quê?"

"Porque é a minha mãe, e eu dei bolo nela hoje para almoçar com você."

"Você deu bolo na sua mãe por minha causa?"

"Tá vendo? Não vai pegar muito bem pra você também, por ter me deixado fazer isso. Então estamos de acordo?"

Eu assenti com firmeza. "Pode deixar." Estendi a mão para ele. Ben me olhou bem nos olhos e me cumprimentou com um gesto dramático e um sorrisinho no rosto.

"Lá vamos nós!", ele disse, e deu o salto como se aquilo não fosse nada, se agarrando na grade da varanda, projetando a perna para cima e descendo do outro lado.

"Certo! E agora?", ele questionou.

Fiquei morrendo de vergonha de revelar a parte seguinte do meu plano. Não tinha pensado em como Ben poderia passar pela portinha

do cachorro.

“Ah. Bom. Humm. Eu meio que ia... ia entrar engatinhado por aquela portinha de cachorro ali”, disse.

Ele olhou para trás e depois para baixo. Vendo pelos olhos dele, percebi que era uma passagem ainda menor do que eu imaginava.

“A portinha do cachorro?”

Fiz que sim com a cabeça. “É. Me desculpa! Acho que eu devia ter mencionado essa parte antes.”

“Acho que eu não passo por essa portinha, não.”

“Bom, você pode tentar me puxar aí para cima”, disse.

“Certo. Ou posso pular de volta para a escada e aí a gente liga para a sua amiga Ana.”

“Ah! Ou isso.” Eu tinha até me esquecido dessa opção.

“Muito bem, então. Já que eu estou aqui, não custa tentar. Aguenta aí.”

Ben se agachou e deu uma espiada lá dentro. A cabeça passou tranquilamente, e ele continuou se enfiando pela passagem. Sua camiseta ficou presa na porta e subiu até o peito. Pude dar uma boa olhada em sua barriga e no elástico da cueca. Percebi como me sentia atraída por ele, por toda aquela masculinidade. Seu abdome parecia bem firme e durinho. As costas eram bronzeadas e bem definidas. Os braços, que se flexionaram quando ele se pendurou na grade, pareciam fortes e... habilidosos. Nunca tinha gostado da ideia de ser protegida por alguém, mas o corpo de Ben parecia capaz de me dar essa proteção, e fiquei surpresa com o jeito como reagi a isso. Eu mal conhecia o cara e o estava objetificando enquanto ele invadia meu apartamento. Por fim ele conseguiu passar os ombros, e ouvi resmungos abafados de “acho que na verdade dá para entrar

sim”, e “Ai!”. Sua bunda desapareceu do meu campo de visão, e suas pernas deslizaram para dentro. Fui até a porta da frente, que ele abriu com um sorriso e os braços abertos. Nesse momento, eu me senti a pessoa mais comum e tradicional do mundo, a donzela em perigo salva pelo homem valente. Sempre considerei as mulheres que se sentiam atraídas por esse tipo de coisa meio ridículas, mas mesmo que por um breve instante, eu também achei que Ben era meu herói.

“Pode entrar!”, ele disse. Era uma reviravolta surreal em relação ao início que imaginei para o nosso almoço, mas mesmo assim era impossível não estar empolgada. Definitivamente não dava para prever o que aconteceria em seguida.

Eu entrei, e ele deu uma olhada no meu apartamento.

“Este lugar é bem legal”, ele disse. “Com o que você trabalha?”

“Essas duas frases ditas em sequência significam *Quanto você ganha?*”, retruquei. Mas não por querer dar uma de chata; pelo menos não era essa a minha intenção. Estava só brincando com ele, e ele entrou na brincadeira quando respondeu: “Bom, é que acho difícil imaginar uma mulher bancando um lugar como este sozinha”.

Fiz uma cara de indignação fingida, e ele retribuiu a careta.

“Sou bibliotecária.”

“Entendi”, ele falou. “Então você está se dando bem. Ótimo. Eu bem que estava me sentindo sortudo quando te encontrei.”

“Como assim?”

“Não é todo dia que a gente conhece uma... como fala? Uma *sugar mama*, né?”

“Você está querendo me dar um golpe do baú?”

Ele deu um sorriso meio envergonhado, que foi um charme de ver. Ben parecia tão à vontade e no controle da situação até aquele momento, mas mesmo aquela menor demonstração de vulnerabilidade foi... inebriante.

"Tem muita gente que quer. Então é melhor ficar de olho."

"Pode deixar, vou ficar atenta."

"Vamos almoçar, então?", ele disse.

"Claro. Só me deixa pegar minha..."

"Chave."

"Eu ia dizer carteira! Mas, sim! A chave também. Imagina se eu me trancar para fora de novo?" Peguei as chaves no balcão da cozinha, mas ele as tirou delicadamente da minha mão.

"Pode deixar que eu me encarrego das chaves", ele disse.

Eu assenti. "Se você acha que assim é melhor..."

Junho

Acordo sempre no mesmo mundo feio e repulsivo, e todas as vezes volto a fechar os olhos com força assim que lembro quem eu sou. Quando finalmente me levanto da cama, por volta da hora do almoço, não é porque estou pronta para encarar o dia, e sim porque não aguento mais encarar a noite.

Vou até a sala de estar. “Bom dia”, Ana diz ao me ver. Ela está sentada no sofá, e segura minha mão. “O que eu posso fazer?”

Olho bem nos olhos dela e digo a verdade. “Não tem nada que você possa fazer. Nada do que você fizer vai tornar isso mais fácil.”

“Eu sei”, ela diz. “Mas deve ter algum jeito de ajudar...” Os olhos dela estão cheios de lágrimas. Eu balanço a cabeça. Não sei o que dizer. Não quero que ninguém fique tentando fazer com que eu me sinta melhor. Não tenho a menor ideia do que fazer agora. Não consigo pensar além desta tarde. Não sei como vou sobreviver aos próximos minutos, muito menos às próximas horas. E não existe ninguém capaz de tornar esses minutos mais fáceis. Por mais que Ana tente, por mais que mantenha minha casa limpa, por mais que seja gentil comigo. Não faz diferença se eu tomar um banho, se sair correndo pela rua pelada, se beber cada gota de álcool desta casa, Ben não vai voltar para mim. Ele nunca mais vai voltar para mim. De

repente sinto que posso não ser capaz de viver mais este dia e, se Ana não estiver aqui para me vigiar, não sei o que posso fazer.

Eu me sento ao seu lado. “Você pode ficar aqui. Ficar perto de mim. Não vai ser fácil, mas eu vou duvidar um pouco menos de mim mesma, acho. Só fica aqui comigo.” Estou emotiva demais até para chorar. Meu rosto e meu corpo estão tão consumidos pela paralisia que se tornaram incapazes de produzir o que quer que seja.

“Pode deixar. Eu estou aqui. E não vou a lugar nenhum.” Ela me pega pelos ombros e me abraça. “É melhor você comer alguma coisa”, Ana diz.

“Não, não estou com fome”, respondo. Acho que nunca vou sentir fome de novo. Como é essa sensação? Como alguém é capaz de se lembrar disso?

“Eu sei que você não está com fome, mas precisa comer mesmo assim”, ela diz. “Se pudesse escolher qualquer coisa no mundo, o que seria? Não se preocupa com o preço, ou se é saudável. Pode escolher o que quiser.”

Geralmente, se alguém me fizesse essa pergunta, eu diria um Big Mac. Escolheria um Big Mac, a maior porção de fritas do McDonald’s e um chocolate Reese’s com pasta de amendoim de sobremesa. Meu paladar nunca foi afeito a coisas gourmet. Nunca tenho vontade de comer sushi ou de tomar um bom Chardonnay. Tenho fissura é de batata frita e Coca-Cola. Mas não agora. Neste momento, ter um Big Mac ou um grampeador na minha frente daria no mesmo. Eu não comeria nada.

“Não, nada. Acho que eu não conseguiria segurar nada no estômago.”

“Nem uma sopa?”

“Não, nada.”

“Você vai precisar comer em algum momento. Me promete que vai comer alguma coisa hoje?”

“Claro”, respondo. Mas eu sei que não vou. Estou mentindo. Não tenho a menor intenção de cumprir essa promessa. Qual é o sentido de fazer uma promessa, aliás? Como esperar que uma pessoa cumpra sua palavra em um mundo tão arbitrário, instável e sem sentido?

“Você precisa ir à agência funerária hoje”, ela avisa. “Quer que eu ligue para lá?”

Eu escuto e assinto com a cabeça. É tudo o que consigo fazer. Então é o que faço.

Ana pega o celular e liga para a funerária. Ao que parece, eu deveria ter ligado ontem. Escuto a pessoa do outro lado dizer alguma coisa sobre “estar tudo atrasado”. Ana não tem coragem de repassar a informação para mim, mas, pelo tom de voz dela, percebo que a conversa não está sendo fácil. Eles que tentem vir me dar bronca. Que tentem a sorte. Eu adoraria dar uns bons berros nos ouvidos dessa gente que lucra em cima da tragédia dos outros.

Ana me leva à agência e estaciona o carro na rua. Tem uma garagem subterrânea no prédio, mas custa dois dólares e cinquenta a cada quinze minutos, o que é um absurdo. Eu me recuso a colaborar com esses babacas exploradores pagando os preços abusivos deles. Isso não tem nada a ver com meu luto, aliás. A vida inteira, sempre detestei gente gananciosa. A placa diz que o estacionamento é grátis para os clientes da Funerária Wright & Sons, mas isso também me parece ridículo. “Sim, eu vou querer que o

corpo seja embalsamado. Por falar nisso, vocês podem carimbar o meu tíquete do estacionamento?”

Ana encontra uma boa vaga na rua. Olho no espelho retrovisor do banco do passageiro e percebo que meus olhos estão vermelhos e inchados. Meus cílios estão grudados e molhados. Ana me entrega seus óculos escuros, que são bem grandes. Eu os ponho e desço do carro. Quando me vejo no espelho pela última vez, prestes a comparecer a um compromisso de óculos escuros, me sinto meio Jackie Kennedy. Acho que toda mulher tem pelo menos um pequeno desejo de ser Jackie Kennedy, mas em sua fase primeira-dama, ou então Jackie Onassis. Ninguém quer se ver como a viúva.

Ana aciona o parquímetro, mas quando pega a carteira percebe que está vazia. “Merda! Estou sem moedas. Pode entrar você, eu dou um jeito nisso”, ela diz, voltando para o carro.

“Não”, respondo, pegando a minha carteira. “Eu tenho algumas.” Coloco as moedas no parquímetro. “E acho que não consigo fazer isso sem você.” Então começo a chorar de novo, gemendo baixinho, e as lágrimas escorrem pelo meu rosto, mas só se tornam visíveis depois de passarem pelas lentes enormes.

Janeiro

Quando chegamos ao carro de Ben, ele perguntou se eu estava a fim de uma aventura, e respondi que sim.

“É sério, uma aventura de verdade.”

“Eu tô dentro!”

“E se essa aventura incluir pegar a estrada e ir a um restaurante que fica a uma hora daqui?”

“Desde que você dirija, por mim tudo bem”, digo. “Mas estou me perguntando que restaurante é esse que vale uma hora de viagem.”

“Ah, você vai ver”, ele falou, ligando o carro.

“Você está sendo bem misterioso”, comentei. Ele me ignorou e ligou o rádio. “Você fica encarregada da música, e do GPS, se for preciso.”

“Tudo bem”, respondi, e imediatamente sintonizei na NPR. Quando as vozes graves e monótonas começaram a dominar o ambiente, Ben sacudiu a cabeça. “Você é dessas, então?”, ele disse com um sorriso.

“Eu sou dessas, sim”, falei, sem o menor constrangimento.

“Eu deveria saber. Até uma garota bonita como você sempre tem algum defeito.”

“Você não gosta de rádios de notícias?”

“Até gosto, eu acho. Quer dizer, na mesma medida que gosto de consultas médicas. É útil, mas não muito divertido.”

Eu dei risada, e ele olhou para mim. E continuou olhando por tempo demais.

“Ei! Olho na estrada, Casanova!”, falei. Casanova? Quem sou eu? O meu pai?

Ben imediatamente se virou para a frente e se concentrou no trânsito. “Desculpa!”, ele disse. “Segurança em primeiro lugar.”

Quando chegamos à rodovia, ele desligou o rádio.

“Já chega de boletins de trânsito para mim”, ele falou. “Vamos nos distrair à moda antiga.”

“À moda antiga?”

“Conversando.”

“Ah, sim. Conversando.”

“Vamos começar pelo básico. Quanto tempo faz que você mora em Los Angeles?”

“Cinco anos. Vim para cá logo depois de me formar. E você?”

“Nove anos. Vim fazer faculdade aqui. Pelo jeito a gente se formou no mesmo ano. Onde você estudou?”

“Ah, em Ithaca”, respondi. “Os meus pais estudaram em Cornell, mas, quando conheci as universidades da região, gostei muito mais do Ithaca College. A princípio queria cursar medicina, mas em dois meses percebi que não tinha a menor vontade de ser médica.”

“E por que você achava que queria ser médica?” Já estávamos a uma velocidade constante na rodovia a essa altura. O trânsito exigia cada vez menos atenção dele.

“Os meus pais são médicos. Minha mãe é a diretora do hospital da minha cidade, e o meu pai é neurocirurgião.”

“Neurocirurgião? Que intimidador”, comentou Ben.

“Ele é um cara intimidador mesmo. E minha mãe também não é nada fácil. Eles não ficaram nada felizes quando mudei de curso.”

“Ah, então sua família é assim? Do tipo que faz pressão? Todo mundo superbem-sucedido?”

“Com certeza eles são bem-sucedidos. Mas a questão é que eu não sou assim. Eu trabalho para viver, não vivo para trabalhar. Quero cumprir as minhas quarenta horas semanais e depois ir cuidar da vida.”

“E eles não aceitam bem isso?”

Eu encolhi os ombros. “Para eles, a vida se resume a trabalho. Não existe espaço para a alegria. Não existe espaço para a diversão. E nem para o amor, na verdade, no caso dos dois. É só trabalho, trabalho e trabalho. Acho que meu pai fica mais satisfeito por ser uma figura de destaque em um campo que está sempre se aprimorando e ganhando importância do que por salvar vidas. O que importa para eles é o sucesso. E biblioteconomia não é exatamente uma ciência de ponta. Mas enfim, eles não podem fazer nada a respeito. Nós nunca fomos muito próximos, sabe? Então, quando mudei de curso, foi tipo um momento de... Foi um ponto de ruptura para nós. Eles não precisavam mais fingir que me entendiam. E eu não precisava mais fingir que queria o mesmo que eles.”

Eu nunca tinha falado sobre como me sentia a esse respeito para ninguém antes. Mas não via motivo para não ser absolutamente sincera com Ben. Fiquei meio sem graça depois de contar tudo isso. Percebi que tinha me colocado em uma posição de vulnerabilidade.

Virei para o outro lado e fiquei olhando pela janela. O tráfego na direção oposta era incessante, mas a nossa pista estava livre.

“Que triste”, ele disse.

“É triste e ao mesmo tempo não é. Não sou muito próxima dos meus pais, verdade. Mas eles são felizes do jeito deles, e eu sou feliz do meu. Acho que é isso que importa.”

Ele assentiu. “Você tem razão. Além de inteligente é sensata.”

Eu dei risada. “E você? Como são seus pais?”

Ele bufou, mas manteve os olhos fixos na estrada. Seu tom de voz ficou mais sério.

“Meu pai morreu três anos atrás.”

“Ai, nossa. Sinto muito.”

“Obrigado.” Ben me deu uma olhada rápida antes de voltar os olhos para a estrada. “Ele morreu de câncer, e foi uma longa batalha, então todo mundo já sabia que mais cedo ou mais tarde ia acontecer; não foi repentino.”

“Não sei se isso é bom ou se é ruim.”

Ben exalou o ar com força. “Eu também não. Mas enfim, a minha mãe está bem. Na medida do possível para quem perdeu a pessoa que amava, sabe?”

“Não consigo nem imaginar.”

“Eu também não. Perdi meu pai, e sei como isso é difícil, mas não tenho ideia do que é perder seu melhor amigo, sua alma gêmea. Eu fico preocupado, mas ela garante que está tudo bem.”

“Ah, com certeza você tem motivo para ficar preocupado. Você tem irmãos?”, perguntei.

Ben fez que não com a cabeça. “E você?”

“Também não.” Eu quase nunca conhecia filhos únicos. Fiquei contente em saber que Ben também era. Quando falo para as pessoas que não tenho irmãos, sinto que sou vista com pena, ou então como uma menina mimada, mesmo depois de mostrar que não sou.

“Que demais! Dois filhos únicos! Eu sabia que ia gostar de você. Toca aqui.” Ele estendeu a mão para eu bater, enquanto mantinha a outra no volante.

“Você pode dar alguma pista sobre para onde estamos indo?”, pedi, quando ele passou de uma rodovia para outra.

“É mexicano”, foi tudo o que consegui arrancar dele.

Depois de duas rodadas do jogo das Vinte Perguntas e de uma do jogo do Eu Vejo, finalmente chegamos ao nosso destino. Era uma barraca. Literalmente. Uma barraquinha de beira de estrada com o nome de Cactus Tacos. Fiquei um pouco decepcionada, mas o rosto de Ben se iluminou na hora.

“Chegamos!”, ele disse, soltando o cinto de segurança e abrindo a porta do carro. Enquanto eu pegava minhas coisas, Ben veio até o meu lado e abriu a porta para mim.

“Ora, obrigada!”, eu falei, enquanto o carro apitava avisando que a porta estava aberta.

“Disponha.”

Eu saí e fiquei ao lado dele.

“Então é este o lugar?”, eu disse. Ele fechou a porta, e o apito parou.

“Sei que não parece grande coisa. Mas você falou que estava a fim de uma aventura, e os tacos daqui são os melhores que comi na vida. Gosta de *horchata*?”

“O que é *horchata*?”

“É leite de arroz com canela. Confia em mim... você tem que experimentar.” Enquanto caminhamos até a barraquinha de tacos, ele pôs a mão na base das minhas costas, me conduzindo gentilmente. Foi um gesto tão reconfortante e natural que me fez querer me virar para abraçá-lo. Senti vontade de tocar mais partes do corpo dele com o meu. Em vez disso, fiquei parada olhando para o cardápio.

“Se não se importar”, Ben falou, subindo a mão pelas minhas costas e apoiando no meu ombro, “eu posso pedir para você. Respeito totalmente se preferir pedir o que quiser. Mas é que eu já vim aqui um monte de vezes, e conheço bem o cardápio.”

“Fique à vontade”, eu disse.

“Você gosta de frango, de carne, de porco?”

“De porco não”, respondi.

“*De porco não?*”, Ben repetiu, incrédulo. “Estou brincando. Eu também não gosto. Muito bem!” Ele esfregou as mãos, ansioso.

“*Perdón?*”, ele disse para o homem atrás do balcão. “*Quería cuatro tacos tinga de pollo y quatro tacos carne asada, por favor? Queso extra en todos. Ah, y dos horchatas, por favor.*”

O homem mostrou o tamanho das *horchatas* com um olhar de quem diz: “Tem certeza de que vai querer duas?”. Ben confirmou com a cabeça. “*Sí, sí, lo sé. Dos. Por favor.*”

Não sei exatamente o que tornou Ben tão irresistível naquele momento. Se foi por ele conhecer tão bem algo sobre o qual eu não sabia nada (o idioma espanhol), ou porque ver um homem falando outra língua era uma coisa que sempre achei muito sexy (o que também era verdade). Não sei. Só sei que, enquanto estava lá,

parada, incapaz de entender o que estava sendo dito ao meu redor, considerei Ben Ross o homem mais sexy que já tinha visto. Ele era todo seguro de si, projetava uma certeza absoluta de que daria tudo certo. Acho que foi isso. Sua confiança. Ben falou em espanhol com o cara da barraca sem a menor preocupação de soar como um idiota. E era exatamente por isso que não soava como um.

“Uau”, comentei quando ele me entregou minha *horchata*. “Isso foi impressionante.”

“Juro para você que gastei todo o meu vocabulário aqui”, ele disse enquanto abria a embalagem de um canudo e o colocava na minha bebida. “Mas estaria mentindo se dissesse que não estava querendo te impressionar.”

“Bom, por enquanto está dando certo.” Eu dei um gole na bebida. Era doce e geladinha, cremosa e fácil de beber em grandes goles. “Uau, que delícia.”

Ben sorriu e deu um gole em seu copo. “Estou me saindo bem?”, ele quis saber.

“Está se saindo muito bem”, garanti. Eu estava impressionadíssima, para falar a verdade. Fazia tanto tempo que não ficava a fim de alguém que tinha esquecido como isso deixa tudo mais empolgante.

Quando os tacos ficaram prontos, Ben foi buscá-los no balcão. Estavam em embalagens de papelão xadrez. Ele pegou todos e equilibrou nas mãos e nos antebraços.

Não havia mesas e cadeiras no Cactus Tacos, então Ben sugeriu que comêssemos no capô do carro.

“Esses tacos têm bastante recheio. Vou derrubar *pico de gallo* no seu carro inteiro.”

“É um Honda com dez anos já. Não é exatamente uma preciosidade.”

“Tudo bem. Mas já vou avisando que eu sou bem desajeitada e faço sujeira.”

“E vive esquecendo suas chaves.”

“Bom, eu vivo esquecendo um monte de coisas.”

“E eu não ligo para nada disso.”

Nós sentamos no capô e conversamos sobre nosso trabalho e nossa vida em Los Angeles e, como era de esperar, eu derrubei gordura de taco no para-choque. Ben simplesmente sorriu. Ana me ligou enquanto eu tentava limpar tudo, e deixei a ligação cair na caixa postal. Ben e eu continuamos conversando por um tempão depois de comer.

No fim, ele perguntou se eu queria sobremesa.

“Você tem algum lugar em mente?”, perguntei.

“Não”, ele disse. “Pensei em deixar à sua escolha.”

“Ah”, falei. Não sabia ao certo o que sugerir. Não fazia ideia de onde estava, nem do que havia ali por perto. “Pensando bem”, disse, “está a fim de mais uma aventura?”

“Com certeza!”, ele respondeu, saltando do capô do carro e estendendo a mão para mim. “Para onde vamos?”

“East LA?”, perguntei, cautelosa. Apesar de não saber minha localização exata, sabia que estava a pelo menos uma hora de viagem de casa, e East LA ficava a no mínimo meia hora do meu apartamento na direção oposta.

“Então East LA será, cara senhorita.” Ele me ajudou a descer do capô e abriu a porta para mim.

“Que cavalheiro”, comentei enquanto me preparava para sentar.

“Espera”, ele disse, me segurando pela cintura e me puxando para mais perto. “Tudo bem se eu fizer isso?”

Meu rosto estava colado ao dele. Era possível sentir seu hálito. Tinha cheiro de coentro e cebola. Mas de alguma forma era doce também. Meu coração disparou.

“Sim”, respondi. “Tudo bem.”

“Eu quero te beijar”, ele disse. “Mas não quero que você fique com vergonha por causa do cara da barraca.”

Abri um sorriso e olhei por cima do ombro dele. O cara dos tacos estava olhando para nós. E, de fato, fiquei um pouco envergonhada. Mas só o suficiente para achar tudo aquilo ainda mais excitante, não para estragar tudo.

“Vai fundo”, falei. E foi isso o que ele fez.

Quando ele me beijou, meu corpo se moveu naturalmente em sua direção. Meus braços enlaçaram seu pescoço e minhas mãos roçaram a aspereza dos pelos raspados em sua nuca. Seus cabelos macios ao toque. Senti seu peito e seu tronco me prensarem contra o carro.

Ele se afastou, e eu lancei um olhar tímido na direção do cara da barraca, que ainda estava olhando. Ben percebeu e olhou para trás. O vendedor virou a cabeça para o outro lado, e Ben começou a rir em um tom conspiratório.

“É melhor a gente cair fora daqui”, falei.

“Eu avisei que você ia ficar com vergonha”, ele falou, caminhando até a porta do motorista.

Quando voltamos à rodovia, mandei uma mensagem para Ana, avisando que ligaria no dia seguinte. Ela escreveu de volta

perguntando que diabos eu estava fazendo, e respondi que não podia conversar no momento. E era verdade.

“Estou em um encontro que vai durar o dia todo. Está bem legal, então te ligo amanhã.”

Ana tentou me ligar depois, mas deixei cair na caixa postal de novo. Me dei conta de que ela devia ter estranhado o fato de eu estar num encontro. A gente havia tomado café da manhã juntas no dia anterior e então eu não tinha nada programado com ninguém, muito menos alguma coisa que durasse o dia todo.

Ben e eu pegamos trânsito. O avanço intermitente na rodovia se tornou ainda mais enlouquecedor por causa do calor e das emissões dos escapamentos dos carros. Estávamos parados no mesmo trecho havia vinte minutos quando Ben fez a pergunta que eu estava tentando evitar.

“A que horas esse lugar misterioso fecha?”, ele quis saber.

“Hã...”, eu falei, com vergonha de admitir que era quase certo que não chegaríamos a tempo.

“É daqui a pouco, né?”, ele perguntou.

“É, sim. Fecha às seis. Só temos meia hora para chegar lá. Mas não precisamos ir. Podemos deixar para a próxima vez.”

A menção à “próxima vez” acabou me escapando sem querer. Eu não queria deixar tão claro que queria sair com ele de novo. Quer dizer, na minha mente eu sabia que nos veríamos de novo, mas também queria manter um certo mistério. Não queria pôr as cartas na mesa tão depressa. E fiquei meio vermelha por causa disso.

Ben sorriu. Ele entendeu o que eu tinha feito, mas decidiu não tocar no assunto. Simplesmente tomou como um elogio e abafou o

caso. "Mesmo assim", ele disse, "eu queria poder comprar essa coisa que você está com vontade de comer, seja lá o que for."

"É um sorvete", falei.

"Um sorvete?", ele repetiu, um tanto incrédulo. "Estamos atravessando a cidade por causa de um sorvete?"

Dei um tapa no peito dele. "Ei! Foi você que perguntou o que eu queria. O sorvete de lá é muito bom!"

"Só estou enchendo o seu saco. Eu adoro sorvete. Aconteça o que acontecer, você vai conseguir o seu maldito sorvete."

Quando o trânsito avançou um pouquinho, ele levou o carro para o acostamento, ultrapassou os outros carros e entrou na fila para sair da rodovia.

"Uau", comentei. "Bela maneira de contornar a situação."

"Estou sendo bem babaca", ele admitiu. "Mas a situação é grave."

Ele percorreu em alta velocidade as estradas secundárias e fez travessias perigosas em sinais amarelos. Fechou alguns outros carros e buzinou para se desculpar. Eu fui sua navegadora por passagens desconhecidas, conheci avenidas e ruas que jamais imaginei que existissem e, quando enfim paramos na frente da sorveteria Scoop, eram seis horas e um minuto. Ben correu até a porta, mas já estava trancada.

Ele bateu de leve no vidro. "Por favor", ele pediu, "você poderia abrir a porta?"

Uma garota coreana apareceu do outro lado e apontou para a plaquinha de FECHADO. Ela sacudiu a cabeça.

Ben juntou as mãos como quem faz uma súplica, mas ela se limitou a encolher os ombros.

"Elsie, você pode me fazer um favor?"

“Hã?”, eu perguntei, ao lado dele na entrada.

“Você pode virar de costas?”

“Virar de costas?”

“Eu vou implorar de joelhos, e não quero que você veja isso. Quero que você pense em mim como um homem forte, confiante e viril.”

Eu dei risada, mas ele continuou me olhando, impassível.

“Ai, meu Deus, você está falando sério”, eu disse, enquanto me resignava e virava de costas, ainda aos risos.

Fiquei olhando para a movimentação na rua. Os carros parando no sinal vermelho, os ciclistas passando em alta velocidade. Um casal passeando com um carrinho de bebê. Logo em seguida, ouvi o apito da porta que se abria, e comecei a me virar.

“Espera!”, Ben me falou. “Não se mexe ainda.” Eu obedeci.

Dois minutos depois, a porta apitou de novo, e Ben apareceu na minha frente. Em suas mãos, havia dois copinhos de sorvete, ambos de um marrom claro e com colherzinhas coloridas espetadas.

“Como foi que você fez isso?”, perguntei, pegando um.

Ben sorriu. “Eu tenho meus truques.”

“Estou falando sério”, insisti.

“Falando sério mesmo? Subornei a garota.”

“Você *subornou* a garota?”, questionei, em choque. Nunca tinha ouvido ninguém falar tão abertamente sobre isso.

“Bom, eu disse: ‘Se me vender dois copinhos de qualquer sabor que tiver sobrado, eu pago vinte pratas a mais’. Se isso é um suborno, então sim, eu subornei a garota.”

“Pois é, isso é suborno mesmo.”

“Um ato de corrupção”, ele disse. “Espero que você consiga me perdoar.”

Dei uma boa encarada nele. “Te perdoar? Está de brincadeira? Ninguém nunca subornou uma pessoa por minha causa antes!”, respondi.

Ben deu risada. “Não precisa ficar tirando sarro da minha cara.”

“Não estou”, garanti. “É sério. Estou me sentindo honrada.”

“Ah”, ele disse, sorrindo. Em seguida, riu. “Legal.” Quando experimentou seu sorvete, Ben fez uma careta na hora. “É de café”, ele reclamou, correndo até a lata de lixo para cuspir.

“Você não gosta de café?”

“Café é que nem consulta médica e rádio de notícias para mim”, ele explicou.

Peguei o copinho de sua mão e fiquei segurando enquanto terminava o meu. “Assim sobra mais para mim”, eu disse.

Voltamos ao carro, e nenhum dos dois sabia o que dizer a seguir.

“Não precisamos dar o dia por encerrado”, falei. “Ou precisamos?”

“Estou feliz por ouvir isso”, respondeu Ben. “Para onde podemos ir agora?”

“Sei lá”, eu disse. “Com fome eu não estou...”

“E se a gente voltasse para a sua casa?”, ele sugeriu. “Prometo que vou me comportar.”

Deixo a pergunta pairar no ar por um instante. “Quem disse que você precisa se comportar?”, provoquei. Ele não disse nada; só deu ré no carro e saiu dirigindo.

Quando chegamos ao meu apartamento, Ben tirou minhas chaves do bolso. Subiu a escada até minha porta, mas, na metade do caminho, percebeu que estava se esquecendo de alguma coisa.

Desceu depressa e pôs algumas moedas no parquímetro. Em seguida, voltou correndo e enfiou a chave na fechadura. Quando entramos, ele colocou as chaves na mesinha ao lado da porta.

“Elas vão estar bem aqui quando você precisar delas”, ele disse. “Esse é um bom lugar para se lembrar onde estão?”

“Com certeza. Quer beber alguma coisa?”

“Ah, sim. O que você sugere?”

“Água. Eu deveria ter dito: ‘Quer uma água?’.”

Ben deu risada e se sentou no sofá. Peguei dois copos e fui até a geladeira, e então vi a garrafa de champanhe ainda lá, geladinha e fechada.

“Eu tenho champanhe!”, falei, pegando a garrafa na geladeira. Fui até a sala de estar e mostrei para Ben. “Que tal?”

Ele deu risada. “Sim! Vamos estourar um champanhe!”

Corremos até a cozinha para pegar taças. Não consegui tirar a rolha, então Ben abriu para mim. O champanhe espirrou no nosso rosto, mas não nos incomodamos muito. Ele serviu a bebida e fomos para o sofá.

A situação ficou meio constrangedora por um momento. Ficamos sentados em silêncio. Dei um gole mais longo do que deveria, e depois fiquei olhando para as bolhas douradas. *Por que esse constrangimento agora?*, pensei. Não dava para saber. Eu me levantei, e senti que o álcool estava fazendo efeito.

“Eu já volto”, avisei. “Só vou...” O quê? O que eu ia fazer? Não tinha muita certeza.

Ben segurou a minha mão e me encarou. Olhando no fundo dos meus olhos. Seu rosto parecia fazer um apelo para mim. Sem mais nem menos, eu me joguei em seu colo, montando em sua cintura.

Suas mãos me agarraram pelos quadris. Era possível senti-las através da minha calça jeans. Ele me puxou com força e me beijou, acariciando minhas costas até a altura dos cabelos. Parecia desesperado para me beijar. Enquanto movíamos a cabeça e as mãos em sincronia, meu corpo começou a ansiar por aquele toque em outras partes.

“Eu gosto de você”, ele disse, ofegante.

Eu dei risada. “Deu para perceber”, respondi.

“Não”, ele disse, afastando o rosto do meu por um instante, me olhando como se eu realmente importasse. “Eu gosto mesmo de você.”

Eu já tinha ouvido isso antes. Na época do colégio, desde o ensino fundamental até o médio. Quando os meninos bebiam em alguma festa. Uma vez, no refeitório da faculdade. Alguns baixavam os olhos e apenas resmungavam baixinho. Outros gaguejavam. Todas as vezes eu disse que também gostava deles. E nesse momento percebi que vinha mentindo esse tempo todo.

Homem nenhum tinha feito com que eu me sentisse tão admirada, e eu também nunca havia admirado alguém dessa maneira. O que Ben fez naquelas poucas horas para me cativar desse jeito? Eu não sabia. Só sabia que, quando ele me disse isso, percebi que estava sendo sincero. E, quando ouvi aquelas palavras saindo de sua boca, senti uma vontade de continuar escutando aquilo pelo resto da vida.

“Eu também gosto de você”, falei. Eu o beijei, e ele me agarrou. Me segurou pela cintura e me puxou mais para perto, encurtando ainda mais a distância entre nós. Ele beijou minhas orelhas e meu queixo, fazendo minha nuca se arrepiar, e tudo isso pareceu durar

horas, até que fui obrigada a me levantar. Estava com câibra no quadril.

Quando olhei no relógio, eram mais de oito da noite.

“Uau”, comentei. “Isso foi... já passou um tempão.”

“Está com fome?”, ele me perguntou.

“Estou.” Assenti com a cabeça, me dando conta de que estava mesmo com fome. “E você?”

“Também. Vamos fazer o quê? Sair? Cozinhar? Pedir comida?”

“Bom, pizza está fora de cogitação. Foi o que nós comemos ontem.” Não tínhamos jantado juntos, mas eu sabia que, do jeito como falei, ficou parecendo que sim. E gostei do som daquelas palavras. Gostei de parecer, naquele momento, que era a namorada dele — o que também fez com que me sentisse meio louca. Já estava planejando toalhas com iniciais bordadas, e a gente mal se conhecia.

“Certo. Eu voto por comida chinesa ou cozinhar aqui, dependendo do que tiver na sua geladeira.” Ele apontou para a cozinha. “Posso dar uma olhada?”

Fiquei de pé e mostrei o caminho. “A casa é sua!”

Fomos até a cozinha e paramos diante da geladeira. Ele ficou atrás de mim, me abraçando, com o rosto apoiado no meu pescoço. Mostrei o pouco que tinha em casa, mas, se algum de nós tivesse o mínimo de habilidade na cozinha, daria para preparar um jantar aceitável.

“Certo, então está decidido”, ele disse. “Onde está o cardápio do restaurante chinês?”

Dei risada e comecei a procurar na gaveta. Ele só olhou o cardápio por um minuto. “E se a gente dividisse um frango kung pao, uma

tigela de sopa wonton, um chow mein de carne e uma porção de arroz branco?”

“Se trocar para arroz integral, eu topo”, respondi.

“Como é nosso primeiro encontro, vou concordar, mas, depois de hoje, de jeito nenhum. Arroz integral tem gosto de papelão, e essa é uma concessão que eu me recuso a fazer no futuro.”

Eu assenti. “Entendido. Nós vamos ter que pedir porções separadas de arroz.”

“Talvez, quando o romance acabar, a gente faça isso, mas hoje não.” Ele pegou o celular. “Alô, oi. Eu queria pedir um frango kung pao, um chow mein de carne e uma sopa wonton.” Ele ficou em silêncio por um instante. “Não. Arroz integral, por favor.” Ben pôs a língua para fora antes de passar meu endereço, o número de seu celular e desligar.

Quando a comida chegou, jantamos. Ana ligou mais uma vez para falar comigo. Ben me fez rir o tempo inteiro; de engasgar e sair lágrimas. De doer minha barriga. Nós nos beijamos e ficamos provocando um ao outro; brigamos pelo controle remoto. Quando ficou tarde o suficiente para nos obrigar a tomar uma decisão, eu nos poupei de eventuais constrangimentos e fui logo dizendo: “Eu quero que você durma aqui, mas a gente não vai transar”.

“Quem disse que eu quero transar com você? Posso querer só uma amizade”, ele disse. “Já parou para pensar nisso?” Eu não respondi. “Tudo bem. Eu quero transar com você, mas vou me segurar.”

Antes de irmos para o quarto, pensei cuidadosamente no que vestiria para ir para a cama. A gente não iria transar, então uma lingerie ou dormir pelada estava fora de cogitação. Mas eu queria

ficar sexy. Decidi por um short largo e uma regatinha. Dei uma olhada no espelho antes de sair do banheiro, e fui obrigada a admitir que parecia acidentalmente sexy, apesar de nada daquilo ser acidental.

Entrei no quarto e vi que ele já estava na cama, sem camisa, mas embaixo do cobertor. Deitei ao seu lado e apoiei a cabeça no seu peito. Ele abaixou a cabeça para me beijar, e então se virou em busca do interruptor.

"Ah", eu disse. "Olha só isso." Bati palmas com força duas vezes, e a luz se apagou. "Ganhei uns dois anos atrás." Eu nem usava mais essa coisa. Sinceramente, quase tinha esquecido que o mecanismo ainda estava instalado. Ben ficou impressionadíssimo.

"Você é a pessoa mais incrível do mundo. De longe. A mais incrível", ele falou.

O quarto ficou às escuras e, quando nossos olhos começaram a se adaptar à falta de luz, um zumbido e um fecho de luz apareceram. Era meu celular.

"Ele AINDA TÁ AÍ?", foi a mensagem de texto de Ana.

Desliguei o aparelho.

"Sua amiga Ana, imagino", falou Ben, e eu confirmei. "Ela deve estar querendo saber quem diabos eu sou."

"Ela vai descobrir em breve", respondi. Ele pôs o dedo sob meu queixo e levantou minha cabeça na direção da sua. Eu o beijei. E depois de novo. Com mais vontade. Em questão de segundos, nossas mãos e braços e peças de roupas se espalharam por toda parte. Sua pele era quente e macia, mas o corpo, bem forte.

"Ah!", lembrei. "O parquímetro. Você pôs moedas para a noite inteira? E se você for multado?"

Ele me puxou de volta para junto de si. "Eu pago a multa", Ben falou. "Não quero te soltar."

Apesar de ficarmos nos pegando um tempão, de algum jeito consegui manter minha palavra. Não transei com ele naquela noite. Eu queria. Foi difícil resistir. Nossos corpos imploraram para eu mudar de ideia, mas fiquei firme. Não sei como. Mas consegui.

Não sei quando dormi, mas me lembro de ter ouvido Ben murmurar: "Não sei nem se você está acordada, mas... obrigado, Elsie. É a primeira vez que fico contente por dormir na casa de alguém desde que eu era criança".

Tentei manter os olhos fechados, mas foi impossível não sorrir ao ouvir isso.

"Estou vendo você sorrir", ele murmurou, quase rindo. Não abri os olhos, só para provocar.

"Certo", ele falou, me puxando para mais perto. "Então eu vou fingir que estou dormindo também."

Quando ele saiu para trabalhar no dia seguinte, vi quando encontrou a multa presa ao limpador de para-brisa e deu risada.

Junho

A agência funerária é gelada. O ar é frio e quase cortante. Fico me perguntando se mantêm a temperatura tão fria porque abrigam cadáveres aqui. Então me lembro que o corpo de Ben deve estar neste lugar. Meu marido agora é um cadáver. Eu sempre tive nojo de coisas mortas. E agora meu marido também está morto.

Ana e eu somos chamadas ao escritório do sr. Richard Pavlik. É um homem alto e magro, com um rosto genérico, a não ser pelo bigode enorme. Deve ter uns sessenta anos.

O escritório do sr. Pavlik é abafado. As pessoas devem vir aqui nos piores momentos de sua vida, então é impossível entender por que ele não torna o lugar mais acolhedor. Até as cadeiras são horríveis. São baixas, e os assentos, afundados. Meu centro de gravidade está praticamente nos joelhos.

Tento me inclinar para a frente na cadeira e ouvi-lo tagarelar sobre as coisas mais triviais a respeito da morte do meu marido, mas minhas costas começam a doer e sou obrigada a me recostar. Quando faço isso, fico com medo de não estar em uma posição condizente com uma mulher de luto. Pareço despreocupada e à vontade, e não estou. Nenhuma das duas coisas, aliás. Me inclino de

novo, com as mãos nos joelhos, sorriu e aguento firme. Esse é basicamente o meu plano para o resto da vida.

“Sr. Pavlik, com todo o respeito”, eu o interrompo. “Ben não queria ser cremado. Queria ser enterrado.”

“Ah”, ele diz, olhando para os papéis à sua frente. “A sra. Ross pediu uma cremação.”

“Eu sou a sra. Ross.”

“Desculpe, eu estava me referindo à outra sra. Ross.” Ele franze levemente o rosto. “Então, Elsie”, ele diz. Não consigo deixar de me sentir um tanto rejeitada. Para ele, eu não sou a sra. Ross, e como não sabe meu sobrenome de solteira, já me tratou diretamente pelo primeiro nome. “Neste caso, a sra. Ross é a familiar mais próxima dele.”

“Não, Richard”, digo com toda a seriedade. Se ele pode ignorar meu sobrenome, também posso fazer o mesmo. “Eu sou a familiar mais próxima. Sou a esposa dele.”

“Eu entendo, Elsie. Só que não tenho nenhuma comprovação disso.”

“Então está me dizendo que, como minha certidão de casamento ainda não chegou, eu não sou a familiar mais próxima dele?”

Richard Pavlik balança a cabeça. “Nessas situações, quando existe um questionamento sobre quem é o familiar mais próximo, preciso respeitar o que dizem os documentos oficiais. Não conheço ninguém próximo de Ben que possa confirmar que vocês eram casados e, quando procurei nos registros civis, não encontrei nenhuma documentação. Espero que você entenda que isso me deixa em uma situação difícil.”

Ana se inclina para a frente na cadeira e apoia a mão fechada na mesa de Richard.

“Espero que você entenda que Elsie acabou de se casar e perdeu o marido dez dias depois. E, em vez de estar em lua de mel numa praia paradisíaca, está aqui de luto, e ainda sendo obrigada a ouvir você dizer que ela nem era casada.”

“Me desculpe, senhorita...” Richard está constrangido e não se lembra do sobrenome de Ana.

“Romano”, ela diz, irritada.

“Srta. Romano. Não quero de jeito nenhum criar uma situação desconfortável nem desagradável aqui. Sinto muitíssimo pela sua perda. Só peço para ter uma conversa com a sra. Ross sobre essa questão, porque sou obrigado legalmente a seguir os trâmites conforme a orientação dela. Mais uma vez, sinto muitíssimo pela sua perda.”

“Vamos em frente, então. Depois eu falo com Susan sobre a cremação. O que mais preciso resolver hoje?”, pergunto.

“Bom, Elsie. Tudo se resume ao que vai ser feito com o corpo.”

Não se refira a ele como um simples corpo, seu babaca. É o meu marido. Esse é o corpo que me abraçava quando eu chorava, que segurava minha mão esquerda enquanto íamos de carro ao cinema. Esse é o corpo que fazia com que eu me sentisse viva, com que eu me sentisse louca, que me fazia chorar e tremer de alegria. Agora é um corpo sem vida, mas isso não significa que já abri mão do que sinto por ele.

“O.k., Richard. Vou falar com a Susan e ligo para você hoje à tarde.”

Richard junta os papéis sobre a mesa e levanta para nos acompanhar até a porta. Ele pega um cartão de visitas e me entrega. Como não estendo a mão, ele o oferece para Ana, que o apanha com um gesto elegante e enfia no bolso de trás.

“Agradeço muito pelo seu tempo”, ele diz quando abre a porta para nós.

“Ah, vai se...”, começo a dizer enquanto caminho até a saída. Quero bater a porta na cara dele assim que terminar de falar, mas Ana me impede e segura minha mão para me ajudar a ficar calma. Ela assume o controle da situação.

“Obrigada, Richard. Vamos entrar em contato em breve. Enquanto isso, ligue de novo para o pessoal do registro civil e tente resolver isso”, ela diz.

Em seguida fecha a porta e sorri para mim. Não é uma situação divertida, mas é *meio* que engraçado eu quase ter mandado o cara se foder. Por um instante, acho que podemos rir um pouco — uma coisa que eu não fazia havia dias. Mas o momento logo passa, e não tenho forças para respirar fundo nem sorrir.

“Vamos falar com Susan?”, Ana pergunta enquanto voltamos para o carro.

“Sim”, digo. “Acho que não tem outro jeito.” Pelo menos assim sei que tenho um propósito, por menor que seja. Preciso defender as escolhas de Ben. Preciso proteger o corpo de quem tanto fez para me proteger.

Janeiro

No dia seguinte, no trabalho, meus pensamentos oscilaram entre me concentrar nas tarefas à minha frente e sonhar acordada. Tive que prometer a Ana que passaria na casa dela depois do expediente para explicar meu sumiço, e repeti várias vezes na cabeça as palavras que usaria para descrevê-lo. O mais normal era ela falar sobre os caras e eu escutar. Agora que seria a minha vez de contar alguma coisa, parecia necessário ensaiar um pouco.

Eu estava fisicamente presente, mas com a cabeça nas nuvens quando o sr. Callahan me abordou. "Elsie?", ele disse, se aproximando do balcão.

Ele tinha quase noventa anos. Usava calça de poliéster todos os dias, ou cinza ou cáqui. Suas camisas tinham sempre algum padrão de xadrez em um tom claro, com um paletó da Members Only por cima.

O sr. Callahan levava lenços de papel no bolso da calça. O hidratante labial ficava no bolso do paletó, e ele sempre dizia "Deus te crie" quando alguém espirrava em um raio de uns vinte metros. Vinha à biblioteca quase todos os dias, e não raro mais de uma vez. Às vezes lia revistas e jornais na sala dos fundos até o horário do almoço, quando pegava um livro para levar para a esposa. Em

outras ocasiões, chegava no fim da tarde para devolver um livro e pegar um filme em preto e branco em VHS ou um CD de ópera que nunca tinha ouvido.

Era um homem culto, muito gentil e cheio de personalidade. Era dedicado à esposa, uma mulher que nós da biblioteca nunca vimos pessoalmente, mas de quem ele sempre falava a respeito. Era também bastante velhinho, e às vezes eu temia que ele estivesse nas últimas.

“Pois não, sr. Callahan?” Eu me virei para ele e apoiei os cotovelos no balcão.

“O que é isso?” O sr. Callahan colocou um marcador de páginas diante de mim. Era um dos materiais de divulgação do nosso acervo digital. Tínhamos espalhado aqueles marcadores por toda a biblioteca na semana anterior para divulgar nossas obras em formato eletrônico. Houve um grande debate na biblioteca a respeito da iniciativa. Nós não tivemos muita escolha, na verdade, porque só obedecíamos às ordens do Sistema de Bibliotecas Públicas de Los Angeles, mas ainda havia pessoas que achavam que poderíamos fazer mais, e outras que consideravam que era necessário preservar o passado. A minha opinião pedia mais para preservar o passado. Eu adorava ter um livro nas mãos. Sentir o cheiro das páginas.

“É um marcador de páginas para divulgar nossa biblioteca digital.”

“Como assim?”, ele me perguntou, mantendo um tom educado, mas claramente confuso.

“É um site que nós temos e onde dá para fazer download dos livros, em vez de vir pegá-los na biblioteca.”

Ele assentiu com a cabeça ao entender ao que eu estava me referindo. “Ah, sim, caso eu queira um i-book.”

“Exatamente, um e-book”, respondi. Não era minha intenção corrigi-lo.

“Espere, é e-book ou i-book?”

“E-book.”

“Ah, minha nossa. E eu achando o tempo todo que a minha neta, a Lucia, estava falando iPad.”

“Não, é isso mesmo”, respondi. “Você pode ler um e-book no iPad.”

O sr. Callahan começou a rir. “Escute só o que você está dizendo”, ele comentou com um sorriso. “Que conversa mais maluca.”

Eu também dei risada. “Pois é”, falei. “Mas os nomes são assim mesmo.”

“Certo, então se eu comprar um iPad, posso ler um e-book e posso fazer o download dele na biblioteca.” Ele enfatizou os termos *iPad*, *e-book* e *download* como se fossem palavras inventadas e eu fosse uma garotinha de quatro anos.

“Isso mesmo”, falei. “Impressionante como o senhor aprendeu rápido.”

“Ah, até parece. Amanhã já vou ter esquecido tudo.” Ele deu um tapinha na minha mão como se estivesse se despedindo. “Enfim, não quero saber de nada disso. É complicado demais para mim. Prefiro livros de verdade.”

“Eu também”, respondi. “Mas não sei por quanto tempo eles ainda vão continuar existindo.”

“Tempo o suficiente para mim”, ele disse, e pensei como é triste se dar conta da própria mortalidade. O sr. Callahan não parecia triste, mas eu fiquei por ele.

Lyle, meu chefe, apareceu e avisou o sr. Callahan que iríamos fechar.

“Tudo bem, tudo bem! Eu vou embora!”, ele falou em tom de brincadeira, levantando as mãos em sinal de rendição. Fiquei observando enquanto ele saía, então peguei minhas coisas e fui correndo para a casa de Ana.

“Que diabo aconteceu ontem?! E conta tudo desde o início. Quem é esse cara?”, Ana me perguntou. Eu estava deitada no sofá da casa dela.

“Ana, não sei nem como explicar.”

Ela sentou em uma otomana perto de mim. “Tenta.”

“No sábado à noite, eu pedi uma pizza...”

“Ai, meu Deus! *O entregador?* Elsie!”

“Quê? Não, ele não é entregador. É designer gráfico. Não foi isso que... Para de me interromper. Quando eu pedi a pizza, disseram que ia demorar um tempão para entregar. Então fui até lá buscar, e tinha um cara esperando também. Era ele. Ben.”

“Ben é o cara?”

“Ben é o cara. Eu reparei nele, ele é bem gato, tipo até demais pra mim, sabe? Mas aí ele começou a falar comigo, e foi como se... Sei lá, dei o meu número, aí ele me ligou ontem de manhã e me levou para almoçar ao meio-dia e meia. Foi o melhor encontro da minha vida. Na verdade, um dos melhores *dias* da minha vida. Ele sempre sabe o que dizer e é tão sincero e tão lindo e...”

“Sexy? Ele é sexy?”

“*Minha nossa*, e como é. Não sei nem como explicar, mas quando estou com ele fico à vontade como se estivesse sozinha. Não me preocupo com nada, sinto que posso falar o que me der na telha e ele não vai nem ligar. Estou até nervosa.”

“Nervosa por quê? Isso é *incrível!*”

“É mesmo, mas está acontecendo rápido demais.”

“Talvez ele seja o cara certo. Pode ser por isso que está acontecendo tão rápido. Porque é perfeito.”

Eu estava torcendo para ela falar isso. Não queria dizer eu mesma, porque parecia absurdo. “Será? Você acha mesmo?”

Ana encolheu os ombros. “Quem sabe? Pode ser! Quero conhecer esse cara!”

“Ele é demais. Mas e... E se eu estiver me precipitando? Ben disse que sou perfeita para ele, e que gosta de mim, e não pareceu papo-furado... mas e se for tudo...”

“Encenação?”

“É. E se eu estiver sendo enganada?”

“Mas... enganada em que sentido? Você já transou com ele?”

Fiz que não com a cabeça. “Não, só dormimos na mesma cama.”

“Não parece algo que alguém faria se quisesse te enganar.”

“Pois é, mas e se ele for... um estelionatário ou coisa do tipo?”

“Você anda vendo muita televisão.”

“Eu sei, mas e se ele for um vigarista? Se for esse cara todo sexy e charmoso e perfeito que descobre que o meu maior sonho é me apaixonar por um homem que adora pizza e suborna funcionárias de sorveteria e é filho único e aí... *bum*. Meu dinheiro já era.”

“Você nem tem tanto dinheiro assim.”

“Mais um motivo para não perder o que eu tenho.”

“Não, Elsie. Se ele fosse um estelionatário tão bom, ia escolher como vítima uma pessoa pobre de rica.”

“Ah.”

“Quer saber o que eu acho?” Ana veio até mim e se sentou, deitando minha cabeça em seu colo. “Acho que tem uma coisa boa rolando na sua vida, e você está tentando transformar isso em um problema. E daí que as coisas estão acontecendo depressa? Relaxa e aproveita.”

“Hã... tudo bem... Mas e se existir uma quantidade limitada de romance em um relacionamento e a gente usar rápido demais e aí não sobrar mais nada?”

Ana me encarou como se eu fosse uma maluca. “Você está começando a me estressar. Para de procurar pelo em ovo.”

Refleti a respeito por um tempinho e concluí que ela devia estar certa. Eu estava surtando sem motivo. Fiz o máximo possível para afastar esse tipo de pensamento da cabeça.

“Certo?”, Ana quis saber, e eu assenti.

“Certo. Eu vou relaxar.”

“Ótimo”, ela disse. “Porque agora precisamos conversar sobre mim.”

Levantei a cabeça, enfim me lembrando da dinâmica habitual da nossa amizade e me sentindo muito mais confortável assim. “Ah, é? O que aconteceu?”

“Jim!” Ana parecia não acreditar que Jim não estivesse ocupando meus pensamentos.

“É mesmo! Como foi aquela noite?”

“Eu transei com ele”, Ana disse, parecendo decepcionada com o ato em si. “Não valeu nem um pouco a pena. Acho que ter dito que

não ia transar me fez querer transar, mesmo não estando a fim. Isso faz sentido?”

Concordei com a cabeça. Nesse exato momento, meu celular tocou. Era Ben. Mostrei a tela para Ana, que se levantou para que eu pudesse atender.

Ele estava saindo do trabalho e perguntou se eu estava livre.

“Se não estiver ocupada, posso passar na sua casa para te ver de novo hoje à noite. Não que eu esteja dando como certo que vou ser convidado para passar a noite com você mais uma vez, mas estaria mentindo se dissesse que não tenho essa esperança.”

Eu dei risada. “Parece uma boa ideia. Você chega que horas mais ou menos?”

“Você já jantou? Posso te buscar e a gente sai para comer. Você está livre agora?”

“Ah, tudo bem. Eu ainda não comi. Mas, hã... agora? Não sei, não.” Eu sabia muito bem que era perfeitamente possível. Só não queria parecer disponível demais, como se não tivesse feito nenhum plano só para poder ficar com ele. Era exatamente o que eu havia feito, mas não é o tipo de coisa que a gente pode admitir. “Acho que pode ser, sim”, falei. “A gente se encontra lá em casa em vinte minutos?”

“Sim, senhora. Combinado. Te encontro lá. E pode usar uma roupa chique porque vamos a um lugar especial.”

“Especial? Certo, então vou precisar de meia hora.”

“Eu chego em vinte minutos, mas posso esperar os outros dez sentado pacientemente no seu sofá, que tal?”

Eu dei risada. “Combinado.”

Desliguei o celular e me despedi de Ana.

“Vê se *me liga* amanhã de manhã, por favor”, ela disse. “E isso porque eu estou sendo compreensiva, mas se quiser dar uma escapadinha até o banheiro e me ligar, vou estar com o celular na mão.”

“Você é a minha pessoa favorita de todos os tempos”, falei enquanto dava um beijo no rosto dela.

“Não por muito tempo, pelo jeito”, ela disse e, como era uma amiga maravilhosa, não havia nem um pinga de ressentimento em sua voz. Ela estava simplesmente captando os sinais.

Quando cheguei em casa, fui correndo para o banheiro. Queria pelo menos estar maquiada quando ele tocasse a campainha. Sempre tive como regra pessoal que as roupas não precisam ser nada de mais — se o rosto estiver bem arrumado, ninguém repara no resto. É provável que eu só acredite nisso porque gostaria de perder uns cinco quilos, mas acho que tenho um rosto bonito. Já as garotas que têm peitos grandes e o rosto sem graça devem achar que isso não interessa, desde que o decote fique em evidência.

Eu tinha acabado de tirar minha roupa de trabalho e de colocar uma meia-calça preta quando a campainha tocou. Vesti uma camiseta comprida e abri a porta.

“Uau”, ele falou quando entrou. Estava lindo e cheiroso, com uma calça jeans escura e uma camisa preta. Não era nada de especial, mas nele ficava espetacular. Ben se inclinou para me beijar de leve, como se estivesse com medo de borrar meu batom.

“Preciso de mais sete minutos”, eu disse, correndo para o quarto.

“Pode deixar. Vou esperar pacientemente no sofá.”

Fechei a porta do quarto e tirei a camiseta. Coloquei um vestidinho preto e curto sem manga e sapatos de salto alto da

mesma cor, acrescentando um cardigã cinza levinho para ficar um pouco mais casual. Olhei no espelho e me achei um pouco... velha e conservadora. Então tirei a meia-calça, calcei os sapatos de volta e só então saí.

"Acho que demorei menos de sete minutos", falei quando apareci diante dele, toda ansiosa.

"Uau."

Abri os braços para exibir meu look. "Estou bem para um jantar misterioso?"

"Está perfeita. O que aconteceu com a meia-calça?"

"Ah." De repente, fiquei me sentindo meio saidinha demais. "Será que é melhor pôr de volta?"

Ele fez que não com a cabeça. "Não, nada disso. É que... as suas pernas são incríveis, só isso. Eu ainda não tinha te visto de salto alto." Ele se aproximou de mim e me beijou na testa. Foi um gesto que me pareceu familiar e carinhoso ao mesmo tempo.

"Bom, a gente se conheceu anteontem", falei, enquanto pegava a bolsa. Fiz questão de me certificar de que minhas chaves estavam ali. Não sei em que estado estaríamos quando voltássemos, mas não queria que nada estragasse nossos planos.

"Uau. Você tem razão. Mas não parece que faz tão pouco tempo. E, de qualquer maneira, isso não faz diferença. O que importa é que você está muito gata. Será que não vai passar frio? Foda-se. Não me importo. Não veste nada por cima disso, não."

"Espera!", falei, voltando para dentro do apartamento enquanto ele ia para a porta. "Não é melhor eu pegar alguma coisa? Detesto passar frio."

"Se você ficar com frio, eu te empresto meu paletó."

“Mas e se eu passar frio nas pernas?”

“Eu ponho o paletó em cima das suas pernas. Agora trata de levar esse corpinho lindo para o meu carro! Vamos!”

Desci as escadas e me acomodei no banco do passageiro.

Era uma noite quente, e saímos pela cidade com as janelas abaixadas. Quando chegamos à via expressa, o vento tornou o carro barulhento demais para conversarmos, então apoiei a cabeça no ombro dele e fechei os olhos. Quando me dei conta, estávamos estacionando na Pacific Coast Highway, com a praia fria e escura à nossa esquerda e as montanhas à direita.

“Aonde a gente vai?”, por fim eu quis saber. Poderia ter perguntado mais cedo, e ele provavelmente teria respondido, mas então qual seria a graça?

“Ao Beachcomber, porque dá para comer pertinho do mar, e prometo que você não vai passar frio, porque vou arrumar uma mesa perto da fogueira.”

“*Tem fogueira lá?*”

Ben sorriu. “Eu mentiria para você?”

Encolhi os ombros. “Como é que eu vou saber?”

“Touché”, ele disse. “Está pronta? O único problema é que vamos precisar atravessar uma via expressa de duas pistas em uma velocidade sobre-humana.”

Abri a porta do carro e tirei os sapatos. “Certo. Estou pronta.” Ben me segurou pela mão, e esperamos até o momento certo. Houve vezes em que só desistimos de atravessar no último segundo, e cheguei a achar que fosse acabar morrendo de fome na beira da estrada, mas no fim, entre gritos e risadas, chegamos ao outro lado.

O restaurante estava meio vazio. Pelo olhar no rosto de Ben, percebi que era o que ele queria. Ele pediu uma mesa perto da fogueira, e em questão de minutos minhas pernas estavam aquecidas pelo fogo, e meus ombros, refrescados pela maresia.

Sentada ali, com o mar lá embaixo e essa nova pessoa diante de mim, nem parecia que aquela era eu. Parecia que eu estava vivendo outra vida por uma noite. Eu não costumava passar as noites de segunda-feira sentada junto ao fogo com vista para o mar, bebendo vinho branco gelado e água Pellegrino. Em geral, comia Hot Pockets enquanto lia um livro e tomava água da torneira.

“Isso é maravilhoso”, comentei, aproximando as mãos das chamas. “Obrigada por me trazer aqui.”

“Obrigado por ter aceitado o convite”, ele respondeu, puxando a cadeira para mais perto da minha.

Ben e eu conversamos sobre nosso dia e o que fizemos no trabalho. Conversamos a respeito de relacionamentos anteriores e nossas famílias. Conversamos sobre quase tudo menos sexo, mas esse era o assunto que cada vez mais dominava meus pensamentos.

A camisa preta dele era bem justa nos ombros, e as mangas dobradas até os cotovelos expunham suas mãos e seus punhos. Eram finos, mas robustos. Tinham ângulos pronunciados, mas delicados. Olhando para aquelas mãos, eu quis que elas me tocassem. Queria ser carregada por elas.

“Você está bonito hoje”, eu disse enquanto passava manteiga no pão, tentando soar casual. Não estava acostumada a elogiar um homem, e não sabia como fazer isso sem parecer uma tarada bizarra. “Essa camisa fica muito bem em você.”

“Ora, muito obrigado!”, ele disse, abrindo um sorriso. “Valeu.”

Ben baixou os olhos para o prato, e seu sorriso se alargou ainda mais. Parecia envergonhado.

“Você ficou vermelho?”, provoquei.

Ben sacudiu a cabeça. “Ah...” Ele ergueu a cabeça para me olhar. “Só estou com vergonha de admitir que passei na Gap depois do trabalho para comprar esta camisa.”

Comecei a rir. “Antes mesmo de me ligar?”

“Pois é. Eu sei. Parece uma ideia bem idiota. Mas é que... eu queria ficar apresentável para você. Queria que esta noite fosse especial e... sendo bem sincero, eu não tinha nenhuma camisa decente para isso.”

“Você não existe”, falei.

“Como assim?”

“Você é... você não é uma pessoa de verdade. Que tipo de homem fala sobre essas coisas com tanta sinceridade? E admite tudo nos mínimos detalhes? É a primeira vez que alguém compra uma camisa para sair comigo.”

“Isso não tem como você saber!”, Ben disse.

O garçom apareceu para anotar nosso pedido. Escolhi uma massa. Ben, uma carne. Com isso, ficou claro que ambos sabíamos que ele faria questão de pagar a conta. Não pediria nada muito caro sabendo que ele iria pagar e, se Ben achasse que eu fosse querer rachar a conta, também teria escolhido algo mais barato.

Depois que o garçom se afastou, retomei a conversa.

“Bom, é verdade. Realmente. Eu não tenho como saber, mas ninguém nunca me disse isso antes.”

“Claro que não. Só um idiota admitiria uma coisa dessas. Está na cara que eu gosto de você. Preciso dar uma segurada na

empolgação.”

“Não, não. Por favor, não faz isso. Estou adorando.”

“Ter alguém que goste de você?”, ele perguntou, pegando um pedaço de pão, partindo ao meio e enfiando metade na boca. Fiquei feliz ao constatar que, mesmo comprando uma camisa para me ver, ele não fingiria ser delicado para comer na minha frente. Era uma prova de que, mesmo quando não tentava me agradar, ele conseguia.

“É, ter alguém que goste de mim. E de sentir a mesma coisa. Gostar de uma pessoa que gosta de mim, para ser mais exata.”

“Você não acha que as coisas estão acontecendo rápido demais?”, ele perguntou. Isso me fez estremecer. Essa era uma preocupação minha, claro, que inclusive discuti com Ana, mas se a percepção dele também fosse essa, bom... Eu não sabia ao certo qual era o problema. Só sabia que, mesmo considerando que as coisas estavam acontecendo bem depressa, eu não queria ir mais devagar.

“Ah. Bom... Você acha? É a sua opinião?” Olhei para ele por cima da taça de vinho, tentando soar despreocupada e desencanada. Pareceu ter funcionado.

“Na verdade, não”, ele falou com um tom convicto. Fiquei aliviada ao ouvir isso. “Só acho que nós... Sim, as coisas estão acontecendo depressa, mas num ritmo que parece ser natural pra gente. Você não acha?”

Eu assenti, concordando, então ele continuou falando.

“Pois é. Então não vejo por que seria um problema. Só queria saber se não estava te assustando. Porque não quero exagerar. Fico dizendo pra mim mesmo para ir mais devagar, mas não consigo. Em geral sou um cara mais na minha, mas... não com você.”

Sinto meu corpo derreter como manteiga colocada no micro-ondas. Já não tinha mais forças para continuar parecendo blasé ou precavida como todo mundo recomenda que a gente seja com alguém que acabou de conhecer.

“Será que enlouquecemos?”, perguntei. “Sinto que você é diferente de todo mundo que já conheci, e não consegui pensar em outra coisa o dia todo. Eu... a gente mal se conhece, e eu estava com saudade. Isso é loucura, não? Eu nem te conheço. Meu medo, eu acho, é que o que existe entre nós seja tão intenso que acabe não durando, sabe? Uma espécie de romance concentrado, se é que isso existe.”

“Tipo uma supernova?”

“Como assim?”

“É uma explosão estelar tão poderosa que é capaz de emitir a mesma quantidade de energia que o Sol em toda sua existência, só que isso acontece em, sei lá, dois meses, e aí a estrela morre.”

Eu dei risada. “Pois é”, falei. “É bem isso que eu queria dizer.”

“Bom, acho que é uma preocupação justa. Não quero apressar demais as coisas e acabar estragando isso que está rolando entre a gente. Se bem que não acho que isso seja possível. Mas é melhor prevenir do que remediar.” Ele mastigou o pão enquanto pensava. Quando engoliu, já parecia ter um plano. “Que tal fazermos assim? A gente pode ficar... sei lá, umas cinco semanas se vendo o quanto quiser, mas sem forçar nada. Sem fazer nenhuma cobrança ou nada do tipo. A gente pode só curtir a companhia um do outro sem se preocupar se as coisas estão acontecendo devagar ou rápido demais. E aí, quando acabar o prazo, se a gente ainda estiver a fim,

ótimo. E, se nesse meio-tempo a coisa se esgotar, se o lance não estiver mais rolando, só vamos ter perdido cinco semanas.”

Eu dei risada. “O lance não estiver mais rolando?”

“Não consegui pensar em uma expressão melhor.”

Eu ainda estava rindo quando ele fixou os olhos em mim, um pouco envergonhado. “Eu consigo pensar em no mínimo umas dez”, falei, mas logo voltei ao assunto. “Certo. Sem cobranças. Sem surtar se as coisas acontecerem rápido demais. Só continuar do jeito que está. Parece ótimo. Nada de supernova.”

Ben sorriu, e nós selamos o acordo. “Nada de supernova.”

Ficamos quietos por um instante, e eu quebrei o silêncio.

“Estamos desperdiçando nossas cinco semanas com esse silêncio. Preciso saber mais sobre você.”

Ben pegou outro pedaço de pão e passou manteiga. Fiquei contente por a temperatura do momento ter baixado — agora as coisas estavam tranquilas a ponto de podermos passar manteiga no pão com toda a calma. Ele deu uma mordida.

“O que você quer saber?”

“Sua cor favorita?”

“É isso que você está morrendo de vontade de saber?”

“Não.”

“Então pergunta alguma coisa que queira saber mesmo.”

“Qualquer coisa?”

Ele afastou os braços para mostrar que estava se abrindo comigo.
“Qualquer coisa.”

“Com quantas mulheres você já dormiu?”

Um sorrisinho logo se formou no canto de sua boca. “Dezesseis”, ele respondeu, convicto. Não estava querendo se gabar nem se

justificar. Era um número maior do que eu esperava e, por um instante, fiquei enciumada. Me incomodou saber que havia outras mulheres por aí que o conheciam de um jeito que eu ainda não conhecia. Mulheres que, em certo sentido, eram mais próximas dele do que eu.

“E você? Quantos caras?”, ele quis saber.

“Cinco.”

Ben concordou com a cabeça. “Próxima pergunta.”

“Você já se apaixonou alguma vez?”

Ele deu outra mordida no pão. “Acho que já, sim. Pra ser sincero, não foi uma experiência muito legal. Não foi... divertido”, ele continuou, como se apenas naquele momento estivesse se dando conta de qual havia sido o grande problema.

“Muito bem.”

“E você?”, ele quis saber.

“Já estou entendendo tudo. Não posso fazer nenhuma pergunta que não queira responder depois.”

“Não é um acordo justo?”

“É, sim. Eu me apaixonei uma vez, e durou a maior parte da faculdade. O nome dele era Bryson.”

“Bryson?”

“Sim, mas ele não tem culpa pelo nome. É um cara legal.”

“E por onde ele anda agora?”

“Chicago.”

“Certo, perfeito. Legal e longe daqui.”

Eu dei risada, e então o garçom chegou com a nossa comida. Ele colocou os pratos diante de nós, e avisou para tomarmos cuidado porque estavam quentes. Mas eu toquei o meu, e não estava tanto

assim. Ben olhou para o meu prato e depois para o dele. "Posso comer um pouco do seu e te dar um pouco do meu?", ele pediu.

Estendi meu prato na direção dele. "Claro."

"Tem uma coisa que a gente precisa decidir", Ben falou enquanto estendia o garfo para pegar um pouco do meu fusilli.

"Ah, é? O quê?"

"Bom, se só vamos parar para pensar no que está rolando entre nós daqui a cinco semanas, é melhor decidir agora quando vamos transar."

Isso me pegou de surpresa, porque eu esperava que a gente transasse aquela noite, depois do que eu fingiria que não tinha sido essa a minha intenção. A culpa ia ser do calor do momento. "O que você sugere?", perguntei.

Ben encolheu os ombros. "Bom, acho que as nossas únicas opções viáveis são hoje e daqui a cinco semanas, né? Se não for assim, vamos dar um passo bem importante no meio da época que era para ser mais tranquila..." Ele disse isso com um sorriso no rosto. Sabia muito bem o que estava fazendo. E percebeu que eu havia entendido tudo.

"Ah. Tudo bem. Então, para manter as coisas mais simples", eu falei, "que tal hoje à noite?"

Ben abriu um meio-sorriso e cerrou os punhos. "Isso!"

Foi bom me sentir desejada a ponto de ver um homem comemorar a ideia de ir para a cama comigo. Principalmente porque eu teria feito a mesma coisa no lugar dele se tivesse pensado nisso.

O restante do jantar acabou sendo meio apressado. Ou talvez fosse impossível me concentrar em comer com aquela possibilidade pairando no ar; estava decidido. Ele me apertou contra o carro e me

beijou antes de entrarmos, e deixou a mão apoiada em minha coxa durante o caminho até minha casa. Quanto mais perto chegávamos, mais longe parecíamos estar. Eu conseguia sentir cada centímetro da mão dele na minha pele, que estava em chamas sob os seus dedos.

Já estávamos quase tirando a roupa antes mesmo de entrar em casa. Ele começou a me beijar assim que parou o carro, e se eu não tivesse me segurado e dado um basta, poderia ter rolado ali mesmo.

Corremos escada acima e, quando enfiei a chave na porta, ele já estava colado em mim, acariciando e apertando a minha bunda, sussurrando no meu ouvido para eu ir mais rápido. Seu hálito estava bem quente contra o meu pescoço. A porta foi aberta às pressas, e fui direto para o quarto, puxando-o pela mão.

Deitei na cama e tirei os sapatos. Gostei de o ouvir o barulho que os saltos fizeram ao bater no chão. Ben se lançou sobre mim, posicionando suas pernas entre as minhas, empurrando meu corpo mais para cima da cama enquanto eu o beijava enlaçando seu pescoço com a mão. Ele tirou os sapatos. Eu me enfiei debaixo das cobertas ainda vestida, e ele fez o mesmo. O pudor da noite anterior havia desaparecido e agora havia entrega absoluta. Eu não conseguia nem pensar direito. Não estava no controle da minha mente a ponto de ter medo de ele não gostar do meu corpo ou de não saber onde colocar os braços. A luz estava acesa. Eu nunca deixava a luz acesa. Mas nem percebi. Simplesmente deixei rolar. Deixei os movimentos fluírem. Agi por instinto. Eu o queria por inteiro, sempre mais e mais, e nunca me cansava dele. Seu corpo fazia com que eu me sentisse viva.

Junho

Esperando que Susan ainda esteja no hotel, me arrisco a ir até lá. Ana me leva, e ligo para ela do saguão. Não lhe dou a chance de me dispensar, o que se mostra uma boa estratégia, porque o tom de voz dela deixa claro que é bem isso que ela faria se pudesse. Ana vai até o bar e eu pego o elevador para o quarto 913.

Quando me aproximo da porta, minhas mãos começam a suar. Não sei como vou conseguir convencer Susan, como impor o desejo de Ben à própria mãe. Me dou conta de que quero muito que ela goste de mim. Deixando de lado tudo o que aconteceu, essa é a mulher que criou meu marido. Ela o gerou a partir do nada e, por isso, existe uma parte de mim que a ama. Mas é impossível deixar de lado tudo o que aconteceu; cada momento do meu dia me lembra do que aconteceu. O que aconteceu está acontecendo agora.

Bato de leve na porta, e ela abre imediatamente.

“Olá, Elsie”, Susan diz. Está usando uma calça jeans escura bem ajustada ao corpo, com um cinto grosso, uma camisa cinza e um cardigã marrom. Não parece ter sessenta anos, está saudável e em forma, mas também em luto profundo. Estava chorando, isso dá para notar com facilidade. Os cabelos já não estão bem escovados. Ela está sem maquiagem. Está exposta.

“Oi, Susan”, digo quando entro.

“Em que posso ajudar?” O quarto dela parece mais um *apartamento*. Tem uma varanda enorme e uma sala de estar com tudo decorado em cor de creme. Sinto o carpete macio sob meus pés, delicado demais para ser pisado, mas não me sinto à vontade o suficiente para tirar os sapatos. Fico com a impressão de que ela adoraria me ver pisando em ovos ao chegar perto dela, me desculpando até por existir, e esse carpete me obriga a fazer exatamente isso.

“Eu...”, tento começar. Não sei se o mais apropriado é começar falando sobre amenidades ou ir direto ao assunto. Mas como fazer isso se o “assunto” são os restos mortais do meu marido? Do filho dela?

“Conversei com o sr. Pavlik hoje de manhã”, eu digo. Parece uma boa forma de entrar no assunto sem ir tão direto ao ponto.

“Ótimo”, Susan responde, se apoiando no sofá. Ela não se senta. E nem me convida para sentar. Não quer que eu me demore aqui, mas não sei como uma conversa como essa pode ser curta. Decido falar logo de uma vez.

“Ben queria ser enterrado. Pensei que isso já estivesse decidido”, eu digo.

Susan se ajeita um pouco, como se estivesse tratando de um assunto qualquer, como se aquela conversa não fosse tão apavorante para ela como é para mim. Então logo percebo que ela não vai me ouvir. Tem a absoluta certeza de que as coisas vão ser feitas do seu jeito.

“Vá direto ao ponto, Elsie”, ela diz. Ela passa as mãos em seu longo cabelo castanho. Há partes acinzentadas nas raízes, o que eu

jamais notaria se não estivesse falando com ela dessa posição.

“O sr. Pavlik disse que o corpo de Ben vai ser cremado.”

“Isso mesmo.” Ela balança a cabeça afirmativamente e não diz mais nada. Sua voz plácida, sem nenhuma emoção, turbulência ou sofrimento, está começando a me irritar. Sua compostura parece um tapa na minha cara.

“Não é isso que ele queria, Susan. Acredite em mim, não é o que ele queria. Isso não faz nenhuma diferença?”, questiono. Estou tentando ser respeitosa com a mãe do homem que amo. “Você não se importa com o que Ben queria?”

Susan cruza os braços e ajeita o corpo novamente. “Elsie, nem tente me dar lições a respeito do meu filho, está bem? Eu o criei. Eu sei o que ele queria.”

“Na verdade, não sabe, não. Não sabe mesmo! Nós tivemos essa conversa dois meses atrás.”

“E eu conversei com ele sobre isso a vida inteira. Sou a mãe dele. Não alguém que ele conheceu poucos meses antes de morrer. Quem você pensa que é para querer me dar lições sobre o meu filho?”

“Sou a esposa dele, Susan. Não sei mais como tentar fazer você entender isso.”

Minha resposta não é bem recebida.

“Eu nunca nem ouvi falar de você!”, ela diz, jogando as mãos para cima. “Onde está a certidão de casamento? Eu nem te conheço, e você vem aqui me dizer o que fazer com os restos mortais do meu filho? Francamente. Você não passa de uma simples nota de rodapé na história do Ben. Eu sou a mãe dele!”

“Eu sei que você é a mãe dele...”

Ela se inclina um pouco para a frente para me interromper, com o dedo apontado na direção do meu rosto. "Escute aqui. Eu não te conheço e não confio em você. O corpo do meu filho vai ser cremado, Elsie. Assim como o do pai e dos avós dele. E, da próxima vez que você pensar em me dizer o que fazer com o meu próprio filho, é melhor pensar duas vezes."

"Você pediu que eu fizesse isso, Susan! Não suportou resolver tudo sozinha e empurrou a responsabilidade para mim! Primeiro me impediu de ficar com a carteira e as chaves dele, que aliás são as chaves da minha casa, depois jogou toda essa papelada no meu colo. E aí, quando eu vou tentar resolver as coisas, você tenta controlar tudo por baixo dos panos. Você ainda nem foi embora de Los Angeles. Não tem por que ficar neste hotel, Susan. Você pode voltar de carro para Orange County e chegar na hora do jantar. O que está fazendo aqui, então?" Faço uma pausa para dar a ela a chance de responder. "Quer ficar se torturando porque Ben não te contou que estava casado? *Fique à vontade!* Não estou nem aí! Mas vê se para com esse joguinho. Eu não aguento mais."

"Não dou a mínima se você aguenta ou não, Elsie", Susan diz. "Pode acreditar, não estou nem um pouco preocupada."

Tento lembrar a mim mesma que se trata de uma mulher em luto. Alguém que acabou de perder a última pessoa que restava em sua família.

"Susan, pode tentar negar o quanto quiser. Pode achar que eu sou uma louca que está mentindo para você. Pode acreditar que seu filho jamais faria nada sem te contar, mas isso não muda o fato de que a gente se casou e ele não queria ser cremado. Você não precisa queimar o corpo dele só porque me odeia."

“Eu não te odeio, Elsie. Só...”

Agora é a minha vez de interrompê-la. “Odeia, sim, Susan. Porque eu sou a única pessoa que restou para você odiar. Pode até achar que está conseguindo esconder isso, mas não está, não.”

Nós nos encaramos. Não sei de onde tirei coragem para ser tão sincera. Não sou uma pessoa com inclinação para confrontar os outros. Mesmo assim, não me deixo intimidar — contraio os lábios e franzo a testa. Talvez ela pense que eu vou virar as costas e sair andando. Sei lá. Ela demora tanto tempo para quebrar o silêncio que quase levo um susto.

“Mesmo se for tudo verdade”, ela diz. “Mesmo se vocês tiverem se casado e a certidão estiver a caminho, mesmo se você tiver sido o amor da vida dele...”

“Eu era”, interrompo de novo.

Ela não dá a mínima. “Mesmo assim, quanto tempo vocês ficaram casados, Elsie? Duas semanas?” Preciso me esforçar para respirar fundo. Sinto um nó se formar na minha garganta. Sinto o sangue pulsar dentro da minha cabeça. Susan continua: “Acho que duas semanas não provam nada”.

Penso em virar as costas e deixá-la falando sozinha. É isso que ela quer. Mas não é isso que eu faço. “Quer saber mais uma coisa sobre o seu filho? Ele ficaria inconformado se visse o que você está fazendo. Arrasado, e completamente inconformado.”

Saio do quarto sem me despedir. Quando passo pela porta, olho para trás e vejo uma mancha com o tamanho do meu sapato naquele carpete branco impecável.

Duas horas depois, o sr. Pavlik me liga para avisar que Susan assumiu a responsabilidade por todas as providências para o enterro.

“Para o enterro?”, pergunto, para me certificar de que ele não se enganou.

Há uma pausa do outro lado da linha, e ele confirma: “Para o enterro”.

Queria que parecesse uma vitória, mas não parece. “Então o que eu preciso fazer?”, questiono.

Ele pigarreia, e quando volta a falar é com um tom bem mais tenso. “Bom, acho que não precisa fazer mais nada. A sra. Ross está aqui, e ela decidiu se responsabilizar por todo o resto.”

Não sei como me sentir a respeito. Só sei que estou cansada. Muito cansada.

“Certo”, respondo. “Obrigada.” Desligo o celular e deixo o aparelho sobre a mesa da sala.

“Susan me excluiu do planejamento do funeral”, digo para Ana. “Mas ele vai ser enterrado. Não cremado.”

Ana fica olhando para mim, sem saber ao certo como reagir. “Isso é bom ou ruim?”

“Acho que... bom?”, arrisco. “É bom.” É mesmo. O corpo dele está a salvo. Eu cumpri minha tarefa. Então por que estou tão triste? Eu não queria ter que escolher o caixão. Não queria escolher as flores. Mesmo assim, sinto que perdi alguma coisa. Perdi uma parte dele.

Ligo para o sr. Pavlik logo em seguida.

“É a Elsie”, digo quando ele atende. “Eu quero dizer algumas palavras.”

“Como assim?”

“No funeral dele.”

“Ah, claro. Vou conversar com a sra. Ross a respeito.”

“Não”, respondo, bem séria. “Eu vou dizer algumas palavras no funeral.”

Escuto ele murmurar alguma coisa, e depois a musiquinha da ligação em espera. Quando ele volta à linha, me diz: “Tudo bem, Elsie. Você tem toda a liberdade para falar, se é isso o que quer”. Ele acrescenta: “Vai ser sábado de manhã, em Orange County. Mando todos os detalhes para você daqui a pouco”. Em seguida, se despede.

Desligo o celular e, por mais que sinta vontade de me parabenizar por tê-la enfrentado, sei que, se Susan não permitisse, eu não poderia fazer muita coisa. Não sei exatamente como concedi a ela tanto poder, mas agora está feito. Pela primeira vez, não parece que Ben estava vivo e respirando até um segundo atrás. Agora parece que ele se foi para sempre.

De manhã, Ana volta para seu apartamento para levar o cachorro para passear. Eu deveria dizer para ela trazer o bichinho para cá, mas tenho a impressão de que ela precisa de algumas horas por dia longe de mim, longe de tudo isso. É sempre a mesma coisa. Eu sou assim agora. Quando ela volta, estou parada no mesmo lugar de antes. Ela me pergunta se eu já comi. Não está gostando do aspecto do meu rosto.

“Isso é absurdo, Elsie. Você precisa comer. Estou falando sério.” Ela abre a geladeira. “Você pode comer umas panquecas. Quer ovos? Acho que ainda tem bacon.” Ela abre a embalagem de bacon e cheira. Pela cara que faz, está claramente podre. “Deixa o bacon para lá. A não ser que... Eu posso ir comprar! Você quer bacon?”

“Não”, eu digo. “Por favor, não sai do meu lado para ir comprar bacon.”

A campainha toca, e o som é tão alto e surpreendente que quase morro de susto. Eu me viro e fico encarando a porta. Ana acaba tomando a frente e atende ela mesma.

É um maldito entregador de flores.

“Elsie Porter?”, ele diz do outro lado da porta.

“Diz que não tem ninguém aqui com este nome”, peço a Ana, e ela só me ignora.

“Obrigada”, ela agradece, recebendo um grande buquê branco. Ele vai embora. Ana fecha a porta e coloca as flores sobre a mesa.

“São lindas”, ela comenta. “Quer saber quem mandou?” Ana pega o cartão antes que eu responda.

“São pelo casamento ou pelo funeral?”, questiono.

Ana fica em silêncio enquanto lê o cartão. “Funeral.” Ela engole em seco. Não foi legal da minha parte tê-la obrigado a dizer isso.

“Lauren e Simon que mandaram”, Ana diz. “Quer agradecer você mesma ou posso fazer isso?”

Ben e eu costumávamos sair com Lauren e Simon. Como eu poderia encará-los? “Você faria isso por mim?”, pergunto.

“Só se você comer alguma coisa. Que tal umas panquecas?”

“Você pode falar com todo mundo?”, pergunto. “Para dar a notícia? Eu não queria ter que fazer isso.”

“É só você fazer a lista”, ela me diz. Mas insiste: “E comer umas panquecas”.

Eu concordo em comer as malditas panquecas. Sem melado por cima, não têm gosto de nada. Acho que consigo engolir uma coisa sem gosto. Quanto à lista, é desnecessário. Ela conhece todas as pessoas que eu conheço. São amigos dela também.

Ana começa a pegar as tigelas, os ingredientes, a frigideira e todo o restante. Para ela, é tão fácil. Não é como se cada movimento pudesse ser o último, como para mim. Ela pega a caixa com o preparado em pó para fazer as panquecas como se não fosse nada, como se não fosse a coisa mais pesada do mundo.

Em seguida aplica o spray antiaderente na frigideira e acende o fogo. “Então, temos duas coisas para fazer hoje, e nenhuma delas é fácil.”

“Certo.”

Quando a primeira panqueca vai para o fogo, ela se vira para mim, com a espátula suja de massa crua na mão, na altura da cintura. Fico observando a cena enquanto ela fala, me perguntando se vai pingar no chão da cozinha.

“A primeira é sobre o trabalho. O que você quer fazer? Liguei para lá na segunda, expliquei a situação e você tem uns dias de licença, mas... como quer resolver isso?”

De verdade, não consigo nem me lembrar por que sou bibliotecária. Livros? Sério mesmo? É essa a minha paixão?

“Não sei se consigo voltar”, começo a falar, e é bem o que eu sinto.

“Certo”, ela diz, se virando para o fogão. A massa se mantém agarrada à espátula até o último instante, mas, quando quase pensei que não fosse mais cair, se espalha aos pés dela. Ana ignora.

“Mas sei que preciso”, acrescento. “Até porque não estou exatamente nadando em dinheiro.” Um emprego como bibliotecária me garantiu um salário inicial maior que a maioria dos meus colegas recém-formados, mas ele não aumentou tão rápido, e hoje mal consigo pagar as contas. De jeito nenhum estou em condições de parar de trabalhar.

“Mas e o Ben, ele não...?” Ana não termina a pergunta. E eu entendo por quê. Não consigo cogitar essa hipótese quando estou sozinha com os meus pensamentos.

“Ele tinha uma boa grana guardada”, digo. “Mas eu não quero.”

“Bom, mas ele não iria querer que esse dinheiro ficasse com você?” Minha panqueca está pronta, e ela põe o prato na mesa junto com a manteiga, o xarope de bordo e o açúcar de confeitiro. Deixo tudo isso de lado. A ideia de comer alguma coisa doce amarga minha boca.

“Sei lá, mas... É uma situação esquisita. Fomos casados por pouquíssimo tempo. Ninguém na família dele me conhece. Não quero ter que lidar com essa questão de dinheiro agora”, digo. “Não que seja uma fortuna, aliás, só é mais do que eu tenho na poupança. Ben nunca foi de gastar muito.”

Ana encolhe os ombros. “Então que tal você ligar para o seu chefe e combinar uma data para voltar ao trabalho? Você vai voltar, né?”

Concordo com a cabeça. “Você tem toda a razão. Eu preciso fazer isso.” Mas não quero. Fico me perguntando por quanto tempo posso continuar nessa situação antes de ser demitida. Seria uma tremenda falta de consideração demitir uma viúva, uma mulher de luto, mas eles não teriam escolha caso eu não voltasse a trabalhar.

“E por falar em ligar para as pessoas...” Ana vira outra panqueca, que espero que seja a dela. Eu concordei em me alimentar, mas não vou comer duas panquecas enormes. Mal consigo dar conta desta porcaria no meu prato.

“Uau, hoje você está com tudo, hein?”, digo.

Ana põe a panqueca em outro prato, o que encaro com um sinal de que é ela quem vai comer. Se fosse para mim, era só colocar no meu, certo? “Não estou querendo forçar a barra nem nada. Só acho que, quanto mais você adiar isso, mais difícil vai ser. Os seus pais. Por pior que seja a relação entre vocês, eles precisam saber o que tem acontecido com você nos últimos dias.”

“Tá bom”, respondo. Ela tem razão. Ana se senta ao meu lado e começa a comer. Ela enche a panqueca de manteiga e xarope de bordo. Fico impressionada com sua demonstração de apetite em um momento como este, com o fato de sua mente conseguir apreciar sabores e sentir prazer com isso.

Limpo o queixo e baixo o guardanapo. “Para quem você quer que eu ligue primeiro? Vamos resolver logo essa merda.”

Ana deita o garfo no prato. “Essa é minha garota! Pegando o touro pelos chifres.”

“Não sei se é o caso. Só quero resolver tudo de uma vez para me trancar no quarto e passar o resto do dia chorando.”

“Mas você está se esforçando! Está fazendo o melhor que pode.”

“Acho que estou mesmo”, digo, pegando o celular. Olho para ela com as sobrelhas erguidas e o telefone na mão. “E então?”

“Liga para o trabalho primeiro. É uma conversa mais fácil. Uma questão de logística, não de sentimentos.”

“É interessante você achar que a conversa com os meus pais envolve sentimentos.”

Digito o número e fico esperando tocar do outro lado. Uma mulher atende; é Nancy. Eu adoro a Nancy. Ela é uma ótima pessoa, mas quando diz: “Biblioteca de Los Angeles, Unidade de Fairfax, Balcão de Informações, em que posso ajudar?”, eu acabo desligando.

Janeiro

Em tese, a biblioteca estava fechada por conta do Dia de Martin Luther King, mas fui trabalhar mesmo assim. Alguém tinha bagunçado toda a seção de livros sobre religiões do mundo, provavelmente alunos de ensino médio ou alguns juvenzinhos rebeldes. Jogaram os livros no chão, esconderam em outras seções, embaixo das mesas. Rearranjaram as prateleiras sem nenhuma lógica discernível.

Lyle, meu chefe, estava convencido de que havia sido algum tipo de ato terrorista, com a intenção de fazer com que nós, da Biblioteca Pública de Los Angeles, repensássemos o papel da religião no sistema de governo moderno. Para mim, parecia mais uma coisa motivada pelo espírito de porco mesmo; a seção de livros sobre religiões era a que ficava mais distante das nossas vistas. Eu já tinha pegado vários casais se agarrando na biblioteca ao longo dos anos, e era sempre lá.

Ninguém trabalharia naquele dia, e Lyle me falou que, se eu viesse reorganizar a seção, me deixaria tirar uma folga quando quisesse. Era uma bela oferta e, como Ben também ia trabalhar no feriado, eu topei. Sempre gostei de pôr as coisas em ordem alfabética, e sei que não faz muito sentido, mas nem por isso deixa

de ser verdade. Gosto de coisas que tenham uma resposta certa, coisas que possam ser feitas com exatidão perfeita. Não existem tantas possibilidades para isso nas ciências humanas. É mais uma coisa de exatas. Por isso sempre gostei da ordem alfabética e da classificação decimal de Dewey, por serem padrões objetivos em um mundo subjetivo.

O sinal de celular é péssimo na biblioteca e, como não tinha ninguém, foi um dia excepcionalmente silencioso, que passei quase todo absorta em meus próprios pensamentos.

Por volta das três da tarde, quando senti que já tinha terminado de organizar a seção de livros sobre as religiões do mundo como se fosse uma espécie de quebra-cabeça tridimensional, ouvi o telefone tocar. Eu havia ignorado as poucas chamadas daquele dia, mas, por algum motivo, nesse momento deixei tudo de lado e fui correndo atender.

Não costumo atender ao telefone do trabalho, em geral estou com alguém, ou arquivando papéis, ou trabalhando em projetos para a biblioteca, então quando tirei o fone do gancho me esqueci totalmente do que deveria dizer.

“Alô?”, falei. “Hã... Biblioteca de Fairfax, Los Angeles. Não, Biblioteca Pública de Los Angeles, Unidade de Informações. Unidade de Fairfax, Balcão de Informações.”

Depois de falar tudo isso, lembrei que nem precisava ter atendido ao telefone, o que tornava aquilo um vexame desnecessário.

Foi quando ouvi as risadas do outro lado da linha.

“Ben?”

“É, hã... Fairfax. Informações. Hã.” Ele falou, ainda rindo de mim. “Você é a pessoa mais fofa do mundo.”

Comecei a rir também, aliviada por ter dado vexame só na frente de Ben, mas também envergonhada por ter dado vexame justamente na frente de Ben. “O que aconteceu? Pensei que fosse trabalhar hoje.”

“E fui. Mas o Greg decidiu dispensar todo mundo meia hora atrás.”

“Ah! Que ótimo. Você podia vir me encontrar aqui. Acho que em vinte minutos, mais ou menos, eu termino. Ah!”, falei, quando tive uma ideia. “Nós podemos fazer uma happy hour!” Eu nunca saía do trabalho a tempo de fazer isso, mas sempre tive vontade.

Ben deu risada. “Ótima ideia. Inclusive é por isso que estou ligando. Eu estou aqui fora.”

“Quê?”

“Bom, não exatamente, mas estou aqui na rua. Precisei andar um pouco para conseguir sinal para ligar.”

“Oba!” Fiquei muito empolgada com a ideia de encontrar Ben e beber umas cervejas baratas com ele dali a meia hora. “Vem até a porta lateral. Eu abro para você.”

“Legal!”, ele respondeu. “Chego aí em cinco minutos.”

Fui sem pressa até a porta, passando pelo balcão e pela entrada principal. Ainda bem que fiz isso porque, quando me aproximei da porta da frente, ouvi umas batidinhas e vi o sr. Callahan do outro lado, tristonho e confuso, com o rosto colado ao vidro e a mão sobre os olhos como quem tenta enxergar contra a luz.

Fui até lá para abrir. Era uma porta automática, e estava desligada, por isso não foi fácil, mas consegui abrir o suficiente para o sr. Callahan entrar. Ele me segurou pelo braço com sua mão trêmula, de pele fina como papel, e me agradeceu.

“Tudo bem, sr. Callahan”, eu disse. “Vou embora em uns dez minutos e a biblioteca está fechada. Mas o senhor quer pegar alguma coisa?”

“Está fechada?”, ele perguntou, confuso. “Mas por quê?”

“Hoje é Dia de Martin Luther King!”, expliquei.

“E você me deixou entrar mesmo assim? Sou um homem de sorte, Elsie.”

Eu sorri. “O senhor precisa da minha ajuda para alguma coisa?”

“Não vou demorar, agora que sei que você está com pressa. Posso passar só um minutinho pela seção de livros para jovens?”

“Livros para jovens?” Aquilo não era da minha conta, mas também não era característico do sr. Callahan. A seção de ficção adulta, com certeza, bem como os lançamentos recém-chegados. Guerras mundiais, desastres naturais. Era possível encontrar o sr. Callahan entre esses livros a qualquer momento, mas ficção juvenil nunca fez seu estilo.

“Meu neto e a filha dele vão me visitar esta semana, e quero ter alguma coisa para ler com ela. Já é uma menina crescida demais para me considerar interessante, mas, se eu conseguir descobrir o que ela gosta de ler, posso ganhar alguns minutos com ela.”

“Sua bisneta? Uau.”

“Eu sou velho, Elsie. Sou um homem velho.”

Eu dei risada, em vez de concordar com sua observação. “Bom, fique à vontade. Fica ali na esquerda, atrás dos periódicos.”

“Vou ser rápido!”, ele disse enquanto ia para lá, lento como uma tartaruga, mas igualmente firme e determinado.

Fui até a porta lateral, onde encontrei Ben querendo saber por que eu havia demorado tanto.

“Estou esperando há dois minutos e vinte e sete segundos, Elsie!”, ele disse em tom de brincadeira ao entrar.

“Desculpa, o sr. Callahan apareceu lá na porta da frente, e precisei abrir para ele.”

“O sr. Callahan está aqui?” O rosto de Ben se iluminou. Ele nunca tinha visto o sr. Callahan, mas havia me ouvido falar sobre como eu achava a devoção dele à esposa uma das demonstrações de sentimento mais românticas que eu já tinha testemunhado na vida. Ben sempre dizia que, quando tivesse noventa anos, ia me tratar da mesma forma. Nós só nos conhecíamos havia três semanas, então, apesar de ser uma coisa fofa de dizer, era também uma tolice pretenciosa. Além de ingênua e inebriante, claro. “Posso conhecê-lo?”

“Claro”, respondi. “Vem me ajudar a colocar os últimos livros em ordem e depois falamos com ele.” Ben me acompanhou enquanto eu terminava a arrumação, e não me ajudou em nada. Ficou só lendo os títulos nas lombadas enquanto eu contava que tinha encontrado um livro sobre budismo enfiado em uma fresta no forro.

“Como foi que você tirou de lá?”, ele perguntou, sem prestar muita atenção em mim. Estava mais concentrado na prateleira.

“Não tirei”, falei. “Ainda está lá.” Apontei para cima e mostrei o livro fino e branco enfiado entre a armação de metal e o painel de gesso perfurado. Ele veio até mim e se colocou ao meu lado. Nossos corpos estavam tão próximos que senti sua camisa me tocando, e um pouco da pele de seu braço também. Senti o cheiro de seu desodorante e de seu xampu, odores que agora despertavam certos desejos em mim, pois eu me acostumara a senti-los em situações

bem sensuais. Ele estava com a cabeça virada para cima, vendo o livro lá no teto.

“Esses sem-vergonhas”, Ben disse, surpreso, e então se virou para mim. Só então percebeu o quanto estávamos próximos. Ele me encarou e então deu uma espiada ao redor.

“Onde está o sr. Callahan?”, perguntou, mas de uma forma que deixava suas intenções bem claras.

Fiquei vermelha. “Ele está logo ali”, eu disse.

“Aqui parece ser um lugar bem isolado”, ele comentou. Mas não fez nenhum movimento na minha direção. Não era preciso.

Dei uma risadinha travessa. “É mesmo”, eu disse. “Mas isso seria...”

“Verdade”, ele disse. “Isso seria...”

A temperatura de repente havia aumentado? Fiquei com a clara impressão de que sim. O ambiente parecia mais quente e silencioso, como se o ar ao nosso redor estivesse mais denso.

“Seria loucura”, eu disse, bem séria, me esforçando para pôr um fim naquilo antes mesmo que começasse. Ele não faria isso. Eu sei que não. Exatamente no meio da biblioteca. Com certeza era só uma coisa da minha cabeça. Então encerrei o assunto. Me afastei discretamente, guardei o livro que estava na minha mão na prateleira e avisei que precisávamos procurar o sr. Callahan.

“Tá bom”, disse Ben, levantando as mãos em sinal de rendição. Em seguida, estendeu um dos braços como quem pede que eu indique o caminho. Fui andando à sua frente e, quando estávamos quase fora dos limites das prateleiras dos livros sobre religiões do mundo, ele me provocou.

“Eu teria aproveitado”, falou.

Abri um sorriso e sacudi a cabeça. Nunca me senti tão desejada, e nunca tinha me dado conta de que isso era capaz de me levar a fazer qualquer coisa.

Encontramos o sr. Callahan onde ele disse que estaria.

“Mas o que é tudo isso?”, o sr. Callahan me perguntou quando nos aproximamos. “Pensei que fosse encontrar só meia dúzia de livrinhos. Esta seção é maior que a de lançamentos.”

Eu dei risada. “Muitos livros voltados para o público jovem têm sido lançados, sr. Callahan. Os adolescentes de hoje adoram ler.”

Ele sacudiu a cabeça. “Quem diria?” O sr. Callahan já estava com um livro na mão.

“Sr. Callahan, eu gostaria de apresentar o Ben para o senhor.” Apontei para Ben, que estava com a mão estendida, e o sr. Callahan o cumprimentou.

“Oi, filho”, ele disse, recolhendo a mão. “Você tem um aperto de mão bem firme. Isso é bom.”

“Obrigado”, disse Ben. “Ouvi falar muito do senhor, e queria conhecer o homem por trás da lenda.”

O sr. Callahan deu risada. “Não tem lenda nenhuma aqui. Só um velho que vive se esquecendo das coisas e não consegue mais andar tão depressa quanto antes.”

“É para o senhor?”, Ben perguntou, apontando para o livro.

“Ah, não. Para minha bisneta. Fiquei meio perdido nesta seção. Mas como tem uma prateleira inteira só com cópias deste livro, então achei que devia ser bem famoso.” O sr. Callahan mostrou um volume de uma franquia de histórias sobrenaturais. O tipo de livro que faz as crianças tomarem gosto pela leitura, apesar de não ser nada de mais, então não tinha por que eu falar mal. Até que notei

que ele levava o terceiro volume na mão; sua visão não devia estar tão boa, e ele não deve ter percebido que havia vários títulos da série diferentes na prateleira, com capas e tipologias parecidas.

“Na verdade, esse é o terceiro volume”, falei. “Quer que eu pegue o primeiro?”

“Por favor”, ele disse.

Meio sem jeito, Ben tirou o livro da mão dele. “Se me permite, sr. Callahan.” Ele pôs o livro de volta no lugar e me impediu de pegar o primeiro da série. “Eu sou categoricamente contra todos os livros sobre vampiros apaixonados por garotas. Essas histórias dão a impressão de que ser mordida até virar uma morta-viva é uma forma de amor.”

Olhei para Ben, surpresa. Ele me lançou um olhar tímido. “Que foi?”

“Nada, não”, respondi.

“Enfim”, ele continuou, se concentrando no sr. Callahan, “eu não sei se essa seria uma boa influência para a sua bisneta. Acredito que o senhor queira que ela cresça acreditando que pode ser o que quiser, e não que fique sonhando em ter um caso com uma criatura imortal.”

“Você tem toda a razão”, disse o sr. Callahan. Quando era criança, provavelmente ele tinha aprendido que as mulheres deveriam obedecer aos homens e ficar em casa remendando meias. Mas agora ele era um senhor que havia evoluído com o passar dos anos, e queria deixar claro que sua bisneta só precisaria ficar em casa remendando meias se quisesse. Percebi que é possível testemunhar muitas coisas quando se vive tanto tempo quanto o sr. Callahan. Ele havia vivido épocas que eu só conhecia por ter lido a respeito.

Ben pegou um livro com uma capa azul bem chamativa da prateleira. "Tome aqui. É um livro tão famoso quanto, só que dez vezes melhor. Tem casos de amor na trama, mas é uma coisa secundária em relação ao desenvolvimento dos personagens, que são apaixonantes. Uma garota é a heroína da história. Não quero estragar a surpresa, mas prepare os lenços de papel."

O sr. Callahan sorriu e assentiu com a cabeça. "Obrigado", ele falou. "Você me poupou de um belo sermão da mãe dela."

"É um livro muito bom", Ben disse. "Eu li em dois dias."

"Você pode registrar a retirada para mim, Elsie? Ou melhor... tem como fazer isso com a biblioteca fechada?"

"É só devolver o livro daqui a três semanas, sr. Callahan. Vai ser um segredinho nosso."

Ele sorriu para mim e colocou o livro no bolso do casaco, como se estivesse roubando. Ele apertou a mão de Ben e foi embora. Quando saiu pela porta da frente, eu me virei para Ben.

"Você gosta de literatura jovem?"

"Bom, todo mundo tem suas manias. Não pense que eu não sei que você toma Coca-Cola Zero no café da manhã."

"Quê? Como você sabe disso?"

"Eu presto atenção." Ele bateu na têmpora de leve com o dedo. "Agora que já sabe meu segredo mais bem guardado e vergonhoso, que é o fato de eu ler livros escritos para meninas de treze anos, você ainda gosta de mim? Vamos continuar juntos ou pra você já chega?"

"Não, eu vou continuar com você", falei, segurando sua mão. O telefone tocou de novo, e Ben correu para atender.

“Biblioteca Pública de Los Angeles, Unidade de Fairfax, Balcão de Informações, como posso ajudar?”, ele falou num tom arrogante. “Não, eu sinto muito. A biblioteca está fechada hoje. Obrigado. Tchau.”

“Ben!”, eu falei depois que ele desligou. “Isso não foi nada profissional!”

“Pois é, e foi exatamente por isso que não deixei você atender.”

Junho

“O que foi isso?”, Ana diz enquanto termina sua panqueca.

“Eu... Fiquei meio desnorteada. Ainda não estava pronta.” Pego o celular e ligo de novo.

“Biblioteca Pública de Los Angeles, Unidade de Fairfax, Balcão de Informações, como posso ajudar?” É Nancy de novo. Uma mulher mais velha e meio roliça. Não é uma bibliotecária formada. Só trabalha no atendimento. Ou melhor, não “só”. Ela trabalha bastante e trata todos muito bem. Não consigo nem imaginar Nancy falando mal de quem quer que seja. Ela consegue ser sincera e amigável ao mesmo tempo. Eu mesma nunca consegui ser assim, para falar a verdade.

“Oi, Nancy, é a Elsie.”

Ela respira fundo, e seu tom de voz se torna mais grave. “Elsie, eu sinto muito, muito mesmo.”

“Obrigada.”

“Não consigo nem imaginar...”

“Obrigada.” Eu a interrompo porque sei que, se ela continuar a falar, vou desligar de novo. Vou me encolher toda na cama e derrubar lágrimas do tamanho de bolas de gude. “O Lyle está por aí? Preciso conversar com ele sobre a minha volta ao trabalho.”

“Claro, claro”, ela me diz. “Só um minutinho, querida.”

Lyle demora alguns minutos para atender e, quando surge do outro lado da linha, já vai logo tomando a iniciativa de dizer tudo. Só posso supor que é porque essa conversa é ainda mais desconfortável para ele do que para mim. Ninguém que ser a pessoa que precisa me lembrar das minhas responsabilidades em um momento como este.

“Elsie, escuta só. A gente entende. Pode tirar quanto tempo precisar. Você tem dias de férias vencidas, folgas que não tirou, banco de horas”, ele diz, tentando ser prestativo.

“E quantos dias de licença-viúva eu ainda tenho?”, pergunto, tentando amenizar a conversa e deixá-lo mais à vontade com a brincadeira. Só que ninguém fica à vontade em uma situação assim, e minha piada não cai nada bem. Dava para encher um ônibus de pessoas durante a pausa constrangedora que se estabelece a seguir. “Enfim, obrigada, Lyle. Mas acho melhor retomar a rotina. A vida continua, certo?” Estou falando só da boca para fora. Não tem como a vida continuar. Isso é o tipo de coisa que as pessoas dizem só porque ouviram em algum programa idiota de TV. É uma ideia que sequer existe para mim. Nunca vai ser assim. Eu nunca vou superar e seguir em frente. Mas as pessoas que não foram atiradas ao mar da tragédia não querem ouvir isso. Querem ouvir que você vai “aguentar firme”. Querem poder dizer para seus amigos, para seus colegas de trabalho, para as pessoas com quem dividem o elevador que você “está aguentando firme”. Que você é “guerreira”. Os mais desbocados querem falar que você é “durona pra caralho”, ou que é “fodona”. Eu não sou nada disso, mas eles que pensem que sim, se quiserem. É mais fácil para todo mundo.

“Certo, ótimo. Só me avise quando quiser voltar.”

“O funeral é amanhã cedo, e vou tirar o fim de semana para descansar. Que tal na terça?”, sugiro.

“Terça está ótimo”, ele diz. “E, Elsie...”

“Sim?”, eu digo, já morrendo de vontade de desligar.

“Que ele descanse em paz. Nunca sabemos quais são os planos de Deus para nós.”

“Aham”, respondo, e logo em seguida desligo. É a primeira vez que alguém vem falar de Deus para mim, e sinto vontade de estrangular o pescoço gordo de Lyle. Para ser sincera, acho uma grosseria a simples menção de algo do tipo. É como se uma amiga viesse me contar o quanto se divertiu em uma festa para a qual não fui convidada. Deus me abandonou. Vê se para de esfregar na minha cara o quanto Ele tem sido bom com você.

Ponho o celular sobre o balcão da cozinha. “Um já foi”, digo. “Posso tomar um banho antes do próximo?” Ana assente com a cabeça.

Entro no box e abro o chuveiro, me perguntando como começar aquela conversa, e imaginando como vai se desenrolar. Meus pais vão querer vir para cá? Isso seria horrível. Eles não vão nem cogitar a hipótese? Isso seria ainda pior. Ana bate na porta, e fecho o registro. Com certeza ela acha que, se depender de mim, nunca vou sair daqui, e não quero deixá-la mais preocupada do que já está. Eu consigo sair do banho. Pelo menos por ora.

Visto um roupão e pego o celular. Se não fizer isso agora, não farei nunca mais, então vamos em frente.

Digito o número da casa deles. Meu pai atende.

“É a Elsie”, digo.

“Ah, oi, Eleanor”, meu pai responde. O fato de ele me chamar pelo nome é como um tapa na minha cara, um lembrete de que não sou quem eles queriam que eu fosse. No primeiro dia do jardim de infância, pedi para todo mundo me chamar de Elsie. Expliquei para a professora que era um apelido para Eleanor, mas na verdade eu gostava daquele nome porque era o de uma vaquinha de uma marca de sorvete. Minha mãe só descobriu o que estava acontecendo uns dois meses depois, mas a essa altura, por mais que tentasse, não conseguiu convencer meus amiguinhos a me chamar de Eleanor. Foi a minha primeira rebelião contra os meus pais.

“Você e a mamãe têm um minuto para conversar?”, perguntei.

“Ah, desculpa. Nós estamos de saída. Eu te ligo outra hora. Pode ser?”, ele diz.

“Na verdade, não. Sinto muito, mas preciso conversar com vocês agora. É importante.”

Meu pai me pede para eu esperar.

“O que foi, Eleanor?” É minha mãe quem está ao telefone agora.

“O papai está ouvindo também?”

“Estou aqui. Sobre o que você quer conversar?”

“Bom, acho que contei para vocês sobre o homem com quem eu estava namorando. O Ben.”

“Aham”, minha mãe responde. Ela parece distraída. Como se estivesse passando batom ou vendo a empregada dobrar as roupas.

“Então”, eu começo. Não sei como fazer isso. E de que adianta, aliás? O que eu vou ganhar dizendo isso em voz alta? Ouvindo a perspectiva deles? “Ben foi atropelado e morreu.”

Minha mãe solta um arquejo de susto. “Ai, meu Deus, Eleanor. Eu sinto muito”, ela diz.

“Minha nossa”, meu pai diz.

“Não sei nem o que dizer”, acrescenta minha mãe. Mas ela não é capaz de ficar quieta, então inventa qualquer coisa para falar. “Imagino que você já tenha informado a família dele.” Meus pais veem a morte de perto todos os dias, e acho que isso os tornou insensíveis em diversos sentidos. Acho que isso os tornou insensíveis para a vida também, mas com certeza eles diriam que o problema é que eu sou sensível demais.

“Sim, sim. Está tudo sob controle. Só queria que vocês soubessem.”

“Bom”, minha mãe diz, ainda tentando formular uma resposta. “Imagino que esteja sendo difícil para você, mas saiba que nós sentimos muito. É que... Minha nossa. Você já teve tempo de processar a notícia? Você está bem?”

“Não, não estou bem. A outra coisa que tenho para contar é que Ben e eu nos casamos em uma cerimônia íntima duas semanas atrás. Então foi o meu marido que morreu.”

Pronto, as palavras saíram da minha boca. Minha missão está cumprida. Agora tudo que tenho que fazer é terminar essa ligação.

“Por que você se casou com alguém que mal conhecia?”, meu pai pergunta. Lá vamos nós.

“Seu pai tem razão, Eleanor. Eu nem o conheço...” Minha mãe está perplexa. Dá para perceber isso em sua voz.

“Me desculpem por não ter contado”, digo.

“Você se esqueceu de contar para nós!”, ela continua. “Onde estava com a cabeça? Há quanto tempo conhecia esse homem?”

“O suficiente para saber que ele era o amor da minha vida”, digo, na defensiva.

Eles ficam em silêncio. Mas consigo perceber que minha mãe quer dizer alguma coisa.

“Pode falar”, eu encorajo.

“Eu conhecia seu pai fazia quatro anos quando topei sair com ele pela primeira vez, Eleanor. Nós namoramos por mais cinco anos antes do casamento. Não dá para conhecer uma pessoa em uns poucos meses.”

“Foram seis meses. A gente se conheceu há seis meses”, digo. Minha nossa, como isso parece ridículo e vergonhoso. Fico me sentindo uma idiota.

“Exatamente!”, o meu pai interfere. “Eleanor, isso é terrível. Simplesmente terrível. Nós lamentamos muito pela sua perda, mas você vai superar isso. Eu garanto.”

“Não, mas, Charles”, minha mãe insiste. “Também é importante que ela entenda que é preciso tomar as decisões com mais calma. Isso é exatamente o tipo de coisa que...”

“Pessoal, eu não quero falar sobre isso agora. Só queria contar que fiquei viúva.”

“Viúva?”, minha mãe questiona. “Não acho que você deva se considerar viúva. Não fique se rotulando desse jeito. Só vai dificultar sua volta por cima. Fazia quanto tempo que vocês eram casados?” É possível ouvir o tom de julgamento em sua voz.

“Uma semana e meia”, respondo. Estou aceitando esse tratamento condescendente. Que coisa lamentável. Puta merda, estou aceitando ser tratada dessa forma.

“Eleanor, você vai ficar bem”, meu pai me diz.

“Sim”, reforça minha mãe. “Você vai ficar bem. Logo vai estar de pé de novo. Espero que não tenha faltado muitos dias na biblioteca.”

Você sabe que, com os cortes de orçamento do governo, é melhor não fazer nada que ponha seu emprego em risco. Aliás, eu estava conversando com uma amiga no conselho diretor do hospital, e ela mencionou que tem uma filha que trabalha como bibliotecária em uma firma de advocacia que sempre pega uns casos bem importantes. Posso ligar para ela, ou passar o seu contato, se quiser. Eles têm escritórios em todo o país.”

Eu sabia que minha mãe iria aproveitar qualquer oportunidade que surgisse para me dizer que posso ser mais do que sou. Que posso fazer coisas que causem uma impressão melhor. Que tenho o potencial para levar uma vida melhor do que a que estou vivendo. Não que eu esperasse que ela fosse desperdiçar a chance de fazer isso por medo de parecer insensível e rude, só não achava que o assunto seria trazido à tona com tanta naturalidade. Enquanto a ouço falar, percebo como me afastei dos planos que meus pais tinham para mim. É isso que acontece quando você é filha única, quando seus pais queriam ter mais filhos mais não puderam, e quando as pessoas procriam só para poder criar versões em miniatura de si mesmas. É isso que acontece quando as pessoas percebem que não vai ser assim, e ficam totalmente perdidas.

Isso sempre me incomodou, pelo menos até eu me mudar de lá, para longe deles e de seus olhares de condenação e de suas conversas condescendentes. E já não me incomodava mais, pelo menos até este momento. Só pode ser porque, até agora, nunca precisei deles. E, por mais que eu diga que nada seria capaz de fazer com que me sinta melhor, imagino que receber o apoio dos meus pais tornaria tudo isso um pouquinho mais fácil de suportar.

“Não, obrigada, mãe”, respondo, torcendo para a conversa terminar. Torcendo para que ela desista e decida voltar ao assunto em outro momento.

“Bom”, meu pai diz. “Você precisa de alguma coisa de nós?”

“Não, pai. Só queria avisar vocês. Aproveitem o resto da noite”, eu digo.

“Certo. Sinto muito pela sua perda, Eleanor.” Minha mãe desliga a extensão em que estava falando.

“Nós só queremos o que é melhor para você, Elsie”, diz meu pai. Ele me pega desprevenida ao dizer meu nome assim do nada. Isso significa que ele está tentando. De verdade. “É que... nós não sabemos como...” Ele suspira audivelmente e recomeça sua fala. “Você sabe como é a sua mãe”, meu pai diz, e acha que isso explica tudo.

“É, eu sei.”

“Nós te amamos”, ele diz, e eu respondo “Também amo vocês” mais por convenção social do que por sentir aquilo de verdade.

Em seguida, desligo o celular.

“Pronto, está resolvido”, Ana me diz. Ela segura minha mão, e diz com toda a sinceridade: “Estou muito orgulhosa. Você lidou muito bem com essa situação, muito bem mesmo”. Ela me abraça, e enterro o rosto em seu corpo. O ombro de Ana é um lugar macio para chorar, mas, como costumam dizer, a segurança dos braços de uma mãe é incomparável, e seria muito bom ter isso agora.

“Certo”, eu digo. “Acho que agora eu vou me deitar.”

“Tá bom”, ela diz, e começa a tirar os pratos da mesa. O dela está vazio e coberto de xarope de bordo. O meu está limpo, mas cheio de pedaços de panqueca. “Se ficar com fome, é só me avisar.”

“Beleza”, eu digo, mas já estou a caminho do quarto, já estou me deitando, e sei que não vou sentir fome. Fico olhando para o teto, e perco a noção do tempo. Sei que o celular dele ainda existe e está em algum lugar. Que o número não morreu junto com ele. E decido ligar. Escuto seu recado da caixa postal várias e várias vezes, desligando em seguida e ligando de novo.

Janeiro

Era uma noite de sábado chuvosa e gelada. Bom, pelo menos para os padrões de Los Angeles. Dez graus e bastante vento. A ventania balançava as árvores e espalhava chuva por todo canto. Eram só cinco horas, mas já estava anoitecendo. Ben e eu decidimos ir a uma adega não muito longe da minha casa. Nenhum dos dois gostava muito de vinho, mas o lugar tinha um estacionamento coberto com manobrista, então parecia a melhor opção para não tomar chuva.

Fomos até a mesa, tiramos os casacos impermeáveis e ajeitamos os cabelos. Lá dentro estava quentinho e aconchegante, bem diferente do lado de fora, e parecia que estávamos perto de uma fogueira.

Pedi uma salada caprese e uma Coca-Cola Zero. Quando Ben pediu uma massa e uma taça de pinot noir, lembrei que o objetivo de ir a uma adega era beber vinho.

“Ah”, disse. “Cancela a Coca. Vou beber o mesmo que ele.” O garçom recolheu os cardápios e foi levar nossos pedidos.

“Não precisa pedir vinho se não quiser beber”, disse Ben.

“Bom”, eu falei. “Quem está na chuva...”

As bebidas chegaram logo em seguida, taças cheias até a metade de um vinho tinto bem escuro. Balançamos as taças diante do nariz,

sorrindo um para o outro, sem ter a menor ideia do que estávamos fazendo.

“Ah”, disse Ben. “Um leve aroma de cassis e...” Ele deu um gole com uma expressão compenetrada, como quem analisava rigorosamente o sabor. “Tem um sabor amadeirado, você não acha?”

“Humm”, falei, bebendo um pouco e fingindo uma expressão contemplativa. “Bastante amadeirado. E bem encorpado.”

Nós dois caímos na risada. “Sim!”, disse Ben. “Esqueci do *encorpado*. O pessoal que toma vinho adora dizer coisas como *encorpado*.”

Ele começou a beber em goles maiores. “Sinceramente, todos têm o mesmo gosto para mim.”

“Para mim também”, eu disse, enquanto dava outro gole no meu. Mas, apesar de não entender nada sobre taninos ou notas cítricas ou florais, ou seja lá o que for que os entendidos de vinho também falem, a bebida estava deliciosa. Depois de mais alguns goles, comecei a me sentir muito bem.

A comida tinha acabado de chegar quando o celular de Ben tocou. Ele deixou cair na caixa postal e experimentou minha salada. Quando começou a comer sua massa, o celular tocou de novo. Mais uma vez, ele ignorou a chamada. Acabei decidindo perguntar:

“Quem é?”

“Ah”, ele falou, claramente incomodado em responder. “É só uma garota com quem eu saía um tempo atrás. Ela me liga às vezes, quando bebe.”

“Não são nem sete e meia.”

“Ela é meio... Como posso dizer? Ela é... baladeira? Tudo bem falar isso de alguém?”

“Acho que depende do que você está tentando dizer.”

“Ela é alcoólatra”, ele explicou. “Foi por isso que a gente terminou.”

Ben falou isso com tanta naturalidade que me pegou de surpresa. Eu quase dei risada, apesar de ser um assunto tão sério.

“Ela me liga às vezes. Quando fica a fim de transar, acho.”

Me deu vontade de rir outra vez, mas no fundo estava começando a ficar com ciúme, e estava cada vez mais difícil ignorar o sentimento.

“Ah”, eu me limitei a dizer.

“Eu já falei que estou com outra pessoa. Confia em mim. O máximo que ela consegue com isso é me irritar.”

Agora meu ciúme estava à flor da pele. “Certo.”

“Você está incomodada?”

“Não”, falei tranquilamente, como se não estivesse incomodada. Por que eu fazia isso? Por que não dizer logo que sim?

“Está, sim.”

“Não estou.”

“Eu estou vendo.”

“Não está vendo coisa nenhuma.”

“Está, sim, seu peito está ficando vermelho e seu tom de voz está bem seco. Isso significa que você está irritada.”

“Como é que você sabe disso?”

“Eu presto atenção.”

“Tudo bem”, eu disse por fim. “É que... eu não estou gostando. Essa mulher com quem você saía — e com quem você ia pra cama... não sei se gosto de saber que ela anda te ligando pra fazer a mesma coisa.”

“Eu sei. E concordo com você. Já falei para ela parar”, ele respondeu. Não parecia irritado, mas estava na defensiva.

“Eu seu. Eu sei. E acredito em você, mas... Olha só, a gente falou que ia manter a exclusividade nessas cinco semanas, mas se você não quiser...”

“Quê?” Ben já tinha parado de comer fazia tempo.

“Esquece.”

“Esquece?”

“Quando foi a última vez que vocês se viram?” Por que fiz essa pergunta, e aonde estava querendo chegar, eu não sabia. Não se deve fazer um questionamento cuja resposta você não queira saber. Está aí uma coisa que nunca aprendi.

“Isso faz diferença?”

“Só estou perguntando”, falei.

“Foi um pouco antes de te conhecer”, ele disse, olhando para a taça de vinho e dando um gole para não precisar me encarar.

“Um pouco quanto?”

Ben abriu um sorriso constrangido. “Um dia antes de te conhecer”, ele disse.

Senti vontade de voar por cima da mesa e torcer o pescoço dele. Meu rosto ficou vermelho de ciúme. Parecia que meus pulmões estavam em chamas. Apesar de não ter por quê. Por mais que eu tentasse me convencer do contrário. Queria gritar com ele e dizer que tinha sido uma grande mancada, mas Ben não havia feito nada de errado. Nada mesmo. O meu ciúme não fazia o menor sentido. É que... Eu precisava acreditar que Ben era meu. Queria acreditar que ninguém era capaz de fazê-lo sorrir como eu, que ele não queria tocar nenhuma mulher além de mim. De repente, essa mulher

adquiriu uma existência própria na minha cabeça. Eu a imaginei com um vestido vermelho e longos cabelos escuros. E provavelmente uma lingerie de renda preta. E tudo combinando. Na minha mente, a barriga dela era lisinha e chapada. Na minha imaginação, ela gostava de ficar por cima na hora de transar. Em vez de admitir meu ciúme, em vez de falar a verdade, ignorei os fatos e tentei colocar a culpa nele.

“Sei lá se você está mesmo dizendo pra ela manter distância. Quer dizer, uma mulher não liga várias e várias vezes para alguém se sabe que vai ser rejeitada.”

“Então é culpa minha se ela bebe?”

“Não...”

“Está me dizendo que não conhece nenhuma mulher que tem tanta confiança na própria beleza que simplesmente se recusa a ouvir um *não*?”

“Está querendo jogar na minha cara que ela é bonita, é isso?”, retruquei.

“O que isso tem a ver?”

“Então ela é mesmo”, falei.

“Por que essa insegurança toda agora?”

Puta. Que. Pariu.

Nada daquilo era necessário. Eu poderia ter continuado na mesa. Poderia ter terminado minha salada, mandá-lo para a casa dele e voltar para a minha. Eu poderia ter feito um monte de coisas. Tinha várias opções. Mas na hora parecia que minha única opção era pegar o casaco, vestir, resmungar que Ben era um babaca e sair andando.

Só quando estava na chuva do lado de fora, e sem o tíquete do estacionamento, eu me dei conta de todas as opções que tinha. Olhei pela janela do restaurante. Vi que ele estava procurando um garçom. Quando conseguiu encontrar um, foi logo pagando a conta. Vi que ele pegou o casaco. Eu estava lá fora na chuva, segurando o casaco junto ao corpo, tremendo um pouco e me perguntando o que ia dizer quando ele saísse. Comecei a me sentir muito idiota por ter saído andando. Estava percebendo que a forma estúpida como eu havia reagido tinha jogado para segundo plano a insensibilidade dele.

Quando ele chegou à porta, eu o vi pela janela olhando para o celular, cuja tela estava acesa de novo. Vi que ele ignorou uma ligação pela terceira vez em dez minutos, e minha irritação voltou. Era um ciúme bem feio. E fez com que eu me sentisse muito feia.

Quando a porta se abriu, uma lufada de ar quente saiu de lá de dentro. Quando se fechou de novo, voltei a ficar morrendo de frio.

“Elsie...”, ele começou a dizer. Não consegui identificar nada em seu tom de voz. Não sabia se ele estava arrependido, na defensiva ou irritado, então fui logo interrompendo.

“Escuta”, falei, fechando meu casaco ainda mais, e elevando o tom de voz acima do barulho dos carros passando sobre as poças d’água. “Sei que não estou reagindo muito bem, mas isso que você me contou não foi pouca coisa!”

“Não dá pra você sair e me deixar falando sozinho no meio de um restaurante!”, ele gritou. Eu nunca o tinha ouvido levantar a voz assim antes.

“Posso fazer o que eu...”

“Não!”, ele disse. “Não pode, não. Você não pode me castigar por uma coisa que aconteceu antes de eu te conhecer, e nem porque a Amber...”

“Não fala o nome dela!”

“Isso não significa nada!”, ele retrucou. “Se você soubesse a minha opinião sobre você e sobre ela, ia entender que isso tudo não significa nada.” As palavras saíam com dificuldade de sua boca em meio à chuva.

“O que isso quer dizer?”, questionei. “Você não acha que se fosse o contrário...”

“Eu ficaria com ciúme, sim. Só de imaginar outro cara pondo a mão em você, ou em você... pondo a mão nele. Sim, claro. Eu ficaria com ciúme.”

“Viu?”

“Mas eu não te deixaria sozinha no meio de um restaurante parecendo uma idiota. Eu não te deixaria aflita a esse ponto.”

“Ah, qual é? Você não estava nada aflito.”

“Estava, sim, Elsie.”

“O que você pensou que fosse acontecer?”

“Sei lá!”, ele disse, levantando a voz de novo. Eu estava morrendo de frio. A chuva estava bem barulhenta. “Pensei que isso podia ser...”

“O fim?”

“Sei lá!”

“Não é o fim”, eu disse. “Só porque fiquei chateada não significa que eu não queira...” Nesse momento, senti vontade de abraçá-lo e garantir que não ia deixá-lo. Sua vulnerabilidade era tocante, e quase insuportável para mim. Levantei as mãos e sorri para ele.

“Além disso, a gente não pode nem pensar em terminar nas próximas cinco semanas.”

Ele não retribuiu o sorriso. “Não tem graça nenhuma”, Ben falou, com os ombros encolhidos sob a chuva. “Eu não quero te perder.”

Olhei no fundo dos seus olhos e disse aquilo que parecia inacreditável que ele não soubesse. “Ben Ross, eu não vou abrir mão de você.” Antes que eu terminasse a frase, seu corpo estava colado ao meu, e nossas bocas se encontraram. Foi um beijo desajeitado, e longe de ser perfeito. Nossos dentes se chocaram, e meu lábio ficou ardendo. Mas foi nesse momento que me dei conta de que Ben me amava. Dava para sentir. Senti que seu amor por mim era real e estava à flor da pele — e não era tudo um mar de rosas, também havia o medo. Era possível sentir seu medo naquele beijo, e um desespero na maneira como demonstrou seu alívio. Era inebriante, e fez com que eu sentisse que não estava sozinha ali. Pelos sentimentos que tínhamos um pelo outro, ele também faria coisas idiotas.

Por fim, ele se afastou, e mesmo assim foi cedo demais. Eu tinha quase esquecido que estávamos em público, e no meio da chuva. “Desculpa”, ele falou, pondo o dedo no lábio para estancar um pequeno sangramento.

“Não”, respondi, tirando um lençinho de papel do bolso do casaco para cuidar da boca dele. “Eu é que peço desculpas.” Ele me segurou pelo pulso e afastou minha mão. Em seguida me beijou de novo, dessa vez com carinho.

“Você é muito sexy”, ele disse enquanto tirava o celular do bolso do casaco. Ele apertou alguns números e então disse: “Oi, aqui é o Ben Ross. Por favor deixe seu recado que eu ligo de volta. Se você

quer saber o que vou fazer hoje à noite, saiba que estou ocupado. Nem adianta ligar, porque a resposta é que estou ocupado. De hoje em diante, vou estar sempre ocupado". Ele desligou o celular e olhou para mim.

"Não precisava ter feito isso", falei. Ben abriu um sorriso.

"Não", ele disse, pegando o tíquete do estacionamento. "Eu quero que ela pare de ligar de uma vez por todas. Não vai rolar nada. Estou muito a fim de outra pessoa."

Eu dei risada, e ele entregou o tíquete para o manobrista.

"É de você que estou a fim, aliás", ele disse, bem sério, e puxou o casaco para cima da minha cabeça para me proteger da chuva.

"Eu suspeitei", respondi.

"Você ainda está com fome?", ele quis saber. "Porque eu estou, e com certeza não tem como a gente entrar aí de novo."

Junho

“Oi, aqui é o Ben Ross. Por favor deixe seu recado que eu ligo de volta. Se você quer saber o que vou fazer hoje à noite, saiba que estou ocupado. Nem adianta ligar, porque a resposta é que estou ocupado. De hoje em diante, vou estar sempre ocupado.”

“Oi, aqui é o Ben Ross. Por favor deixe seu recado que eu ligo de volta. Se você quer saber o que vou fazer hoje à noite, saiba que estou ocupado. Nem adianta ligar, porque a resposta é que estou ocupado. De hoje em diante, vou estar sempre ocupado.”

“Oi, aqui é o Ben Ross. Por favor deixe seu recado que eu ligo de volta. Se você quer saber o que vou fazer hoje à noite, saiba que estou ocupado. Nem adianta ligar, porque a resposta é que estou ocupado. De hoje em diante, vou estar sempre ocupado.”

Ouço a mensagem diversas vezes, até decorar todas as entonações e pausas, até conseguir escutar tudo na minha mente sem precisar ouvir. E então ligo mais uma vez.

Dessa vez, não sou saudada pela mensagem dele. Susan atende ao celular.

“Elsie! Minha nossa! Pare com isso, está bem? Me deixe em paz. Eu não aguento mais. Ele vai ser enterrado! Como você queria. Agora pare com isso.”

“Ah...”, eu digo, perplexa demais para saber como reagir.

“Tchau, Elsie!”

Ela desliga.

Fico atordoada, com os olhos voltados para um ponto específico do teto, mas sem me concentrar em nada. *Ela poderia ter deixado o celular no silencioso, eu penso. Poderia ter desligado o aparelho. Mas não fez isso. Preferiu gritar comigo.*

Ligo para o número de Ben outra vez, e ela atende. “Mas que inferno!”, Susan diz.

“Se quiser continuar fingindo que sabia tudo sobre o seu filho, vá em frente. Pode viver nessa mentira se quiser. Só não tenta me arrastar junto. Eu sou a esposa dele. Ben passou seis meses com medo de contar sobre mim para você. Passou seis meses indo à sua casa com a intenção de contar que estava apaixonado, e passou seis meses não conseguindo, porque achava que você estava abalada demais para pensar no que quer que fosse. Então, sim, ele escondeu tudo de você. E eu deixei, porque era apaixonada por ele. Se quiser ficar com raiva dele, *vá em frente*. Se quiser viver em negação, *vá em frente também*. Não estou mais nem aí para você, Susan. Mas eu perdi meu marido, e estou ligando para esse número uma porrada de vezes porque estou com saudade de ouvir a voz dele. Então pode desligar o aparelho se quiser, mas essa é sua única opção.”

Susan fica em silêncio por um minuto, e minha vontade é de desligar, mas também quero ouvir o que ela tem a dizer.

“Acho engraçado você achar que seis meses é muito tempo”, ela diz, e logo em seguida desliga.

Minha fúria me empurra para fora do quarto, e me faz calçar os sapatos. Quando Ana pergunta o que estou fazendo, minha fúria diz que já volto. Sou empurrada porta afora, para o calor de junho, e então minha fúria me abandona.

Fico parada na frente da porta, sem saber como me sentir nem o que fazer. Fico um tempão ali, e então entro de novo. Não tenho como fugir desse problema. Não tenho como esfriar a cabeça no meio de uma situação como essa.

“Preciso escolher uma roupa para amanhã”, digo quando entro em casa de novo.

“Não, não precisa”, responde Ana. “Já escolhi o que você vai usar. Você não tem que se preocupar com isso.”

“E o que eu vou usar?” Fico olhando para ela, grata e confusa.

“Tentei encontrar o equilíbrio perfeito entre sensualidade e decoro, então você vai usar aquele vestido preto comprido e sem mangas com um sapato de salto alto. E comprei isto para você.” Ana pega alguma coisa debaixo do sofá. Nesse momento, me dou conta de que meu sofá tem servido como cama para ela há dias, quando eu não estou deitada lá.

Ela me entrega uma caixa. Eu a coloco sobre os joelhos e abro a tampa. Lá dentro tem um pequeno chapéu preto, com um véu fino e curto da mesma cor. É um presente mórbido, uma coisa que não dá para agradecer e dizer que era exatamente o que você queria. Mas, de alguma forma, é um presente que consegue preencher uma pequena parte do buraco enorme aberto no meu coração.

Eu o pego com gestos lentos e delicados e o tiro da caixa. O papel de embrulho estala. Ponho a caixa no chão e o chapéu na cabeça. Eu me viro para Ana, para que ela me ajude a ajeitá-lo, deixá-lo

certinho e bem ajustado. Em seguida vou até o banheiro e me olho no espelho.

Pela primeira vez desde a morte de Ben, estou com a aparência de uma viúva. Pela primeira vez desde que o perdi, consigo reconhecer a pessoa que vejo no espelho. Aqui estou eu, abalada e incompleta. Vivendo meu luto. É um alívio me ver desse jeito. Estava tão insegura em relação à minha viuvez que me ver assim é reconfortante. Sinto vontade de correr até Susan e dizer: "Olha só para mim. Não pareço uma mulher que acabou de perder o marido?". Se eu tiver a aparência certa, ninguém vai duvidar disso.

Ana está logo atrás de mim no banheiro. Seus ombros estão encurvados; seus dedos estão entrelaçados. Está claramente preocupada em ter cometido um grande erro por me dar um presente que ninguém deseja receber. Me viro para ela e tiro o chapéu. Ela me ajuda a guardá-lo.

"Obrigada", digo, pondo a mão em seu ombro. Por alguma razão, não sinto a necessidade de deitar minha cabeça no ombro dela nesse momento. "É lindo."

Ana encolhe os ombros, inclinando a cabeça um pouco para o lado. "Tem certeza? Não é meio demais? Muito... tétrico?"

Na verdade, não sei o que significa *tétrico*, então só faço que não com a cabeça. Seja qual for a má qualidade que Ana atribui ao presente, ela está enganada. Considerando as circunstâncias, eu adorei.

"Você é uma amiga como eu nunca..." As palavras ficam entaladas na garganta, e não consigo encará-la. "Não existe ninguém no mundo que mereça uma amiga tão maravilhosa", digo. "A não ser você mesma."

Ana sorri e aproveita meu humor temporariamente não fúnebre para dar um tapinha na minha perna. "Fazer o que, né, menina? Eu te amo. Sempre te amei."

"Será que não é melhor experimentar tudo?", pergunto, de repente sentindo vontade de voltar a fazer uma brincadeira da época da faculdade, quando Ana e eu íamos para o banheiro para pensar em roupas absurdas para a outra vestir. Desta vez é diferente; muito, muito mais triste, só que... foi por esse caminho que a vida seguiu, e Ana segue firme do meu lado.

"É, sim. Eu espero aqui."

Vou correndo para o quarto e vejo que ela já deixou as roupas e os sapatos separados. Coloco tudo rapidinho, e adiciono uma meia-calça preta para completar o look e amenizar o aspecto inegavelmente sexy do véu e das pernas de fora.

"É apropriado ser uma viúva sexy?", pergunto quando calço o segundo sapato.

Ana dá risada. "Na verdade, eu nunca vi nenhuma pessoalmente", ela responde.

Saio para o corredor. Nesse movimento, tropeço no salto, e meu tornozelo cede. Caio de bunda no chão. Por um momento, Ana fica me olhando sem saber o que fazer. Não sabe se eu vou rir ou chorar. Acho que está morrendo de medo de eu chorar, pois motivo para isso não falta, mas não quero fazer isso agora. Enquanto olho para ela, sinto a risada ganhar impulso na minha barriga. Sinto a energia se espalhando pelo corpo, e então me entrego. O riso me domina.

"Ai, nossa", digo entre as lágrimas e a respiração ofegante. "Ai."

Ana começa a gargalhar bem alto. "HAHAHAHAHAHAHA!" Ela se joga no chão ao meu lado. "Não sei por que", ela diz, respirando

fundo. “Não sei por que isso foi tão engraçado.”

“Ah, mas foi”, digo, rindo junto. Acho que, se ela não estivesse aqui, eu teria parado de rir antes, mas ouvi-la gargalhar me faz rir mais. Meu riso se torna solto e imprevisível, em alto e bom som. Ela está limpando os olhos e recuperando o fôlego, mas quando olha para mim não consegue se conter. Quando eu finalmente me recomponho, estou me sentindo mais leve.

“Aaah”, eu digo, tentando me acalmar. Isso é tão bom. Uma sensação agradável no abdome e nas costas. Mas então me vejo no espelho e me lembro por que estou aqui. Por que estou caída no chão numa sexta-feira à tarde toda vestida de preto. Ben se foi. E fico com ódio de mim mesma por ter dado risada. Fico com ódio de mim mesma por ter me esquecido, mesmo que só por alguns segundos, do homem que perdi.

Ana percebe que o clima mudou; a breve interrupção do sofrimento terminou e, mais uma vez, é preciso voltar a encará-lo. Ela se levanta primeiro, limpa a poeira da bunda e estende a mão para mim. Eu fico de pé com movimentos desajeitados, deixando a calcinha aparecer, mesmo tentando me levantar como uma dama. Não, como uma dama não basta. Como uma viúva. Uma viúva precisa ser ainda mais recatada. Viúvas não mostram a calcinha para ninguém.

Pior que isso, impossível.

Fazia calor quando Ana e eu saímos de Los Angeles de manhã. E está ainda mais quente em Orange County. Está mais pegajoso, mais suarento, mais desagradável em todos os sentidos. No sul da Califórnia, a temperatura é sempre mais alta que no restante do país, mas a umidade do ar costuma ser menor. Nesta manhã de junho, porém, o clima está infernal, e estou toda de preto.

Não chegamos exatamente atrasadas, mas também não estamos adiantadas. De qualquer forma, não apareço na hora que se espera que a esposa do falecido esteja lá. Susan fica me encarando durante todo o trajeto até o túmulo. Deve ter chegado uns quarenta e cinco minutos antes. Minha vontade é dizer para ela que não cheguei mais cedo porque quase não fui, porque me recusei a entrar no carro. Porque me joguei no gramado da frente de casa e disse para Ana que, na minha cabeça, se eu fosse ao funeral, isso significaria que Ben não iria voltar nunca mais. Com o rímel escorrendo pelo rosto, falei que queria ficar lá esperando por ele. “Não posso desistir dele”, eu disse, como se comparecer ao enterro fosse uma traição, e não uma homenagem.

Só conseguimos chegar a tempo porque Ana me pegou do chão, olhou no fundo dos meus olhos e disse: "Ele não vai mais voltar, você indo ao funeral ou não. Então entra logo nesse carro, porque essa é a última coisa que você vai poder fazer com ele na vida".

Ana agora está ao meu lado, vestindo um terninho preto. Me arriscaria a dizer que ela escolheu essa roupa para não chamar mais atenção do que eu, como se fosse o dia do meu casamento. Susan está usando um suéter e uma saia pretos. Está cercada de jovens de terno e algumas mulheres mais velhas de vestido preto ou azul-marinho. Estamos de pé sobre a grama. Os meus saltos estão afundando na terra, como se eu estivesse pisando em areia movediça, me obrigando a mover os pés e desencravar os sapatos do chão como se fossem pequenas pás. Estou aerando o terreno ao redor do túmulo.

Posso ouvir o pastor falar; na verdade, percebo que ele está falando, mas não sou capaz de distinguir as palavras. Imagino que seja o mesmo que conduziu o funeral do pai de Ben, alguns anos atrás. Não sei a que congregação ele pertence. Não sei se Susan é religiosa de verdade. Só sei que ele está falando sobre um pós-vida de cuja existência não tenho certeza, e sobre um Deus em quem não acredito. Estou de cabeça baixa, lançando olhares furtivos ao redor, para pessoas que não conheço. Nunca me imaginei comparecendo ao funeral do meu marido, fosse especificamente o de Ben ou do marido genérico que existia apenas na minha imaginação antes de eu conhecer o homem com quem me casei. Mas, caso eu tivesse pensado nisso, eu com certeza imaginaria que as pessoas presentes no enterro não seriam desconhecidas.

Olho ao redor e vejo gente que só posso deduzir que sejam tias e tios, primos ou vizinhos. Paro de tentar adivinhar porque isso faz com que eu sinta que não conhecia Ben. Mas eu o conhecia, sim, só não tinha sido apresentada a essa parte da vida dele ainda.

O meu lado do funeral parece um bando de universitários em uma aula de dança de salão. São os amigos de Ben, inclusive seu antigo colega de apartamento. Homens que só têm um terno apresentável, comem pizza toda noite e ficam jogando videogame até a hora de dormir. Era assim que Ben vivia quando morava aqui, eram essas as pessoas que o cercavam. É bom que estejam aqui neste momento, por mais desconhecidos e indistintos que sejam para mim. Ana é uma das únicas mulheres da nossa faixa etária entre os presentes. Ben não tinha muitas amigas mulheres, e ex-namoradas não teriam por que estar aqui. Alguns amigos meus se ofereceram para vir, os que o conheceram nas poucas vezes em que saímos todos juntos. Pedi para Ana agradecer, mas recusar. Eu não sabia como reagiria à presença deles aqui. Não sabia como ser a anfitriã em um lugar onde eu me sentia uma mera convidada.

Quando a voz do pastor silencia, sinto que está chegando a minha vez de falar. Fico aliviada quando ele aponta primeiro para Susan.

Susan vai até a cabeceira do túmulo e abre uma pasta de papel pardo. Ela trouxe uma pasta? Eu nem ensaiei nada. Pensar no que dizer era tão horrível, tão aflitivo, que simplesmente me recusei a fazer isso. Não consegui. Decidi que ia improvisar. Porque nada podia ser pior do que ficar deitada na cama pensando no que dizer ao lado do cadáver do seu marido, certo? Pelo menos era isso que eu pensava até ver a pasta impecável trazida por Susan. Ela não havia chorado e manchado o papel, não tinha amassado nada. Não

tinha dobrado as pontas com dedos inquietos por medo ou nervosismo. Estava lisinha como se fosse nova. E os papéis lá dentro não deviam nem ser anotações de próprio punho. Deviam ser folhas digitadas e impressas.

“Quero começar agradecendo a todos os presentes. Sei que ninguém deseja passar uma manhã de sábado desse jeito.” Ela dá uma risadinha para si mesma, e os presentes soltam um ruído semelhante para que o discurso possa seguir em frente. “Alguns de vocês estavam aqui anos atrás, quando Ben e eu enterramos Steven, e eu disse nesse dia que Steven ia preferir que nós desfrutássemos daquele dia. Ia preferir que nós sorríssemos. Disso eu tinha certeza, porque Steven e eu conversamos a respeito antes de seu falecimento. Passei noites ao lado de sua cama no hospital sabendo que ele não melhoraria, sabendo que o fim estava próximo, e o que ele me disse foi a mensagem que transmiti para vocês: ‘Torne a coisa divertida, Susie. Minha vida foi divertida, isso também precisa ser’. No caso de Ben, eu não pude passar seus últimos momentos ao lado dele.” O rosto de Susan começa a se contrair, e ela abaixa a cabeça. Logo em seguida, se recompõe. “Mas em muitos sentidos ele puxou ao pai, isso eu posso afirmar, e Ben iria querer a mesma coisa. Ele se divertiu durante a vida, e devemos fazer o melhor possível para conseguirmos encontrar alguma diversão em sua morte. É uma coisa sem sentido e dolorosa, mas também pode ser alegre, e prometo tentar fazer do dia de hoje uma celebração de quem ele era. Agradeço a Deus por todos os dias que passei com ele, com os dois. Podemos lamentar a partida de Ben, mas eu estou tentando, por escolha própria, eu estou...” Ela solta uma risada amargurada. “Estou fazendo o meu melhor para pensar

no tempo que passei com Ben como um presente de Deus. Foi um período mais curto do que eu gostaria, mas mesmo assim foi um milagre.” Ela faz um breve contato visual comigo, porém longo o bastante para que o recado seja passado, e então volta os olhos para o papel. “Não importa quantos dias passamos com ele, isso foi uma bênção. Então, nesse espírito de celebração, quero contar para vocês sobre um dos meus momentos favoritos com Ben.

“Ele tinha dezoito anos, e estava prestes a começar a faculdade. Como muitos de vocês sabem, ele estudou aqui perto, a uma ou duas horas de viagem, mas nunca tinha se afastado tanto de casa, e eu estava apavorada. Meu único filho estava saindo de casa! Passei todo aquele verão chorando, tentando esconder isso dele, para que não se sentisse culpado. Então chegou o dia de levá-lo para a universidade. Na verdade, esperem.” Ela se interrompe, e para de ler o discurso escrito no papel. “A outra parte que vocês precisam saber é que nós temos um banheiro para hóspedes lá em casa que nunca usamos. Ninguém usa. Virou uma piada na família o fato de que ninguém põe os pés naquele banheiro há anos. Temos um banheiro no andar de baixo que as visitas usam, e um banheiro extra no andar de cima que eu fiz questão de que fosse reformado e ficasse lindo para os hóspedes usarem, mas ninguém nunca usou. Eu nunca nem precisei lavar. Mas enfim...”, ela continua.

“Quando Steven e eu estávamos fazendo a mudança do Ben, levamos as últimas coisas e caí no choro, bem na frente do novo colega de quarto dele e dos pais do garoto. Ben deve ter ficado morrendo de vergonha, mas não deu nenhum sinal disso. Me acompanhou até o carro, deu um abraço em nós dois e disse: ‘Mãe, não se preocupe. No mês que vem eu vou passar um fim de semana

com vocês, certo?'. Eu concordei. E sabia que precisava ir embora naquele minuto, caso contrário não iria me aguentar. Então entrei no carro e Steven e eu estávamos quase saindo quando Ben me deu um último beijo e falou: 'Quando chegar em casa, dá uma olhada no banheiro de hóspedes'. Perguntei por que, mas ele só sorriu e repetiu o que acabara de dizer. Resolvi não insistir, e quando cheguei em casa fui correndo até lá." Ela dá risada. "Estava toda ansiosa e, quando acendi a luz, vi que ele tinha escrito 'Eu te amo' no espelho com sabonete. E logo abaixo tinha um recado: 'E não precisa apagar, porque ninguém nunca vai ver'. E não apaguei, está lá até hoje. Acho que ninguém nunca viu mesmo."

Olho para baixo bem a tempo de ver as lágrimas caírem do meu rosto sobre os meus sapatos.

Janeiro

Faltava um dia para nosso acordo de cinco semanas terminar. Durante quatro semanas e seis dias, Ben e eu passamos o tempo todo juntos, mas sem dizer nada do tipo *namorado*, *namorada* ou, mais especificamente, *Eu te amo*. Eu estava bem ansiosa para o dia seguinte. Tínhamos ficado o dia todo na cama, lendo revistas (eu) e jornais (ele), enquanto Ben ficava tentando me convencer de que era uma boa ideia ter um cachorro. Tudo começou depois que ele viu fotos de cães para adoção nos classificados.

“Olha só este aqui. É cego de um olho!”, Ben disse, enfiando o jornal na minha cara. As pontas dos dedos dele estavam sujas de tinta. Eu só conseguia pensar no fato de que ele estava manchando meus lençóis brancos.

“Eu estou vendo!”, respondi, baixando minha revista e me virando para Ben. “Ele é uma graça, muito lindinho mesmo. Quantos anos tem?”

“Dois! Ele só tem dois aninhos e precisa de um lar, Elsie! Nós podemos dar isso para ele!”

Peguei o jornal da mão dele. “Nós não podemos pensar em nada disso. Nós não podemos conversar sobre nada que dependa do

status do nosso relacionamento. E um cachorro certamente dependeria.”

Ben pegou o jornal de volta. “Sim, mas o acordo termina amanhã, e o cachorro pode acabar sendo adotado por outra pessoa hoje!”

“Bom, se ele for adotado hoje, então está resolvido, não? Ele não precisaria da nossa ajuda”, respondi, sorrindo para provocá-lo.

“Elsie.” Ben sacudiu a cabeça. Ele começou a falar em um tom deliberadamente infantil. “Quando eu disse que estava com medo de que esse cachorro não encontrasse um lar, não fui totalmente sincero em relação aos meus sentimentos.”

“Ah, jura?”, perguntei, fingindo estar em choque.

“Não, Elsie. Não fui. E acho que você percebeu.”

Fiz que não com a cabeça. “Não percebi nadinha.”

“Eu quero esse cachorro, poxa! Não quero que ninguém fique com ele! Temos que ir buscá-lo hoje mesmo!”

Até então estávamos falando em tom de brincadeira, mas comecei a sentir que, se eu falasse que podíamos adotar o cachorro, ele se trocaria correndo e estaria no carro em questão de minutos.

“A gente não tem como adotar um cachorro!”, falei, aos risos. “Onde ele iria morar?”

“Aqui. Ele moraria aqui, e eu tomaria conta dele.”

“Aqui? Na minha casa?”

“Bom, na minha casa é que ele não pode morar! Aquele lugar é um chiqueiro!”

“Então na verdade a ideia é que *eu* adote um cachorro para *você* poder brincar com ele.”

“Não, eu cuido dele também, e seria o *nosso* cachorro.”

“Você está burlando as regras. Isso é... isso é elevar o status do relacionamento. É um passo enorme... gigante... tipo...”

Ben começou a rir quando se deu conta de que estava me deixando nervosa. A conversa tinha começado a tomar outro rumo, e eu estava ansiosa para discutir a respeito. Tanto que fiquei envergonhada e tentei disfarçar.

“Tudo bem”, ele disse, me abraçando com um dos braços e colocando o outro debaixo do travesseiro. “Não vou tocar mais nesse assunto hoje. Mas se o Buster ainda estiver disponível para adoção amanhã nós podemos conversar a respeito?”

“Buster? É assim que você quer chamá-lo?”

“Não fui eu que escolhi! O anúncio diz que o nome dele é Buster. Se dependesse de mim, seria Sonic. Porque esse, sim, é um nome incrível.”

“Eu não vou adotar um cachorro para ser chamado de Sonic.”

“Certo, que tal Bandit?”

“Bandit?”

“Evel Knievel?”

“Você ia acabar chamando o bichinho só de Evel. Seria péssimo.”

Ben começou a rir. “Não venha me dizer que você gosta de nomes tipo Fluffy ou Cookie.”

“Se eu tivesse um cachorro, iria querer um nome que combinasse com ele, sabe? Levaria em conta a personalidade do animal.”

“Alguém já te disse que você é a mulher mais chata do mundo?”, Ben perguntou com um sorriso.

“Agora já”, respondi. “Que horas são? Está quase na hora de irmos encontrar a Ana, eu acho.”

“São cinco e quarenta e sete”, ele disse.

“Ah!” Eu me levantei da cama em um pulo e vesti uma calça jeans. “Nós já estamos atrasados!”

“Para encontrar com ela às seis?”, Ben perguntou, sem nem se mover. “Ela sempre se atrasa.”

“Sim! Sim! Mas *nós* ainda temos que chegar na hora!” Comecei a tatear o chão ao redor da mesinha de cabeceira, procurando meu sutiã. Não gosto do formato que os meus seios assumem em certas posições, então comecei a andar pelo quarto com um braço sobre eles.

Ben se levantou da cama. “Tá bom. Podemos só ligar e perguntar se ela vai chegar na hora?”

Parei de procurar por um instante e me virei para ele. “Quê? Não. A gente precisa sair já!”

Ben deu risada. “Certo, eu consigo fazer a gente chegar lá às seis e cinco”, ele disse, vestindo a calça e a camisa. De uma hora para outra, estava pronto para sair, enquanto eu não estava nem perto disso.

“Tudo bem! Tudo bem!” Corri para o banheiro para ver se tinha deixado meu sutiã por lá. Ben me seguiu para me ajudar. Ele o encontrou antes, e o jogou para mim. “Não precisa cobrir seus peitos por minha causa. Sei que você acha que eles ficam feios quando você se agacha, mas isso é besteira. Da próxima vez deixa eles livres, baby.”

Fiquei olhando para ele, perplexa. “Você é esquisito pra caralho”, disse.

Ele me ergueu do chão como se eu pesasse dois quilos. Meu corpo estava prensado contra o dele, minhas pernas unidas, meus braços

em seus ombros. Ele me olhou e deu um beijo na minha clavícula. "Então sou esquisito só porque te amo?"

Ben deve ter ficado tão em choque com o que disse quanto eu. "Quer dizer, porque amo certas partes do seu corpo." Ele me pôs no chão. "Foi isso o que eu quis dizer, que eu amo certas partes do seu corpo." Percebi que ele estava meio vermelho enquanto eu procurava minha blusa e me vestia. Sorri para ele como se fosse um garotinho que tinha escondido a chave do meu carro para chamar minha atenção.

"Você não devia ter dito isso", provoquei enquanto passava rímel nos cílios e pegava meus sapatos.

"Então ignora, por favor!" Ele já estava na porta, esperando por mim.

"Acho que não consigo ignorar!", disse enquanto saía.

Entramos no carro, e ele ligou o motor. "Me desculpa. Simplesmente escapou."

"Você quebrou as regras!", repeti.

"Eu sei! Eu sei. E estou envergonhado. É que..." Ele se interrompeu quando saímos para a rua. Fingiu que estava se concentrando em dirigir, mas percebi que na verdade estava pensando no que dizer.

"O quê?"

Ben suspirou, e de repente ficou bem sério. "Eu inventei o lance das cinco semanas porque fiquei com medo de dizer que te amo cedo demais, e se você não respondesse que me ama também eu ia passar vergonha, e agora estou aqui, depois de esperar tanto tempo para dizer e... e mesmo assim falei cedo demais, e você não

respondeu, e estou passando vergonha.” Ele disse a última parte como se fosse uma brincadeira, mas não era.

“Ei”, eu disse, segurando seu braço. Ele parou em um sinal vermelho, e virei sua cabeça para que me olhasse. “Eu também te amo. E provavelmente já amava antes de você me amar. Esperei o mês inteiro para poder dizer isso.”

Os olhos dele pareciam marejados, mas não dava para saber se estavam cheios de lágrimas ou se era por algum outro motivo. De qualquer forma, ele me beijou e ficou me olhando até os carros atrás de nós começarem a buzinar. Ben imediatamente voltou a se concentrar no trânsito.

“Eu tinha tudo planejado!” Ele deu risada. “Ia acordar cedo amanhã e escrever ‘Eu te amo’ no banheiro com o sabonete.”

Eu dei risada. “Bom, você ainda pode fazer isso”, falei, acariciando sua mão. “Vou adorar do mesmo jeito.”

Ben deu risada. “Tá bom, então talvez eu faça.” E fez mesmo. E eu deixei lá por dias.

Junho

É impossível não me comover com o discurso de Susan. Ela me faz amar meu marido ainda mais do que quando ele era vivo.

Susan volta para seu lugar ao lado do túmulo, e o pastor me chama. Sinto que estou suando de nervosismo, além do calor.

Desenterro meus saltos do chão e subo na plataforma ao lado da sepultura de Ben. Por um instante, fico só olhando para o caixão, sabendo que o corpo que está lá dentro, poucos dias antes, pôs uma aliança no meu dedo. Sabendo que, ainda mais recentemente, esse corpo saiu de bicicleta para me comprar uma caixa de cereais. Esse corpo me amava. Dizem que falar em público e a morte são os dois eventos que as pessoas mais temem na vida. Então eu me perdo por estar quase desmaiando de medo.

“Eu”, começo. “Eu...”, me interrompo. Por onde posso começar? Meus olhos se voltam para o caixão, mas desvio rapidamente o olhar. Vou desmoronar se continuar pensando no que estou fazendo. “Obrigada pela presença de vocês. Para quem não me conhece, gostaria de me apresentar. Meu nome é Elsie, e eu era a esposa do Ben.”

Preciso respirar. Só preciso continuar respirando.

“Sei que vocês devem ter ouvido falar que Ben e eu nos casamos às escondidas pouco antes do falecimento dele, e eu... eu sei que isso me coloca em uma situação difícil. Eu não conheci vocês e vocês não me conheceram, mas compartilhamos a mesma perda. Eu namorava Ben fazia pouco tempo antes de nos casarmos. Não tínhamos um relacionamento longo. Eu admito isso. Mas o curto período em que fui a esposa dele foi definidor para a minha vida”, digo.

“Ele era um grande homem, com um coração enorme, e amava todos vocês. Ouvi muitas histórias sobre todos. Sobre a tia Marilyn, que pegou Ben fazendo xixi no seu quintal. Ou Mike, com quem ele brincava de polícia e ladrão quando criança, mas ninguém queria ser polícia, então os dois eram ladrões. Essas histórias também fizeram com que eu me apaixonasse por ele tão depressa, e fazem com que eu me sinta mais próxima de vocês.”

Eu queria olhar essas pessoas nos olhos e saber dizer o nome de cada uma delas, mas não sei qual das mulheres mais velhas é Marilyn, e qual dos jovens é Mike. Meus olhos percorrem aquele grupo de pessoas voltadas para mim e então se movem rapidamente na direção de Susan. Ela está de cabeça baixa, com o queixo enterrado no peito.

“Acho que eu só queria dizer que, no fim da vida, ele tinha alguém que o amava muito, e de uma forma muito sincera. Tinha alguém que acreditava nele. Eu cuidava bem dele, podem acreditar em mim. E, como a última pessoa a vê-lo com vida, posso garantir que ele estava feliz. Ele estava levando uma vida muito feliz. Ele foi feliz.”

Susan fica me olhando enquanto desço e volto para o meu lugar. Dessa vez, faz um breve aceno antes de voltar a baixar a cabeça. O

pastor retoma seu lugar, e minha mente voa longe, para qualquer lugar que não seja aqui.

Quando me posiciono ao lado de Ana, ela me abraça e aperta de leve. O pastor oferece a Susan e a mim pequenas pás para jogar terra sobre Ben. Nós duas nos aproximamos e as apanhamos, mas Susan pega a terra com a mão e espalha suavemente sobre o caixão, então faço mesmo. Estamos juntas, mas separadas, lado a lado, despejando a terra com as mãos. Sinto inveja da terra que vai poder passar tantos anos perto do corpo de Ben. Enquanto despejo o último punhado e Susan começa a voltar para seu lugar, nossas mãos se roçam de leve, e nossos dedos mindinhos se tocam. Por reflexo, paraliso, e nesse momento ela segura minha mão por um brevíssimo instante e a aperta, mas sem olhar para mim. Por um segundo, sinto que estamos juntas nessa, e quando ela retoma seu lugar eu faço o mesmo. Minha vontade é correr até ela. Quero abraçá-la e dizer: "Nós podemos ajudar muito uma à outra". Mas não faço nada.

Volto para o carro e tento me preparar para a segunda parte do dia. Separo tudo em pequenos passos na minha cabeça. Só preciso ficar sentadinha no banco do passageiro enquanto Ana dirige até a casa de Susan. Só preciso pôr um pé para fora do carro quando ela estaciona. Depois o outro pé. Só preciso não chorar enquanto caminho até a porta. Só preciso abrir sorrisinhos consternados para os demais presentes enquanto andamos juntas. É nisso que estou pensando quando paramos diante da casa, atrás de uma longa fila de carros na calçada. Os vizinhos estão sabendo? Estão vendo aquela invasão à sua rua e pensando: *Pobre Susan Ross. Agora perdeu o filho também?*

Desço do carro e dou uma ajeitada no vestido com as mãos. Tiro o chapéu com o véu e deixo no banco do passageiro do carro de Ana. Ela assente com a cabeça.

“Seria dramático demais usar isso lá dentro”, ela diz.

Se eu abrir a boca, vou chorar e despejar tudo o que estou sentindo sobre a calçada. Simplesmente aceno com a cabeça e comprimo os lábios, desejando que o nó na minha garganta ceda, e que eu seja capaz de fazer isso. Digo a mim mesma que posso

chorar a noite toda. Posso passar o resto da vida chorando, se conseguir passar por isso.

Quando me vejo diante da casa de Susan, fico em choque com o tamanho do lugar. É grande demais para uma pessoa só; isso é possível ver de longe. Meu palpite é que ela sabe e sente isso todos os dias. É uma construção em estilo espanhol pintada com um branco bem vivo. À noite, deve servir como ponto de orientação para o quarteirão inteiro. O telhado é de um marrom bem escuro, de terracota. As janelas são imensas. No jardim, predominam as flores em tons vivos, que parecem ser espécies tropicais. Além de ser um imóvel caríssimo, também exige muita manutenção.

“Minha nossa, ela é o quê? A autora do Harry Potter?”, Ana pergunta enquanto damos uma boa olhada na casa.

“Ben não cresceu cheio de dinheiro. Isso tudo deve ser mais recente”, digo antes de subirmos os degraus de tijolos que levam à porta da frente, que está aberta. Assim que entro, me sinto no meio de um turbilhão.

A casa está cheia de gente. Empregados do serviço de buffet com calça preta e camisa branca oferecem coisas como mousse de salmão e ceviche de camarão ou tortilhas com gorgonzola. Uma mulher passa por mim com uma bolinha frita de macarrão com queijo e penso que, se eu fosse comer alguma coisa, seria aquilo. Não essas porcarias de frutos do mar. Quem é que serve comida assim em um funeral? Acho que todo mundo, talvez. Mas eu odeio frutos do mar, e este funeral também.

Ana me pega pela mão e me puxa para me ajudar a atravessar a multidão. Não sei o que esperava do evento, então não sei se estou decepcionada ou não.

Por fim, encontramos Susan. Ela está na cozinha, um cômodo lindo e absurdamente bem abastecido, conversando com o pessoal do buffet sobre os vários pratos a ser servidos e onde colocar cada coisa. Está sendo bem gentil e compreensiva. Dizendo coisas como: "Não se preocupe com isso, é só um pouco de molho no carpete. Com certeza sai fácil"; e "Sinta-se em casa. O banheiro do andar de baixo ficar logo ali à direita".

O banheiro de hóspedes. Quero ver o banheiro de hóspedes. Como ir até o andar de cima sem que ela perceba? Sem que pareça uma tremenda falta de educação, uma falta de consideração e respeito? Só quero ver a letra dele. Só quero ver mais provas de que ele existiu.

Ana aperta minha mão e me pergunta se quero beber alguma coisa. Eu recuso, então ela vai até o balcão sem mim. De repente, me vejo no meio de um evento dedicado ao meu marido, mas não faço parte da cerimônia. Não conheço ninguém aqui. As pessoas se limitam a passar por mim, a conversar entre si ao meu lado e a me olhar. Sou um enigma para elas. Não faço parte da vida do Ben que elas conheceram. Às vezes, algumas pessoas que estão me encarando abrem um sorrisinho quando nossos olhares se cruzam. Outras me ignoram por completo. Ou talvez sejam mais discretas na hora de olhar. Susan sai da cozinha.

"Não é melhor você ir falar com ela?", Ana pergunta, e sei que a resposta é sim. Sei que esta é a casa dela, o evento dela, e como convidada preciso dizer alguma coisa.

"O que posso falar em uma situação como esta?" Eu uso esses termos, "uma situação como esta", porque é uma coisa tão singular que não quero ter que falar toda hora: "Meu marido morreu e eu

estou num lugar cheio de estranhos me sentindo como se não o conhecesse de verdade”.

“Talvez só um ‘Oi, tudo bem?’”, Ana sugere. Parece absurdo que a pergunta mais apropriada a fazer para a mãe do meu marido morto seja a mesma que eu faço para caixas de bancos, garçons e qualquer outro desconhecido com que preciso falar. Mas ela tem razão. É o que preciso fazer. Respiro fundo e prendo o ar, depois solto devagar e caminho na direção dela.

Susan está falando com algumas mulheres da sua idade. Estão usando terninhos pretos ou azul-marinho e colares e brincos de pérolas. Fico ao seu lado e espero pacientemente a conversa acabar. Está na cara que estou ali para interrompê-las. Elas dão algumas aberturas, mas nenhuma é longa o bastante para uma intervenção minha. Sei que ela já me viu. Estou bem diante de seus olhos. Ela só está me fazendo esperar porque tem esse poder. Ou talvez não. Talvez esteja simplesmente sendo educada, e a situação não tenha nada a ver comigo. Sinceramente, já não consigo mais identificar o que tem a ver comigo e o que não tem, então...

“Oi, Elsie”, ela diz quando finalmente se volta para mim, dando as costas para as amigas. “Tudo bem?”, ela pergunta.

“Ia te perguntar a mesma coisa”, digo.

Ela assente. “Estou tendo um dia de merda, o pior da minha vida”, ela diz. Assim que a palavra *merda* sai de sua boca, Susan se torna uma pessoa de verdade para mim, com falhas, vulnerabilidades e defeitos. Vejo Ben refletido nela, e começo a chorar. Seguro as lágrimas o melhor que posso. Não é hora de perder o controle. Preciso aguentar firme.

“Sim, é um dia difícil”, digo, e minha voz começa a me trair. “Seu discurso foi...”, começo, e ela estende a mão para me interromper.

“O seu também. Agora levanta a cabeça. Eu sei como sobreviver a essas coisas, e é mantendo a cabeça erguida.”

Isso é tudo o que Susan me diz, e não tenho certeza se é ou não uma metáfora. Ela se afasta para receber alguns recém-chegados que querem provar que são ótimas pessoas por terem ido até lá “dar uma força”. Volto para onde Ana está, perto da cozinha. Os garçons saem com bandejas cheias e voltam com outras vazias e, nesse vai e vem, Ana sempre dá um jeito de pegar umas tâmaras enroladas com bacon. “Pronto”, falei.

Ela levanta a mão para eu bater. “Quando foi a última vez que você comeu?”, Ana pergunta, devorando mais tâmaras.

Lembro da panqueca e sei que, se disser a verdade, vou ser forçada a engolir um monte de canapés.

“Ah, não faz muito tempo, não”, digo.

“Que mentira”, ela diz, e nesse momento um garçom aparece com camarões. Ela o chama, e eu faço uma careta.

“Não”, eu digo, talvez séria demais. “Camarão não dá.”

“E tâmaras?”, ela pergunta, passando seu guardanapo para mim, onde ainda restam duas. As frutas são graúdas, e a fatia de bacon ao redor parece bem grossa. Estão grudentas por causa do açúcar. Não sei se consigo encarar. Mas, quando penso em todos os frutos do mar que estão servindo aqui, vejo que essa é minha melhor opção. Então eu como.

Elas. Estão. Maravilhosas.

De repente, meu corpo pede mais. Mais açúcar. Mais sal. Mais vida. E penso comigo mesma: *Que coisa doentia, Elsie. Ben está*

morto. Não é hora para ser hedonista.

Peço licença e vou para o andar de cima, para longe da comida e para mais perto do espelho do banheiro de hóspedes. Sei aonde estou indo enquanto subo a escada, mas meus movimentos não são conscientes. Me sinto como se estivesse sendo atraída para lá. Quando chego aos últimos degraus, escuto vozes e barulhos de pessoas mastigando. Tem um monte de gente no quarto de hóspedes. Todo mundo veio ver o espelho do banheiro. Eu não entro lá. Fico parada no patamar da escada. Quero ficar sozinha com aquele espelho. Não posso ver aquela mensagem com uma plateia ao lado. Será que viro as costas e desço? Volto mais tarde?

“O discurso foi bem convincente”, escuto uma voz masculina dizer.

“Sim, eu sei. Não estou dizendo que não foi”, responde outra voz, essa mais aguda, feminina, e mais interessada na conversa.

“Do que estamos falando aqui?”, pergunta uma terceira voz, num tom de conspiração. Só pela maneira de falar, dá para perceber que a pessoa está com um copo de bebida na mão.

“Da viúva do Ben”, diz a mulher.

“Ah, sim. Que babado”, comenta a terceira voz. “Eles só eram casados fazia duas semanas, é isso?”

“Isso”, diz o homem. “Mas acho que a Susan acredita nela.”

“Sim, eu sei que a Susan acredita”, diz a mulher. “Eu também. Ficou bem claro. Eles eram casados. Só estou dizendo que... vocês conheciam o Ben, sabiam como ele era próximo da mãe. Não acham que ele teria contado para ela se a coisa fosse séria mesmo?”

Eu me afasto com passos lentos, para não ser ouvida e nem ouvir o que vem a seguir. Quando desço a escada para procurar Ana, me vejo em um dos espelhos da casa de Susan. Pela primeira vez, o que

enxergo não sou eu. É a mulher que essas pessoas veem, a mulher que Susan vê: a idiota que achava que passaria o resto da vida ao lado de Ben Ross.

Fevereiro

Era quinta-feira à noite, e Ben e eu estávamos cansados. Meu dia na biblioteca tinha sido bem longo, arrumando uma exposição de objetos da era Reagan. Ben havia discutido com o chefe por causa da logomarca de uma empresa pela qual ele era responsável. Nenhum dos dois estava disposto a cozinhar, nem a fazer qualquer outra coisa que não fosse comer e ir logo para a cama.

Fomos jantar no café da esquina de casa. Pedi espaguete ao pesto, e Ben, um sanduíche de frango. Escolhemos uma das mesas bambas na parte da frente, com duas cadeiras bambas, e comemos ao ar livre, contando os minutos até a hora de dormir.

“Minha mãe me ligou hoje”, Ben contou, tirando os pedaços de cebola roxa do sanduíche e colocando sobre o prato de papel logo abaixo.

“Ah, é?”

“E eu... acho que também estou um pouco estressado por causa disso. Ainda não contei pra ela sobre você.”

“Bom, não precisa se preocupar por minha causa. Eu também não contei para os meus pais.”

“Mas é diferente”, ele falou. “Eu e minha mãe somos muito próximos. Falo com ela o tempo todo, mas, por alguma razão, não

quero falar sobre você.”

A essa altura, já estava confiante sobre os sentimentos de Ben a meu respeito, sabia que aquilo não tinha a ver comigo.

“Bom, e o que você acha que está te impedindo?”, perguntei enquanto terminava meu macarrão, que estava agitado e meio sem graça.

Ben pôs o sanduíche no prato e limpou o excesso de farinha das mãos. Por que diabos os pães artesanais são cobertos de farinha?

“Não sei bem. Acho que em parte é por saber que ela vai ficar feliz por mim, mas preocupada com... é...”

“Preocupada?” Comecei a achar que poderia ter a ver comigo, *sim*.

“Não exatamente preocupada. Quando meu pai morreu, eu passava um tempão com a minha mãe.”

“Claro”, respondi.

“Sim, mas eu também estava preocupado com ela. Queria que sempre tivesse alguém por perto. Não queria que ela ficasse sozinha.”

“Entendi.”

“E então, à medida que o tempo foi passando, eu queria que ela seguisse em frente. Conhecesse alguém, começasse uma vida nova. Para poder... abandonar aquele ninho, por assim dizer.”

Dei uma risadinha discreta para mim mesma. Que tipo de filho pensaria em ajudar a mãe a abandonar o ninho?

“Mas não rolou.”

“Entendi. Bom, as pessoas são diferentes”, falei.

“Eu sei, mas já faz três anos e ela ainda está lá, sozinha na mesma casa. Mandou reformar a fachada depois que meu pai

morreu. Acho que para se manter ocupada, sei lá. Usou o dinheiro do seguro de vida. Depois disso, decidiu construir uma extensão. Quando a obra ficou pronta, refez o paisagismo do jardim. Parece que, se ela não estiver ocupada com alguma coisa, pode acabar desmoronando. Mas o interior da casa continua igual. Está quase do jeito que meu pai deixou. Com fotos dele por toda parte. Ela ainda usa a aliança de casamento. Não está seguindo em frente.”

“Aham”, eu disse, mostrando que estava escutando.

“Estou com medo de que ter conhecido você, uma garota incrível que é perfeita para mim...”, ele falou. “Estou com medo de que o baque seja pesado demais. Que ela se sinta abandonada. Ou então... que pense que eu estou indo muito rápido ou algo do tipo. Não tem mais o que mexer na casa. E sinto que ela está prestes a desabar”, ele falou, sério.

“Você acha que precisa ficar estagnado porque ela também está? Ou quer poupá-la da notícia por enquanto, até ela melhorar?”

“Mais ou menos isso. Por algum motivo, acho que, quando eu contar para a minha mãe que estou em um relacionamento incrível, ela não vai estar pronta para isso, de certa maneira.”

“Acho que não entendo por que é tão difícil. Afinal, você já namorou antes.”

“Não alguém como você, Elsie. Isso é... você é diferente.”

Eu não respondi. Só abri um sorriso e o encarei.

“Enfim...” Ele voltou a atenção ao sanduíche. “Quando eu contar para minha mãe sobre você, vai ser uma conversa séria, porque o nosso compromisso é sério, então sei lá... Estou com medo de que ela encare isso como uma rejeição. Como um sinal de que não pode mais contar comigo.”

“Então eu sou um segredo?”, perguntei, começando a sentir certo incômodo e torcendo para estar enganada.

“Por enquanto”, ele disse. “Sei que estou sendo imaturo, com esse medo de enfrentar a minha mãe. Mas, se você não se incomodar, quero pegar leve com ela.”

“Ah, tudo bem”, eu disse, mas logo em seguida acrescentei: “Só não pode ser para sempre, certo? Quer dizer, alguma hora você vai ter que contar”. Não falei essa última parte como se fosse um pedido, mas era exatamente isso.

Ben assentiu enquanto terminava de mastigar. “Com certeza!”, ele garantiu. “Quando chegar a hora certa, ela vai ficar muito feliz.” Ele amassou o prato de papel do sanduíche e tentou arremessar na lata de lixo, mas errou. Rindo, levantou, foi até lá e o descartou como deveria. Quando ele me pegou pela mão para voltarmos para casa, eu já tinha aceitado tudo aquilo.

“Obrigado, Elsie. Por ser compreensiva, e por não me considerar um bundão filhinho da mamãe.”

“Você não está com medo de que sua mãe fique brava”, falei. “Isso te tornaria um bundão filhinho da mamãe. Você só não quer magoar os sentimentos dela. Isso significa que é uma pessoa sensível. E esse é um dos motivos por que eu te amo.”

“E o fato de me entender tão bem e me amar por isso faz de você a garota mais incrível do mundo”, ele disse, me dando um abraço e um beijo na testa. Fomos andando meio tortos no caminho de volta, próximos demais para conseguirmos caminhar normalmente.

Quando chegamos ao meu apartamento, escovamos os dentes e eu lavei o rosto, e dividimos a mesma pia com uma sincronia perfeita. Tiramos nossas calças jeans. Ele arrancou a camisa e me

entregou sem dizer nada, em um gesto casual, como se fosse um impulso natural. Eu a apanhei e vesti, enquanto ele ligava o abajur da mesinha de cabeceira e pegava um livro com um mago na capa. Deitei ao lado dele e apoiei a cabeça em seu ombro.

“Você vai ficar lendo?”, perguntei.

“Só até o meu cérebro desligar”, ele disse, mas em seguida baixou o livro e olhou para mim. “Quer que eu leia para você?”

“Pode ser”, falei, pensando que seria uma boa forma de pegar no sono. Meus olhos se fecharam quando ele chegou ao fim da página, e quando me dei conta já era de manhã.

Junho

Digo para Ana que quero ir embora e, em questão de segundos, estamos a caminho da porta.

“O que aconteceu?”, ela pergunta.

“Não é nada. Só quero ir embora mesmo”, respondo. Ana está com a chave na mão, e já estou girando a maçaneta.

“Já estão indo?”, Susan pergunta. Eu me viro e vejo que ela está a poucos passos de mim.

“Ah”, respondo. “Sim, a gente ainda precisa pegar a estrada até Los Angeles.” O que ela está pensando neste momento? Não faço ideia. Sua expressão não me diz nada. Está feliz por eu ir embora? Essa é a prova de que ela precisava para se convencer de que eu não faço parte de sua família?

“Certo”, ela diz. “Enfim...” Ela aperta a minha mão. “Desejo tudo de bom para você, Elsie.”

“Para você também, Susan”, respondo. Eu me viro, troco um olhar com Ana, e nós saímos. Só quando estou quase na calçada, me dou conta de por que fiquei tão incomodada com o que ela acabou de falar, e com a maneira como fez isso.

Ela acha que nunca mais vai me ver na vida. E não é que eu more, sei lá, no Michigan. Susan poderia ir me ver facilmente se

quisesse. Só prefere não fazer isso.

Quando chegamos ao meu apartamento, corro para o banheiro. Fico encostada na porta, segurando a maçaneta. É o fim. Ben é parte do passado. Acabou. Amanhã as pessoas vão esperar que eu comece a seguir em frente. Não tenho mais Ben na minha vida. Eu o deixei em Orange County.

Tranco a porta, ando sem pressa até o vaso e vomito as tâmaras enroladas com bacon. Seria bom ter comido mais nos últimos dias, para ter mais para pôr para fora. Quero expelir absolutamente tudo do meu corpo, purgar essa dor que me domina e mandar tudo embora com a descarga.

Abro a porta do banheiro e saio. Ana está me esperando do lado de fora.

“O que você quer fazer?”, ela pergunta.

“Eu queria muito dormir. Tudo bem? Você acha que me faria mal? Ir para a cama às...” — vejo as horas no celular; é mais cedo do que eu pensava — “... ir para a cama às sete e três da noite?”

“Acho que você teve um dia difícil e, se precisa dormir, tudo bem. Vou para casa passear com o cachorro, mas depois eu volto”, ela responde.

“Não.” Nego com a cabeça. “Não precisa, pode dormir na sua cama hoje.”

“Tem certeza? Não quero que você fique sozinha se...”

“Tenho certeza, sim.” Não sei como ela conseguiu ficar aqui todos esses dias, com suas coisas enfiadas em uma mochila, só passando em casa de vez em quando.

“Então tá.” Ela me dá um beijo no rosto. “Volto amanhã de manhã”, ela acrescenta. Ana pega suas coisas e sai. Quando ela

fecha a porta, o apartamento vira um lugar morto e silencioso.

É isso. Esta é a minha nova vida. Sozinha. Em silêncio. Não era para ser assim. Ben e eu projetamos uma vida juntos. Tínhamos um plano. E não era esse. Agora não tenho plano nenhum.

Fevereiro

Ben me ligou do carro para avisar que demoraria para chegar. Estava em um congestionamento.

“Estou preso na 405. Está tudo parado, e eu estou entediado”, ele falou. Eu tinha ido almoçar com Ana, e estava chegando em casa.

“Que droga!”, falei, abrindo a porta e colocando minhas coisas na mesinha. “Você ainda demora muito?”

“Com este trânsito, não dá para saber, o que é uma merda, porque quero te ver”, ele disse.

Me sentei no sofá e tirei os sapatos. “Também quero te ver! Senti sua falta hoje de manhã.” Ben tinha dormido comigo e saído bem cedo para visitar a mãe em Orange County. Queria contar sobre nós, e preferia fazer isso pessoalmente.

“E então, como foi?”, eu quis saber.

“Nós saímos para tomar café da manhã juntos. Ela perguntou um monte de coisas sobre a minha vida. Tentei perguntar sobre ela, mas de alguma forma a conversa sempre acabava voltando a ser sobre mim e aí... não surgiu nenhuma abertura para contar. Para explicar tudo para ela. Eu não contei.”

Ele não pediu desculpas, mas isso estava implícito em seu tom de voz. Pela primeira vez, fiquei decepcionada com Ben, e fiquei me

perguntando se ele notaria isso ao me ouvir.

“Certo, então... fazer o quê... agora já foi”, respondi. “O trânsito já está andando? Quando você chega em casa? Hã... aqui. A que horas você acha que chega aqui?” Eu vinha cometendo esse deslize com cada vez mais frequência, me referindo ao meu apartamento como se fosse dele também. Mas, pelo tempo que passava comigo, era como se morasse aqui. Mas pagar o aluguel de um lugar e dormir quase todos os dias em outro é o tipo de coisa que as pessoas fazem quando têm vinte e seis anos e estão apaixonadas. Morar junto oficialmente era outra conversa e, com esse tipo de equívoco, era como se eu estivesse forçando a barra cedo demais.

“Você vive fazendo isso!”, ele me provocou.

“Tudo bem, tudo bem, eu falei sem pensar. Podemos mudar de assunto?”

“O trânsito está começando a andar, acho que chego em meia hora. E depois acho que vou me mudar para aí mesmo, daqui a uns quatro anos. Depois de um ano e meio podemos ficar noivos, e esperar mais um ano e meio para casar. Acho que vou querer um tempo só para nós dois antes de ter filhos, tudo bem? Então talvez o primeiro bebê venha aos trinta. O segundo aos trinta e três ou trinta e quatro. Por mim tudo bem ter três, desde que o dinheiro seja suficiente para levar uma vida confortável. Então, levando em conta o seu relógio biológico, vamos tentar o terceiro antes dos trinta e oito. Já vai ter todo mundo ido embora para a faculdade quando a gente tiver cinquenta e cinco. Seremos só nós dois de novo, e aí a gente se aposenta aos sessenta e cinco e sai para uma viagem ao redor do mundo. Tipo, hoje a vida começa aos sessenta, e não mais aos quarenta, né? Ainda vamos ser saudáveis e cheios de energia.

Podemos voltar da viagem pelo mundo lá pelos setenta, e ainda vamos ter uns dez ou vinte anos para passar com os netos. Você pode fazer jardinagem, e eu vou começar a fazer esculturas ou alguma coisa assim. E aí aos noventa a gente morre. Que tal?"

Eu dei risada. "Você não levou em conta a sua crise de meia-idade aos quarenta e cinco, quando vai sair de casa, me largar sozinha com as crianças e começar a namorar uma professora de jardim de infância com peitões enormes e uma bunda durinha."

"Não", ele falou. "Isso não vai rolar."

"Ah, não?", desafiei.

"Não. Eu encontrei a pessoa certa para mim. Os caras que fazem isso estão em outra situação."

Ele estava sendo pretensioso e arrogante, pensando que sabia tudo, que era capaz de prever o futuro. Mas eu adorei esse futuro, e seu jeito de mostrar que me amava.

"Vem logo pra casa", falei. "Hã, para cá. Vem logo pra cá."

Ben deu risada. "É melhor você parar de fazer isso. De acordo com o plano, eu só vou morar aí daqui a quatro meses."

Junho

Fico deitada na cama até Ana aparecer. Ela diz para eu me trocar porque vamos à livraria.

Quando entramos na loja gigantesca, vou atrás de Ana, que pega os livros na prateleira e os devolve logo em seguida. Ela parece ter um propósito em mente, mas não me preocupo em saber qual é. Saio de perto dela e vou para a seção de livros para jovens, onde estão três garotas adolescentes, dando risadinhas e se provocando enquanto falam sobre garotos e cabelo.

Passo o dedo pelos livros, procurando por títulos que agora tenho na minha prateleira, com as páginas desgastadas depois de passarem pelas mãos de Ben. Procuro por nomes que reconheço da biblioteca, e que já levei para casa para ele ler. Eu nunca acertava o que ele queria. Acho que não peguei o livro certo nem uma vez. Não tive tempo suficiente para descobrir do que ele gostava. Mas teria aprendido. Teria me esforçado até entender quem ele era como leitor, só precisava de mais tempo.

Ana acaba me encontrando. Quando ela se aproxima de mim, estou sentada no chão perto da prateleira de nomes com E-F-G. Fico em pé e vejo que ela está com um livro na mão. "O que você pegou?"

“É para você. E já está pago”, ela diz, me entregando o livro.

O ano do pensamento mágico, de Joan Didion.

“Porra, está falando sério?”, pergunto, alto demais para uma livraria, apesar de saber que não é a mesma coisa que uma biblioteca.

“Sim”, ela responde, perplexa com minha reação. Na verdade, até eu estou. “Só pensei que, bom, tanta gente gosta desse livro... Existem outras pessoas passando pelas mesmas coisas que você.”

“O que você está querendo dizer é que existem milhões de amigas sem noção comprando livros para suas amigas tristes.”

Ela me ignora.

“Muita gente já passou por essa mesma situação, e o que eu queria dizer é que, se todas essas pessoas idiotas deram conta do recado, você, Elsie Porter, também consegue. Você é uma mulher forte e inteligente, Elsie. Queria que você tivesse uma coisa que pudesse ter sempre por perto para te ajudar a acreditar que vai sair dessa.”

“Elsie Ross”, corrijo. “Meu nome é Elsie Ross.”

“Eu sei”, ela responde, na defensiva.

“Você me chamou de Elsie Porter.”

“Foi por engano.”

Fico olhando para ela por um tempo, e então volto ao assunto.

“Eu não tenho como superar isso, Ana. Mas essa é uma coisa que você nunca vai entender, porque nunca amou ninguém da mesma forma que eu amo o Ben.”

“Eu sei”, ela responde.

“Ninguém tem como me ajudar. Muito menos a porcaria de um livro.”

Eu trabalho com livros, com informações. Minha carreira gira em torno da ideia de que palavras impressas em páginas e encadernadas podem ajudar as pessoas. Fazê-las amadurecer, ter contato com as histórias de vida de gente que nunca conheceram. Os livros ensinam às pessoas sobre si mesmas, e aqui estou eu, no fundo do poço, me recusando a buscar ajuda no único lugar em que sempre acreditei que a encontraria.

Saio andando da livraria.

Vou caminhando pelas ruas com o calçamento rachado. Ando pelos bairros. Pelas grandes avenidas. Espero nos cruzamentos. Aperto o botão da travessia de pedestre várias vezes. Evito contato visual com todo mundo ao redor. Fico com calor. Tiro minha blusa de moletom. Fico com frio e a coloco de volta. Atravesso vias congestionadas serpenteando entre os carros, e de alguma forma me vejo em frente à minha casa, olhando para a porta. Não sei por quanto tempo andei. Não sei por quanto tempo chorei.

Vejo que tem uma entrega diante da porta, e à distância chego a pensar que pode ser a certidão de casamento. Corro até lá e fico decepcionada ao constatar que é só o *Los Angeles Times*. Pego o jornal e me dou conta de que estou completamente por fora do que tem acontecido desde que isso aconteceu comigo. A primeira coisa em que reparo é a data. Dia vinte e oito. Não pode ser. Mas só pode ser. Duvido que o *L.A. Times* possa sair com a data errada e só eu perceba. Os dias estão se misturando na minha cabeça, se transformando em uma coisa indistinta. Não sabia que o mês estava tão perto do fim. Era para eu ter menstruado dois dias atrás.

Março

“Você é uma deusa”, ele me disse, deitado de barriga para cima, suado nos lugares certos, com os cabelos desgrenhados e a respiração ainda acelerada.

“Para com isso”, respondi. Eu estava até zozna, sentindo meu corpo leve. Estava transpirando na testa e acima do lábio. Tentei limpar o suor, que não parava de escorrer. Me virei para ele, com meu corpo nu ao lado do dele. Minha sensibilidade estava à flor da pele. Era possível sentir cada parte em que nossos corpos se tocavam, por mais que o contato fosse sutil, quase irrelevante.

Ficamos em silêncio por um momento. Então ele puxou minha mão até sua barriga e a entrelaçou com a dele. Fechei os olhos e cochilei. Fui despertada pelo ronco dele, e percebi que não era hora para cochilos no meio do dia. Tínhamos filmes para ver, e planos para o jantar. Levantei e abri a janela. O vento frio não demorou a tomar conta do quarto abafado.

“Argh, por que você fez isso?”, Ben resmungou. De pé ao seu lado, eu disse que ele já tinha dormido o suficiente. Ele me puxou de volta para a cama e apoiou a cabeça no meu peito enquanto tentava acordar.

“Preciso dizer que gostei muito da ideia de você usar esse lance do NuvaRing. Não sabia que anéis vaginais podiam ser anticoncepcionais”, ele comentou quando despertou. “E não preciso me preocupar com nada. Posso simplesmente pegar no sono depois.”

Eu dei risada. Ben amava dormir, era algo que o fazia muito feliz. “Não te atrapalha nem nada?”, perguntei.

Ele sacudiu a cabeça. “Não, nem um pouco. É como se nem estivesse lá.”

“Pois é”, eu disse. “Mas está.”

“Pois é.”

“Fiquei paranoica agora, com você falando desse jeito.”

“Por quê?”

“Você não sentiu nada? E se tiver caído ou coisa do tipo?”

Ben levantou o corpo. “Como poderia ter caído? Que absurdo.”

Ele tinha razão. Era uma ideia absurda. Mas eu queria verificar mesmo assim.

“Espera aí.”

Fui para o banheiro e fechei a porta. Eu me sentei e me preparei para tirar, mas... não estava lá.

Meu coração disparou, e meu rosto começou a ficar quente. O banheiro inteiro, na verdade. Minhas mãos tremiam. Eu não falei nada. Não conseguia. E, pouco depois, Ben bateu na porta.

“Tudo bem aí?”

“É...”

“Posso entrar?”

Abri a porta e, assim que viu meu rosto, ele percebeu.

Ele assentiu. “Sumiu, né? Não está lá?”

Fiz que não com a cabeça. “Não sei como! Não dá para entender.” Eu me sentia como se tivesse arruinado a nossa vida. Comecei a chorar.

“Me desculpa, Ben! Me desculpa! Não faço ideia de como isso pode ter acontecido! Não é... Eu fiz tudo certinho! Não sei como essa coisa pode ter simplesmente caído! Eu não sei! Não faz sentido!”

Ben me segurou. A essa altura, já estava de cueca. Eu ainda estava sem roupa.

“Vai ficar tudo bem”, ele disse. “Temos várias opções.”

Para mim, quando um homem fala que existem várias opções, está dizendo para a mulher abortar.

“Não, Ben”, eu respondi. “Não posso fazer isso. Não... não sabendo que é seu.”

Ben começou a rir. O que era estranho, porque não tinha graça nenhuma.

“Não foi isso que eu quis dizer. De jeito nenhum. E eu concordo. Não vamos fazer isso.”

“Ah”, falei. “Então do que você está falando?”

“Bom, a gente não sabe quando sumiu, né?”

Fiz que não com a cabeça, envergonhada. Era tudo culpa minha. Como pude ser tão descuidada?

“Então podemos comprar a pílula do dia seguinte dessa vez. Mas não adiantaria nada para os dias anteriores.”

“É mesmo. É mesmo.”

“Então, se no mês que vem sua menstruação atrasar e você estiver grávida, vou segurar sua mão e te levar até o fórum que fica em frente ao meu trabalho. Vamos marcar uma data e vou me casar

com você na frente do juiz de paz. Isso não me assusta. Fraldas, sim. Mas passar o resto da vida com você, não. Nem um pouco. E, pode acreditar, eu não queria ter um bebê agora. A gente não tem como bancar uma criança. E nem tempo para conseguir mais dinheiro. E nem como fazer isso. Mas, porra, pode ter certeza de que, se você estiver grávida, vou dar um jeito em tudo e mais tarde vamos dizer que ter perdido esse NuvaRing foi a melhor coisa que já aconteceu na nossa vida. Então não precisa chorar. Nem se estressar. Aconteça o que acontecer, eu estou aqui do seu lado. E vou continuar aqui do seu lado. Vamos encarar tudo isso juntos e vai dar tudo certo.”

Ninguém nunca tinha falado nada parecido com isso para mim antes. Fiquei sem saber o que dizer.

“Tudo bem pra você? Quero que a gente esteja na mesma sintonia”, ele disse.

Eu assenti.

“Certo. Mas, só para constar, espero que você não esteja grávida, porque...” — ele começou a rir — “... eu não me sinto nem um pouco preparado para ser pai.”

“Eu também não”, falei, me corrigindo logo em seguida: “Para ser mãe, no meu caso”. Ficamos em silêncio por um tempo. “Quando vence seu contrato de aluguel?”, perguntei.

“É renovado mês a mês.” Ele sorriu.

“Acho que você devia se mudar para cá.”

“Pensei que você nunca fosse dizer isso.”

E então, por algum motivo masoquista e idiota, nós transamos de novo logo em seguida.

Junho

Estou sentada no banheiro, sem saber o que fazer. Não há nem sinal da minha menstruação. E, pela primeira vez desde que Ben morreu, fico animada com alguma coisa. Assustada, claro. Apreensiva, com certeza. Ansiosa em todas as acepções da palavra.

E se eu estiver grávida? Talvez minha vida com Ben ainda não tenha acabado. Talvez ele esteja aqui. Vivendo dentro de mim. Talvez nosso relacionamento não tenha se transformado em um espectro. E se minha relação com Ben se materializar de forma tangível no mundo? E se Ben voltar a viver e respirar novamente?

Corro até a farmácia no fim da rua, o mesmo lugar onde Ben foi de bicicleta comprar aquela caixa de cereais para mim. Costumo evitar essa área, essa loja, mas agora não tenho como. Preciso urgentemente saber se isso é real. Sei que ter um bebê não vai resolver nada, mas pode ajudar. Pode tornar isso mais fácil. Isso significaria que Ben nunca vai sair de fato da minha vida. Me apego a esse sentimento com tanta força que nem faço meu desvio habitual. Sigo pelo caminho mais curto.

Passo pelo cruzamento onde o perdi, o cruzamento que provocou uma fratura na minha vida, uma vida que deixou de ser uma trajetória contínua para se tornar uma série de dias, horas e minutos

insuportáveis. Enquanto caminho depressa pela calçada, escuto um estalo sob meus pés e fico com medo de olhar. Se for um Fruity Pebble, posso acabar desabando no meio da rua, torcendo para que um carro me atropеле, e não posso fazer isso. Pode haver um bebê dentro de mim.

Entro na farmácia e passo direto pela seção de alimentos. Sei que foi o último lugar onde Ben fez alguma coisa em vida. Sei que ele entrou naquele corredor e pegou uma caixa de cereais. Não consigo nem olhar para lá. Vou para a prateleira de artigos de planejamento familiar e compro quatro testes de gravidez. Me dirijo com passos apressados até a caixa e fico batendo o pé no chão, impaciente, enquanto a fila se movimenta de forma lenta e inconstante.

Quando finalmente chega minha vez, pago pela compra e tenho certeza de que o caixa acha que sabe o que está acontecendo, uma mulher da minha idade comprando testes de gravidez. Ele pensa que me entende. Mas não faz ideia. Ninguém seria capaz de entender.

Vou correndo para casa e entro direto no banheiro. Estou nervosa e nem um pouco apertada, então demoro um bom tempo para enfim fazer xixi naquela coisa. Faço dois testes, só para ter certeza. E tenho mais dois de reserva, caso seja necessário.

Coloco ambos sobre a bancada e fico olhando para o relógio. Dois minutos. Em dois minutos, vou descobrir como vai ser o resto da minha vida.

Refletindo a respeito, concluo que só posso estar grávida. Qual é a chance de não estar? Só pode ser. Nunca fui muito certinha com os contraceptivos, fiz sexo sem proteção inúmeras vezes, e como pode ser coincidência o fato de minha menstruação, sempre tão regular,

estar atrasada? Não faz sentido. Estou dias atrasada. Isso só pode significar uma coisa.

Significa que não estou sozinha nessa. Significa que Ben está aqui comigo. Significa que minha vida, que parecia vazia e infeliz, agora parece difícil, mas administrável. Eu posso dar conta de ser mãe solteira. Posso criar essa criança sozinha. Posso contar para essa criança tudo sobre seu pai — um homem gentil, generoso, divertido, um homem bom. Se for menina, posso dizer que ela precisa encontrar um homem como seu pai. Se for menino, posso dizer que ele precisa se tornar um homem como seu pai. Se for gay, posso dizer para ele ser como seu pai e encontrar um homem como seu pai, o que seria o melhor dos dois mundos. Se a menina for lésbica, não vai precisar ser como o pai nem encontrar ninguém como ele, mas vai amá-lo mesmo assim. Vai saber que é filha de um homem que a amaria. Vai saber que é filha de duas pessoas que se amavam com todas as forças. Vai saber que não deve se contentar com nada que não seja um amor capaz de transformar sua vida.

Posso contar sobre como nos conhecemos. Ela vai querer saber. Vai me perguntar várias vezes enquanto ainda for pequena. Vai querer fotos dele penduradas pela casa. Vai ter o nariz ou os olhos dele e, quando eu menos esperar, vai dizer alguma coisa que vai me fazer lembrar dele. Vai mexer as mãos como ele fazia. Ele vai seguir vivo nela, e eu não vou ficar sozinha. Não vou ficar sem ele. Ele está aqui. Não me deixou. Ainda não acabou. Minha vida ainda não acabou. Ben e eu não somos uma página virada. Ainda temos isso em comum. Temos essa criança. Vou dedicar minha vida a cuidar dessa criança, manter o corpo e a alma de Ben vivos através dela.

Pego os testes já sabendo qual vai ser o resultado, e caio de joelhos no chão.

Estou errada.

Não tem criança nenhuma.

Não importa quantos testes eu faça, eles continuam dizendo a mesma coisa. Continuam dizendo que Ben se foi para sempre e que eu estou sozinha.

Fico horas no chão do banheiro. Só me movo quando começo a sentir. Estou sangrando.

Sei que é um sinal de que meu corpo está funcionando como deveria, que estou fisicamente bem. Mas fica parecendo uma traição.

Ligo para Ana. Digo que preciso dela e peço desculpas. Digo que ela é tudo o que me restou.

PARTE DOIS

Agosto

As coisas ficam mais fáceis com o tempo? Talvez. Talvez não.

Os dias estão mais suportáveis porque tenho um padrão a seguir. Estou de volta ao trabalho. Tenho projetos para ocupar a mente. Estou quase conseguindo dormir a noite inteira. Nos meus sonhos, Ben e eu estamos juntos. Somos livres. Somos ousados. Somos o que éramos. De manhã, sofro porque meus sonhos não são reais, mas é uma dor já familiar e, apesar de parecer que vai me matar, sei que não vai, porque sobrevivi ao dia anterior. E talvez seja assim que uma parte das minhas forças esteja voltando.

Raramente choro em público hoje em dia. Me tornei uma pessoa sobre quem todos devem dizer: "Ela está reagindo muito bem". Estou mentindo para todos. Não estou reagindo nada bem. Só aprendi a fingir que estou viva. Perdi quase cinco quilos. Aqueles que as revistas dizem que toda mulher gostaria de perder. Imagino que estou com o corpo que sempre quis. Mas isso não me serve de nada.

Saio com Ana, vou a brechós e shoppings, restaurantes e cafés. Até comecei a deixá-la convidar outras pessoas. Gente que não via fazia tempo. Gente que só viu Ben algumas poucas vezes. As pessoas seguram minha mão e dizem que lamentam muito antes de

um brunch. Dizem que gostariam de tê-lo conhecido melhor. E respondo: "Eu também". Mas elas não são capazes de entender o que esse desejo significa para mim.

Mas, quando estou sozinha, sento no chão do closet e fico cheirando as roupas dele. Ainda não durmo no meio da cama. O lado dele do quarto permanece intocado. Se um desconhecido entrasse no meu apartamento, acharia que duas pessoas moram ali.

O PlayStation dele continua no mesmo lugar. Ainda tem coisas na geladeira que ele comprou, e que nunca vou comer, só estão apodrecendo lá. Mas não consigo jogar fora. Se olhar na geladeira e não tiver salsicha, isso só vai reforçar o fato de que estou sozinha, de que ele se foi, de que o mundo que eu conhecia não existe mais. Não estou pronta para isso. Prefiro ver salsichas podres a salsicha nenhuma, então elas ficam.

Ana é bastante compreensiva. É a única pessoa que tem acesso de verdade à minha nova vida. Voltou a dormir em seu apartamento, e diz que posso ir para lá quando quiser se tiver insônia ou algo assim. Eu não vou. Não quero que ela saiba quantas noites passo em claro.

Se não posso ter Ben, posso ser sua viúva, e encontrei o mínimo de paz dentro dessa identidade. Continuo usando minha aliança, só que não fico mais insistindo para ser chamada pelo nome de casada. Sou Elsie Porter. Elsie Ross só existiu por algumas semanas, no máximo. Não durou mais que uma minissérie.

Ainda não recebi a certidão de casamento, e não contei isso para ninguém. Todo dia volto correndo do trabalho, esperando encontrá-la na caixa de correio, e todo dia fico decepcionada ao ver um monte de propostas de cartões de crédito e cupons de desconto. Ninguém

avisou ao sistema bancário que Ben morreu. Se eu não tivesse tantos motivos para ficar infeliz, com certeza isso me irritaria. Imagine uma mulher que esteja tentando superar a morte do marido e dando de cara com o nome dele na correspondência todos os dias. Por sorte, Ben nunca sai dos meus pensamentos, e não me sinto insultada ao me lembrar dele. Faço isso o tempo todo.

Li em algum lugar que preciso tomar cuidado com os "gatilhos", coisas que podem relembrar nossa perda em circunstâncias inesperadas. Por exemplo, se Ben adorasse gengibirra e tivesse todo um ritual em torno desse tipo de bebida, eu precisaria passar sempre bem longe da seção de refrigerantes. Mas e se eu entrasse em uma loja de doces e desse de cara com gengibirra à venda, e começasse a chorar do nada? Isso seria um gatilho. Mas isso não faz a menor diferença para mim, porque a gengibirra não me faz lembrar de Ben. Tudo me faz lembrar dele. Pisos, tetos, branco, preto, marrom, azul, elefantes, carrinhos de mão, grama, bolinhas de gude, jogos de tabuleiro. Tudo. Minha vida é uma sucessão de gatilhos. Cheguei a um ponto em que tudo é luto. Então, não, não preciso evitar os gatilhos.

Mas o que importa é que continuo sendo uma pessoa funcional. Passo meus dias com a certeza de que vou conseguir aguentar o tranco até a noite. Ao acordar hoje, sei que vai ser igual ontem, um dia sem nenhuma risada genuína ou sorriso sincero, mas que dá para aguentar.

É por isso que, quando ouço a campainha do apartamento tocar às onze da manhã de um sábado e espio pelo olho mágico, só o que consigo pensar é: *Mas que droga. Por que as pessoas não aceitam que estar minimamente bem já basta e não me deixam em paz?*

Ela está parada diante da porta de legging e camisa pretas e uma espécie de suéter que parece um colete enorme de tricô por cima. Porra, essa mulher tem mais de sessenta anos. Como é que ela consegue estar sempre mais bonita que eu?

Abro a porta.

“Oi, Susan”, digo, me esforçando para não demonstrar que estou puta com a visita dela.

“Oi.” Mas, pela maneira como ela me cumprimenta, parece uma mulher bem diferente daquela que conheci há quase dois meses. “Posso entrar?”

Faço um gesto para ela entrar. Fico parada diante da porta. Não sei quanto tempo ela pretende passar aqui, mas não quero que se sinta constrangida a ficar mais do que gostaria.

“Podemos conversar um pouco?”, ela pergunta.

Nós vamos para a sala.

Quando ela se senta, me dou conta de que preciso perguntar se quer beber alguma coisa. Será que isso é um costume em todos os países? Ou só aqui? Porque é uma tremenda bobagem. “Quer alguma coisa para beber?”

“Na verdade, queria te convidar para ir almoçar comigo”, ela explica. Almoçar? “Mas primeiro queria te dar uma coisa.”

Susan tira a bolsa do ombro, apoia no colo, remexe lá dentro e pega uma carteira. Na verdade, não é só uma carteira. É uma carteira que conheço bem; feita de couro, desgastada pelos dedos do meu marido e moldada pela bunda dele. Ela me entrega a carteira, perdendo o equilíbrio de leve quando se inclina para a frente. Pego-a da mão dela com um gesto cuidadoso. É como se fosse um Van Gogh, tamanha a minha delicadeza.

“Eu te devo um pedido de desculpas, Elsie. E espero que consiga me perdoar. Não tenho como justificar meu comportamento. A maneira como falei com você. Não existe nada que justifique eu ter sido tão fria e, para ser bem sincera, tão cruel. Tratei você tão mal que... fiquei com vergonha das minhas atitudes.” Dou uma boa olhada nela, que continua falando. “Estou decepcionadíssima comigo mesma. Se alguém tratasse meu filho do jeito como tratei você, eu voaria no pescoço da pessoa na hora. Eu não tinha direito de fazer isso. Mas... espero que você entenda que eu estava sofrendo. A dor que senti era insuportável, e saber que meu único filho não se sentia à vontade para me contar sobre você... Também foi algo que não consegui digerir. Não naquele momento. Fiquei dizendo para mim mesma que você era louca, ou uma mentirosa, ou... enfim, eu te culpei. Você tinha razão quando disse que eu te odiava porque não tinha mais ninguém para odiar. Você estava certa. E eu sabia disso, por isso tentei... Eu queria amenizar aquela situação, mas não consegui. Não tive força suficiente para ser uma boa pessoa.” Ela se interrompe e em seguida se corrige: “Nem mesmo uma pessoa decente”.

Ela me encara com lágrimas nos olhos, uma expressão séria e o arrependimento estampado no rosto. Que merda. Agora não posso mais nem detestar essa mulher.

“Sei que é uma coisa horrível de dizer, mas... Eu queria você o mais longe possível de mim e de Ben. Acho que pensei que, se você sumisse, eu saberia lidar com a perda do meu filho e não precisaria encarar o fato de que, em certo sentido, eu já o havia perdido antes que ele morresse.”

Ela baixa os olhos e sacode a cabeça. "Mas não é isso... não foi por isso que vim até aqui. Esquece. Enfim, queria que você ficasse com a carteira dele e com isso."

Susan tira da bolsa a aliança de casamento dele.

Eu estava enganada.

Tenho gatilhos, sim.

Começo a chorar. Fui eu que pus aquela aliança na mão de Ben, toda trêmula, enquanto ele permanecia firme como uma rocha. Lembro de tê-lo visto no dia seguinte e pensado que não sabia como uma aliança podia ficar sexy em um homem. Só me dei conta disso durante o casamento, quando eu mesma a coloquei lá.

Ela se aproxima de mim e me abraça. Segura minha mão esquerda, põe a aliança sobre a palma e fecha os meus dedos ao redor do anel.

"Shh", ela diz. "Está tudo bem." Susan apoia a cabeça na minha, que está enterrada em seu peito. O cheiro dela é de um perfume doce, floral, caro. É como se ela tivesse usado a mesma fragrância há quarenta anos, como se aquele aroma tivesse se moldado ao corpo dela. Como se fosse dela. Está sendo carinhosa e gentil comigo, absorvendo minhas lágrimas com seu suéter largo, afastando-as do meu rosto e as tomando para si. Não consigo parar de chorar, e não sei se vou conseguir. Sinto a aliança na minha mão, minha palma suada. Meu punho está fechado com tanta força que meus dedos começam a doer. Vou relaxando aos poucos, desabando sobre ela. Escuto meus próprios soluços. Estou aos prantos; os barulhos que escapam de mim são como bolhas sendo estouradas. Quando me acalmo, quando meus olhos recuperam o controle, eu continuo lá. E ela não me solta.

“Ele te amava, Elsie. Agora sei disso. Meu filho não era uma pessoa muito romântica, mas duvido que você soubesse disso. Porque com você ele era muito romântico.”

“Eu amava o Ben, Susan”, digo, ainda imóvel e inerte. “Muito, muito mesmo.”

“Eu sei que sim”, ela diz. “Ele tinha uma cópia do pedido de casamento na carteira. Você sabia disso?”

Eu levanto a cabeça. Ela me entrega o papel, e eu leio.

“Elsie, vamos passar o resto da vida juntos. Vamos ter filhos juntos e comprar uma casa juntos. Quero você ao meu lado quando eu receber a promoção que estou tentando, quando não conseguir alguma coisa que sempre quis, quando cair e quando me levantar de novo. Quero saber como vai ser cada dia da sua vida. Quero ser seu e quero que você seja minha. Quer casar comigo? Casa comigo.”

“Quer casar comigo?” está rasurado, e foi substituído por um pedido mais direto. “Casa comigo.”

Não foi assim que ele fez o pedido. Não sei nem o que é isso. Mas é bom saber que ele tenha se esforçado tanto. Essa foi uma das tentativas. A letra dele era muito feia.

“Encontrei na carteira dele quando olhei dentro. Foi quando entendi tudo, sabe? Querendo ou não, você é uma verdade de Ben. Ele te amava muito. E só porque não me contou, não significa que não te amava. Eu só preciso aceitar isso. Não é muito fácil entender, mas enfim, essas coisas precisam ficar com você. Era o que ele iria querer.” Ela sorri para mim e segura meu queixo como se eu fosse uma criança. “Tenho muito orgulho do meu filho por ter te amado assim, Elsie. Eu não sabia que ele era capaz disso.”

É bom saber que talvez Susan consiga gostar de mim. Na verdade, fico até surpresa com a sensação boa que isso me traz. Mas essa não é a Susan que eu conheço. E isso me deixa desconfortável. Para ser sincera, uma parte de mim está com medo de que ela esteja só esperando eu baixar a guarda para me atacar.

“Enfim, eu adoraria te conhecer melhor”, ela diz. “Se você não se importar. Eu deveria ter ligado antes de vir, mas pensei...” — ela dá risada — “... pensei que você fosse me mandar para a puta que pariu, então não quis te dar essa chance.”

Eu dou risada, sem entender direito o que está acontecendo e sem saber como responder.

“Você aceita ir almoçar comigo?”, ela pergunta.

Dou risada de novo. “Não sei”, digo, ciente de que meus olhos estão inchados e de que ainda nem tomei banho.

“Eu entenderia se você me mandasse embora”, ela garante. “Eu fui terrível, percebo isso quando tento me colocar no seu lugar. E você não me conhece, mas saiba que, quando admito que estou errada, eu faço de tudo para compensar meu erro. Venho pensando nisso há semanas, e não estaria aqui se não estivesse disposta a mudar as coisas para melhor. De verdade, quero conhecer você, e adoraria... começar de novo.” Ela diz “começar de novo” como se fosse uma coisa revigorante, como se fosse realmente possível. E, por isso, começo a sentir que talvez seja mesmo. Talvez seja mais fácil do que parece. Vamos recomeçar. Fazer uma nova tentativa.

“Tá bom”, eu digo. “Nós podemos tentar de novo.”

Susan balança a cabeça. “Eu sinto muito, Elsie.”

“Eu também”, respondo, e só depois de dizer isso percebo o motivo. Ficamos sentadas mais um pouco, olhando uma para outra.

Será que nós somos capazes de fazer isso? De fazer bem uma para a outra? Susan parece convencida de que sim, e está determinada a tomar a iniciativa.

“Muito bem”, ela diz. “Vamos nos recompor e depois sair.”

“Você é muito melhor nessa coisa de compostura do que eu.”

“É algo que se aprende”, ela explica. “E é totalmente artificial. Pode ir tomar um banho, eu espero aqui. Prometo que não vou fuçar em nada.” Ela ergue as mãos para mostrar que está falando sério.

“Certo”, eu digo, ficando de pé. “Obrigada, Susan.”

Ela fecha os olhos por um instante e assente com a cabeça.

Vou até o banheiro e, antes de fechar a porta, digo para ela ficar à vontade para fuçar no que quiser.

“Tudo bem! Mas você pode acabar se arrependendo”, ela responde. Abro um sorriso e entro no chuveiro. Enquanto lavo os cabelos, penso em todas as coisas que tive vontade de dizer para ela ao longo desse tempo. Sobre o sofrimento que ela me causou. Sobre como ela estava enganada. Sobre como parecia conhecer tão mal o próprio filho. Sobre como tinha sido injusta comigo. Mas, agora que ela está aqui, e está tão diferente, acho que não vale a pena.

Eu me visto e volto para a sala. Ela está sentada no sofá, à minha espera. De alguma forma, conseguiu fazer com que eu me sentisse melhor.

Susan pega o carro e dirige até um restaurante aleatório que encontrou no Yelp. “Dizem que é um lugar tranquilo e com ótimas sobremesas. Tudo bem?”

“Claro”, respondo. “Gosto de conhecer lugares novos.”

Quando o assunto não é Ben, nossa conversa não flui muito. Fica até desconfortável às vezes, mas acho que é normal, e nós já

esperávamos por isso.

Conto que sou bibliotecária. Ela diz que adora ler. Conto que não tenho uma relação muito próxima com os meus pais; ela diz que sente muito. Ela conta que vem inventando vários projetos para se ocupar, mas que não consegue manter seu interesse aceso por mais do que poucos meses. “Percebi que estava fixada demais na questão da casa, então parei com as reformas, mas, para ser sincera, é a única coisa que me mantém ocupada de verdade!” No fim, a conversa acaba voltando para o que temos em comum: Ben, a viuvez e as perdas.

Susan me conta histórias de infância de Ben, sobre as coisas vergonhosas que ele fazia, ou as peças que tentava pregar. Ela diz que ele sempre pedia para usar suas joias.

Dou risada só de imaginar Ben usando joias femininas.

Ela dá um gole em seu chá e sorri. “Você nem imagina! Ele sempre queria se fantasiar de bruxa no Halloween! Eu dizia que ele podia ir de mago, mas ele queria ser bruxa. Acho que no fim era só vontade de pintar o rosto de verde.”

Falamos de Steven e de como foi difícil para ela perdê-lo, de como ela via Steven em Ben, do fato de ela sentir que talvez sufocasse o filho, se agarrando demais a ele porque perdera o marido.

“Acho que não”, eu digo. “Pelo menos com base no que pude ver, Ben te amava muito. Se preocupava com você. Se importava com você. Sempre falava muito de você. Ele...” Não sei quanto devo revelar das intenções e preocupações de Ben, do motivo para ele nunca ter contado sobre mim. Mas é muito bom poder conversar com alguém que o conhecia tão bem quanto eu. É bom ouvir de alguém coisas como “Eu sei o quanto isso dói”, e saber que dá para

acreditar. Então as palavras escapam da minha boca e se projetam no ar antes mesmo que eu me dê conta.

“Ben estava com medo de que, se você soubesse que ele estava com alguém, em um relacionamento sério, talvez se sentisse deixada de lado. Não exatamente deixada de lado, mas... sentisse que ele estava seguindo em frente e você não teria mais um lugar na vida dele. E isso não é verdade. Sempre haveria um lugar para você na vida dele. Mas ele achava que, se você ficasse sabendo, poderia se sentir assim, e não queria isso. Ele vivia adiando essa conversa. Estava esperando a hora certa. E a hora certa nunca vinha, e as coisas entre nós chegaram a um ponto em que ficou esquisito demais ele não ter contado, e isso o deixava muito mal. E foi assim que a coisa tomou uma proporção tão grande a ponto de virar um assunto que ele não sabia como lidar. Ele te amava, Susan. Muito, muito mesmo. E não contou sobre mim porque estava pensando no seu bem, por mais que estivesse equivocado. Não vou dizer que eu entendia essa atitude dele. Nem que isso me agradava. Mas não é que ele tenha escondido tudo de você porque você não importasse pra ele. Ou porque a relação dele comigo não fosse importante. Ele... ele era homem, né? Não fazia ideia de como lidar com a situação do jeito certo, então deixou que isso se tornasse um problema.”

Susan reflete a respeito por um instante, olhando para o prato de comida. “Obrigada”, ela diz. “Obrigada por me contar isso. Não era o que eu pensava que tinha acontecido... Não é exatamente um alento, mas também não é tão ruim assim, certo?” Ela está insegura, e sua dificuldade para processar tudo isso é evidente. Está tentando ao máximo ser a Susan que estou vendo diante de mim, mas acho

que ainda não chegou lá. “Será que eu posso fazer uma pequena sugestão para você?”, ela pergunta. “De uma viúva para outra?”

“Ah. Bom... claro.”

“Eu fuzei nas suas coisas, sim”, ela diz. “Bom, você disse que eu poderia, mas na verdade fiz isso porque sou intrometida. Sempre fui. Não consigo me segurar. Tentei mudar isso durante anos, mas desisti quando cheguei aos cinquenta. Simplesmente aceitei a realidade: sou intrometida. Enfim, fuzei na sua casa. Todas as coisas do Ben ainda estão no mesmo lugar. Você não mexeu em nada. Dei uma olhada na cozinha. Tem comida apodrecendo na geladeira.”

Percebo o rumo que a conversa está tomando, e me arrependo de ter aceitado ouvir sua pequena sugestão.

“Eu queria te ajudar a dar uma limpada nas coisas. Fazer o apartamento voltar a ser seu.”

Faço que não com a cabeça. “Não quero que o apartamento seja meu, porque é nosso. Quer dizer, era nosso. Ele...”

Ela ergue a mão para me interromper. “Tudo bem. Eu não vou insistir. Você tem o direito de fazer o que achar melhor. É que, no meu caso, esperei tempo demais para mandar as coisas do Steven para um depósito, e me arrependo disso. Eu fiquei vivendo em um... santuário dedicado a ele. Não queria nem jogar fora uma caixinha de fio dental porque isso significaria que estava abrindo mão dele — e eu sei que isso parece loucura.”

“Não, isso não parece loucura.”

Susan olha bem para mim, ciente de que estou fazendo a mesma coisa, de que estou tão perdida quanto ela um dia esteve. Quero dizer para ela que gosto do jeito que as coisas estão. Não quero seguir em frente.

“É loucura, sim, Elsie”, ela diz. Seu tom de voz é sério, mas também gentil. “Steven está vivo somente no meu coração. Quando tirei as coisas dele de perto, consegui voltar a viver por mim mesma. Mas você pode fazer o que quiser. Cada pessoa tem seu tempo.”

“Obrigada”, respondo.

“Só não esquece que, se você se afundar no sofrimento por tempo demais, vai acordar um dia e se dar conta de que construiu sua vida ao redor de um fantasma. Só isso. Agora parei com essa conversa. Não tenho o direito de dizer a você como agir. Parece que eu te conheço muito bem, mas sei que não é bem assim.”

“Não”, eu a interrompo. “Acho que você me conhece, sim.”

Depois do almoço, Susan me leva de volta até o apartamento e se despede de mim com um beijo no rosto. Antes de eu descer do carro e começar a subir a escada, ela me diz: “Se precisar de alguma coisa, qualquer coisa, por favor, me avise”. Ela deu uma risada tristonha, como se fosse até engraçado de tão patético o que está prestes a dizer em seguida. “Você é a única pessoa que me restou na vida para tentar ajudar.”

Abro a porta e, quando entro, vejo a aliança de Ben sobre o balcão da cozinha. Penso no que Susan falou. Tecnicamente, nós somos — ou fomos — da mesma família. O que acontece com o relacionamento inexistente de uma nora com a sogra quando seu marido morre?

Eu me sento com a carteira de Ben na mão, passando os dedos pelas bordas gastas. Tiro minha aliança, ponho a dele no meu anelar e recoloco a minha depois. Não serve direito. É bem maior, mas é bom senti-la no dedo.

Dou uma olhada no apartamento, tentando vê-lo a partir do ponto de vista de Susan. Tem um monte de coisas de Ben espalhadas. Eu me imagino daqui a vinte anos, sentada neste exato lugar, com as coisas dele ainda por aí, congeladas no tempo. Me vejo da maneira que temo que os outros me enxerguem. Sou uma sra. Havisham em formação. E, pela primeira vez, sinto que não quero ser assim. Por um breve e fugidio minuto, penso em tirar as coisas de Ben de onde estão. Mas em seguida rejeito a ideia. Essas coisas são tudo o que me resta. Por outro lado, talvez Susan saiba do que está falando. Ela parece serena, mas sua tristeza ainda é visível. Enquanto eu tiver essa tristeza, ainda vou ter Ben comigo. Então, se Susan pode fazer isso, talvez eu também possa.

Vou até a geladeira e pego as salsichas. A embalagem está molenga e cheia de líquido. Simplesmente movê-la da prateleira onde estava já provoca uma reação pútrida e rançosa. A cozinha inteira começa a feder. Corro até as latas de lixo do lado de fora, com o líquido pingando no piso durante todo o caminho. Quando baixo a tampa e volto para limpar a sujeira e lavar as mãos, dou risada do absurdo que é pensar que Ben estava vivo naquelas salsichas podres. As salsichas não estão mais lá, e não sinto que o perdi por completo. Ponto para Susan.

Quando chega a segunda-feira, sinto o habitual alívio que vem com a distração. Vou para o trabalho ansiosa para começar a pesquisa para montar a exposição do mês. Na maior parte das vezes, Lyle me diz o que quer colocar em destaque, mas ultimamente tem me deixando escolher. Está todo mundo me tratando com extrema cautela. Às vezes acho fofo, ou ao menos conveniente; em outras ocasiões, me parece uma coisa irritante e tola.

Escolho Cleópatra como tema do mês, e começo a levantar fatos e informações que posso transmitir facilmente com fotografias e réplicas de objetos. Quando estou folheando um livro com imagens do dinheiro usado na época, tentando decidir se isso seria uma coisa relevante, sou abordada pelo sr. Callahan.

“Oi, sr. Callahan”, digo, me virando para ele.

“Oi, mocinha”, ele responde.

“Posso ajudar em alguma coisa?”

“Ah, não, nada. Estou um pouco entediado hoje, só isso”, ele responde, de forma lenta e deliberada. Fico com a impressão de que sua mente é bem mais acelerada que seu corpo.

“Ah! Não encontrou nada que tenha chamado sua atenção?”

“Não é isso. É que eu estou passando muito tempo trancado em casa, só saio para vir à biblioteca. Não tenho mais nenhum lugar para ir! Mais nada para fazer. Os dias estão todos iguais.”

“Ah”, eu digo. “Isso é uma pena.”

“Você aceitaria almoçar comigo?”, ele pergunta. “Acho que se eu não passar mais tempo com outras pessoas nem fizer nada interessante meu cérebro vai... paralisar. Atrofiar. Sabe como é... parar de funcionar.” Faço uma pausa antes de responder, e ele preenche esse silêncio. “Fazer tanto sudoku uma hora enche o saco, sabe? Desculpe o meu linguajar.”

Dou risada e deixo o livro de lado. Olho no relógio e vejo que o convite chegou na hora certa. São 12h49. “Eu adoraria, sr. Callahan”, digo.

“Que ótimo!” Ele junta as mãos em um gesto meio feminino, como se eu tivesse acabado de lhe entregar um par de brincos de pérolas. “Mas, se nós vamos almoçar juntos, Elsie, você vai ter que me chamar de George.”

“Tudo bem, George. Combinado.”

Vamos andando até uma lanchonete ali perto, e ele insiste em pagar meu almoço. Na verdade, eu tinha guardado uns pedaços de pizza que sobraram de ontem na geladeira do escritório da biblioteca, mas achei melhor não dizer nada. Nós nos sentamos a uma mesinha para dois e tiramos nossos sanduíches da embalagem.

“Certo, agora vamos à nossa conversa, senhorita. Me conte alguma coisa interessante! Qualquer coisa.”

Ponho o sanduíche na mesa e limpo a maionese da boca. “O que você quer saber?”, pergunto.

“Ah, qualquer coisa. Qualquer coisa interessante que tenha acontecido com você. Não importa se é triste ou engraçado, se é assustador ou bobo. Só precisa ser alguma coisa. Alguma coisa que eu possa contar para a minha mulher quando chegar em casa. Nós andamos bem sem assunto.”

Dou risada, como o sr. Callahan queria, mas, para dizer a verdade, estou mais com vontade de chorar. Ben nunca me entediava. Nossa, como eu gostaria de ter tido tempo de me cansar um pouquinho dele. Ter passado tempo suficiente com ele para saber todas as coisas interessantes que já aconteceram em sua vida e também não ter mais nada para contar, saber como foi o dia do outro sem que nada precise ser dito, simplesmente deitar de mãos dadas sem precisar falar nada de interessante durante dias — esse é o amor que eu gostaria de ter. Esse é o amor que eu teria.

“Você parece triste”, ele diz, interrompendo minha sessão de autopiedade. “O que aconteceu?”

“Estou bem”, respondi. “É que... acho que mordi um grão de mostarda um pouco mais ardido.”

“Não.” Ele sacode a cabeça. “Já faz um tempo que você anda triste. Você pensa que não reparo em nada porque sou um velhote, mas eu registro tudo.” Ele bate com o dedo na têmpora. “O que aconteceu?”

Para que mentir? O que eu ganharia com isso? As normas de conduta social nos aconselham a não discutir assuntos delicados em público, mas quem se beneficia com isso? Ele está entediado, e eu estou em frangalhos. Falar com ele talvez possa me ajudar. E talvez possa amenizar o tédio dele.

“Meu marido morreu”, digo com toda a tranquilidade, para tentar suavizar o impacto da mudança de rumo da conversa.

“Oh”, ele diz, surpreso. “Que coisa horrível. É interessante, como eu pedi, mas simplesmente terrível. Eu não sabia que você era casada.”

“Vocês se conheceram”, eu conto. “Alguns meses atrás.”

“Sim, eu me lembro. Só não sabia que vocês eram casados.”

“Bom, a gente tinha acabado de se casar quando ele morreu.”

“Que tristeza”, ele diz, segurando minha mão. É um gesto íntimo demais para ser confortável para mim, mas não me parece nem um pouco inapropriado. “Eu sinto muito, Elsie. Você deve estar sofrendo tanto...”

Eu encolho os ombros, mas me arrependo no ato. Eu não deveria dar de ombros ao falar de Ben. “Sim”, admito. “Estou mesmo.”

“Foi por isso que você passou um tempo afastada do trabalho?”, ele pergunta, e minha expressão facial deve ter mudado. Devo ter mostrado que fiquei surpresa, porque ele acrescenta: “Você é a pessoa de quem mais gosto na biblioteca, e venho aqui todos os dias. Acha mesmo que eu não iria reparar na sua ausência?”

Abro um sorrisinho e dou uma mordida no meu sanduíche.

“Eu não te conheço muito bem, Elsie”, ele diz. “Mas de uma coisa eu sei: você é dura na queda. Você tem fibra. Tem garra. Ou algo assim.”

“Obrigada, sr. Callahan.” Ele me lança um olhar de reprovação. “George”, eu me corrijo. “Obrigada, George.”

“Não precisa agradecer. Só falo o que vejo. Você vai ficar bem, sabe? Sei que agora não deve achar isso, mas confie em mim, um

dia você vai olhar para trás e dizer: 'Graças a Deus aquele sofrimento acabou, mas eu sobrevivi'. Pode acreditar em mim."

Não estou muito convencida. E sei que isso está estampado no meu rosto. Sinto os cantos da minha boca se curvando para baixo.

"Você não acredita em mim, não é?", ele pergunta, pegando o sanduíche pela primeira vez.

Abro um sorrisinho. "Acho que não mesmo, George. Nem sei se é isso que eu quero, na verdade."

"Você é tão jovem, Elsie! Eu tenho oitenta e seis anos. Nasci antes da Grande Depressão. Dá para imaginar? Porque uma coisa eu posso dizer para você: durante a Depressão, ninguém imaginou que eu ainda estaria vivo a esta altura. Mas olhe só para mim! Ainda estou por aqui! Almoçando com uma moça maravilhosa. Durante a vida, acontecem coisas que jamais poderíamos imaginar. Mas o tempo vai passando e te mudando, e aí os próprios tempos mudam, e quando você vê está vivendo uma vida que nunca pensou que fosse possível."

"É, talvez."

"Não, talvez não." O tom de voz dele fica mais sério. Ele não está irritado, só está falando com mais firmeza. "Vou te contar uma coisa que ninguém que ainda está vivo sabe. Quer dizer, a não ser a minha mulher, mas ela sabe tudo sobre mim."

"Certo", respondo. Já terminei meu sanduíche, e ele mal começou a comer. Em geral sou a última a terminar, mas agora percebo que é porque costumo mais falar do que ouvir.

"Eu lutei na Segunda Guerra Mundial. Fui mandado para a batalha no começo de 1945. Foi a época mais difícil da minha vida. Juro por Deus. Aquilo acabou com a minha fé em Deus, com a minha fé na

humanidade. Com tudo. Eu não sou um homem talhado para a guerra. Não é uma coisa que eu conseguia encarar. E a única coisa que me fazia seguir adiante era Esther Morris. Me apaixonei assim que pus os olhos nela. Nós tínhamos dezoito anos, e eu a vi sentada com as amigas na calçada do outro lado da rua, e soube na mesma hora que ela seria a mãe dos meus filhos. Fui até lá, me apresentei, convidei a garota para sair e, seis meses depois, estávamos noivos. Quando fui para a Europa, tinha certeza de que não passaria muito tempo por lá. E estava certo, porque uns oito meses depois fui ferido no campo de batalha.”

“Uau”, comento.

“Levei três tiros. Dois no ombro. O outro me pegou só de raspão. Eu me lembro que, na tenda médica, quando o enfermeiro me recebeu e o médico veio correndo me atender, me senti o homem mais feliz do mundo. Porque sabia que seria mandado para casa e veria Esther. Não conseguia acreditar na sorte que tinha por poder voltar para ela. Então me recuperei o mais depressa possível para poder voltar. E, quando cheguei, Esther tinha sumido. Não encontrei nem sinal dela.”

Ele suspira, porém parece mais uma coisa relacionada à idade avançada do que a um coração partido.

“Até hoje não sei aonde ela foi parar. Simplesmente sumiu e me largou. Nunca me disse nem por quê. De tempos em tempos, eu ouvia boatos de que ela tinha fugido com um vendedor, mas não sei se era verdade. Nós nunca mais nos vimos.”

“Minha nossa”, falei, e dessa vez fui eu que tomei a iniciativa de segurar a mão de George. “Que horror. Eu lamento muito.”

“Não precisa”, ele respondeu. “Esperei durante anos que ela voltasse. Continuei lá na nossa cidadezinha, só para o caso de ela aparecer me procurando. Fiquei arrasado.”

“Sim, imagino”, digo.

“Mas quer saber?”

“O quê?”

“Eu fui vivendo um dia de cada vez, e foi assim que acabei encontrando Lorraine. E Lorraine é o amor da minha vida. Esther é uma história que eu conto para jovens em bibliotecas, mas é Lorraine que me faz me sentir capaz de qualquer coisa neste mundo. Como se o universo inteiro fosse feito para mim. Assim que a conheci, meu mundo virou de cabeça para baixo. Esqueci Esther com a mesma velocidade que ela me esqueceu, quando conheci Lorraine.”

“Mas eu não quero que Ben seja só uma história para eu contar para jovens em bibliotecas. Ele foi muito mais que isso. É esse o meu medo! Tenho medo de que ele vire só isso”, explico.

George assente. “Eu entendo. Eu entendo. Pode ser diferente com você. Só estou tentando dizer que você ainda tem muita coisa pela frente, e que a vida tem mais reviravoltas do que a gente imagina. Você só vai se dar conta de como é jovem quando não for mais tão jovem assim. Mas eu estou aqui para dizer exatamente isso, Elsie. Sua vida mal começou. Quando perdi Esther, pensei que a minha vida tivesse chegado ao fim. Tinha vinte anos. Não fazia ideia do que ainda teria pela frente. Assim como você.”

George terminou de falar, então, enquanto ele come seu sanduíche, ficamos em silêncio. Eu reflito sobre suas palavras, ainda

convicta de que viver os anos que tenho pela frente seria uma traição aos anos que ficaram para trás.

“Obrigada”, digo, com toda sinceridade. Mesmo se eu não conseguir me recuperar da minha perda, é bom conhecer alguém que conseguiu.

“Sou eu quem deveria agradecer!”, ele diz. “Agora não estou nem um pouco entediado.”

Naquela tarde, continuei pesquisando sobre Cleópatra. E me dei conta de que ela teve dois amores, e que foram ambos devastadores. Mas pelo menos ela tinha um filho e uma dinastia para celebrar a figura de César. Pelo menos pôde estampar a imagem dele em moedas e cálices. Pôde erguer estátuas em sua homenagem. Pôde tratá-lo como um deus. Pôde preservar a memória dele. Só o que eu tenho de Ben são suas meias sujas.

Quando saio do trabalho na sexta à tarde e vou para casa encarar o fim de semana vazio que tenho pela frente, me ocorre que posso ligar para Susan. Poderia ver como ela está. Resolvo pensar melhor a respeito.

Entro no apartamento e guardo minhas coisas. Depois vou para o banheiro e abro o chuveiro. Enquanto tiro a roupa, escuto meu celular vibrar no bolso de trás da calça no chão. Demoro um pouco para conseguir pegar e, quando atendo, vejo que é minha mãe.

“Oi”, ela diz.

“Ah. Oi”, respondo.

“Seu pai e eu queremos saber como você está. Como você está... hã... lidando com as coisas?”, ela diz. Seu eufemismo me irrita.

“Coisas?”, eu a desafio.

“Você sabe... nós sabemos que você está vivendo um momento difícil, e ficamos aqui pensando... enfim... como você está?”

“Estou bem, obrigada.” Espero que a conversa termine logo, então nem me dou ao trabalho de fechar o chuveiro.

“Ah, que bom! Que bom!” A voz dela se anima. “A gente não tinha como saber. Enfim, que bom saber que você está melhor. Deve ter

sido estranho viver o luto da família dele, ficar no meio de uma situação igual a essa.”

Fecho o chuveiro e sinto todas as minhas energias se esvaírem. “Pois é”, respondo. De que adianta explicar que eu era a família dele? Que esse é meu luto? Que só falei que estou bem porque é essa a resposta padrão para a pergunta que ela me fez?

“Que bom”, ela comenta. Percebo que meu pai está por perto. Não dá para entender o que ele está dizendo, mas minha mãe já começa a se despedir. “Bom, se você não está precisando de nada”, ela diz. É o que ela sempre fala. Não sei nem o que ela quer dizer com isso.

“Obrigada.” Desligo o celular, abro o chuveiro de novo e entro debaixo d’água. Preciso ver Ben. Preciso só de um minuto com ele. Preciso que ele apareça aqui no banheiro e me abrace. Só por um minuto. Um mísero minuto. Saio do chuveiro e pego minha toalha e meu celular.

Ligo para Susan. Pergunto se ela gostaria de almoçar comigo amanhã, e ela diz que está livre. Combinamos de nos encontrar em um lugar que fica no meio do caminho entre a minha casa e a dela. Em seguida coloco meu roupão, vou me deitar, sinto o cheiro de Ben no lado dele da cama e pego no sono. O cheiro está se esvaindo. Preciso respirar cada vez mais fundo para senti-lo.

Susan sugeriu um almoço em um lugar em Redondo Beach, que pelo visto ela e Ben frequentaram durante anos. Às vezes, antes de Steven morrer, os três se encontravam para jantar lá. Ela me avisa para não esperar grande coisa: "Espero que você goste de redes de restaurantes mexicanos".

O local é decorado com imagens de touros, lajotas em estilo *hacienda* e cores vibrantes. É tudo agressivamente cafona, como se o mau gosto fosse questão de honra. Dou de cara com umas nove fotos de margaritas antes mesmo de chegar à mesa onde Susan me aguarda.

Quando a encontro, ela está sentada diante de um copo d'água, e se levanta imediatamente para me receber com um abraço. Seu cheiro é o mesmo de sempre, assim como seu visual, sóbrio e impecável. Ela não ostenta o luto como um sinal de glamour, mas também não faz parecer que é uma coisa insuportável.

"Este lugar é horrível, né?" Ela dá risada.

"Não!", respondo. "Eu gosto de lugares onde dá para pedir entrada, prato principal e sobremesa gastando menos de dez dólares."

O garçom se aproxima e põe um cesto de tortillas e um potinho de molho na mesa, e com gestos nervosos eu pego uma. Susan ignora a comida por ora. Nós pedimos fajitas.

“E quer saber?”, Susan diz para o garçom. “Duas margaritas também. Pode ser?” Eu já estou com a boca cheia, então me limito a assentir com a cabeça.

“De que sabor?”, ele pergunta. “Original? Manga? Melancia? Frutas vermelhas? Romã? Melão...”

“Original está ótimo”, ela diz, mas seria bom se tivesse pedido minha opinião dessa vez, porque essa de melancia parece ter potencial.

Ele pega os cardápios vermelhos engordurados de volta e se afasta da mesa.

“Merda. Esqueci de pedir guacamole”, Susan diz depois de ele ter ido embora, e começa a comer as tortilhas comigo. “Senhor!”, ela chama. Eu nunca consigo atrair a atenção dos garçons quando eles se afastam da mesa. “Você pode trazer guacamole também?” Ele faz um aceno de cabeça e desaparece, e em seguida ela se vira para mim. “Minha dieta já era.” Quem é que consegue contar calorias em um momento como este? Ainda bem que Susan também não consegue.

“Então”, ela diz. “Você me contou uma coisa ao telefone, mas não entendi direito. Sua mãe disse que você já deveria ter superado tudo a esta altura?”

“Bom”, eu respondo, limpando a mão no guardanapo. “Não exatamente. É que... ela me ligou para perguntar como eu estava lidando com ‘as coisas’. Ou ‘a coisa’ — sabe como é, as pessoas

usam palavras assim, como se fossem incapazes de dizer 'a morte de Ben'."

Susan assente. "Os eufemismos", ela comenta. "Como se você não fosse nem lembrar que Ben morreu se as pessoas não tocassem no assunto."

"Pois é! Como se eu não pensasse nisso a cada momento do meu dia. Enfim, ela perguntou e eu disse que estava tudo bem, mas... Não estou bem, foi só uma resposta protocolar. Qualquer um seria capaz de entender que 'tudo bem' não significa exatamente isso nessas circunstâncias."

"Pois é." As tortilhas acabam e, quando o garçom aparece com as margaritas, Susan pede mais uma porção.

"Mas pelo jeito minha mãe achou que eu estava bem de verdade", continuo. "Acho que ela estava torcendo para ouvir isso, porque isso significaria que ela não tinha de fazer nada, que eu tinha retomado minha vida de antes. Como se nada tivesse acontecido."

"Bom, para ela, não aconteceu nada mesmo." Susan dá um gole na margarita e faz uma careta. "Eu não sou muito de beber. Só achei que ia ajudar a criar um clima mais festivo. Mas isto aqui... está meio forte, não?"

Eu dou um gole na minha. "Está forte mesmo", digo.

"Ah, que bom! Pensei que eu estivesse fraca demais para bebida. Enfim... o que você estava dizendo mesmo?"

"Na verdade, era você que estava falando."

"Ah, sim. Pois é. Para ela, nada aconteceu. Vocês quase nunca se falam, certo?"

"Certo."

“Pelo jeito, ela é uma daquelas pessoas que não têm muita empatia nem solidariedade. Então não sabe nem como conversar com você, porque na verdade não te entende.”

Eu não costumo falar sobre a minha família e, quando faço isso, é com frases curtas e comentários evasivos. Susan é a primeira pessoa que parece entender a situação e me oferecer uma explicação. Ou pelo menos uma descrição. “Você tem razão”, digo a ela.

“Não se preocupe com os seus pais. Eles vão fazer o que gostariam que as outras pessoas fizessem se estivessem na sua situação, e isso é bem diferente do que você precisa. E já adianto que é melhor você desistir de esperar que eles mudem. Não que eu seja uma especialista nesses assuntos. É que, depois que Steven morreu, percebi que existe uma grande diferença entre o que eu queria das pessoas e o que elas tinham para me oferecer. Acho que as pessoas têm tanto medo de se ver no nosso lugar que acabam perdendo a capacidade de se comunicar direito com a gente. Então é melhor desistir de uma vez.”

Quando ela termina de falar, minha margarita já acabou. Não sei nem como isso aconteceu. Nossas fajitas chegam em seguida, fresquinhas e pomposas — se é que uma comida assim tão simples pode ser chamada de pomposa. É que são enormes, e precisam de várias pessoas para trazê-las. Tem o prato de acompanhamentos, as frigideiras com o frango e os legumes, o cesto para as tortillas, de milho e de farinha, e os potinhos de guacamole, queijo, molho e alface. Nossa mesa parece um banquete para um rei, e as coisas na frigideira estalam tão alto que fico com a impressão de que o restaurante inteiro deve estar olhando.

“É um pouco demais, né?”, Susan pergunta, meio constrangida. “Mas acho legal eles trazerem para a mesa como se fosse algum tipo de apresentação. Não tem necessidade nenhuma de deixar o camarão terminar de grelhar na mesa. Nenhuma mesmo.”

O garçom volta para ver se está tudo bem. Susan pede mais duas margaritas. “Uma de melancia para mim”, eu interfiro. Susan concorda: “Boa ideia; uma de melancia para mim também”.

Em meio aos pratos fumegantes, falamos sobre política e família; sobre o trânsito, sobre filmes, sobre o noticiário e sobre coisas engraçadas. Quero ser capaz de conversar com Susan sobre outras coisas que não sejam a vida e a morte, que não sejam Ben e Steven. Parece possível. Existe a chance real de nós nos conhecermos para além da tragédia que compartilhamos. Mas Ben é o que temos em comum, e a conversa sempre acaba voltando a ele. Fico me perguntando se é saudável verbalizar minha fixação. Se minha obsessão pela morte de Ben não deve ser uma coisa confinada apenas aos meus pensamentos. E também não sei ao certo se posso de verdade confiar nela.

“Já pensou em quando vai suspender as correspondências dele?”, ela pergunta em um tom casual, enquanto pega com o garfo o que restou da frigideira à sua frente na mesa.

Eu balanço a cabeça. “Não. Eu não sei nem como fazer isso.” Não é bem assim. Tem também a questão de que, se a certidão de casamento vier no nome dele, o correio pode acabar não entregando. Só quero que a correspondência dele pare de ser entregue quando receber a certidão.

“Ah, é bem fácil. Podemos fazer isso ainda hoje, se quiser.”

“Ah”, digo, tentando pensar em uma forma de evitar isso, mas como não tenho nenhum pretexto sou obrigada a revelar a verdade. “Bom, eu ainda estou esperando a certidão de casamento. Não quero suspender a correspondência e acabar não recebendo o documento.”

“Como assim?”, ela perguntou, pegando um pedaço de cebola do prato com a mão e colocando na boca.

“Ela ainda não chegou e, como tem o nome dos dois, fico com medo de que eles coloquem junto com as outras coisas dele em vez de me entregar.”

“Ainda não chegou?” A voz dela indica que deve haver algum problema. Por um bom tempo, fiquei com medo de dizer que a certidão ainda não tinha chegado. Pensei que as pessoas fossem dizer que eu tinha mentido sobre ter me casado. Pensei que usariam isso para se convencer de que sou a única coisa que tenho medo de ser: irrelevante. Mas Susan não expressou nenhum tipo de dúvida. Só parece preocupada que tenha havido algum erro administrativo ou logístico. Nem passa pela cabeça dela questionar se o casamento não era só papo-furado meu. Sou obrigada a admitir que ela tem me tratado de um jeito bem diferente nos últimos tempos. Deve ser uma pessoa que reage rápido em meio a turbilhões emocionais.

“Não, ainda não chegou. Eu abro a correspondência todos os dias, até as que parecem mais inúteis. Não está em lugar nenhum.”

“Bom, então nós temos que tomar alguma providência, descobrir onde está. Você ligou para a sede do condado para ver se o documento está nos registros públicos?”

“Não”, respondo, balançando a cabeça. Sinceramente, só me dei conta da dor de cabeça que isso poderia se tornar quando falei da

questão para ela. Acho que não queria ter que encarar esse pesadelo logístico.

“Bom, esse é o primeiro passo. Você precisa descobrir se o documento original que vocês assinaram foi mandado para a sede do condado.”

“Certo”, respondo. A preocupação dela está me deixando preocupada.

“Fique tranquila”, ela diz, segurando minha mão. “Nós vamos dar um jeito nisso.” Ela não disse “nós” só da boca para fora, como quem diz “Você vai ter que dar um jeito nisso”, e fico com a sensação de que tenho alguém com quem posso contar, de que, caso eu não dê conta de tudo, ela vai estar aqui para me ajudar. Fico com a sensação de que estou em uma corda bamba, prestes a perder o equilíbrio, mas com uma rede de segurança logo abaixo de mim. “Nós” vamos dar um jeito nisso. Ana já falou assim comigo antes, mas eu sempre soube que ela não conseguiria me ajudar. Ela sempre estende a mão para mim, mas não é capaz de me levantar. Pela primeira vez, sinto que não preciso carregar esse fardo sozinha. Sinto que não preciso carregar fardo nenhum sozinha.

“Então você liga na segunda?”, ela diz. “Para a sede do condado, para ver o que aconteceu?”

Faço que sim com a cabeça. Para mim fica claro que ela acha que nós nos casamos no condado de Los Angeles, e não tenho coragem de corrigi-la. Uma parte de mim quer fazer isso. Uma parte de mim quer ser absolutamente verdadeira com ela. Contar tudo. Mas sei que não é tão simples assim. Sei que nossa proximidade recém-adquirida ainda é frágil demais para aguentar o peso da verdade.

“Quer que eu peça a conta?”, ela pergunta.

Eu dou risada. "Acho que primeiro precisamos esperar o efeito dessa segunda margarita passar", digo, e ela sorri.

"Hora da sobremesa, então!"

Ela pede sorvete frito e nachos doces. E nós ficamos lá, dando colheradas na sobremesa e lambendo o chocolate que escorre das tigelas. É o que imagino que as meninas fazem com a mãe quando o pai viaja a trabalho. Quando chego ao carro, penso em algumas coisas que esqueci de falar, e percebo que estou ansiosa para rever Susan e conversar de novo com ela.

Ana tem sido muito paciente comigo, sem exigir nada e me dando todo apoio necessário, mas percebo que está começando a ficar cansada. Ser minha amiga fez com que ela fosse arrastada para essa tragédia, embora o que aconteceu não tenha nada a ver com ela. É impossível não pensar que, depois de um tempo, até mesmo as pessoas mais compreensivas e solidárias vão querer saber quando é que vão poder se divertir de novo. Uma diversão que não seja atrapalhada por um olhar de tristeza meu, que não seja contaminada pela minha perda. Ela me conhecia antes de meu relacionamento com Ben, ela me conheceu durante meu relacionamento com Ben e me conhece agora, depois de meu relacionamento com Ben. Ana nunca disse isso, mas imagino que goste mais da versão anterior à chegada dele.

Ela disse que viria me buscar em casa às oito, mas ligou às sete para perguntar se tudo bem se trouxesse um cara com quem anda saindo.

“E com quem você ainda saindo?”, pergunto. Eu não sabia que ela estava com alguém.

“Ah, é só um carinha aí, o Kevin.” Ana dá uma risadinha, e imagino que ele esteja por perto.

“Então sou só um carinha aí?”, escuto ao fundo, confirmando minha suspeita. Eu ouço quando ela pede para ele se calar.

“Enfim, tudo bem? Queria te apresentar para ele”, Ana diz.

“Hã, claro”, respondo, meio perplexa. Não dá para dizer não em uma situação assim. Seria falta de educação, e uma tremenda esquisitice, mas não sei se seria essa a minha resposta se as convenções sociais fossem outras.

“Legal”, ela diz. “Passo aí às oito para te buscar. Você ainda está a fim de ir naquele restaurante de *lamen*?”

“Com certeza!” Tento compensar minha apreensão fingindo estar empolgada. Parece bem óbvio para mim, mas ela não parece notar. Talvez eu esteja ficando melhor nessa coisa de esconder os sentimentos, ou talvez seja ela que não está prestando muita atenção.

Abril

Ben e eu estávamos esperando Ana na frente do cinema. Ela estava vinte minutos atrasada, e os ingressos tinham sido comprados no cartão de crédito dela. O filme começaria em sete minutos. E eu sabia que Ben era do tipo que gostava mais dos trailers do que do filme em si.

“Pode ligar para ela de novo?”, ele me perguntou.

“Acabei de ligar! E de mandar mensagem. Ela já deve estar estacionando.”

“Aposto dez pratas que ela nem saiu de casa ainda.”

Dou um tapinha de leve em seu peito. “Claro que ela já saiu de casa! Para com isso. A gente não vai se atrasar para o filme.”

“A gente já se atrasou.”

Ele avisou que isso aconteceria. Eu falei que não, mas lá estávamos nós, exatamente na situação que Ben tinha previsto. Ele estava certo.

“Tem razão.”

“Olha ela ali!” Ben apontou para uma mulher que corria pela praça de alimentação na direção do cinema. Tinha um homem atrás dela.

“Quem é aquele?”, perguntei.

“Como é que eu vou saber?”

Ana desacelerou o passo quando chegou até nós. “Desculpa! Desculpa!”

“Tenho certeza de que tem um bom motivo”, Ben falou. Dava para perceber no tom de voz dele que claramente não acreditava nisso. Ana olhou feio para ele de brincadeira.

“Marshall, esses são Elsie e Ben.” O homem atrás dela estendeu a mão, e nós o cumprimentamos. “Marshall vai ver o filme com a gente.”

“Certo, então vamos entrar? Já estamos perdendo os trailers!”, Ben falou.

“Bom, eu ainda preciso imprimir os ingressos. Vocês podem comprar a pipoca?”

Ben me encarou com uma expressão incrédula e revirou os olhos. Eu dei risada. “Quero uma Coca Zero”, avisei.

Ben e Marshall correram até o balcão de comidas e bebidas, enquanto Ana e eu pegávamos os ingressos na bilheteria.

“Quem é esse cara?”, perguntei.

Ela deu de ombros. “Sei lá. Ele vive me chamando para sair, então acabei topando, só pra ele parar de encher o saco.”

“Então é um amor verdadeiro”, eu disse. Ela pegou os ingressos e partiu na direção de Ben e Marshall.

“Amor verdadeiro, até parece”, ela falou. “Só estou tentando encontrar alguém que não me mate de tédio o tempo todo.”

“Que deprimente”, eu disse, mas não estava prestando atenção nela quando falei isso. Estava olhando para Ben, que queria mais manteiga em uma pipoca já amanteigada. Eu estava sorrindo. Rindo à toa. Eu estava apaixonada por um esquisitão.

“Não, você que é deprimente”, ela rebateu.

Eu me virei para Ana e dei risada. “Você não acha que algum dia vai conhecer o cara perfeito?”

“O amor te deixou toda brega e melosa”, ela disse. Estávamos quase no balcão de comidas e bebidas quando decidi contar a novidade.

“Ben está vindo morar comigo”, eu disse. Ela deteve o passo de forma repentina e até derrubou a bolsa.

“Quê?”

Ben viu a expressão dela e olhou para mim. Ele sabia o que estava acontecendo, e abriu um sorriso malicioso quando enfiou um punhado de pipoca na boca. Eu peguei a bolsa dela do chão. Ana me puxou pelos ombros enquanto observava tudo ao lado de Marshall, que não estava entendendo nada.

“Você está maluca! Está basicamente se confinando numa prisão. Quando você acordar, ele vai estar lá. Quando você for dormir, ele vai estar lá. Ele vai estar sempre lá! Ben é um cara legal, Elsie. Gosto muito dele. Fico feliz que vocês tenham se conhecido, mas qual é? Isso é uma sentença de morte.”

Eu simplesmente olhei para ela e sorri. Pela primeira vez, senti que tinha algo que ela não tinha. Ela era linda e maravilhosa e espontânea e animada. E deixava os homens tão interessados em conhecê-la que eles até imploravam pela chance de um encontro. Mas aquele homem estava interessado só em mim e, ao contrário do que acontecia com Ana, o sentimento era recíproco. Eu queria muito isso para ela, mas uma pequena parte de mim se sentiu triunfante por ter alguma coisa que minha amiga sequer fazia ideia de como era.

Setembro

Ana e Kevin chegam apenas três minutos atrasados. Ela abre a porta do meu apartamento com sua chave. Ana está linda. Totalmente produzida, fazendo questão de estar deslumbrante. E eu estou vestida como se estivesse indo ao supermercado. Kevin está logo atrás dela. Estava esperando um cara com pinta de babaca, todo engomadinho e com um cabelo mais arrumado que o meu, mas ele é bem diferente disso.

Ele é baixinho — bom, pelo menos é menor que Ana. Tem mais ou menos a minha altura. Está de jeans e camiseta, como se também estivesse indo ao supermercado. Seu rosto não é nada chamativo. Sua pele é na maior parte lisa, mas tem algumas marcas; os cabelos são de um tom de castanho bem sem graça e, apesar de não ser gordo, também não parece ser do tipo que malha.

Ele se aproxima de mim por trás de Ana. “Kevin”, ele se apresenta, apertando a minha mão. Sua mão não é das mais firmes, mas também não é mole. É um cumprimento educado e agradável. Ele sorri, e eu retribuo o gesto. Quando percebo que ele está observando o ambiente, faço o mesmo, meio que por impulso. Enxergo minha sala de estar pelos olhos dele. Sem dúvida ele já sabe algumas coisas a meu respeito, que meu marido morreu, que

Ana é minha melhor amiga; talvez saiba que para mim é como se ele estivesse tentando tirá-la de mim. Fico incomodada com as coisas de Ben espalhadas pela casa. Sinto vontade de dizer: “Eu não sou louca. É que ainda é difícil para mim me desfazer dessas coisas”. Mas não digo nada, porque renegar a própria loucura é o tipo de coisa que faz uma pessoa parecer louca.

“Vamos lá?”, Ana diz. Kevin e eu assentimos. Em questão de segundos, estamos do lado de fora, nos espremendo no Honda de Kevin. Me ofereço para sentar no banco de trás, e me esgueiro toda para entrar pela porta do passageiro. Por que ainda fabricam carros de duas portas? Dá um trabalhão entrar no banco de trás.

No caminho do restaurante, Ana tenta claramente encontrar um assunto que eu e Kevin possamos compartilhar. É uma coisa estranha. Fico com a nítida impressão de que Ana está tentando fazer de tudo para Kevin e eu nos darmos bem. Está tentando fazer com que eu goste de Kevin. Ela nunca fez isso antes. Nunca se deu ao trabalho. Na maior parte do tempo, me conhecer é o fim da linha para os caras com quem Ana sai. Ela me usa para deixar claro que não quer ficar a sós com eles, que só estão saindo como amigos. Agora é diferente. Kevin não está sendo chutado para fora. Está sendo trazido para dentro.

“Como vocês se conheceram?”, pergunto.

“Ah, na ioga”, ele responde, prestando mais atenção ao trânsito.

“Pois é, Kevin estava sempre na minha aula de terça à noite, e ia tão mal” — ela dá risada — “que precisava da minha ajuda a toda hora.”

“Tentei explicar que é função da professora ajudar os alunos, mas para ela era como se estivesse me fazendo um favor”, ele brinca, e

dou uma risadinha educada, como se fosse muito engraçado. Não estou entendendo qual é a desse cara. "Mas no fim eu me dei bem, porque ela acabou me chamando para sair."

"Você acredita, Elsie?", Ana diz, virando o rosto para o assento traseiro. "Fui eu que chamei ele para sair."

Pensei que fosse mais uma das brincadeiras dele.

"Espera aí", falei, me inclinando para a frente. "Kevin, a Ana te convidou para sair?"

Kevin assente enquanto entra no estacionamento e começa a procurar um lugar para estacionar.

"Nunca vi Ana convidar alguém para sair", conto para ele.

"E eu nunca fiz isso na minha vida", ela explica.

"Então por que ele?", pergunto, e imediatamente percebo que estou sendo meio grosseira. "Quer dizer... o que fez você mudar de ideia e decidir chamar um cara para sair?"

Kevin encontra uma vaga e estaciona o carro. "Sei lá." Ana dá uma olhada para ele. "Com o Kevin é diferente."

Sinto vontade de vomitar. Chego até a fingir que estou passando mal de brincadeira, mas nenhum dos dois acha graça. Não estão prestando a menor atenção em mim. Enquanto tento sair dessa merda de carro minúsculo, percebo que Kevin se apossou dos meus planos para jantar com Ana, e que eles estão me deixando ir junto só por educação. Eu vim aqui segurar vela.

Imagine ser uma viúva e sair para segurar vela. Não existe jeito de se sentir mais solitária.

Entramos no restaurante, que aliás parece ser bem legal. Kevin e Ana vão ter uma noite agradável, independente de como eu me sentir.

“Faz quanto tempo que vocês estão saindo?”, pergunto. Não sei ao certo o que esperar — na verdade, não tenho expectativa nenhuma.

“Ah...” — Kevin começa a pensar — “... um mês, eu acho?”, ele diz.

Ana parece ficar meio sem graça. “Por aí”, ela diz, e então muda de assunto. Como a minha melhor amiga pode estar saindo com alguém há um mês sem me dizer nada? Duvido que ela tenha falado sobre ele e eu tenha ignorado. Eu não sou assim, nem mesmo agora. Ainda tento ouvir o que as pessoas dizem. Como Ana, uma pessoa que nunca faz um esforço para se assentar com alguém, que nunca gostou de homem nenhum, pode ter virado uma mulher que chama um cara para sair e o convida para participar como penetra de um jantar com sua melhor amiga? E ainda fez tudo isso às escondidas, sem me contar nada, como se fosse um projeto de autodesenvolvimento que ela só queria revelar quando estivesse concluído.

Depois do jantar, eles me levam de volta para casa e se despedem. Kevin me dá um beijo carinhoso no rosto e olha bem nos meus olhos quando diz que foi um prazer me conhecer. Ele acrescenta que espera me ver de novo em breve, e eu acredito em suas palavras. Talvez a grande qualidade de Kevin seja essa sinceridade. Talvez Ana tenha se sentido atraída pela honestidade dele. Se for esse o caso, eu consigo entender.

Ligo para ela algumas horas depois, e a ligação cai na caixa postal. Com certeza eles ainda estão juntos. Tento de novo de manhã, e outra vez ela não me atende, mas me manda uma mensagem avisando que me liga mais tarde. Ela ainda está com Kevin. Com Kevin é diferente. Dá para sentir. Dá para ver. Isso me deixa nervosa. Eu já perdi Ben. Não posso perder Ana. Ela não pode

mudar sua personalidade e suas prioridades logo agora. Ainda estou muito mal.

Ela me liga no domingo à tarde e se oferece para vir à minha casa. Quando chega, as primeiras palavras que saem de sua boca são: "O que você achou dele? Uma gracinha, né?"

"É", respondo. "Ele é muito fofo, gostei muito dele." Não chega a ser uma mentira completa. Apesar de não entender o que ele tem de excepcional, reconheço que é um cara legal e agradável.

"Ah, Elsie! Que bom saber disso. Estava bem nervosa para apresentar vocês dois, e ele estava lá em casa ontem à tarde e pediu para ir jantar com a gente, e fiquei sem saber como..." Ela se interrompe. "Estou feliz que você tenha gostado dele."

"Ele é legal. Só parece um pouco..." — como eu posso dizer isso? — "... diferente demais de você, né?"

Ela dá de ombros. "Me dei conta de uma coisa", ela conta. "Percebi que quero amar alguém, sabe? Quer dizer, todo mundo quer, né? O que estou dizendo é que finalmente me sinto pronta para sossegar. E, com todas as pessoas com quem já saí, acho que o problema era que *eu* não estava a fim. Só gostava de saber que eles estavam a fim de mim. Mas o Kevin é diferente. Ele nem estava a fim de mim. Ficava depois da aula para receber minha ajuda com as posições, e eu acabava tocando ele desse e daquele jeito, você sabe como funciona a ioga. A maioria dos caras vem todos cheios de gracinhas, acham que é um lance sexual, mas o Kevin não é assim. Ele só estava tentando aprender a posição mesmo. Então resolvi meio que... tornar a coisa mais insinuante... só para ver o que acontecia, mas ele continuava concentrado só nos exercícios."

Então eu não estava errada. Foi a sinceridade dele que a conquistou.

“E acho que... eu quero ficar com alguém que seja assim. Que não me veja como uma conquista ou uma posse. Então convidei ele para sair, e ele disse que tudo bem, e eu fiquei toda nervosa, mas orgulhosa de mim mesma, e aí no nosso primeiro encontro senti que... rolava uma conexão...”

Começo a me irritar, porque sentir essa conexão no primeiro encontro foi uma coisa que aconteceu entre mim e Ben. Não é comum, não acontece com todo mundo. E ela está banalizando a coisa. Está fazendo parecer que o que aconteceu comigo não foi tão especial.

“Não sei por que você não contou nada antes”, digo.

“Bom.” Ana começa a ficar sem graça. “É que... você está passando por um monte de coisas no momento, e pensei que não fosse gostar de ouvir isso”, ela responde, e então me dou conta. Ana está com pena de mim. É Ana quem está apaixonada agora; é Ana quem está feliz; e eu sou a infeliz, a solitária; e ela não quis esfregar isso na minha cara.

“E o que foi que fez essa *conexão* acontecer?”, pergunto. Minhas palavras são afiadas; minha voz é amargurada.

“Quê?”, ela pergunta.

“É curioso ver você tão *diferente* do nada. Você deixou de ser uma... meio que... e virou alguém que...” Eu desisto de tentar encontrar rótulos. “Você teve uma reviravolta completa e virou uma entusiasta do amor. O que te fez mudar de ideia?”

“Você”, ela diz, como se isso fosse me apaziguar, me deixar feliz. “Percebi que o que conta na vida é o amor. Ou que no mínimo a

gente precisa ter alguém para amar.”

“Está ouvindo o que você está me falando? Está parecendo um texto de cartão do Dia dos Namorados.”

“Puxa, então tá”, ela diz, percebendo a raiva na minha voz. “Desculpa aí. Só pensei que fosse ficar feliz por mim.”

“Ficar feliz por você? Meu marido morreu, e eu estou aqui sofrendo sozinha, mas agora você descobriu o que é amar. *Parabéns, Ana! Está todo mundo muito feliz por você.*”

Ela fica perplexa, infelizmente, porque é o tipo de perplexidade que a deixa sem fala, então eu continuo.

“Vamos todos comemorar pela Ana! Ela descobriu o amor! A vida dela não era perfeita, com seu apartamento perfeito, seu corpo perfeito e um monte de homens aos seus pés, mas agora ela evoluiu, porque enxergou na morte do meu marido uma lição de vida sobre a importância do amor e do romance.”

Ana está quase chorando, e não quero que ela chore, mas não consigo parar de falar.

“Foi amor à primeira vista? Esse seu romance? Você vai casar na semana que vem?”

A essa altura, a única prova do quanto Ben me amava é o fato de que quis se casar comigo tão depressa. Sinceramente sinto que, se Ana disser que Kevin já começou a falar em casamento, vou perder o último resquício de vida que ainda resta dentro de mim.

“Não.” Ela balança a cabeça. “Não é nada disso.”

“Então o que é, Ana? Por que você está fazendo isso comigo?”

“Como assim, com você?”, ela explode por fim. “Não fiz nada *com* você. Só o que fiz foi conhecer alguém de quem eu gostei e quis te contar. Assim como você fez uns meses atrás, e eu fiquei superfeliz!”

“Bom, você não era uma viúva na época.”

“Posso ser bem sincera com você, Elsie? Você não precisa ser uma viúva em todos os momentos da sua vida.”

“Sim, Ana, eu preciso, sim.”

“Não precisa, não. E agora você pensa que pode me esnobar, porque acha que sabe tudo, mas não sabe porcaria nenhuma. Eu sei que você fica sentada aqui sozinha pensando no que perdeu. Sei que isso está te corroendo por dentro. Sei que deixa as coisas dele espalhadas pela casa como se fossem a merda de uma medalha de honra ao mérito para mostrar como você está sofrendo.”

“Quer saber de uma coisa...”, começo, mas ela me interrompe.

“Não, Elsie. Sou eu que vou te falar uma coisa. Está todo mundo pisando em ovos ao seu redor, inclusive eu, mas em algum momento alguém vai precisar te lembrar que você perdeu uma coisa que só teve por seis meses. Seis meses. Não estou dizendo que não é difícil, mas você não é uma velhinha de noventa anos que perdeu o companheiro da vida toda. Você precisa voltar a viver, e deixar as pessoas viverem também. Eu tenho o direito de ser feliz. Não perdi esse direito só porque o seu marido morreu.”

Ana fica em silêncio por um momento, e fico só olhando para ela, boquiaberta.

“E você também não perdeu”, ela acrescenta antes de sair porta afora.

Fico sem reação por alguns minutos, imóvel. Então volto a me mexer. Vou até o fundo do closet e encontro o travesseiro que enfiei em um saco de lixo depois que ele morreu, o travesseiro com o cheiro dele. E fico sentindo aquele cheiro pela abertura do saco até não conseguir sentir mais odor nenhum.

Ana me liga várias vezes durante a semana, e deixa mensagens pedindo desculpas, explicando que estava arrependida do que disse. E manda mensagens de texto explicando a mesma coisa. Eu não respondo, nem atendo ao celular. Não sei o que dizer, porque não estou brava com ela. Estou com vergonha. Estou perdida.

De fato, eu só convivi com Ben por seis meses. Não cheguei nem a comemorar meu aniversário com ele. Só ficamos juntos de janeiro a junho. É possível amar tanto assim alguém com quem você nunca passou junto o mês de agosto, ou o fim do ano? Era isso que eu temia. Porque, se eu não o conheci por muito *tempo*, talvez não o conhecesse muito *bem*. Acho que eu precisava que alguém me dissesse isso para poder pensar melhor a respeito. E, depois de muita reflexão durante a semana que passei evitando Ana, concluo que essa teoria está equivocada. Não importa quanto tempo passei com ele. Eu o amava. E ainda amo.

Então penso que talvez esteja na hora de começar a tirar as coisas dele daqui, porque, se eu o amava mesmo, se nosso amor era real e relevante, que diferença faria encaixotar alguns simples objetos? Certo? Não faria mal nenhum, não é?

Não ligo para Ana para pedir ajuda. Não sei se sou capaz de encará-la de novo. Em vez disso, procuro Susan. Quando ela atende a ligação, vai logo perguntando sobre a certidão de casamento, e sou obrigada a admitir que não liguei para a sede do condado ainda. Digo que não tive tempo, mas é mentira. Tempo eu tive. Mas sei que, se me disserem que não existe registro nenhum do nosso casamento, não vou conseguir me desfazer das coisas dele. Vou me agarrar com ainda mais forças a suas roupas e sua antiga escova de dentes. Preciso acreditar que o governo sabe que fomos casados. Caso contrário, vou ter que provar isso a mim mesma com gestos arbitrários e patéticos. Estou tentando seguir em frente. Estou tentando deixar os gestos arbitrários e patéticos para trás.

Maio

Ben estava suado. Era um dia quente de primavera. As janelas do apartamento estavam todas abertas; a porta estava escancarada fazia algumas horas, enquanto a gente subia com as coisas pela escada. Não adiantaria ligar o ar-condicionado. O ar frio sairia pela porta. Joguei uma garrafa d'água para Ben quando ele desceu para pegar mais caixas.

"Valeu", ele me disse quando chegou à calçada.

"Está quase terminando!", falei.

"Sim, mas depois eu tenho que desembalar tudo."

"Bom, sim, mas não precisa ser tudo de uma vez, né? A gente pode ir fazendo um pouco por dia, se você quiser."

Ben foi até o caminhão de mudanças e começou a empurrar as caixas para a beirada. Testei algumas delas para ver qual era a mais leve, e então peguei uma. Sabia que a melhor maneira de enfrentar um desafio era mergulhar de cabeça e, nesse espírito, era melhor pegar as mais pesadas primeiro, mas meus braços já estavam começando a tremer, e minhas pernas não pareciam muito confiáveis. Já estávamos descarregando caixas o dia inteiro, depois de passar a noite embalando e carregando. Eu estava começando a só fingir que estava trabalhando, e sem o menor pudor.

Com a caixa mais leve, que nem era tão leve assim, comecei a subir as escadas. Quando cheguei à porta, Ben me chamou. "O que foi que você fez?", ele quis saber. "Pegou a caixa mais leve que encontrou?"

"Não é tão leve assim, sabia? É melhor encaixotar melhor as coisas da próxima vez!"

"Espero que não tenha uma próxima vez", ele gritou para mim. Eu estava lá dentro, colocando a caixa menos pesada no chão, tentando dobrar os joelhos para não forçar a coluna e tal, mas no fim acabei largando a caixa em cima das outras usando o que ainda restava dos músculos das minhas costas.

"Eu quis dizer se a gente fizer uma mudança para outro lugar." Estava segurando a porta para ele na entrada do apartamento. Ben subiu a escada, passou por mim e pôs no chão a caixa que carregava. Saímos juntos, ambos ofegantes, embora eu mais do que ele.

"Isso já não te serviu de lição sobre o que significa fazer uma mudança?", ele perguntou, tomando a frente.

"Pois é, você tem razão", respondi. "É melhor a gente ficar aqui para sempre. Nunca mais quero fazer outra mudança."

O sol tinha começado a se pôr quando trouxemos as últimas coisas para dentro. Era o começo de algo. Era possível sentir no ar. Éramos nós contra o mundo.

"Você acha que aguenta a bagunça que eu faço na cozinha?", ele perguntou, me abraçando e beijando minha cabeça.

"Acho que sim", respondi. "Você acha que aguenta minha mania de manter a casa sempre quente?"

"Não", ele disse. "Mas vou me acostumar."

Beijei seu pescoço porque era o máximo que conseguia alcançar. Minhas panturrilhas não tinham mais força para me elevar acima disso. Ben gemeu. Fiquei me sentindo poderosa por ser capaz de causar esse tipo de reação mesmo sem querer. Fiquei me sentindo uma daquelas mulheres que conseguem ser sensuais até quando fazem as coisas mais simples. Era como se eu fosse a Cleópatra do meu apartamento.

Esfreguei um pouco mais o nariz no pescoço dele. "Para com isso", ele disse, fingindo que eu estava fazendo uma coisa depravada. "Preciso devolver o caminhão às sete."

"Eu não estava tentando fazer nada!", falei.

"Estava, sim! E eu estou cansado demais!"

"De verdade, eu não estava tentando fazer nada. Também estou cansada."

"Tá bom! Tudo bem!", ele disse, me agarrando e me puxando para o quarto. Nosso quarto. Estava cheio de coisas dele no chão e apoiadas nas paredes.

"Não, é sério. Eu estou bem cansada."

E nesse momento o jogo virou. "Tudo bem! Eu faço tudo", ele disse, me colocando na cama e deitando em cima de mim. "Eu te amo", Ben falou, me beijando no rosto e no pescoço. "Eu te amo muito. Sou o cara mais sortudo do mundo."

"Eu também te amo", respondi, mas não sei se ele me ouviu. Estava concentrado demais em outras coisas.

Meia hora depois, eu estava nua, debruçada sobre Ben, com a cabeça apoiada em um travesseiro e perguntando se ele queria ir para o hospital.

“Não, não!”, ele respondeu. “Acho que só dei um mau jeito nas costas.”

“Não é isso o que acontece com os velhinhos?”, provoquei.

“Olha só quanta coisa eu carreguei hoje!” Ele fez uma careta de dor. “Pega minha cueca?”

Levantei e entreguei para ele. Em seguida pus a calcinha, um sutiã e vesti uma camiseta.

“O que a gente faz?”, perguntei. “Quer um remédio? Será melhor irmos ao médico?” Ele ainda estava tentando vestir a cueca. Mal conseguia se mover. Como não queria vê-lo sofrendo, peguei a cueca pelo elástico e puxei até sua bunda com a maior delicadeza de que era capaz. Em seguida puxei a parte da frente até a cintura. Peguei o cobertor no pé da cama e coloquei em cima dele.

“A gente tem ibuprofeno em casa?”, ele perguntou.

Era isso que eu queria ouvir. Esse plural. O melhor plural que existe. *A gente tem ibuprofeno em casa?*

“Eu acho que não tenho”, respondi. “Em alguma caixa sua tem?”

“Sim, numa caixa escrito ‘banheiro’. Acho que vi lá no chão da sala.”

“Certo”, falei. “Eu já volto.” Dei um beijo na testa dele e fui para a sala.

Dei uma boa olhada nas caixas espalhadas pela sala até que vi uma etiquetada onde estava escrito “banheiro”. Estava embaixo de várias outras, bem pesadas. Tirei caixa após caixa até conseguir pegá-la, e quando abri encontrei um labirinto lá dentro. Depois de um tempão, achei o ibuprofeno, que levei junto com um copo d’água.

Ele levantou a cabeça de leve, com os olhos comprimidos de dor, e me agradeceu.

“De nada”, falei.

“Elsie?”, ele gemeu.

“Sim?”

“Você vai ter que devolver o caminhão de mudança.”

“Sem problemas”, falei, apesar de saber que dirigir aquele negócio enorme pelo trânsito de Los Angeles não seria nada divertido.

“Você, é...”, ele começou. “Precisa sair agora mesmo. Já era para eu ter devolvido há vinte minutos. Desculpa! Não sabia que você ia demorar tanto para encontrar o ibuprofeno.”

Fiquei de pé em um pulo e vesti uma calça.

“Cadê a chave?”, perguntei.

“No banco da frente.”

“Para onde eu preciso ir?”

“É na Lankershim com a Riverside.”

“Lá no *vale*?”

“Era o mais barato! Passei lá para pegar no caminho de volta do trabalho.”

“Tudo bem, tudo bem. Já estou indo.” Dei um beijo no rosto dele. “Você vai ficar bem aqui sozinho?”

“Sim, tranquilo. Mas você pode pegar meu celular, só por precaução?”

Coloquei o telefone perto da cama e já estava saindo. “Ei”, ele me chamou. “Traz alguma coisa para jantar?”

“Claro”, gritei de volta. “Seu folgado.”

Setembro

Susan aparece na minha porta toda animada, no sábado de manhã bem cedo. Está com uma sacola com bagels e cream cheese, além de uma caixa de suco de laranja. Embaixo do braço, traz algumas caixas desmontadas.

“Pensei que a gente fosse precisar de um lanchinho”, ela diz ao entrar.

“Ótimo”, digo, e coloco as coisas na cozinha. “Quer agora?”, pergunto.

“Sim.” Ela aparece na cozinha. Sua voz está perto de mim, silenciosa, em vez de distante e alta como eu esperava.

Ponho dois bagels no forninho elétrico, e Susan e eu vamos para a sala. Ela dá uma olhada na casa. Percebo que está avaliando o que deve ser de Ben. Meu palpite é que está fazendo isso porque esses objetos indicam o trabalho que temos pela frente, além do fato de terem pertencido a seu filho.

O forninho apita. Pego os bagels, e acabo queimando a ponta dos dedos. Ponho os pãezinhos nos pratos, balançando as mãos loucamente para amenizar a dor. Nunca entendi qual é a lógica desse gesto, mas é um instinto, então pode ser que funcione. Susan pergunta se está tudo bem, e por um instante acho que essa pode

ser minha escapatória dessa situação. Posso dizer que estou com muita dor. Posso dizer que não tenho como usar as mãos. Que ainda estão doendo. Que talvez eu precise ir ao médico. Mas então me dou conta de que, quando voltar para casa, vou dar de cara com as coisas de Ben de novo.

“Não é nada de mais”, respondo. Servimos dois copos grandes de suco de laranja e nos sentamos à mesa. Susan pergunta por onde começar, e eu digo: “Pela sala. Depois preciso ver o quarto”. Ela tenta puxar papo enquanto comemos, perguntando sobre meu trabalho e minhas amigas, mas na verdade só conseguimos pensar no trabalho que temos a fazer. É quase um alívio quando os bagels terminam. Finalmente podemos começar.

Susan se agacha no chão da sala e começa a montar as caixas. Ainda tenho algumas de quando ele se mudou para meu apartamento. Foi há menos de cinco meses. Pego o que ainda restou e me junto a ela. Respiro fundo, coloco uma caixa aberta diante de mim, desconecto o PlayStation e guardo.

“E... pronto!”, eu brinco, mas Susan entende isso como um pedido de ajuda. Ela para de montar as caixas e fala comigo com um tom suave.

“Não precisa ter pressa. Vamos fazer as coisas no seu tempo, você sabe disso.” Eu sei. Sei mesmo. Ela fala isso toda hora. “Já decidiu se vai guardar tudo ou se vai vender alguma coisa? Ou doar?”

Não me ocorreu fazer nada além de guardar as coisas, para ser sincera. Pensei só em encaixotar tudo e enfiar no closet. A ideia de doar as coisas dele, que deixariam de ser minhas, é insuportável.

“Ah”, eu falei. Talvez devesse ser esse o meu objetivo. Torcer para que um dia eu seja capaz de doar ou vender as coisas. Um dia vou

fazer isso. "Talvez seja bom dividir tudo em categorias na hora de encaixotar", respondo. "Algumas caixas para guardar, algumas para doar e de repente uma de lixo. Quer dizer, não literalmente lixo... só as coisas que não seriam de serventia para ninguém. Não é lixo. Se era do Ben, não é lixo."

"Ei", Susan me diz. "Pode pegar mais leve com você mesma. Ben não está ouvindo você chamar as coisas dele de lixo e, mesmo que ouvisse, não teria a menor importância."

Não sei por que é tão impactante ouvir isso, já que definitivamente não acredito que Ben possa me ouvir. Só pensei que Susan achasse que Ben está aqui; que Ben está conosco.

"Você não acredita que Ben esteja..."

"Sempre com a gente?", ela diz com um leve tom de zombaria, sacudindo cabeça. "Não, eu não acredito. Bem que eu gostaria. Isso tornaria as coisas mais fáceis para mim. Mas não, ele se foi, sua alma desapareceu no éter ou, caso ele tenha sido transportado para outro lugar, caso seu coração e sua mente tenham reencarnado em outra parte, não acho que ele esteja por aqui da maneira como costumava estar. Eu não entendo... isso parece o tipo de coisa que as pessoas usam para tranquilizar as famílias das vítimas, sabe? *Ei, ele está em um lugar melhor. Ben vai estar sempre com você.*"

"Você não acha que Ben esteja com você?"

"Ele está comigo por causa do amor que eu sentia e sinto por ele, está vivo na minha lembrança. E a lembrança dele está comigo. Mas não, não acho que Ben esteja aqui. Depois que Steven morreu, pensei que ele pudesse estar deitado na cama comigo ao meu lado à noite, me fazendo companhia. Ou que talvez ele tivesse um poder onipresente de olhar por Ben, mas isso não fez a menor diferença

para mim. Porque eu não acreditava, sabe? Você acredita? Ou talvez seja melhor eu perguntar se você *consegue* acreditar... Eu bem que queria."

Faço que não com a cabeça. "Não, eu não acredito que ele tenha como me escutar. Nem que esteja olhando por mim. É uma ideia interessante. Quando minha mente começa a divagar, às vezes me pergunto se ele consegue escutar tudo o que digo, ver tudo o que eu faço. Mas isso não me ajuda em nada. Sempre que começo a pensar em onde ele pode estar agora, acabo voltando aos seus últimos momentos de vida. Ele sabia que aqueles eram seus últimos momentos? E se ele não tivesse saído de casa? E se eu não tivesse pedido para ele..."

"O quê?"

"Ele estava fazendo um favor para mim quando morreu", digo. "Tinha ido comprar Fruity Pebbles para mim." É como se eu tivesse removido um peso dos meus ombros. Susan fica em silêncio.

"Isso foi uma confissão?", ela pergunta.

"Ahn?"

"Isso não faz diferença. Você sabe, né?"

Não, eu não sei. Mas não sei como colocar isso em palavras, então fico em silêncio.

"Você vai estar fazendo um bem enorme a si mesma quando entender que não faz diferença. Você pode reviver a situação na sua mente milhões de vezes, com ele saindo para ir comprar o cereal ou não", ela diz. "Pode acreditar, ele acabaria morrendo do mesmo jeito. É assim que o mundo funciona."

Dou uma boa olhada nela, tentando entender se é nisso mesmo que Susan acredita. Ela percebe o ceticismo estampado no meu

rosto.

“Não sei se é verdade”, ela diz. “Mas a gente *precisa* acreditar nisso. Entendeu? Você precisa dar um jeito de acreditar.” Ela não me deixa brecha para responder. “Pegue essa caixa”, Susan pede. “Vamos começar pelo banheiro.”

Guardamos a escova de dente e o gel de cabelo dele. E também o desodorante e o xampu. Uma caixinha pequena de coisas que eram só dele. Tem muita coisa aqui que nós compartilhávamos. Susan cheira o xampu e o desodorante e joga por cima das outras coisas.

“Quando você se sentir pronta, esta é uma caixa para jogar fora, certo?”, Susan diz. “É lixo.”

Eu dou risada. “Sim, isso vai para o lixo.”

Passamos para a cozinha e pela escrivaninha, onde a maior parte das coisas de Ben também é lixo. Enchemos caixas e caixas de quinquilharias. Fico me perguntando se alguns desses objetos não estão sendo recolocados nas caixas em que vieram para cá. Voltamos para a sala, e Susan começa a encaixotar os livros dele, e vê os volumes de uma edição especial de colecionador em uma das prateleiras.

“Posso ficar com isto?”, ela pede. “Demorei meses para convencer Ben a ler esses livros”, ela diz. “Ele não levava a sério quando eu dizia que livros para jovens podiam ser legais.”

Eu os queria, mas queria ainda mais que Susan ficasse com eles. “Claro”, digo. “Pode levar o que quiser. Ele iria querer que você ficasse com algumas coisas”, completo. “Ele adorava esses livros, aliás. Recomendava para quem quisesse ouvir.”

Ela sorri e os coloca perto da porta enquanto termina de encaixotar os livros. “Esta caixa vai ser para guardar ou vender,

aliás?”

“Ainda não sei”, respondo. Ela assente com a cabeça e continua colocando os livros nas caixas, até que acaba se irritando. “Minha nossa, quem é que consegue ler tantos livros juvenis.”

Eu dou risada. “Ele lia bastante. Quer dizer, tipo um por semana, às vezes. E se recusava a pegar na biblioteca. O que era bem irritante, porque eu trabalho numa biblioteca, mas ele fazia questão de ir à livraria comprar. Os que eu trazia para casa ficavam juntando poeira até serem levados de volta.”

Ela também ri. “Isso é culpa minha. Quando ele era criança, o único luxo que eu me permitia era comprar livros. Nunca queria ir à biblioteca.”

“Como assim?” Que sacrilégio!

Ela dá risada de novo, envergonhada. “Você vai ficar brava.”

“Ah, vou?”

“Eu detesto o cheiro de livros de biblioteca.”

“Você está acabando comigo, Susan. *De verdade.*” Levo a mão ao peito e finjo um ataque cardíaco. O cheiro dos livros de biblioteca é o melhor do mundo, tirando, claro, o do travesseiro que guardei no saco plástico.

“Eu sei! Eu sei! Quando Ben era criança, ficava me pedindo para ir à biblioteca por causa dos jogos de tabuleiro e aquelas coisas para se sentar... como é que chama? Aquelas coisas que parecem umas bolas enormes... Nossa, o nome está na ponta da língua.”

“Os pufes?”

“Sim! Ele adorava sentar nos pufes, mas eu o obrigava a ir à livraria, para comprar livros com cheiro de novo. A culpa é toda minha. Me desculpa.”

“Está perdoada”, digo, apesar de ainda não me conformar com o fato de ela não gostar do cheiro de livros de biblioteca.

Maio

Cheguei em casa e Ben ainda estava na cama. Tinha passado uma hora e meia olhando para o teto. Demorei um tempão para fazer o trajeto até a locadora de veículos com aquele caminhão enorme, peguei o carro que ele deixou lá e então me lembrei do jantar. Ainda tive que passar no McDonald's antes de voltar.

"Você está bem?", perguntei quando entrei no apartamento.

"Sim, mas ainda não estou conseguindo me movimentar direito", ele disse.

"Bom, quase bati aquele maldito caminhão quatro vezes no caminho para Laurel Canyon. Como é que eles deixam pessoas normais dirigirem essas coisas?"

"Eu não diria que você é exatamente normal", ele disse. "Mas entendo o que você quer dizer."

Ponho o saco com a comida do McDonald's na cama e o ajudo a se sentar.

"Acho melhor eu ligar para o médico", falei.

"Eu vou ficar bem", ele respondeu, e começou a comer. Eu fiz o mesmo e, quando terminei, com os dedos cobertos de sal e a boca toda engordurada, dei um belo gole no meu refrigerante grande e me deitei, finalmente descansando depois de um longo dia. Ben

ligou a televisão e disse que queria ver alguma coisa. Depois ficou tudo borrado e eu dormi.

Acordei na manhã seguinte em uma cama vazia.

“Ben?”, chamei. Ele respondeu da sala. Fui até lá e vi que várias caixas já tinham sido esvaziadas.

“Como você está? Tudo bem?”

“Estou bem”, ele disse. “Se eu ficar retinho e não contorcer as costas, dá tudo certo.”

“Acho melhor você ir ao médico mesmo. Isso não está me parecendo nada bom.”

“Para de implicar comigo, esposa”, ele falou com um sorriso. “Posso tirar alguns dos seus livros chatos daqui? Quero um lugar para pôr estes aqui”, ele disse, apontando meio sem jeito para pilhas e mais pilhas de livros de capa mole.

“Talvez seja melhor comprar uma estante nova”, falei.

“Ou talvez seja melhor você doar alguns desses clássicos chatíssimos para a biblioteca. A gente precisa mesmo de duas cópias de *Anna Kariênina*?”

“Ei! São duas traduções diferentes!”, eu disse. “Você não pode chegar aqui e jogar minhas coisas fora só porque precisa de espaço, seu folgado!”

“Não estou falando para você jogar nada fora”, ele argumentou. “Só para... doar.” Ele abriu o livro, cheirou e afastou a cabeça. “Ai, ai!”, ele exclamou, massageando as costas. “Estes livros têm cheiro de coisa velha, Elsie. Vamos pelo menos comprar umas edições novas.”

Tiro meu *Anna Kariênina* da mão dele e guardo de volta na prateleira. “Duvido que todos os seus livros sejam cheirosinhos”, eu

digo. “Qualquer livro que você tenha há muito tempo uma hora começa a ficar com cheiro de coisa guardada. É assim que as coisas são.”

“Sim, mas eu não compro meus livros em sebos e mercados de antiguidades”, ele disse. “Compro assim que saem da gráfica, e eles ficam como novos por mais tempo.”

“Ah, qual é! Livro não é igual comida. Não tem data de validade”, falei, pegando um exemplar da pilha dele. Tinha uma garota na capa, na frente do que parecia ser um falcão gigante. “Sério mesmo?”, questiono.

“Vamos fazer um pequeno experimento aqui”, disse Ben. “*Anna Kariênina* é sobre o quê?”

“Sobre uma aristocrata casada que se apaixona por um conde, mas não pode...”

“Já me deu sono só de ouvir. Sabe sobre o que é este livro?”, ele me perguntou, pegando o livro com o falcão gigante da minha mão. “É sobre uns adolescentes que são parte humanos, parte aves.” Ele disse isso como se os fatos falassem por si só. “O meu livro é simplesmente melhor.”

“Você nem tentou ler *Anna Kariênina*. É uma história incrivelmente emocionante.”

“Ah, com certeza”, ele falou. “Mas eu gosto de livros que se passam em um mundo onde...”

“Em um mundo onde o quê?”

“Em um mundo onde... sei lá. Um mundo onde o amor seja classificado como uma doença. Em um mundo onde o governo escolha sua família para você. Em um mundo onde a sociedade

tenha eliminado toda a dor e o sofrimento. Eu adoro esse tipo de coisa.”

“Esse último que você falou é *O doador*”, eu disse. “Certo? Você estava falando de *O doador*?”

“Se me disser que não gosta de *O doador*, este relacionamento já era”, ele disse. “Tenho tolerância zero com quem não sabe apreciar *O doador*.”

Eu dei um sorriso, peguei o exemplar dele de *O doador*, abri o livro e senti o cheiro das páginas. “Não sei, não...”, provoquei. “Está com cheiro de coisa velha.”

“Ei!”, ele gritou, tentando tomar o livro de mim. Mas sua dor estava forte demais. Ele fez uma careta e gritou. Peguei minha chave de cima da mesa.

“Levanta daí”, falei. “A gente vai para o médico agora mesmo.”

“Só quando você admitir que adorou *O doador*”, ele resmungou.

Eu me ajoelhei para ajudá-lo a levantar, e disse baixinho: “Eu adorei *O doador*”.

Ele sorriu e soltou um grunhido ao ficar de pé. “Eu sabia”, Ben disse, imperturbável. “Mas quer ouvir um segredo?”

Fiz que sim com a cabeça.

“Eu teria aberto uma exceção por você.” Então ele me beijou no rosto e me deixou ajudá-lo a ir até o carro.

Setembro

À tarde, a maioria das coisas já está encaixotada. Deixamos o quarto e o closet por último. Pegamos o restante das caixas e vamos para lá.

Jogo as caixas na cama e dou uma olhada no quarto. Eu sou capaz de fazer isso. Se não conseguir, Susan dá um jeito. Então, de qualquer forma, vai ser feito.

“Certo!”, ela diz. “Vamos lá.” Ela abre uma gaveta da cômoda e começa a despejar roupas nas caixas. Vejo as camisas listradas e os jeans encardidos serem arrancados do seu lar por direito. Começo a tirar as peças do closet junto com os cabides. A gente só percebe como as roupas parecem mortas no cabide quando a pessoa que era sua dona... Enfim, eu nem me dou ao trabalho de tirá-las dos cabides. Simplesmente vou jogando nas caixas junto com o restante das peças. Faço a limpa no closet e na mesinha de cabeceira dele antes que Susan termine de esvaziar a cômoda. Ela parece tranquila, mas percebo que cheirou uma camisa antes de colocá-la na caixa. E percebo que eu estava olhando.

“Só estava tentando ver se ainda tem alguma coisa com o cheiro dele, sabe? É difícil de lembrar como era.”

“Ah”, eu digo. “Desculpa, eu cheirei tanto as coisas que o cheiro até saiu.”

“Ah.” Ela dá risada. “Bom, isso explica tudo.”

Me pergunto se sou capaz de dividir o que ainda me resta de Ben. A resposta é sim. “Espera um pouco”, digo.

Pego o saco de lixo com o travesseiro, desamarro e entrego para ela.

“Cheira aqui”, eu digo, e ela parece um tanto hesitante a princípio, mas então baixa a cabeça e encosta o nariz no travesseiro. “É isso mesmo”, Susan diz. “Ai, nossa. É ele.” Seus olhos se fecham, e vejo as lágrimas escorrerem pelo seu rosto. Pela primeira vez desde que nos vimos no hospital, vejo o que acontece quando ela se permite sofrer.

Maio

Passamos o dia na clínica médica, acomodados em cadeiras apertadas em uma sala cheia de gente com doenças contagiosas. Ben me lembrou várias vezes de que aquilo não era necessário. Mas, quando somos atendidos, o médico pareceu preocupado com essa atitude de Ben de minimizar as coisas. Ele prescreveu um analgésico forte, oxicodona.

Voltamos para casa, e Ben pediu comida chinesa. O pedido é o mesmo de sempre, e escuto quando ele diz ao celular para mandarem uma porção de arroz branco e outra de integral. Lembrei que no nosso primeiro encontro ele falou que pedir os dois tipos de arroz seria um sinal de que o clima de romance tinha acabado, mas fiquei contente por isso. Ben e eu éramos um time. Um sabia o que o outro queria. Um sabia do que o outro precisava. Sabíamos quando era hora de cada um seguir seu rumo e quando era o momento de chegar a um acordo. Não estávamos tentando impressionar um ao outro. Não estávamos fazendo um teste para ver se a nossa relação ia funcionar. Mergulhamos de cabeça, e nos tornamos o tipo de casal em que um não precisa ceder aos caprichos do outro. O fator novidade tinha passado, e o que restou era... incrível.

Fomos para a cama naquela noite e, apesar de ainda não termos guardado as coisas do quarto, Ben cismou que queria encontrar algo específico. Como não queria que ele se curvasse nem se contorcesse, fiz questão de procurar eu mesma. Ele foi me orientando pelas caixas, e acabei encontrando uma tão leve que parecia conter apenas ar. Eu a levei até ele, que abriu todo contente. Era um travesseiro sujo.

“O que é isso?“, perguntei, horrorizada por aquela coisa estar na minha cama, coberta de marcas de baba e manchas alaranjadas de... alguma coisa.

“É o meu travesseiro favorito!“, ele falou, colocando em cima dos meus, que pensei que tinham passado a ser “nossos“, mas que, levando em conta o estado daquela coisa horrorosa e imunda, eram definitivamente “meus“.

“Por favor, tira essa coisa da minha cama“, eu disse.

“Da nossa cama, linda“, ele me diz. “É a nossa cama. E a nossa cama precisa ter os nossos travesseiros. E este agora é um dos nossos.“

“Não“, eu falei, rindo. “Não quero que esse seja um dos nossos travesseiros. Quero que seja só o travesseiro que você usava quando morava sozinho.“

“Bom, não tem como. Não consigo dormir sem o meu travesseiro.“

“Você está dormindo aqui há meses sem esse travesseiro!“

“Sim, mas agora aqui é a minha casa! Estou pagando o aluguel! Preciso do meu travesseiro no lugar onde pago o aluguel.“

“Argh“, eu cedi. “Só põe uma fronha nessa coisa então, tá bom?“

“Claro.“ Ele foi até a gaveta de roupas de cama e voltou se pavoneando todo. Em seguida se deitou na cama com todo o

cuidado.

“Você tomou o remédio? Vai dar uma aliviada nas suas costas”, eu disse.

“E eu pareço com o quê? Um homem que não aguenta uma dorzinha?”, ele rebateu, se movendo lentamente na minha direção e apoiando a cabeça no travesseiro. “Quer experimentar? É *muito confortável.*”

Fiz que não com a cabeça. “Não, obrigada.”

“Ah, qual é? Você pode deitar só por uns cinco segundos. Ele é nosso agora”, Ben falou, me provocando.

“Tá bom! Tá bom!” Movi a cabeça para me apoiar no travesseiro. “Ai, meu Deus, como esse negócio é fedorento.”

“Quê? Não é, não.”

“Não acredito que você achou que o cheiro dos meus livros era ruim. Esse travesseiro é um horror!”, comentei, aos risos.

“Não! O cheiro é tranquilo.” Ele deu uma fungada para se certificar. “Você só precisa se acostumar.”

“Tá bom, sei”, respondi, apagando a luz. Ele dormiu em questão de minutos, e eu fiquei me sentindo a garota mais sortuda do mundo por ter aquele esquisitão ao meu lado; por ele morar comigo; por ele ter o direito de exigir que aquele travesseiro fedido ficasse na minha cama. Senti o cheiro mais uma vez antes de dormir, e duvidei que algum dia fosse me acostumar, mas em pouco tempo foi exatamente o que aconteceu.

Setembro

As caixas estão quase todas cheias. A maior parte das coisas de Ben está guardada, longe da minha vista. Só o que vejo ao meu redor são caixas de papelão. Fiquei com seu moletom da USC e algumas camisetas. Deixei sua caneca favorita no armário. Susan pôs alguns livros e fotos no carro para levar para casa, e também um caderno em que ele havia escrito coisas que não significavam nada para ninguém, mas eram inestimáveis para uma mãe.

Agora que está tudo nas caixas, não há mais muito motivo para Susan continuar aqui.

“Bom”, ela diz com um suspiro. “Acho que acabou.”

“É, acho que sim”, respondo. Estou me sentindo surpreendentemente estável.

“Tudo bem”, Susan diz com um aceno de cabeça. É o tipo de gesto que mostra que ela não sabe o que fazer a seguir; não sabe o que pensar. Ela respira fundo.

“Acho que... vou indo”, Susan diz. “Isso, hã, isso foi difícil. Não quero ir, mas... quer dizer, não estou exatamente deixando Ben para trás, né? Acho que é mais uma questão de... Enfim, eu ainda tinha isso como uma perspectiva para o futuro, sabe? Bom, não estou falando coisa com coisa. Já estou indo embora.”

Eu a abraço. "Faz todo o sentido do mundo para mim."

"Certo", ela diz, soltando o ar com força. Depois volta a inspirar, com um gesto compenetrado. Ela se recompõe. "Certo, eu te ligo na semana que vem."

"Ótimo."

Ela abre a porta e sai. Eu me viro para meu apartamento.

As coisas dele estão encaixotadas, mas não sinto que o perdi. É um sentimento sutil, mas real. Estou um pouco mais pronta para perceber a beleza de progredir, de seguir em frente. Decido aproveitar o momento. Pego três caixas de roupas e ponho no carro. Em seguida, apanho mais duas. Só não volto para buscar mais porque tenho medo de perder a coragem. Digo a mim mesma que é melhor assim. Isso é bom!

Paro em frente à sede de uma instituição de caridade e estaciono o carro. Pego as caixas e entro. Um homem grandalhão vem me receber.

"O que temos aqui?"

"Algumas roupas masculinas", digo. Não consigo encará-lo. Fico olhando para as caixas. "Todas em bom estado."

"Que ótimo!", ele diz, pegando as caixas. "Quer um recibo da doação?"

"Não", respondo. "Obrigada."

Ele abre as caixas e despeja as roupas sobre uma pilha com várias outras e, apesar de saber que é hora de me retirar, continuo olhando. Aquelas não são mais as roupas de Ben. São só peças em uma pilha de roupas misturadas com outras roupas.

O que foi que eu fiz?

Em um piscar de olhos, elas desaparecem. O homem pega a pilha inteira e leva para uma sala nos fundos. Quero as roupas de volta. Por que eu daria as roupas de Ben? O que ele vai usar? Sinto vontade de pular o balcão e começar a remexer nas coisas. Preciso das roupas dele de volta. Em vez disso, estou paralisada de choque por conta do que fiz. Como pude fazer isso? Por quê? Será que Ben consegue ver o que eu fiz, lá de onde está?

“Senhora?”, o homem me chama. “Está tudo bem?”

“Sim”, eu digo. “Desculpe.”

Viro as costas e vou para o carro. Não consigo girar a chave na ignição. Não consigo engatar a marcha. Simplesmente fico batendo a cabeça no volante. Deixo as lágrimas escorrerem pelo interior bege do veículo. Minha bochecha está acionando a buzina, mas não me importo.

Deixo a chave no banco da frente do carro e saio. Simplesmente saio correndo. Continuo correndo apesar do frio, apesar de meu corpo estar se aquecendo mais rápido do que deveria. Apesar de sentir que estou ficando febril. Então paro, de forma instantânea e abrupta, porque percebo que não tenho como fugir de mim mesma. Atravesso a rua e caminho pela calçada até encontrar um bar. Estou sem carteira, sem chave, mas entro mesmo assim. Apesar de ainda ser cedo, eles me deixam entrar, e eu me sento no balcão e bebo cerveja. Tomo uma atrás da outra até não conseguir mais sentir meu nariz. Quando a bebida acaba, finjo ir ao banheiro e saio de fininho pelos fundos, sem pagar, sem deixar gorjeta e sem nem ao menos agradecer. Quando chego em casa, ciente de que estou presa do lado de fora, começo a passar mal.

Vomito no gramado da frente. São quase oito da noite. Os vizinhos me veem e eu os ignoro. Sento na grama quando termino e desmaio. Acordo perto das onze, e estou perdida e inebriada demais para lembrar onde estão minhas chaves. Só tem uma coisa que posso fazer para entrar em casa. Ligo para Ana.

“Até que enfim você me ligou”, ela diz quando me encontra na calçada. “É só isso que me importa.”

Não digo nada. Ela sobe a escada, abre a porta e a mantém aberta para eu entrar.

“Você está bêbada?”, Ana pergunta, chocada. Se fosse em algum outro momento da minha vida, ela provavelmente acharia graça, mas vejo que não é o caso, apesar de eu realmente considerar aquilo um pouco engraçado. “Isso não é nem um pouco a sua cara.”

“Tive uns dias difíceis”, digo, me jogando no sofá.

“Quer conversar a respeito?”

“Bom, meu marido morreu, e isso foi dureza.” Não quero falar com ela sobre isso. Não quero conversar com ninguém.

“Eu sei”, ela diz, respondendo ao meu comentário sarcástico como se ele devesse ser levado a sério. Não é possível que ela pense que a resposta é mesmo essa. Mas, como ela está sendo sincera, não tenho escolha a não ser fazer o mesmo. Ela foi bem esperta, sou obrigada a admitir.

“Eu tirei as coisas dele daqui”, digo, me resignando com a sessão de terapia que está prestes a começar. Não menciono nossa última conversa, nossa briga, mas sei que ela vai me forçar a fazer isso também. Ana se aproxima de mim no sofá e me abraça. “Eu dei algumas coisas dele para a caridade”, conto.

A instituição de caridade! É lá que estão as minhas chaves.

“Eu sinto muito, Elsie”, Ana responde. “Mas estou orgulhosa de você. Muito, muito orgulhosa mesmo por você ter feito isso.” Ela acaricia meu braço. “Não sei se teria coragem se estivesse no seu lugar.”

“Quê?”, retruco. “Era você que vivia falando para eu seguir em frente. Dizia que eu precisava fazer isso!”

Ela balança a cabeça. "Sim, porque você precisava. Mas isso não significa que eu não sabia o quanto estava sendo difícil."

"Então por que você falou como se fosse uma coisa fácil?"

"Porque você precisava, e eu sabia que ia conseguir. É uma coisa que ninguém quer ter que fazer."

"Bom, agora ninguém mais precisa fazer."

Quero que ela vá embora, e acho que Ana sabe disso.

"Desculpa por aquela noite. Eu passei dos limites. Estou muito arrependida, de verdade", ela diz.

"Tudo bem", respondo, com toda a sinceridade. Está tudo bem. Eu deveria pedir desculpas também, mas não estou a fim de falar com ninguém agora.

"Certo, então já vou indo", ela avisa, juntando suas coisas para sair.

"Eu te amo", ela diz.

"Eu também", digo de volta, esperando que isso seja entendido como um "eu também te amo". E eu a amo mesmo, só não quero ter que falar. Não quero ter que sentir nada. Pela janela da frente, vejo o carro dela se afastar, e acho que está indo se encontrar com Kevin em algum lugar, e que vai contar sobre mais essa situação que passou comigo, e ele vai segurar sua mão e dizer "Coitada de você, essa situação não é nada fácil", como se o mundo estivesse conspirando contra Ana, como se ela não merecesse nada do que está passando. Sinto raiva dos dois por poderem suspirar e fazer cara de sérios quando falam sobre como a minha situação deve ser difícil, e em seguida vão ao cinema e morrem de rir com piadinhas idiotas.

Vou andando até a frente da instituição de caridade na manhã seguinte e pego meu carro. As chaves ainda estão no banco da frente, onde deixei, e mesmo assim ninguém roubou nada. Isso me irrita, para ser bem sincera. Fico puta porque, depois de eu passar por tanta coisa, *só agora* o mundo resolve conspirar a meu favor.

Na segunda-feira, no trabalho, me pego olhando feio para as pessoas. Quando me pedem ajuda, faço as coisas de cara feia, e quando termino fico resmungando baixinho para mim mesma.

Quando o sr. Callahan se aproxima de mim, sinto que minha paciência está por um fio.

“Olá, minha querida”, ele diz, fazendo menção de tocar meu braço. Imediatamente me encolho. Ele não leva meu gesto para o lado pessoal. “Está tendo um dia difícil?”

“É, acho que dá para dizer que sim.” Começo a empurrar o carrinho com os livros que precisam ser recolocados na prateleira. Não é tarefa minha fazer isso, mas me parece uma boa maneira de encerrar a conversa sem precisar dar maiores explicações. O sr. Callahan não entende a deixa, e começa a me acompanhar.

“Eu já tive um dia assim uma vez”, ele diz com um sorriso. Está claramente tentando me animar, mas não adianta. Eu não quero me animar. Na verdade, não sei nem se ainda sei abrir um sorriso espontâneo. Como é que faz? Os cantos dos lábios sobem sozinhos?

“Pois é, essa foi péssima”, ele continua, fazendo um gesto com a mão para que eu esqueça a brincadeirinha e não me preocupe por não ter achado graça. “Posso te ajudar em alguma coisa?”

“Ah”, eu digo, com os olhos fixos nas prateleiras. Não sei nem o que estou procurando. Olho de novo para o livro na minha mão. Não sou nem capaz de registrar os detalhes na minha mente. É como se os números sumissem da minha cabeça antes de meu olhar voltar para a prateleira outra vez. “Não, obrigada”, respondo.

“Eu tenho dois ouvidos aqui, sabia?”, ele diz.

Meu rosto se contorce em uma careta de impaciência. “Como é?”

“Para te escutar. Eu sou bom nisso.”

“Ah.”

“Enfim”, ele continua. “Você quer ficar sozinha. Eu entendo. Mas a oferta continua de pé. Estou sempre disposto a te ouvir.” Ele fica me olhando por um tempo, talvez tentando decifrar meu olhar vazio. “E isso não vale para qualquer um, não”, ele complementa, abrindo um sorriso enquanto dá um tapinha de leve na minha mão e se afasta.

Eu gostaria de estar bem a ponto de conseguir dizer que ele é um homem bom. Gostaria de estar bem a ponto de conseguir agradecer. Mas não estou. Não consigo sorrir. Eu nem me despeço. Espero que ele se afaste e me volto para a prateleira, ignorando-o por completo. Mais uma vez, esqueço o número do livro que está na minha mão e, em vez de olhar de novo, largo no carrinho e saio andando.

Vou para o lado de fora tomar um ar. Digo a mim mesma para me controlar. Digo a mim mesma que não é por culpa de ninguém que estou me sentindo assim. Estou no bicicletário, andando de um lado para outro, quando vejo um jovem casal. O homem carrega um bebê preso a seu peito, a mulher leva a sacola de fraldas. Ela está falando com a criança, e o homem está olhando para baixo. Ela beija o marido na boca e dá risada, porque precisa se desviar do bebê

para fazer isso. Os dois brincam com os pezinhos e as mãozinhas da criança.

Por que eles e não eu? Por que esse cara não podia ter morrido? Por que eu não estou aqui com Ben, vendo uma mulher infeliz andando de um lado para outro, à beira de um ataque de nervos? Que direito eles têm de ser felizes? Por que todo mundo precisa esfregar sua felicidade na minha cara?

Volto para dentro e aviso a Nancy que vou estar na seção de literatura indígena das Américas. Digo que estou fazendo uma pesquisa sobre os astecas para a exposição do mês que vem. Fico lá no corredor, passando o dedo pela lombada dos livros, sentindo o celofane estalar ao toque. Vejo os números do sistema decimal de Dewey aumentarem. Tento me concentrar só nos números, não nos títulos. Funciona por um tempo, e por um instante até perco a vontade de ter uma arma. Mas, justamente nesse momento, dou um esbarrão em cheio em alguém.

“Ah! Me desculpa”, ele me diz, pegando do chão o livro que derrubou. É um cara da minha idade, talvez um pouco mais velho. Tem cabelo preto e uma barba por fazer que provavelmente é mantida sempre nesse comprimento. É alto, tem um corpo firme e ombros largos. Está usando uma camiseta desbotada e uma calça jeans. Reparo no All Star colorido em seus pés quando ele pega o livro. Saio da frente para abrir passagem, mas ele parece a fim de conversar.

“Sou Brett”, ele diz, estendendo a mão. Eu o cumprimento já pensando em como seguir em frente.

“Elsie”, digo.

“Desculpa esbarrar em você desse jeito”, ele fala. “Não conheço bem a biblioteca, e o pessoal daqui não é muito prestativo.”

“Sou bibliotecária aqui”, respondo. Não me importo em deixá-lo constrangido.

“Ah.” Ele solta uma risadinha tímida. “Que vergonha. Me desculpa. De novo. Uau. Eu não estou me saindo nada bem aqui, né?”

“Não, acho que não mesmo”, digo.

“Escuta só, que tal eu te pagar um café, como um pedido de desculpas?”, ele oferece.

“Não, tudo bem. Não foi nada.”

“Não, é sério mesmo. Eu gostaria. Para mim seria um prazer”, ele diz, e agora está com um sorriso convencido.

“Ah”, eu digo. “Na verdade, eu preciso voltar ao trabalho.”

“Pode ser outra hora, então”, ele responde. Talvez ele pense que eu sou tímida ou esteja com vergonha. Sei lá.

“Eu sou casada”, digo, tentando encerrar a conversa. Só não sei se digo isso porque penso que é verdade ou porque quero me livrar do cara, da mesma forma que dizia “Acho que meu namorado não vai gostar muito disso” quando era solteira e era abordada por um morador de rua na saída do mercadinho.

“Ah”, ele diz. “Desculpa, eu não... Por essa eu não esperava.”

“Enfim, pois é”, eu falo, mostrando minha mão esquerda.

“Bom”, ele respondeu, aos risos. “Caso as coisas não deem certo com o seu marido...”

E então eu dou um soco na cara dele.

Fico surpresa ao descobrir como provocar um impacto pode ser recompensador: o choque do punho fechado contra um rosto, a visão de um filete de sangue bem fininho escorrendo de um nariz.

Não é uma boa ideia socar alguém na cara. Principalmente no lugar onde você trabalha. E sendo você uma funcionária pública. E quando o cara que toma a porrada é meio que um bebezão, e faz questão de que o pessoal da biblioteca chame a polícia.

Quando a polícia chega, não tenho muito como me defender. Ele não encostou em mim. Não me ameaçou. Não usou linguagem ofensiva. Não fez nenhuma provocação. Eu simplesmente o ataquei. E, para completar o vexame, vou ser detida. Eles não usam as algemas. Um dos policiais inclusive acha graça na situação. Mas, pelo jeito, quando a polícia é chamada porque alguém foi agredido e você diz "Sim, senhor policial, eu bati nele mesmo", os agentes da lei são obrigados a no mínimo levar o agressor para o "distrito". Um dos policiais me conduz até o banco de trás da viatura, me avisando para abaixar bem a cabeça na hora de entrar. Enquanto ele fecha a porta e se dirige ao assento da frente, o sr. Callahan aparece, e nossos olhares se cruzam. Eu deveria estar envergonhada, sei disso. Mas não estou nem aí. Olho pela janela, e percebo quando ele sorri para mim. O sorriso aos poucos vai se transformando em uma risada, provocada em partes iguais pelo choque e por um certo respeito recém-adquirido, talvez até um pouco de orgulho. A viatura

arranca, e o sr. Callahan me faz um sinal de positivo. Abro um leve sorriso. Acho que me lembro como é, sim. Basta deixar os cantos da boca se curvarem para cima.

Quando chegamos à delegacia, os policiais confiscam as minhas coisas, e sou fichada. Depois vou para uma cela. Eles dizem que tenho direito a uma ligação. Ligo para Ana.

“Você o quê?”, ela pergunta.

“Estou na delegacia. Preciso que você venha pagar a minha fiança.”

“Você não está falando sério, né?”

“Estou falando muito sério.”

“O que foi que você fez?”

“Dei um soco na cara de um homem na biblioteca, em algum lugar entre os livros 972.01 e 973.6 do acervo.”

“Certo, estou indo para aí”, ela avisa.

“Espera. Você não quer saber nem por que eu dei um soco na cara dele?”, pergunto.

“Que diferença isso faz?”, ela retruca, impaciente.

Minha impressão é de que já se passaram horas quando Ana chega, mas na verdade acho que ela veio bem depressa. Eu a vejo na frente da minha cela e... hahaha, como foi que eu vim parar na cadeia, porra? Ela está com o policial que me prendeu. Eu já posso ir, ele avisa. Depois tudo vai depender de Brett, se ele vai aparecer ou não para reapresentar formalmente a queixa.

Ana e eu saímos da delegacia, e ela me entrega a sacola com as minhas coisas. Agora acho tudo mais engraçado ainda. Mas Ana não vê a menor graça.

“Em minha defesa, o sr. Callahan também achou engraçado”, eu digo.

Ana se vira para mim. “O velhinho?”

Ele não é só um velhinho. “Esquece”, digo.

“Eu liguei para a Susan”, ela conta. É quase como uma confissão.

“Quê?”

“Eu liguei para a Susan.”

“Por quê?”

“Porque estou meio perdida nessa situação. Não sei o que fazer.”

“Então você chamou a minha mãe? É isso?”

“Ela não é sua mãe”, Ana responde, bem séria.

“Eu sei”, digo. “Mas foi meio que isso que você fez, né? Não queria ter que encarar a situação e me dedurou só para me ferrar.”

“Acho que nessa você não precisou da ajuda de ninguém para se ferrar.”

“Ele estava sendo um babaca comigo, Ana.” Ela se limita a me encarar. “Estava *mesmo*! E como você sabia o número dela, aliás?”

“Está no seu celular”, ela diz, falando como se eu fosse uma idiota.

“Tudo bem. Deixa para lá. Desculpa ter te ligado.”

“A Susan chega na sua casa daqui a uma hora.”

“Ela está indo *para lá*? Eu só saio do trabalho às cinco”, respondo.

“Alguma coisa me diz que eles não vão querer que você volte para trabalhar hoje”, Ana comenta.

Entramos no carro de Ana, que me leva até o meu. Eu saio e agradeço de novo pelo pagamento da fiança. Peço desculpas por ser tão difícil e digo que vou devolver o dinheiro.

“Eu só estava preocupada com você, Elsie.”

"Eu sei", digo. "Obrigada."

Vou para casa e fico esperando a batida na porta.

Susan aparece, e abro a porta. Ela não diz nada. Só fica me olhando.

"Me desculpa", eu digo. Não sei por que estou me desculpando. Se eu fui presa ou não, ela não tem nada a ver com isso. Ninguém tem nada a ver com isso.

"Não precisa se desculpar comigo", ela diz. "Só queria saber se você está bem."

"Estou ótima."

Ela entra, tira os sapatos e deita no meu sofá.

"O que aconteceu?", ela quer saber.

Solto um suspiro profundo e sento.

"Um cara me chamou para sair", explico. "Eu disse que não, mas ele continuou insistindo, e eu falei que era casada..."

"Você falou que era casada?", Susan questiona.

"Quê?"

"Eu falo isso para as pessoas o tempo todo, mas pelo motivo errado. Faço isso para sentir que ainda sou casada. Para não ter que admitir que não sou. É isso que você está fazendo?"

"Não. Bom..." Eu paro um pouco para pensar. "Eu sou casada. Não me divorciei dele. A gente não terminou."

"Mas o casamento acabou."

"Sim, mas... a gente não terminou."

"Acabou", ela repete.

Por que tudo precisa virar uma lição de vida? Por que não posso agir como se fosse casada sem que ninguém fique pegando no meu pé?

“Bom, se...” Eu me interrompo. Não estou muito segura da minha defesa.

“Pode falar”, ela incentiva. Parece que já sabe o que vou dizer, apesar de nem eu estar muito certa disso.

“Se o nosso casamento acabou quando ele morreu...”

Ela espera até que eu termine meu raciocínio.

“Então nós quase não fomos casados.”

Susan assente. “Pensei que você fosse dizer isso mesmo.”

Meus lábios se curvam para baixo.

“E daí?”, ela conclui.

“Como assim?”

“E daí que vocês quase não foram casados. Isso não torna o seu amor por ele menor.”

“Não, mas...”

“O quê?”

“Nós só estávamos juntos fazia seis meses quando casamos.”

“E?”

“Bom, o fato de eu ter sido casada com ele é justamente o que o torna diferente dos outros caras... ele é o amor da minha vida.”

“Não é, não”, ela diz. Eu fico só olhando para ela, sem saber o que falar. “Isso não faz a menor diferença. É só um papel. Um papel que você nem tem, aliás. Não significa nada.”

“Significa tudo!”, respondo.

“Escuta. Isso não significa nada. Por acaso ter passado dez minutos com Ben na frente de um juiz de paz muda o que vocês sentiam um pelo outro? Claro que não. Quem define isso é você. É o seu sentimento que define isso. E você amava o Ben. E ele amava você. E vocês acreditavam um no outro. Foi isso o que você perdeu.

Não importa se ele era um marido ou um namorado. Você perdeu a pessoa que ama. Perdeu o futuro que vocês pensavam que tinham pela frente.”

“Pois é”, digo.

“Fiquei com Steven por trinta e cinco anos. Isso me dá direito de sofrer mais do que você?”

A resposta é sim. É o que eu acho. E morro de medo disso. Fico me sentindo uma farsante, uma impostora, justamente por causa disso.

“Não sei”, é o que digo.

“Bom, eu não acho. Amor é amor. Quando a gente perde, é o maior desastre do mundo. A pior merda que existe.”

“Pois é.”

“Quando perdi o Steven, perdi meu amor, mas também uma pessoa a quem eu era muito apegada.”

“Pois é.”

“Você não teve tanto tempo como eu para se apegar ao homem que amava. Mas apego e amor são duas coisas diferentes. Meu coração ficou em pedaços, e eu não *sabia* mais como viver sem ele. Não me lembrava de quem eu era. Mas você viveu sem o Ben até o ano passado. E vai conseguir voltar a fazer isso. E mais cedo do que eu. Mas o amor, essa dor terrível, isso não vai acabar. Esse aperto constante no peito. Isso não vai embora assim tão fácil.”

“É que eu fiquei com ele por tão pouco tempo”, digo. É uma conversa difícil, porque tento manter minha autopiedade sob controle, e falar assim, conversar sobre tudo isso, é como abrir as torneiras da vitimização e inundar tudo com esse tipo de sentimento. “Não passei tempo suficiente com ele”, continuo, e minha voz

começa a falhar, meus lábios começam a tremer. “Não foi tempo suficiente. Seis meses! Foi só isso o que tive.” Eu fico ofegante. “Só fui a esposa dele por nove dias.” Começo a soluçar. “Nove dias não bastam. Simplesmente não bastam.”

Susan se aproxima de mim e segura a minha mão. Ela afasta os cabelos da minha testa e me encara.

“Querida, pode acreditar em mim, quando você ama alguém dessa maneira, tempo nenhum é suficiente. Não importa se tivessem sido trinta anos”, ela me diz. “Isso também não bastaria.”

Ela tem razão, claro. Se eu pudesse ter passado mais dez anos com Ben, estaria aqui dizendo: “Tudo bem, eu pude conviver bastante com ele”? Não. Tempo nenhum bastaria.

“Estou com medo”, digo a ela. “Estou com medo de seguir em frente e conhecer outra pessoa e passar o resto da vida com ele e vai parecer que...” — minha voz fica embargada de novo — “... vai ficar parecendo que Ben foi... Não quero que ele seja só o meu primeiro marido.”

Susan assente. “Sua situação é muito diferente da minha, e às vezes eu me esqueço disso. Ninguém se importa se eu abri mão da minha vida amorosa. Todo mundo entende. Eles sabem que não vou sair com mais ninguém. Sabem que tive um grande amor e isso basta. Mas você precisa ter outra pessoa na sua vida. E não consigo nem imaginar a sensação de traição que sentiria se eu tivesse que fazer isso.”

“Mas é uma traição *mesmo*. Tudo fica parecendo uma traição. Eu tive um homem incrível... não posso simplesmente encontrar outro e esquecer que ele existiu.”

“Eu entendo, Elsie. Mas você precisa arrumar um jeito de seguir em frente sem se esquecer dele. Precisa arrumar um jeito de se lembrar dele no seu coração e nas suas lembranças, mas *também* construir uma *outra vida*. Sua vida não pode continuar girando em torno do meu filho. Não pode.”

Balanço negativamente a cabeça. “Se a minha vida não girar em torno dele, eu não sei o que fazer com ela.”

“A sua vida precisa girar em torno de você. Como sempre foi. Afinal, é a sua vida”, Susan diz, sorrindo para mim. “Sei que nove dias é pouco. Que seis meses é pouco. Mas, pode acreditar em mim, mesmo se seguir em frente e se casar com outro, tiver filhos com ele e amar sua família a ponto de não saber mais como viver sem eles, você não vai ter perdido Ben. Esses nove dias, esses seis meses, eles são parte da sua vida, parte de quem você é. Pode *parecer* que não foi suficiente, mas foi uma experiência que transformou você. Eu perdi o filho que amei durante vinte e sete anos. É um sofrimento brutal, infinito, agonizante. Você acha que não tenho o direito de sofrer tanto quanto alguém que perdeu um filho de quarenta anos? Vinte e sete anos não é tempo suficiente com um filho. Mas, só porque durou menos do que deveria, não significa que não aconteceu. Simplesmente durou menos do que deveria. Só isso. Você precisa se perdoar, Elsie. Não foi por culpa sua que seu casamento durou nove dias. E isso não diz nada sobre o quanto você era apaixonada por ele.”

Fico sem resposta. Minha vontade é pegar todas essas palavras e usá-las para preencher o vazio que sinto no meu coração. Quero anotá-las em pedaços de papel e engolir, consumir cada uma, torná-las parte de mim. Talvez assim eu consiga acreditar.

Meu silêncio dura tempo demais. O clima da conversa muda. Eu relaxo e espero as lágrimas secarem. Susan muda de assunto, cautelosa. "Você foi demitida?"

"Não", digo. "Mas acho que vou ser obrigada a tirar uma licença."

Ela parece contente em ouvir isso, como se fosse algo que se encaixasse em seus planos.

"Venha ficar comigo em Newport, então", ela sugere.

"Quê?"

"Vamos tirar você um pouco deste apartamento. De Los Angeles. Você precisa de uma mudança de ares por algumas semanas."

"Ah..."

"Já faz um tempinho que estou pensando nisso, e o que aconteceu hoje é um sinal de que tenho razão. Você precisa sentir pena de si mesma por um tempo para conseguir recomeçar. Eu posso ajudar. Me deixe ajudar."

Tento pensar em um motivo para recusar, mas... simplesmente não tenho nenhum.

Maio

“Eu não gosto de voltar para casa tanto quanto gostava antes”, Ben me falou. Nós estávamos passeando por Venice Beach. Eu queria andar um pouco na areia, e ele sempre gostou de ver o movimento nessa praia. Eu preferia o clima mais tranquilo e romântico de Malibu, mas ele adorava ver os esquisitões que frequentam o calçadão.

“Por quê?”, questionei. “Você falou que a casa da sua mãe está bem legal.”

“Está mesmo”, ele disse. “Mas é grande demais. Vazia demais. É que...”

“O quê?”

“Sei lá. Fico sempre com medo de quebrar alguma coisa. Quando meu pai era vivo, a casa era mais simples. Ele nunca deu bola para luxo, e detestava gastar dinheiro com coisas como vasos de cristal.”

“Sua mãe tem muitos vasos de cristal?”

“Ela não podia ter enquanto ele ainda estava lá, então acho que está tentando compensar agora.”

“Entendi. Ela está fazendo o que sempre quis, mas não podia.”

“É”, ele falou. “Mas não é isso, não exatamente. Ela está comprando tudo o que queria, mas não está *fazendo* nada.”

“Bom, comprar coisas pode ser considerado fazer alguma coisa. E pode estar ajudando. Além disso...” — fiquei hesitante em falar, mas então resolvi forçar as palavras a saírem da minha boca mesmo assim — “... talvez ela esteja passando pelo mesmo que você, sabe? Por exemplo, essa coisa de você não contar nada sobre a gente.”

Ben se virou para mim. “Bom, isso é porque...”, ele começou, mas não parecia saber como terminar. “É, pode ser”, ele falou, resignado. “Eu vou contar em breve. Porque a hora certa nunca vai chegar, e agora estou simplesmente mentindo. Antes era só uma omissão, mas agora eu moro na sua casa. Estamos morando juntos.” Ele começou a ficar desanimado, e foi visível o momento em que desabou de vez. Ele soltou um suspiro pesado. “Eu estou mentindo para ela.”

Eu poderia tê-lo obrigado a ligar para ela naquele momento, talvez. Poderia ter dito que sim, ele estava mentindo. Mas não queria vê-lo triste. Não suportava vê-lo tão decepcionado consigo mesmo.

“Você não está mentindo”, eu disse. “Está fazendo as coisas do seu jeito e, agora que se deu conta de que precisa contar para ela, é o que vai fazer”, eu disse, como se fosse a coisa mais simples do mundo.

“Pois é, você tem toda a razão.” Ele balançou a cabeça, decidido. “Deixei isso ir longe demais, está na cara, mas não é nada tão absurdo assim. Ela vai ficar feliz por mim. E vai adorar você.” Ele me encarou com um olhar de afeto genuíno. Realmente era incapaz de conceber um mundo em que as pessoas poderiam não gostar de mim ou, de forma mais realista, tratar minha existência com indiferença.

Ben logo virou a cabeça para evitar contato visual com aquilo que de fato queria observar. “Está vendo isso?”, ele perguntou entredentes. “Está vendo o mesmo que eu?”

“O velho de tanguinha amarela andando de skate com o cachorro?”, perguntei baixinho.

“Posso garantir que não tem ninguém fazendo isso em Malibu”, ele disse, passando o braço ao redor do meu ombro.

Dei risada e deixei que ele continuasse me conduzindo pela rua. Ele observava os passantes, enquanto eu me fechava nos meus próprios pensamentos. De repente, fiquei apreensiva com a ideia de finalmente conhecer a mãe dele. Comecei a imaginar como seria.

Nós seríamos apresentadas em um jantar formal. Eu teria que usar uma roupa bonita e ir a um bom restaurante. Provavelmente levaria uma blusa, mas esqueceria no carro. Passaria frio o tempo todo, mas não diria nada. Teria vontade de ir ao banheiro, mas estaria nervosa demais para pedir licença e me ausentar da mesa. Meu sorriso seria tão falso e escancarado que eu ficaria meio zozza pelo excesso de oxigenação no cérebro. Nós estaríamos cara a cara. E então me dei conta do que realmente me incomodava. E se durante o tempo todo que eu ficasse diante daquela mulher, mantendo uma postura perfeita, preocupada se tinha alguma comida no dente, ela estivesse pensando: *O que foi que ele viu nela?*

Outubro

Antes de ir para a casa de Susan, converso sobre a possibilidade de tirar uma licença de trabalho. Lyle explica que prefere que eu não volte imediatamente, e digo que compreendo. Mas ele afirma que meu emprego estará garantido quando eu estiver pronta para voltar. Acho que Nancy teve muita influência nisso, mas me limito a agradecer Lyle.

Encontro Ana para o café da manhã e aviso que vou passar um tempo com Susan.

“O quê?”, ela pergunta. “Eu só queria que ela colocasse juízo na sua cabeça, não que levasse você embora.” Ela está claramente incomodada. Comendo depressa. Mal sentindo o gosto do que tem na boca antes de pegar mais.

“Eu sei”, respondo. “E te agradeço por ter ligado para ela. Acho que preciso sair daqui por uns tempos. Preciso encontrar uma maneira de seguir em frente. Acho que não consigo fazer isso ficando aqui. Pelo menos por enquanto.”

“Quanto tempo você vai ficar fora?” Ela parece prestes a chorar.

“Não muito. Algumas semanas, no máximo. Volto logo, e você pode ir até lá quando quiser.”

“Você acha mesmo que isso vai ajudar?”, ela pergunta.

“Só sei que eu quero que ajude”, respondo. “E acho que isso é o principal.”

“Tudo bem”, ela diz. “Quer que eu pegue sua correspondência e veja se está tudo bem na sua casa quando você estiver fora?”

“Sim”, respondo.

“Certo.” Ana não fala nada, mas fico com a impressão de que uma partezinha dentro dela está contente com a minha partida. Eu drenei suas energias. Se algum dia eu conseguir deixar de sentir pena de mim mesma, vou começar a sentir pena de Ana por tudo o que a obriguei passar. Ainda não cheguei a esse ponto, mas sei que uma hora vai acontecer. “Eu gostei do Kevin”, digo.

“Tá bom”, ela diz, como se não acreditasse em mim.

“Não, é sério. É que eu estava no meio de todo esse turbilhão. Eu gostei dele de verdade.”

“Tá, obrigada”, ela diz em um tom diplomático. Mais tarde, vou embora e entro no meu carro cheio de roupas e artigos de banheiro. Digito o endereço no meu celular, saio do estacionamento e rumo para o sul.

Toco a campainha com a bolsa de viagem no ombro. Sinto que estou aqui só para passar a noite na casa de uma amiga. Por algum motivo, dessa vez a casa parece um lugar bem mais convidativo. Não parece que serei engolida viva assim que entrar.

Susan aparece na porta e abre os braços para me cumprimentar. Parece genuinamente feliz em me ver, o que é bom, porque nas últimas semanas não tenho sido uma companhia agradável, nem alguém que as pessoas queiram encontrar.

“Oi!”, ela diz.

“Oi”, respondo, um pouco mais tímida.

“Planejei um monte de coisas para a gente fazer hoje”, ela diz antes mesmo de eu entrar. “Comida chinesa, massagens, *Flores de aço*.”

Eu me viro para ela quando ouço “*Flores de aço*”.

Ela abre um sorriso meio envergonhado. “Eu nunca tive uma companhia feminina para ver o filme comigo!”

Dou risada e ponho minhas coisas no chão. “Parece ótimo.”

“Vou mostrar o seu quarto”, ela diz.

“Nossa, parece até que estou num hotel”, comento.

“Eu me ocupo com a decoração quando a vida se torna insuportável para mim. O que tem acontecido quase sempre nos últimos tempos.” O peso dessa confissão me deixa até assustada. Quando conversamos, é sempre sobre mim. Não sei bem o que dizer para uma mulher que, além do marido, perdeu também o filho.

“Bom, eu estou aqui agora”, digo, animada. “Eu posso...” O quê? Que diabos eu posso fazer?

Ela sorri para mim, mas percebo que esse sorriso pode se tornar uma careta de choro a qualquer momento. De alguma forma, isso não acontece. Ela direciona a mente para pensamentos mais felizes. “Vou mostrar a você o quarto de hóspedes!”

“O quarto de hóspedes?”, questiono.

Susan se vira para mim. “Você não pensou que fosse dormir no quarto do Ben, né?”

“Na verdade, até pensei.”

“Eu passei tempo demais lá nas últimas semanas, e vou te dizer uma coisa: isso só me deixou mais triste.” Mais uma vez, ela não deixa a emoção tomar conta. Está determinada a seguir com seu plano. Susan me leva a um belíssimo quarto de paredes brancas e uma cama com colcha branca e travesseiros de fronhas brancas. Tem um vaso de copos-de-leite brancos na escrivaninha, e chocolates Godiva na mesinha de cabeceira. Não sei se as velas são novas, mas com certeza nunca foram usadas. Tem cheiro de algodão e sabonete aqui. É uma delícia. O lugar como um todo é deslumbrante, na verdade.

“Muito branco? Desculpa. Acho que me empolguei demais porque alguém finalmente usaria o quarto de hóspedes.”

Eu dou risada. "Está lindo, obrigada." Tem um roupão em cima da cama. Ela percebe que estou olhando.

"É para você, se quiser. Quero que você seja mimada enquanto estiver aqui. Que se sinta confortável."

"Que ótimo", digo. Ela pensou em tudo. Olho para o banheiro atrás dela e vejo a mensagem escrita com sabonete por Ben.

Ela nota meu olhar. "Não tive coragem de limpar enquanto ele estava por aqui, agora muito menos."

Ali está, finalmente. Eu me lembro de ter procurado na última vez em que estive aqui. E também do motivo por que desisti. Mas agora está bem na minha frente. É como se eu enfim tivesse encontrado um jeito de me infiltrar aqui. A letra dele é toda irregular. Ele não sabia o que estava fazendo. E não tinha ideia do quanto isso significaria para nós.

Susan quebra o silêncio. "Certo, pode se instalar e ficar à vontade, fazer o que quiser. A massagista chega em umas duas horas. Achei que depois disso nós podíamos pedir comida chinesa. Vou ver alguma porcária na televisão agora", ela diz. "Minha única regra é que você se esqueça do mundo real enquanto estiver aqui, e pode chorar quando sentir vontade. Para colocar tudo para fora, sabe? Essa é a minha única regra."

"Por mim tudo bem", eu digo, e ela sai. Fico ligeiramente desconfortável, o que me deixa surpresa, porque tenho me sentido muito bem ao lado de Susan ultimamente. A presença dela tem sido reconfortante. Mas agora estou em sua casa, em seu mundo. Estou também na casa em que Ben morou quando era criança, e o choro deveria ser inevitável. Mas eu não estou à beira das lágrimas. Na verdade, estou bem. E o que me vem à mente é que não estou

conseguindo chorar justamente porque isso seria compreensível e aceitável.

Maio

“Casa comigo”, ele falou.

“*Casar com você?*” Eu estava dirigindo o carro dele. Tinha acabado de ir buscá-lo no médico de novo. Ben havia se agachado para fazer carinho em um cachorro naquela manhã e suas costas travaram. Aparentemente, é o tipo de coisa que pode acontecer quando a pessoa não toma o remédio que o médico prescreveu. Ben ouviu uma bronca, porque precisava tomar os medicamentos para voltar a se movimentar com normalidade e poder exercitar os músculos. Eu tinha falado a mesma coisa uns dias antes, mas ele não quis escutar. Então ali estava eu, levando Ben de volta para casa depois de mais uma consulta. Só que desta vez eu estava sendo pedida em casamento por ele, que estava dopado de analgésicos no banco do passageiro.

“Sim! Casa comigo. Você é perfeita”, ele disse. “Está calor aqui.”

“Tudo bem, tudo bem. Já estamos indo para casa.”

“Mas você vai casar comigo?”, ele perguntou, sorrindo para mim enquanto me via dirigir.

“Acho que são os remédios que estão falando por você agora”, eu disse.

“O que foi dito bêbado foi pensado sóbrio”, ele respondeu, e em seguida pegou no sono.

Outubro

Estou sentada à beira da piscina de Susan, lendo revistas e tomando sol. Nós jogamos baralho e bebemos bastante chá gelado. Os dias passam e nada acontece. Passeio pela horta dela, e às vezes colho limões para colocar nas minhas bebidas. Finalmente estou ganhando peso. Ainda não subi na balança para comprovar, mas meu rosto está mais redondo.

Quando os dias começam a ficar mais frios e o vento de Santa Ana passa a dominar as noites, me sento de vez em quando perto da lareira externa. Acho que fui a primeira a acendê-la em toda sua existência. Mas, depois de alguns dias de uso, o cheiro de madeira queimada e de fogueira domina o ambiente, e se fechar os olhos por tempo suficiente consigo me convencer que estou de férias de verdade.

A não ser nesses momentos, Susan está sempre comigo, me guiando em sua versão de um pequeno programa de reabilitação de viúvas. Ela chora de vez em quando, mas sempre consegue se controlar. Tenho certeza de que à noite, sozinha na cama, é o único momento em que ela consegue se soltar. Às vezes, quando não consigo dormir, escuto seus soluços vindos do outro lado da casa, mas nunca vou até o quarto dela. Nem comento nada no dia

seguinte. Ela gosta de ficar sozinha com sua dor. Não gosta de compartilhá-la. Durante o dia, quer me dar apoio, me mostrar o que fazer, e aceito de bom grado. Por mais imperfeito que seja, esse sistema está funcionando para ela. Susan é uma mulher funcional e controlada quando precisa ser, e à sua própria maneira está em sintonia com seus sentimentos. Acho que estou aprendendo com uma ótima professora, porque estou me sentindo um pouco melhor.

Quando Susan não está por perto, às vezes entro no quarto de Ben. Pensei que ainda estivesse lá à sua espera, exatamente como ele deixou. Pensei que fosse encontrar antigos troféus de competições do ensino médio, ou fotografias da formatura, ou talvez uma daquelas flâmulas que as pessoas penduram nas paredes. Quero saber mais sobre o meu marido. Quero consumir mais informações a seu respeito. Passar mais tempo com ele. Mas, em vez disso, encontro um quarto pequeno que foi esvaziado muito antes de Ben morrer. Tem uma cama com uma colcha azul listrada e, em um canto, um adesivo rasgado de alguma marca de skate. Às vezes, sento na cama e escuto o silêncio daquela casa com apenas uma pessoa lá. Imagino como deve ser para Susan quando não estou aqui.

Penso em um mundo em que sou mãe de três filhos, casada com um homem lindo. Nós temos uma SUV enorme, e ele é o treinador do time de futebol das meninas. Ele não tem rosto nem nome. Para falar a verdade, nesse contexto, ele não faz a menor diferença. Não consigo deixar de tentar encontrar um jeito de encaixar Ben nessa nova vida. Eu poderia colocar o nome dele em um dos meus filhos, mas isso seria óbvio demais e, para ser sincera, um gesto muito pequeno. Estou começando a entender por que as pessoas criam

fundações e instituições de caridade com o nome dos que se foram. Seria ótimo trabalhar na Fundação Benjamin S. Ross de Boicote ao Cereal Fruity Pebbles. Mas sei que não tenho nada para combater em nome dele.

Sendo bem sincera, não há nada no mundo que me interesse de verdade. Às vezes eu gostaria de ter uma paixão — e, pensando bem, esse desejo em si já pode ser considerado uma paixão, só que uma que não leva a lugar nenhum.

Susan vive planejando coisas para me manter ocupada, mesmo que seja um dia todo estruturado em torno de ficar assistindo televisão deitada. Às vezes esse espírito “monitora de acampamento” é meio cansativo, mas não estou em condições de reclamar de nada. Ela só quer me ajudar, e é isso que está fazendo. Me sinto um pouco mais funcional a cada dia.

“Minha amiga Rebecca está na cidade hoje”, ela me diz certa tarde. “Pensei que todas nós poderíamos ir a um restaurante mediterrâneo novo que fiquei sabendo.”

É a primeira vez que Susan me convida para um programa com suas amigas. Parece estranho para mim, por algum motivo, participar de algo que envolve outras pessoas. Mas não sei ao certo por quê. É como se nossa aliança fosse algo só nosso, que não deve vir a público. Como se ela tivesse me adotado ilegalmente como filha. Mas acho que o maior medo é de não saber como me referir a ela. Como Susan vai me apresentar? “Esta é a viúva do meu filho?” Isso eu não quero.

“Ah, não sei”, digo. Estou folheando uma revista que já li faz alguns dias. As páginas estão desbotadas e enrugadas nas pontas, porque deixei perto demais da beirada quando pulei na piscina.

“Por favor...”, ela diz.

“É que...”, eu começo. Mas de repente ela senta ao meu lado e estende as mãos, como se estivesse prestes a fazer uma proposta irrecusável.

“Olha só, a Rebecca não é das melhores companhias. É meio... esnobe. Na verdade, é bem esnobe. E eu sempre detestei a postura dela em relação aos nossos filhos. Quando o menino mais velho dela foi estudar em Stanford, era Stanford isso, Stanford aquilo e blá-blá-blá, e Patrick não é o garoto mais inteligente do mundo? Etc. Ela sempre agiu como se Ben fosse uma decepção.”

“Uau, bom, agora é que eu não quero ir mesmo. E não entendo por que você quer ir”, respondo.

“Mas escuta só!”, Susan diz, toda animada. “Ela sempre quis muito, muito uma filha. Sempre. E tem dois rapazes. Os dois solteiros.” Susan percebe o que está fazendo e fica vermelha. “Nossa, eu sou péssima, né? Estou tentando usar minha nora para fazer ciúme na minha amiga.”

Não sei se é porque já odeio essa tal de Rebecca ou porque gosto da ideia de agradar Susan, mas acabo concordando. “Vamos usar vestidos iguais?”, pergunto. “E talvez dizer que estamos acabando de chegar da aula de cerâmica que fazemos juntas?”

Susan ri com gosto. “Obrigada por entender que às vezes eu não valho um centavo.”

Nós tiramos um cochilo e depois nos arrumamos para o jantar. Escuto Susan trocar de roupa várias vezes. É estranho vê-la assim tão insegura. Quando chegamos ao restaurante, nos avisam que Rebecca já está na mesa. Atravessamos o salão com Susan um pouquinho à minha frente, e percebo quando ela faz contato visual

com a amiga. Rebecca fica de pé para nos receber. “Só dois minutos atrasada!”, ela comenta, e percebo que Susan revira os olhos. Rebecca se vira para mim. “Então esta é a nora de quem você vive falando.”

E eu percebo que, acima de tudo, o que me fez querer vir a este jantar foi que, pela primeira vez, posso me sentir a nora de Susan — nada mais, nada menos. As circunstâncias bizarras não interessam. Eu sou uma nora que enche a sogra de orgulho.

Novembro

Ana vem hoje para uma visita. Susan a convidou para passar o fim de semana aqui, e ela aceitou. Deve chegar a qualquer momento, e fico empolgada para mostrar a ela como é gostoso simplesmente sentar na beira da piscina e sentir o sol bater na pele. Fui ao mercado à tarde para comprar coisas para comer e beber. Comprei uns coolers de vinho mais para fazer graça, mas depois de tomar uma garrafinha à tarde achei uma delícia.

Ana deve aparecer por volta das seis, e Susan fez todo um planejamento para o jantar. Fico com a impressão de que ela está entediadíssima. Acho que minha presença aqui torna seus dias mais ocupados, só que mesmo antes de Ben morrer, antes de nos tornarmos próximas, Susan já era uma mulher entediadíssima. Faz parte de um monte de clubes de leitura, mas, pelo que sei, é só isso. Então, quando Ana chega, é o pretexto perfeito para um jantar de sete pratos.

Vou até a cozinha e encontro um avental extra, que visto antes de estender as mãos. "O que posso fazer para ajudar?", pergunto.

Susan está picando verduras e legumes tão depressa que fico com a impressão de que vai acabar arrancando um dedo fora, mas isso

não acontece. A tábua de corte está cheia de coisas que ela despeja sem dificuldades em uma tigela enorme.

“Você me passa aquele pote?”, ela pede. Quando o entrego, ela salpica o que quer que tenha lá dentro — queijo parmesão, provavelmente — sobre a salada e põe a tigela em cima da mesa.

“A salada está pronta. A carne está no fogo. As batatas do purê estão amassadas. O pudim de Yorkshire está no forno. Acho que está tudo sob controle”, ela me diz. “Espero que Ana não esteja de regime. Cozinhei o suficiente para alimentar o Orange County inteiro.”

A campainha toca, e eu vou atender. Ana está com um vestido branco e um cardigã preto; segura uma garrafa de vinho em uma das mãos e a bolsa na outra. Nós nos ligamos várias vezes desde que vim para cá, mas fico com o coração quentinho ao vê-la na minha frente. Ela é a vida que eu gostaria de ter de volta.

Ana me abraça, e sinto seu perfume. Isso me faz lembrar de quando tínhamos vinte e poucos anos e saíamos para os barzinhos, e eu ficava em um canto com um coquetel de frutas na mão enquanto ela era o centro das atenções. Isso me faz lembrar dos brunches de domingo e das ressacas. Da vida de solteira. Da vida que eu adorava antes de descobrir que existia coisa melhor.

Faz tanto tempo que não sinto o cheiro de Ben que nem me lembro mais como é. Reconheceria em um piscar de olhos, mas não sei descrever, nem imaginar. Eu sabia que isso aconteceria. E tinha medo. Agora que aconteceu, não é tão ruim assim. É ruim. Mas ao mesmo tempo não é.

“*Você está ótima!*”, ela diz. Isso eleva meu estado de espírito na hora.

“Obrigada! Você também!” Não gosto dessa formalidade na nossa conversa. Nós somos melhores amigas, e melhores amigas não falam assim uma com a outra.

Vamos até a cozinha, e Ana cumprimenta Susan com um abraço. “O que eu posso fazer para ajudar?”, ela pergunta, mas Susan faz um gesto como quem diz que não é necessário.

“Como vocês são educadas”, ela comenta. “Estou quase terminando. Podem se sentar. Querem beber alguma coisa?”

“Me deixa pelo menos providenciar isso”, Ana diz, procurando as taças.

“Estão no armário em cima da lava-louças”, Susan responde sem sequer olhar. Ana pega três taças e serve o vinho para nós.

Em questão de cinco minutos estamos de volta ao nosso normal, e penso em como é estranho que, depois de ficar distante de Ana por apenas algumas semanas, já tenha surgido esse afastamento entre nós. Mas então me dou conta de que isso não está acontecendo há apenas algumas semanas. Nós estamos distantes desde que Ben morreu. Eu matei um pouco de mim mesma quando ele se foi. E me pergunto se isso não vem desde antes também. Me pergunto se, quando conheci Ben, não perdi um pouco de Ana. Se for esse o caso, eu a quero de volta. Quero de volta o que costumávamos ter.

Maio

As costas de Ben pioraram tanto que ele não conseguia mais se mexer. Precisou faltar três dias no trabalho. Tentei ir à biblioteca na segunda, mas precisei sair no meio do dia, porque ele travou no meio da casa e não conseguia voltar para a cama. Na quarta, eu já tinha desistido de ir trabalhar para ficar cuidando dele.

Ben era patético ao lidar com a dor, parecia um bebezão. Gemia e resmungava como se tivesse bactérias devoradoras de carne espalhadas pelo corpo sempre que eu perguntava como ele estava. Eu gostava de fazer comida para ele, dar banho nele, massagear seus músculos. Gostava de cuidar dele, de me dedicar a ele. Eu me sentia como se tivesse um propósito na vida. Era muito bom fazê-lo se sentir melhor, nem que fosse só um pouquinho.

Fazia alguns dias que ele havia me pedido em casamento, e não estava sendo fácil ignorar esse fato. Ele estava dopado pelos remédios. Mas e se estivesse falando sério? Por que isso mexeu tanto comigo? Foi só uma bobagem falada sob o efeito de Vicodin. Mas esses remédios fortes mexem tanto assim com a cabeça das pessoas? Duvido que façam a gente dizer o que não quer.

Acho que eu estava empolgada demais porque o amava de um jeito que nunca imaginei ser possível. Eu sabia que, se o perdesse,

se tivesse que viver sem ele, isso acabaria comigo. Eu precisava dele, e não só no presente, mas também no futuro. Precisava dele o tempo todo. E o queria o tempo todo. Queria que ele fosse o pai dos meus filhos. Dizer isso não tinha grande valor; as pessoas falam esse tipo de coisa o tempo todo, como se não fosse nada de mais, só que comigo não era assim. Eu queria ter filhos com ele algum dia. Queria ser mãe ao seu lado. Queria uma criança que fosse metade eu e metade ele. Queria perder uma parte de mim para ganhar uma parte dele. Queria me casar com ele. Então meu desejo era que aquilo que ele dissera fosse verdade. Que fosse real.

Apesar de estar melhorando, Ben me pediu para faltar mais um dia ao trabalho para cuidar dele. Disse que eu tinha sido tão incrível que queria retribuir o favor. Não pensei duas vezes antes de topá-lo.

Acordei com ele ao meu lado na cama, com uma bandeja de café da manhã.

"*Voilà!*", ele disse com um sorriso enquanto me observava. Sentei na cama, e ele colocou a bandeja diante de mim. Estava cheia de coisas que em geral eu considerava excludentes entre si: um bagel e um croissant; torrada francesa e waffles; cream cheese e manteiga. Ele tinha até tostado uma bolacha Pop-Tart.

"Acho que exagerei um pouco", ele disse. "Mas foi bem fácil. São ingredientes que você pode encontrar em qualquer mercadinho de bairro, na seção de congelados."

"Obrigada", falei com um sorriso, e o beijei na boca quando ele se inclinou na minha direção, dessa vez sem gemer ou resmungar.

"Finalmente resolveu tomar o remédio pra dor?"

"Não", ele respondeu, todo orgulhoso. "Eu melhorei, só isso."

"Simplesmente melhorou?"

“Sim! Foi exatamente o que eu disse. Você e essa sua medicina ocidental”, ele disse com um sorriso. “Estou bem mesmo. Juro.”

Ele contornou a cama e sentou ao meu lado. Ficou olhando para a minha comida enquanto eu partia para o ataque.

“Quer um pouco?”, falei.

“Pensei que não fosse oferecer, minha nossa”, ele falou, pegando a Pop-Tart. “Você ia comer tudo isso sozinha?”

Dei um beijo em seu rosto e tirei a Pop-Tart de sua boca. Ofereci o waffle em vez disso. “Eu ia comer isso. Açúcar mascavo com canela é meu sabor favorito.” Dei uma mordida enorme antes que ele conseguisse tirar o doce da minha mão. Ben teve que se conformar com o waffle.

“Acho que a gente deveria casar”, ele disse. “O que você acha?”

Eu dei risada, sem saber se ele estava mesmo falando sério. “Por que você não para com essa brincadeira?”, respondi, parecendo mais irritada do que gostaria.

“Não é brincadeira”, ele disse.

“É brincadeira, sim.” Terminei a Pop-Tart e limpei as mãos. “Então é melhor parar de brincar assim, ou você vai acabar casado mesmo”, retruquei.

“Ah, é?”

“Sim, é.”

“Então, se eu disser pra gente se casar hoje mesmo, você toparia?”

“Isso é o quê? Um desafio?”

“É só uma pergunta, mais nada”, ele disse, porém seu tom de voz não era o de quem faz uma pergunta hipotética. De repente fiquei envergonhada e ansiosa.

“Bom, eu...”, falei. “*Você* não faria isso.”

“*Você* faria? Minha pergunta foi essa.”

“*Você* não pode fazer isso! Não pode me questionar sobre uma coisa que *você* não faria!”

Ele segurou minha mão. “Foi *você* que falou que eu não faria. Não eu.”

“Está me pedindo em casamento de verdade?”, perguntei por fim, sem entender direito a conversa que estávamos tendo.

“Quero passar o resto da vida com *você*, e sei que ainda é cedo, mas quero que a gente se case. Não quero te pedir em casamento se isso for te deixar em dúvida, ou se *você* achar que é uma loucura.”

“É sério?” Eu estava tão empolgada que não conseguia acreditar nos meus ouvidos.

“Elsie! Poxa vida! É claro que sim!”

“Não acho que seja uma loucura!”, respondi, abraçando-o quando as lágrimas começaram a se formar nos meus olhos. Dei uma boa olhada nele.

“Não mesmo?” Percebo que os olhos dele também começam a ficar marejados. E vermelhos. Sua expressão não é mais de despreocupação. É a de alguém sincero e comovido.

“Não!” Me sinto incapaz de controlar meu tom de voz. Mal consigo controlar as extremidades do corpo.

“Quer casar comigo?” Ele segurou minha cabeça com as duas mãos e me obrigou a encará-lo. Senti meus cabelos se movendo sob as mãos dele e sobre as minhas orelhas. Eu sabia que parecíamos ridículos, ajoelhados em uma cama toda desarrumada, mas só conseguia me concentrar nele.

“Sim”, eu disse baixinho, atordoada, e então fui elevando cada vez mais o tom de voz. “Sim! Sim! Sim!”, falei, enchendo-o de beijos. Ele me abraçava com força. Com certeza os vizinhos devem ter achado que estavam ouvindo algo que não deveriam.

Deitamos de novo na cama e demos um bom motivo para eles pensarem isso. “Eu te amo”, ele me dizia sem parar. Murmurando e gemendo. Falando e cantarolando. Ele me amava. Ele me amava. Ele me amava.

E assim, em um piscar de olhos, eu estava prestes a fazer parte de uma família de novo.

Novembro

Quando chega o domingo à tarde, Ana já está completamente acostumada a este novo e luxuoso estilo de vida.

Ela, Susan e eu estamos deitadas ao lado da piscina. As noites já estão mais frias, mas de dia ainda faz calor o bastante para ficarmos do lado de fora. Como já é início de novembro, me sinto sortuda por morar no sul da Califórnia. O inverno está próximo, mas ainda não há nem sinal de tempo gelado.

Ana leu um livro inteirinho no fim de semana. Susan preparou todas as refeições como se fosse uma chef profissional. E eu fiquei de preguiça na maior parte do tempo, como me habituei a fazer, e acabei me entediando a ponto de querer parte da minha rotina de volta. Ontem cheguei a pensar seriamente em adotar um hobby. Mas não tomei nenhuma decisão definitiva.

Ainda estamos empanturradas do suflê que Susan fez para a nossa "sobremesa de almoço", segundo suas palavras. Estamos todas quietas, mas eu decido quebrar o silêncio.

"Então, o que você e Kevin vão fazer esta semana?", pergunto.

"Ah, ainda não sei", Ana responde. "Mas eu já te contei? Ele quer me apresentar para os pais dele."

"Sério?", digo.

“Faz quanto tempo que vocês estão juntos?”, Susan quer saber.

“Ah, só uns meses. Mas eu gosto muito dele. Ele é...”

“Ele é um fofo”, digo para Susan. E estou falando o que penso de verdade, então minha sinceridade fica evidente, e Ana parece comovida com isso. Ainda acho que ele é meio sem sal, mas o namorado da nossa melhor amiga não precisa ser extremamente sedutor nem nada disso. Precisa ser confiável, gentil e sincero. Precisa ser alguém incapaz de magoá-la mesmo se quisesse. Precisa ter as melhores intenções. E, nesse sentido, eu gosto de Kevin. (Mas ele é bem sem graça mesmo.)

“E os pais dele são daqui?”, pergunto.

“Ele é de San Jose, então são algumas horinhas de viagem. Mas ele falou que gostaria muito de me apresentar a eles.”

Susan está incomodada com essa conversa. Eu percebo isso. Ana provavelmente não se dá conta, mas faz cinco semanas que eu não desgrudo dessa mulher. Eu a conheço como a palma da minha mão. Também conhecia o filho dela, e estou notando que as diferenças entre eles não são tão grandes assim.

Susan pede licença discretamente, e eu e Ana continuamos conversando. Eu me lembro de quando era feliz como ela está agora, quando Ben parecia perfeito para mim, assim como Kevin deve parecer para Ana. E lembro que nada no mundo seria capaz de impedir que eu me sentisse assim. Não havia nada de que a gente não fosse capaz. Mas, em vez de sentir raiva por causa da felicidade da minha amiga, percebo uma sensação de melancolia, de nostalgia e um pouco de inveja. Ainda não é o ideal, mas com certeza estou bem melhor que no mês passado.

Ana arruma as coisas para ir embora, e eu a acompanho até o carro. Ela vai jantar com Kevin hoje à noite em LA, e não fico incomodada com sua partida antes da hora. Também estou exaurida por ter tanta companhia. Passei tanto tempo sozinha ultimamente que conversar com duas pessoas ao mesmo tempo está exigindo muito esforço de concentração da minha parte.

"Ah!", ela diz, virando para o carro e remexendo lá dentro. "Já ia esquecendo que eu trouxe a sua correspondência." Ela me entrega uma pilha de envelopes. Sei que alguns deles vão estar no nome de Ben. Para ser sincera, foi bom passar esse tempo a vários quilômetros da minha caixa de correio. Mas, se a minha certidão de casamento não estiver aqui, eu vou surtar.

"Legal", digo, dando um abraço nela. "Obrigada. Por isso e pela visita. Significa muito para mim."

"Estou com saudade de você, amiga", Ana diz ao entrar no carro. "Mas você parece mais contente. Um pouquinho mais."

Não quero parecer mais contente, apesar de me sentir um pouquinho assim. Parece errado transparecer que estou "mais contente", mesmo que seja um tantinho de nada. A mulher que se apaixonou por Ben com tamanha intensidade jamais sentiria um pingão de alegria depois de perdê-lo.

"Dirija com cuidado", digo. "E manda um oi para o Kevin."

"Pode deixar."

Quando ela vai embora, começo a mexer nos envelopes em busca de um do departamento de registros do condado. E não encontro. Sinto um nó no estômago, e decido que vou ligar lá amanhã. Não posso mais ignorar esse problema. Fingir que ele não existe. Preciso

saber qual é o status legal do meu casamento. Preciso encarar os fatos.

No fim da pilha tem um envelope escrito à mão, com uma caligrafia trêmula e irregular. Nem preciso olhar o nome do remetente para saber de quem se trata.

George Callahan.

Deixo os outros envelopes de lado e sento no meio-fio. Em seguida, abro a carta dele.

Querida Elsie,

Espero que não se incomode por eu ter pedido seu endereço na biblioteca. O pessoal ficou um pouco hesitante, mas um velho como eu tem seus truques para conseguir as coisas. Em primeiro lugar, gostaria de dizer que não sei por que você bateu naquele rapaz, mas espero que não se incomode por eu ter contado a Lorraine. Foi a coisa mais interessante que testemunhei em meses!

Mas o verdadeiro motivo pelo qual estou escrevendo é que Lorraine não está bem. Os médicos disseram que ela não pode mais ficar em casa e a internaram no hospital. Infelizmente, a idade está começando a pesar. Estou junto com ela aqui no Cedars-Sinai. Às vezes, pego um táxi para casa para buscar algumas coisas, mas na maior parte do tempo fico ao lado dela. Lorraine passa quase o tempo todo dormindo, mas por mim tudo bem. Só o fato de eu estar ao lado dela, ouvindo sua respiração, às vezes já me parece um milagre.

Queria dizer que sinto muito por ter falado para você seguir em frente. Agora que estou encarando de perto a perspectiva de

viver sem o amor da minha vida, isso me parece uma coisa aterrorizante e sofrida demais. Não sei se vou conseguir continuar vivendo um dia sequer depois de perdê-la. Parece que estou à beira de um buraco negro gigantesco, só esperando para cair.

Talvez exista só uma pessoa para cada um de nós. Nesse caso, Lorraine era a minha. Talvez eu tenha conseguido esquecer Esther porque ela não era a pessoa certa para mim. Talvez você não consiga esquecer Ben porque ele era a sua.

Só queria dizer que, mesmo perto dos noventa anos, ainda aprendo coisas novas todos os dias, e acho que agora entendi que, quando você perde o que mais ama no mundo, nunca mais volta a ficar tudo bem.

Gostaria que você soubesse que estou sentindo sua falta lá na biblioteca, mas, na verdade, não estou indo muito lá.

E, relendo isto agora, percebi que é uma carta um tanto triste, então espero que você me desculpe pelo desabafo.

Obrigado pela atenção.

Com carinho,

George Callahan

Volto lá para dentro e pergunto a Susan onde posso encontrar papel, caneta e envelopes. Ela providencia tudo para mim, e me sento à mesa da cozinha. Escrevo até sentir que minha mão está prestes a cair. Sinto câimbras na palma, meus dedos doem. Segurei a caneta com força demais. E apertei muito o papel. Releio o que escrevi e percebo que não faz o menor sentido. Está quase ilegível. Então jogo fora e escrevo só aquilo que meu coração está gritando para mim.

Querido George,

Eu estava errada. Você está errado.

Nós podemos voltar a viver, sim. Não sei se vamos conseguir amar de novo, mas podemos voltar a viver.

Eu acredito em você.

Com amor,

Elsie

Maio

Passamos o dia discutindo como, onde e quando nos casar. Me dei conta de que não sei nada sobre casamentos. Pelo menos sobre as questões logísticas. Como as pessoas se casam? O que elas precisam fazer para isso?

Logo descobri que Ben estava pensando em um casamento tradicional. Com damas de honra, vestido branco, arranjos florais em mesas redondas. Taças de champanhe. Pista de dança. Eu não tinha nada contra isso; só nunca havia considerado a possibilidade. O pedido dele não foi muito ortodoxo; nosso relacionamento era empolgante e carregado de eletricidade. Parecia estranho consolidar nossos laços de uma maneira tão convencional. Eu sentia que era mais apropriado vestir uma roupa qualquer e ir até o fórum. Cerimônias grandiosas com listas de convidados e discursos pareciam coisas para casais que estavam juntos fazia anos. Eram uma decisão racional e planejada, bem pensada e lógica — como uma transação de negócios. Eu queria fazer uma loucura. Algo que só faria sentido para duas pessoas apaixonadas como nós.

“Certo, então você está pensando em uma cerimônia pequena?”, ele perguntou.

“Bom, pode ser do tamanho que você quiser, na verdade”, falei. “Mas, se dependesse de mim, não teria ninguém lá. Só eu, você e o juiz de paz.”

“Uau, então sua ideia é casar às escondidas mesmo”, ele comentou.

“Você não gosta da ideia?”

“Bom, eu estava pensando em pelo menos ter as nossas famílias por perto, e um evento para a gente organizar, sabe? Mas, agora que você falou, simplesmente ir lá e casar parece bem mais fácil. E com certeza muito mais interessante”, ele falou com um sorriso, segurando minha mão.

“Sério?”, perguntei.

“Sim. E como a gente faz para casar às escondidas?”, Ben perguntou, e com os olhos brilhando de tal forma e uma empolgação tamanha no rosto que eu sabia que ele já tinha topado.

“Não faço ideia.” Eu dei risada. Aquilo tudo parecia muito engraçado para mim. E revigorante. Eu me sentia livre e leve, como se um vento mais forte pudesse me fazer sair voando.

“Ah!”, ele exclamou, empolgado. “Certo! Vamos nessa. Vamos casar agora. Pode ser hoje? Tipo, dá para ir até um lugar e fazer isso agora mesmo?”

“Agora?”, questionei. Nós não tínhamos nem tomado banho ainda.

“Não existe momento melhor que o presente”, ele respondeu, me abraçando. Deu para notar que ele estava cheirando meu cabelo. Eu fiquei deitadinha, com a cabeça colada em seu peito.

“Maravilha”, falei. “Então vai ser hoje.”

“Beleza.” Ele saiu correndo do quarto e pegou uma mala.

“O que você está fazendo?”, perguntei.

“Bom, nós vamos para Las Vegas, né? Não é isso que as pessoas fazem?”

“Ah!” Sinceramente, isso sequer tinha passado pela minha cabeça. Mas ele estava certo. Vegas era o tipo de lugar onde as pessoas faziam essas coisas. “Certo! Vamos nessa.”

Enquanto jogava as roupas na mala, Ben olhou no relógio. “Se a gente sair daqui a uns vinte minutos, dá para chegar lá mais ou menos às dez da noite. Com certeza as capelas vão estar abertas a esta hora.”

Foi então que me dei conta. Aquilo estava acontecendo de verdade. Eu estava prestes a me casar.

Novembro

“Está tudo bem?”, Susan me pergunta da cozinha. Estou endereçando o envelope para o sr. Callahan.

“Na verdade, estou ótima. E você?”

“Aham”, ela diz. “Queria conversar com você sobre uma coisa.”

“Ah, é?”

“Então.” Ela se senta ao meu lado à mesa do café da manhã. “Eu encerrei a conta do Ben no banco.”

“Ah”, eu digo. Não sabia que ela ia fazer isso. Não sei nem se ela tem esse direito.

“Na verdade, isso nem é da minha conta”, ela continua. “Mas fiz isso porque sabia que, se você se encarregasse disso, ou eu deixasse isso nas suas mãos, você não iria querer ficar com o dinheiro.”

“Ah”, digo outra vez. “Eu não me sinto à vontade...”

“Escuta só.” Ela segura minha mão. “Você era a esposa dele. É para você que ele iria querer deixar o dinheiro. E o que eu vou fazer com isso? Juntar com a pilha de dinheiro que Steve já me deixou? Vai ser muito mais importante para você, e Ben iria querer que fosse assim. Não é nenhuma quantia exorbitante. Ben era um rapaz inteligente, mas não era dos melhores para lidar com dinheiro. Nem

o pai dele. Na verdade, se eu não tivesse assumido a responsabilidade de cuidar das apólices de seguro do Steve quando nós tínhamos vinte e poucos anos, eu estaria numa condição bem diferente agora, mas esse não é o ponto. Fique com o dinheiro, está bem?"

"Hã..."

"Elsie", ela me diz. "Pode ficar com o maldito dinheiro. Não precisei passar nem quarenta e cinco minutos no celular com o pessoal do banco para convencê-los de que eu tinha o direito de sacar tudo para cuidar da minha saúde. Só fiz isso pelas suas costas para conseguir um cheque nominal a você sem nenhum protesto da sua parte." Ela sorri para mim, e eu dou risada.

"Tudo bem", respondo. Nem penso em perguntar de quanto se trata. Parece uma pergunta irrelevante e meio pervertida, como saber a cor da calcinha que a sua dermatologista está usando.

"Aliás, já que estamos falando de coisas desagradáveis e deprimentes, o que o pessoal da sede do condado falou sobre a sua certidão do casamento? Você ligou para lá?"

Fico envergonhada. É como se eu tivesse chegado em casa tarde da noite e precisasse acordar cedo para ir à igreja no dia seguinte. "Não."

"Qual é o seu problema?", ela pergunta, com um tom de voz claramente incomodado.

"Eu sei. Preciso resolver isso."

"Não é só por você, Elsie. É por mim também. Eu quero ver esse documento. Ele não me disse nada a respeito. Nem explicou por que fez isso. E eu... eu quero ver essa porcaria, né? Ter o papel na mão e sentir que é uma coisa real."

“Ah”, eu falo.

“Não estou dizendo que seu casamento não seja real. Já te conheço o suficiente para não duvidar disso. Mas é que... quando a gente tem um filho, sempre acaba sonhando com o casamento dele. Se casar com você foi a última coisa importante que ele fez na vida, e eu não estava lá. Minha nossa, eu era uma mãe tão horrível assim para ele não querer nem me contar o que estava fazendo? Eu não podia nem estar presente?”

Fico surpresa por esse assunto vir à tona agora, porque ela já parecia ter virado essa página, mas agora entendo que isso não aconteceu. Estava borbulhando sob a superfície esse tempo todo, influenciando o ponto de vista dela sobre absolutamente tudo.

“Ele não...”, eu começo. “Você não era uma mãe horrível. A questão não era essa. Não tinha nada a ver com isso.”

“Então qual é a explicação?”, ela questiona. “Desculpa a minha irritação. Estou tentando me segurar aqui... é que... eu pensei que conhecesse meu filho.”

“E conhecia!”, respondo, e dessa vez sou eu que seguro sua mão. “Claro que conhecia. E ele também, e gostava muito de você. Talvez não soubesse como lidar bem com a situação, mas ele te amava. Ele achava que se te contasse... ele achava que você não ia aguentar o baque. Tinha medo de que você sentisse que estava perdendo sua família.”

“Mas ele deveria ter me contado antes de vocês se casarem. Nem que fosse pelo telefone”, ela argumenta.

E com razão. Ele deveria ter contado. E sabia disso. Mas eu não.

Maio

Estávamos a duas horas de Las Vegas quando o nervosismo começou a bater. Ben estava dirigindo. Eu estava ao lado dele ligando para as capelas que podiam realizar o casamento. Também estava procurando hotéis para ver onde iríamos dormir. Meu corpo era pura empolgação e ansiedade. Mal conseguia parar quieta dentro do carro, mas dava para ver que Ben estava ficando tenso.

Ele parou na frente de um Burger King e disse que queria um sanduíche. Eu não estava com fome, não ia conseguir comer, mas comprei um para mim também, que ficou intocado.

“Acho que a gente deveria ir à Best Little Chapel”, eu disse. “Lá eles cuidam de tudo. E depois podemos nos hospedar ou no Caesars Palace, que têm suítes com preços bons, ou, por mais irônico que pareça, podemos ficar no hotel do Hooters, que é bem baratinho.”

Ben estava olhando para o sanduíche, e quando parei de falar ele o largou em um gesto repentino. Praticamente o jogou na bandeja.

“Preciso contar para a minha mãe”, ele disse. “Não vou conseguir fazer isso sem contar pra ela.”

“Ah”, eu disse. Sinceramente, nem tinha pensado na mãe dele, nem nos meus pais. Cheguei a pensar em convidar Ana para ser testemunha, mas logo decidi que não queria isso também. Queria

Ben e eu, só nós dois. E quem quer que fosse o responsável por realizar a cerimônia.

“Você não queria poder convidar a Ana ou alguma outra pessoa?”, ele perguntou. Não gostei do rumo que a conversa estava tomando. O rumo que a conversa estava tomando parecia prestes a mudar o rumo da viagem, e com a consequência bastante concreta de mudar o rumo do nosso casamento.

“Hã, não”, respondi. “Pensei que a gente queria que fôssemos só nós dois.”

“E a gente queria”, ele falou. “Quer dizer, você queria.” Ele não estava me acusando de nada, mas mesmo assim fiquei meio na defensiva. “Acho que exagerei. Preciso contar para a minha mãe. Se ela descobrir só depois vai ficar arrasada.”

“Por quê?”, perguntei.

“Porque ela não vai estar lá. No casamento do único filho... sei lá.”

Era isso que eu temia. De repente, senti que minha vida estava saindo do meu controle. Só estava noiva fazia quatro horas, mas durante esse tempo visualizei a vida que eu queria. Enquanto estávamos no carro, pensei muito em como seria nossa noite, nosso dia seguinte, e já estava apegada a essa ideia. Já tinha a repassado tantas vezes na minha mente que era como se eu tivesse vivido aquilo. E não queria perder o que achava que já tinha. Se Ben ligasse para a mãe, não voltaríamos ao carro para seguir a caminho de Nevada. Daríamos meia-volta no sentido de Orange County.

“Não sei se...”, comecei, mas não sabia como terminar. “Isso é uma coisa nossa. Está me dizendo que não quer mais?”

“Não!”, ele respondeu. “É que... de repente pode não ser uma boa fazer isso agora.”

“Não acredito.” Pensei que fosse ficar só nisso, mas as palavras continuaram jorrando da minha boca. “Eu não te obriguei a me pedir em casamento. Não fui eu que sugeri isso, para começo de conversa. Foi tudo ideia sua! Faz meses que estou dizendo para você contar para a sua mãe! Então como foi que eu acabei sendo rejeitada no estacionamento de um Burger King a duas horas de Las Vegas, hein, caralho? Explica isso para mim.”

“Você não está entendendo!” Ele estava começando a ficar exaltado e irritado.

“Não estou entendendo o quê? Qual parte eu não entendi? Você me pediu em casamento. Eu aceitei. Sugeri um casamento às escondidas. Você aceitou. Nós pegamos o carro e viemos para cá. Agora que estamos quase em Nevada, você está mudando de ideia enquanto come uma merda de um Whopper.”

Ben sacudiu a cabeça. “Não esperava que você fosse entender mesmo, Elsie.” Nossa discussão começou a atrair olhares, então Ben se levantou da mesa, e eu fui atrás.

“O que isso quer dizer?” gritei, descontando toda minha frustração com um empurrão bem forte na porta.

“Você não tem família!” Ele se virou para mim. “Você nem tenta se dar bem com os seus pais. Não entende como eu me sinto em relação à minha mãe.”

“Você só pode estar de brincadeira, né?” Não consegui acreditar que ele tinha dito isso. Desejei ser capaz de voltar no tempo para cinco segundos antes, para poder impedi-lo de proferir essas palavras e seguir vivendo sem ter ouvido isso.

“Não, eu não estou brincando! Você não entende mesmo.”

“Ah, mas eu entendo, sim, Ben. Já saquei tudo. Já entendi que você é um cagão que não tem coragem de contar para a sua mãe que tem uma namorada, e agora eu vou ter que pagar por isso. Já entendi tudo direitinho.”

“Não é isso”, ele falou, mas com um tom resignado. A exaltação de antes havia passado.

“E o que é, então?”

“Que tal a gente ir para o carro?”

“Eu não vou entrar nesse carro com você”, respondi, cruzando os braços. Estava frio do lado de fora, e seria melhor se a minha jaqueta não estivesse no banco da frente, mas eu não queria chegar nem perto daquele carro, independente das consequências.

“Por favor! Não vamos dar escândalo. Não estou dizendo que a gente não vai se casar. Eu quero casar com você. É que... preciso contar para a minha mãe primeiro. Não tem motivo para tanta pressa assim.”

“Você teve seis meses para contar para a sua mãe! E sempre arrumou um motivo para não fazer isso. Quantas vezes eu já não ouvi: ‘Dessa vez eu realmente vou contar para a minha mãe’? Mas sabe de uma coisa? Ela não faz parte do nosso relacionamento. A questão aqui somos eu e você. O que você quer e o que eu quero. E o que eu quero é o tipo de homem que quer tanto se casar comigo que nada é capaz de impedi-lo. Quero ser amada de um jeito que deixe a outra pessoa burra e irracional. E eu *quero* apressar as coisas. Apressar as coisas é romântico. Faz com que eu me sinta mais viva. Faz parecer que estou pulando de um penhasco, mas que vai ficar *tudo bem*, porque confio *muito* em você. E eu mereço que você queira pular de um penhasco por mim, porque estou disposta a

fazer isso por você. Pensa que eu não sei nada sobre família só porque não me dou bem com os meus pais? A Ana é a minha família, alguém que eu amo mais do que qualquer outra pessoa além de você. E, quando lembrei dela, o que pensei foi: 'Não, eu não preciso da Ana para isso. Só preciso do Ben'. Então pode parar com essa conversa, porra. Não é isso o que está acontecendo aqui. O que está acontecendo é que eu estou disposta a arriscar tudo por você. Mas você não está disposto a fazer isso por mim."

Ben ficou em silêncio por um bom tempo. E começou a chorar. Era um choro contido típico de homem, mas senti vontade de abraçá-lo, mesmo estando tão exaltada.

"Como foi que as coisas degradingolaram assim tão rápido?", ele disse bem baixinho. Não era um sussurro. Era só um sinal de tristeza. Da falta de confiança que eu estava acostumada a ouvir dele.

"O quê?", eu falei, curta e grossa.

"Simplesmente não entendo como as coisas ficaram tão cagadas em tão pouco tempo. Não sei como acabamos nesta situação. Eu te amo muito, e deveria ter contado para a minha mãe antes, mas não contei e... Isso tudo que você falou, eu também quero. Eu quero isso com você. Quero proporcionar isso para você. Eu te amo do jeito que você quer ser amada. Isso eu garanto. Eu sou a pessoa que vai fazer isso por você. Só não sei como consegui fazer as coisas desandarem assim, a ponto de te fazer duvidar disso."

Ben se virou para mim com os olhos menos marejados, mas ainda cheios de súplica. "Eu quero me casar com você", ele falou.

"Não, Ben", eu disse, me afastando, mas ele me segurou pelo braço. E com força. "Eu não quero que você..."

“Você está certa”, ele disse. “Você está certa. É isso o que eu quero. Quero você. Quero o que você falou. Quero arriscar tudo por você. Quero ser burro e imprudente com você. Depois arrumo um jeito de contar para a minha mãe. Vamos contar juntos, e ela vai adorar te conhecer. E eu... eu quero você.”

“Não, assim não... não era para ser...”, eu disse, tentando encontrar palavras para expressar que “Não quero fazer isso agora, porque o clima já era”. Acabei decidindo dizer: “Você não precisa fazer isso. Eu vou me acalmar, e a gente pode esperar até você contar para a sua mãe”. E isso me fez acreditar no que eu estava falando. Fiquei mais serena ao perceber que eu precisava apoiá-lo na mesma medida que precisava do apoio dele.

Ben me escutou, mas não se deixou convencer. “Não! Eu estava errado! Fiquei com medo, só isso. Mas eu quero você. Por favor.” Ele se apoiou sobre um dos joelhos. “Casa comigo.”

Fico em silêncio, insegura. Isso seria bom para ele? Era mesmo o que ele queria? Ben parecia estar sendo bem sincero. Seus olhos imploravam para que eu o ouvisse e me casasse com ele. Mas eu não queria ter que forçar a barra. Queria que ele fizesse aquilo por iniciativa própria. Por outro lado, Ben parecia apaixonadíssimo por mim. Parecia que a única coisa que ele queria no mundo era eu. E isso parecia real. Porque era. Ben gritou com todas as forças: “*Casa comigo, Elsie Porter! Casa comigo!*”.

Eu o puxei para que ficasse de pé e o abracei. “Não quero obrigar você a fazer nada que...” Me interrompi para perguntar o que eu realmente queria saber. “Você tem certeza?”

“Tenho certeza. Desculpa. Eu tenho certeza, sim.”

Um sorriso surgiu no meu rosto antes que eu conseguisse me segurar. "Então tá!", exclamei.

"Sério?", ele perguntou, me virando para ele. Eu assenti com a cabeça. "Uau, nossa", ele falou, enterrando a cabeça no meu ombro. "Eu te amo demais. Te amo demais."

"Eu também te amo. Desculpa", eu disse. "Não deveria ter falado tudo aquilo. É que... eu só me dei conta do quanto quero casar com você quando... enfim, não importa. Desculpa. A gente pode esperar o quanto for preciso."

"Não", ele falou. "Não preciso de tempo nenhum. Entra no carro. Vamos para Las Vegas."

Ele abriu a porta para mim e se acomodou no banco do motorista. Antes de ligar o motor, segurou meu rosto e me beijou mais uma vez, com vontade.

"Certo", ele disse, respirando fundo. "Nevada, aqui vamos nós."

Novembro

“Foi culpa minha”, digo a ela. “Ele queria te contar antes do casamento. Estava disposto a cancelar tudo, na verdade, para ter tempo de te contar. Mas por minha causa ele mudou de ideia.”

“Ah”, diz Susan. Ela fica pensativa. “E quando foi isso?”

“A gente estava na estrada para Las Vegas. Ele queria dar meia-volta e ir para casa. Queria casar só depois de te contar. Para você poder estar com a gente.”

“Ah”, ela repete. “Não sabia que vocês tinham se casado em Las Vegas.” O tom de voz dela não é exatamente de reprovação, mas com certeza traz à tona em mim certa insegurança que sinto por ter me casado no lugar mais cafona do mundo.

“Só que eu não queria voltar. Ele falou que eu não entendia o que era ter uma família, o que foi uma coisa horrível de ouvir, mas acho que não estava totalmente errado.”

“Hum.”

“Enfim, me desculpa. Ele queria contar. Não se sentia confortável fazendo uma coisa tão importante sem você. Ele te amava. Tinha muita consideração por você, e eu não consegui entender isso. Estava sendo egoísta e... e eu queria muito, muito me casar com ele. Acho que, em certo sentido, Ben fazia com que eu sentisse que não

estava mais sozinha, e pensei que..." Começo a chorar. "Acho que estava com medo de que você dissesse que era uma ideia ridícula, e que ele escutasse. Eu tinha certeza de que, se vocês conversassem, ele ia te escutar. Fiquei com medo de que ele fosse me deixar."

"Mas por que vocês terminariam por causa disso? Não entendo como. No máximo, ele teria esperado mais para se casar."

"Você está certa." Balanço a cabeça, decepcionada comigo mesma. "Você está completamente certa. Mas não foi assim que eu me senti na hora. Fiquei morrendo de medo. A gente estava em uma lanchonete de beira de estrada, e parecia que ia fazer toda a diferença se ele ia virar à direita ou à esquerda depois de sair do estacionamento. Parecia um risco *real*. Parecia... Eu queria ter uma coisa de que pudesse fazer parte, um senso de pertencimento, sabe como é?"

"Hum", ela se limita a falar. Só me dou conta do que vou dizer quando retomo a palavra.

"Acho que eu queria conhecer você só depois do casamento porque pensei que..." Meu Deus, o nó na minha garganta está enorme, assim como as lágrimas gordas que estão prestes a cair dos meus olhos. "Os meus próprios pais não acham que eu sou grande coisa, e pensei que se você me conhecesse antes... Pensei que você não fosse gostar de mim. Que fosse querer coisa melhor para o seu filho. Fiquei com medo de te dar essa chance."

"Uau", ela diz. "Certo." Susan dá um tapinha de leve na minha mão e levanta da mesa. "Vou precisar de um tempinho para organizar os meus pensamentos. Tem muitas coisas passando pela minha cabeça agora, e nem todas são lógicas e racionais."

"Tudo bem", digo. "Eu só queria que você..."

“Para de falar”, ela esbraveja, respirando bem fundo. “Mas que coisa, Elsie.”

Olho para ela, que está me encarando e tentando moderar a língua.

“Você não facilita”, ela diz. “Eu estou tentando! Estou tentando muito!”

“Eu sei, mas é que...”

Ela sacode a cabeça. “Não é culpa sua. Não é culpa sua.” Ela não está falando comigo. Pelo menos é essa minha impressão. “Mas... ah. Você não podia mesmo ter esperado? Não podia nem ter me dado uma chance? Você não me deu chance nenhuma.”

“Eu sei, Susan, mas é que... eu estava com medo!”

“Depois de tudo por que eu passei? Você não poderia ter me contado isso logo de início?”

“Eu não sabia como contar...”, digo. Sendo bem sincera, sou obrigada a admitir que não sabia que isso era relevante até conhecer todos os fatos e pensar muito bem a respeito.

“Passei meses pensando que o meu filho não me queria no casamento dele, e agora descubro que ele queria, mas você não permitiu.”

Fico em silêncio. O que posso dizer?

“*Elsie!*”, ela grita. Está irritada e com lágrimas nos olhos. Não quero que a antiga Susan volte. Quero que ela continue sendo a nova Susan.

“Me desculpa!”, digo. Minha visão fica borrada, e meus lábios começam a tremer. “É que... Susan, eu não quero que as coisas entre nós fiquem estremecidas. Está tudo bem entre nós?”

“Eu vou sair daqui. Preciso sair daqui. Eu...” Ela se vira, esconde o rosto entre as mãos e respira fundo.

Ela sai logo em seguida, fazendo tudo ao meu redor parecer enorme e vazio.

Susan só se acalma o suficiente para conseguir falar comigo de manhã. Não consigo nem imaginar em que ela ficou pensando a noite toda. Tenho a sensação de que passou a madrugada me odiando e me xingando mentalmente.

“Obrigada por ter me contado aquilo ontem”, ela diz quando se senta ao meu lado na sala de estar. Eu estava zapeando os programas que Susan tinha gravado da TV e comendo um pão doce que peguei na cozinha. É bem estranho ser hóspede na casa de alguém que está morrendo de raiva da gente.

Eu balanço a cabeça.

“Sei que não foi fácil me contar, mas foi bom ouvir isso, de verdade. Estou me sentindo melhor por saber que Ben queria me contar. Apesar de não ter feito isso.”

Balanço a cabeça de novo. Agora é a vez de Susan falar. Eu fico só ouvindo.

“Enfim, são águas passadas. Eu ainda não te conhecia quando isso aconteceu, você ainda não me conhecia. Guardar ressentimentos não vai ajudar em nada. Ben tomou as decisões dele, e não importa o quanto você tenha influenciado nisso. Ele é o responsável pelo que fez. Não você. Nem eu. Ele te amava o

suficiente para se casar com você dessa maneira. Que mãe não iria querer isso para o filho? Quem tem um menino e se empenha na criação dele espera ter um filho que saiba amar, e que seja bom nisso. Toda mãe quer um filho que seja um homem sensível e apaixonado; toda mãe quer um filho que saiba como tratar uma mulher. Eu cumpri o meu papel. Ele era assim. Dedicou o pouco tempo que teve neste mundo ao amor. Ele amou você.”

“Obrigada”, digo. “Mas ainda me arrependo de não ter te contado antes.”

“Esquece isso”, ela diz, fazendo um gesto com a mão. “E a outra coisa que eu queria dizer é que... eu teria gostado de você. Não vou dizer que entendo seu relacionamento com seus pais. Isso é entre você e eles. Mas eu teria gostado de você. Iria querer, sim, que você se casasse com o meu filho.”

Ao ouvir isso, fico com a sensação de que fiz tudo na ordem errada. Eu deveria ter conhecido Susan antes de me casar com Ben; nesse caso, talvez tudo isso não tivesse acontecido. Talvez Ben estivesse aqui ao meu lado, comendo amendoim e jogando as cascas em um cinzeiro.

“Obrigada”, eu digo.

“Pensei bastante sobre nós duas. Acho que ainda nem comecei a lidar com a morte de Ben. Acho que ainda estou de luto pelo meu marido, e a perda do meu filho é... pesada demais para eu suportar. Pesada demais até para eu tentar lidar com ela. Acho que ter você na minha vida, te ajudar a passar por tudo isso, está me ajudando a não ter que encarar essa questão. Acho que pensei que, se conseguisse te ajudar a ficar de pé outra vez, eu também poderia voltar a viver. Mas pelo jeito não é assim que funciona. Quando Ben

era pequeno, ele vinha deitar na nossa cama todas as noites, enquanto eu e Steve víamos *Jeopardy!* na TV. Ele não entendia as perguntas, mas gostava dos barulhinhos dos efeitos sonoros. Enfim, eu me lembro de uma noite em que estava lá na cama, com Ben no meio de nós dois, e de ter pensado: 'Esta é a minha família. Esta é a minha vida'. E me senti muito feliz nesse momento. Eu tinha os meus dois meninos. E eles me amavam, e o meu coração estava com eles. Hoje eu me deito nessa mesma cama e nenhum dos dois está lá. Acho que ainda não comecei nem a arranhar a superfície do que isso provocou dentro de mim."

Ela não desmorona. Fala de coração aberto, mas mantém a calma. Susan está perdida. Acho que não percebi isso antes porque eu também estava. E ainda estou. Mas agora vejo que Susan precisa de... alguma coisa. Precisa de alguma coisa à qual se agarrar. Para mim, ela fez exatamente esse papel. Foi meu porto seguro no meio da tempestade. Eu ainda estou no meio da tempestade, mas... preciso, do mesmo jeito, ser um porto seguro para ela. Me dou conta de que chegou a hora de dar apoio também, em vez de só receber. Acho que a fase de me focar só no meu próprio sofrimento já passou.

"E do que você precisa?", pergunto. Susan sempre parece saber do que eu preciso, ou pelo menos faz as coisas com confiança suficiente para me convencer disso.

"Não sei", ela responde, pensativa, como se soubesse que a resposta está por aí em algum lugar, mas não tem ideia de onde procurar. "Não sei mesmo. Acho que preciso resolver uma série de questões. Encarar os fatos de verdade." Ela fica em silêncio por um instante. "Eu não acredito que exista um paraíso, Elsie." Nesse

momento, ela desaba. Seus olhos se estreitam, seus lábios se curvam para baixo, sua respiração sai do controle. “Queria muito acreditar”, ela continua. Seu rosto agora está cheio de lágrimas. Seu nariz está escorrendo. Eu sei como é chorar assim. Sei que ela provavelmente deve estar zozona, e que logo seus olhos vão estar secos como se não tivesse sobrado nem uma lágrima para derramar. “Quero acreditar que ele está feliz, em um lugar melhor. As pessoas me dizem que ele está em um lugar melhor, mas... Eu não acredito que esse lugar exista.” Ela soluça outra vez, e esconde o rosto entre as mãos. Eu acaricio suas costas. “Fico me sentindo uma péssima mãe por não acreditar que existe um lugar melhor onde ele possa estar.”

“Eu também não acredito. Mas às vezes finjo que sim”, confesso. “Porque assim dói menos. E não vejo problema nenhum em fingir que acredito.” Ela se aconchega em mim, e sinto que estou servindo de amparo para ela. É uma sensação poderosa, sentir que estou dando apoio para alguém. Fico me sentindo mais forte, talvez mais do que realmente sou. “Se você quiser, nós podemos conversar com ele”, sugiro. “Afinal, que mal poderia fazer? Não custa tentar, e quem é que sabe? Talvez isso faça bem. Talvez... talvez ele possa ouvir a gente.”

Susan balança a cabeça e tenta recobrar a compostura de novo. Ela suspira e respira fundo, limpando o rosto e abrindo os olhos. “Certo”, ela diz. “É, tudo bem.”

Maio

"Estamos em Nevada!", Ben gritou quando cruzamos a divisa estadual. Ele fez questão de mostrar que estava empolgado.

"Uhuuuu!", berrei depois dele. Ergui os braços com os punhos cerrados no ar. Baixei o vidro da janela e senti o ar do deserto entrar. Estava calor, mas o vento era meio gelado. Já havia anoitecido, e dava para ver as luzes da cidade à distância. Eram cafonas e feias, espalhafatosas e exageradas. Eu sabia que estava em uma cidade de cassinos e prostitutas, um lugar aonde as pessoas iam para perder dinheiro e encher a cara; mas nada disso importava. As luzes da cidade pareciam feitas só para nós.

"Qual era a saída que você disse mesmo?", Ben me perguntou, em um raro momento em que as questões logísticas se sobrepunham às emocionais naquela viagem.

"Trinta e oito", falei, segurando sua mão.

Parecia que o mundo todo era só nosso. Parecia que tudo estava só começando.

Novembro

Quando enfim reunimos forças para falar com ele, já escureceu. É uma noite quente de novembro, mesmo para os padrões do sul da Califórnia. As portas de vidro ao redor da casa estão abertas. Tento direcionar minha voz para o vento. Falar para o vento dá o toque metafórico necessário para o que vamos fazer.

“Ben?”, eu chamo. Pensei em fazer uma espécie de discurso, mas minha mente está vazia. Não dirijo a palavra a Ben desde que ele me falou que voltava em breve. A primeira coisa que eu disser tem que ser importante. Tem que ser linda.

“Se você estiver escutando, Ben, nós só queremos dizer que sentimos sua falta”, diz Susan, direcionando a voz para o teto. Ela aponta com a cabeça para cima como se fosse lá que ele estivesse, o que me diz que alguma pequena parte dela acredita no paraíso, no fim das contas. “Eu estou morrendo de saudade, meu amor. Não sei o que fazer sem você. Não sei como... Eu consigo viver com você estando longe, mas em LA, e não fora deste mundo”, ela continua, e então se vira de repente para mim. “Estou me sentindo uma idiota.”

“Eu também”, digo. Sei que faz toda a diferença se a pessoa acredita ou não que os mortos conseguem ouvir o que nós falamos.

Não dá para falar com as paredes e tentar se convencer de que não é isso que está fazendo se você não tiver essa crença.

“Quero ir até o túmulo dele”, ela sugere. “Talvez lá seja mais fácil.”

“Certo.” Eu assinto. “Hoje já ficou tarde, mas podemos acordar cedinho amanhã e ir.”

“Certo”, ela concorda. “Isso vai me dar um tempo para pensar no que dizer.”

“Legal, combinado.”

Susan dá um tapinha na minha mão e se levanta. “Vou para a cama mais cedo, então. Preciso de um descanso de tudo isso.” Talvez ela precise mesmo descansar, mas sei que vai para o quarto para poder chorar em paz.

“Certo”, respondo. Quando ela se retira, olho ao redor e saio andando sem rumo pela casa. Vou até o quarto de Ben e me jogo na cama dele. Respiro o ar que circula lá dentro. Fico olhando para a parede até não enxergar mais nada. Reconheço que não tenho mais o que fazer aqui. Não sei se estou pronta para retomar minha vida, mas está na hora de parar de me esconder. Continuo deitada no quarto de Ben pelo tempo que consigo e então saio com passos apressados.

Vou até meu quarto e começo a arrumar minhas coisas. Quero fazer isso logo, antes de perder a coragem. Existe uma parte de mim que deseja ficar neste purgatório o máximo possível, que quer continuar deitada na beira da piscina o dia todo, ver TV a noite inteira e nunca mais ter que fazer nada. Mas, se Ben pudesse me ouvir, se pudesse me ver, não é isso que ele iria querer. E eu também não quero isso para mim mesma.

Acordo de manhã e pego o resto das minhas coisas. Vou até a cozinha e encontro Susan vestida e pronta para sair, bebendo café. Quando vê minhas coisas todas arrumadas atrás de mim, ela põe a xícara no balcão. Não diz nada. Simplesmente abre um sorriso de quem já entendeu tudo. É um sorriso carregado de tristeza, mas também de orgulho. Um sorrisoagridoce e melancólico. Parece que estou saindo de casa e indo para a faculdade.

“É melhor irmos em dois carros”, ela sugere, um pouco para anunciar o que tinha deduzido a partir da situação, mas também, ao que parece, para me poupar de falar. Para eu não precisar avisar que, depois disso, vou para casa.

Susan chega um pouco antes de mim, e a vejo na entrada do cemitério quando ainda estou ao volante. Pensei que ela fosse começar sem mim. Que quisesse um tempo a sós com ele, mas ao que parece ela precisa de uma companhia. Eu entendo. Com certeza eu também não iria querer fazer isso sozinha. Estaciono o carro e vou até ela.

“Está pronta?”, pergunto.

“Estou”, ela responde. Nós começamos a longa caminhada até o túmulo. Quando chegamos lá, a lápide parece tão nova que é quase trágico, é quase como ver as datas de nascimento e morte bem próximas e se dar conta de que o túmulo é de uma criança. Susan se ajoelha diante da cova de Ben e fica olhando para a lápide. Eu me sento ao lado dela.

Susan respira fundo, bem séria. É a respiração de alguém que está concentrada no que está fazendo. Ela tira uma folha de papel do bolso de trás e lança um olhar tímido para mim. Eu balanço a cabeça para incentivá-la, e ela começa a ler. A princípio, sua voz não tem

muita emoção; ela está lendo as palavras no papel, não falando com ele.

“Só quero saber que você está bem. Quero saber que você não sofreu. Quero acreditar que você está em um lugar melhor, que está feliz, e que pode ter todas as coisas que amava na vida. Quero acreditar que você e seu pai estão juntos. Talvez em um churrasco no paraíso, comendo cachorro-quente. Sei que não é assim. Sei que você se foi. Mas não sei como conviver com isso. Uma mãe não deveria viver mais que o filho. Isso não deveria acontecer.”

Ela começa a perder a entonação de oratória, e seus olhos se desviam da página para a grama aos seus pés. “Sei que você acreditava que tinha a obrigação de me proteger e de cuidar de mim. Se eu pudesse te dizer uma última coisa, Ben, acho que seria o seguinte: vou ficar bem. Não precisa se preocupar. Vou arrumar um jeito de ficar bem. Eu sempre arrumo. Não se preocupe comigo. Obrigada por ter sido um filho tão maravilhoso. Por ter sido o filho que foi. A única coisa que eu gostaria de poder pedir para você seria mais tempo. Eu queria mais tempo com você. Obrigada por amar a Elsie. Através dela, entendi que você se tornou exatamente o tipo de homem que eu gostaria que fosse. E nós duas... nós vamos ficar bem. Vamos sair dessa. Então pode ficar à vontade para se divertir onde quer que esteja e se esquecer de nós. Vamos ficar bem.”

Isso é amor verdadeiro. Dizer para alguém: “Pode se esquecer de nós. Vamos ficar bem”, quando isso não é verdade, quando a última coisa que a pessoa quer é ser esquecida.

Depois de terminar, Susan dobra o papel e enxuga os olhos antes de olhar para mim. É minha vez, e não tenho ideia do que estou fazendo aqui, mas fecho os olhos para respirar fundo e, por um

instante, consigo ver seu rosto com clareza, como se ele estivesse bem na minha frente. Abro os olhos e... lá vai.

“Tem um buraco enorme no lugar que você costumava ocupar no meu coração. Quando você estava vivo, às vezes eu acordava à noite, ouvia seus roncos e não conseguia acreditar na sorte que tive por ter te encontrado. Eu não queria me sentir completa de novo sem você. Pensei que, se ficasse bem, isso significaria que perdi você, mas... Acho que, se você ouvisse isso, me acharia uma idiota. Eu de verdade acho que você iria gostar de me ver feliz de novo. Provavelmente deve estar até meio irritado com tanta choradeira da minha parte. Irritado, talvez não. Incomodado. Você ficaria incomodado. Enfim, eu vou melhorar. Eu jamais me esqueceria de você. Mesmo se tivesse te perdido antes que a gente se casasse; no pouco tempo que te conheci, você entrou na minha alma. Eu sou quem sou por causa de você. Só me sinto dez por cento viva em relação a como me sentia quando estava com você...” Limpo uma lágrima do olho e tento controlar minha voz trêmula. “Você fez minha vida valer a pena. Prometo que vou fazer alguma coisa com ela.”

Susan me abraça e acaricia meu ombro. Ficamos sentadas por um tempo olhando para o túmulo, para a lápide. Quando deixo meus olhos se perderem no que tenho diante de mim, percebo que estou em um mar de lápides. Estou cercada pelas perdas de outras pessoas. Nunca tinha ficado tão claro para mim que não estou sozinha nessa. Todos os dias alguém morre, e quem ficou para trás segue vivendo. Se todo mundo que amava essas pessoas que morreram conseguiu se reerguer e seguir em frente, eu também

consigo. Um dia vou acordar, ver o sol brilhando no céu e pensar: *Que manhã bonita.*

“Está pronta?”, Susan pergunta, e faço que sim com a cabeça. Nós nos levantamos do chão. A grama deixou nossos joelhos molhados. Caminhamos em silêncio.

“Já ouviu falar de supernovas?”, Susan me pergunta enquanto nos encaminhamos para o portão.

“Quê?” Eu fico quase paralisada.

“Ben adorava astronomia quando era criança, e tinha um monte de livros sobre o espaço. Eu lia para ele quando ele não conseguia dormir, e eu adorava o capítulo de um dos livros que falava sobre supernovas. Elas brilham com mais força que qualquer outra coisa no céu, e depois se apagam de uma hora para outra. Uma supernova é uma explosão de uma energia extraordinária.”

“Pois é”, digo.

“Gosto de pensar que você e Ben foram assim”, ela continua. “Tiveram um fim abrupto, mas no pouco tempo que estiveram juntos viveram uma paixão que valeu por uma vida inteira.”

Eu não digo nada. Só assimilo a informação.

“Enfim, você vai para casa?”, ela pergunta.

Faço que sim com a cabeça. “Acho que já estou pronta.”

“Certo”, ela responde. “Bom... acho que chegou a hora de...”

“Quer ir jantar comigo na sexta?”, convido. “Naquele mexicano?”

Ela fica surpresa, mas gosta da ideia. “Eu adoraria.”

“Sei que você não é minha mãe. Sei muito bem disso. Mas gosto muito da sua companhia. Mesmo considerando as circunstâncias meio estranhas, eu gosto de você.”

Susan me abraça e me dá um beijo na testa. "Você é uma mulher e tanto", ela me diz. "Tenho muita sorte de te conhecer."

Dou uma risada tímida. Acho que estou vermelha. "Eu também", respondo, balançando a cabeça, torcendo para soar sincera, porque é algo que realmente sinto.

Ela sacode a cabeça para não chorar. "Muito bem!", Susan diz, dando um tapinha nas minhas costas. "Agora entre nesse carro e vá para casa. Se precisar de mim, é só me ligar. Mas você consegue. Está tudo sob controle."

"Obrigada", digo. Nossas mãos se tocam de leve. Dou um apertão na dela antes de me afastar. Estou ainda a poucos passos de distância quando me viro. "Susan?", eu chamo. Ela se volta para mim. "O mesmo vale para você. Se precisar de mim, é só ligar."

Ela sorri e assente com a cabeça. "Pode deixar."

Pego a estrada que segue pelo litoral, em vez da rodovia interestadual. Olho pela janela com mais frequência do que de costume. Tento apreciar cada instante. Em determinado momento, começa a tocar no rádio uma música que eu não ouvia fazia anos e, por quatro minutos, me esqueço de quem sou e do que estou fazendo. Sou apenas eu, dançando no carro e seguindo para o norte pela Pacific Coast Highway, e isso não é ruim. Nem um pouco.

Quando chego, meu apartamento parece maior do que eu me lembrava. Pego a correspondência e procuro pela certidão de casamento. Não está lá. Mas encontro um cheque do Citibank nominal a mim. Subo a escada e entro em casa.

Sinto um cheiro familiar, que nem notei que estava me fazendo falta até senti-lo. Tudo está onde deixei. O apartamento ficou parado no tempo enquanto eu estava em Orange County. Respiro fundo e não sinto o cheiro de Ben. Só o meu.

Sento no sofá e organizo o restante da correspondência. Lavo alguns pratos. Arrumo a cama. Limpo a geladeira e tiro o lixo. Quando entro de novo, olho para o envelope do Citibank. Me parece algo mesquinho querer saber quanto dinheiro acabei de herdar, mas em algum momento vou ter que descobrir. Então lá vamos nós.

Catorze mil, duzentos e dezesseis dólares e quarenta e oito centavos, em um cheque nominal a Elsie Porter. Bom. Não sei quando deixei de me considerar a sra. Elsie Porter Ross, mas parece ter sido um bom tempo atrás.

Esta é minha situação, seis meses depois de me casar: sem marido e catorze mil dólares mais rica.

Maio

“A cerimônia no gazebo acontece lá fora no... hã, no gazebo”, ela me disse de trás do balcão. Tinha uns cinquenta anos e parecia fingir um sotaque sulista. Ou então ela era de um rincão bem escondido do Sul. Ben estava no banheiro, e me deixou encarregada de providenciar tudo.

“Ah, está meio frio, né?”, falei. “Acho que a coisa mais simples que você tiver já está bom.”

“A gente só se casa uma vez, querida. Você não quer que seja uma coisa especial?” Como ela poderia achar que aquilo não era especial? Pompa e circunstância não faziam a menor diferença para mim, desde que eu pudesse estar com aquele homem. Ela não deve ter entendido a sorte que eu tinha. Deve ter achado que eu estava me casando com um qualquer, e que precisava de um gazebo para tornar a coisa mais marcante.

“Acho que não precisa”, falei. “Que tal este? O pacote simplicidade? Vamos querer esse mesmo.”

“Tudo bem”, ela disse. “E as alianças? Você tem uma aliança de noivado e precisa de uma que combine com ela?”

“Não!”, respondi, orgulhosa. “Nada de aliança de noivado.” Na verdade, essa ideia nem tinha me passado pela cabeça.

“Mas nós vamos comprar uma para ela”, Ben falou, vindo na nossa direção.

“Ah, para com isso”, eu disse.

“Bom, vocês querem de prata ou de ouro?”, ela quis saber.

“Ouro”, respondi, mas Ben disse “prata” ao mesmo tempo.

Nós dois mudamos às pressas nossas respostas para ficar igual à do outro.

“Quero o que você quiser, meu bem”, ele me disse.

“Mas eu quero o que você quiser!”, respondi.

“Vamos fazer o que você quiser, porque depois vou querer comer no Hooters, e preciso ter feito pelo menos uma vontade sua antes disso.”

“Você quer ir ao Hooters na nossa primeira refeição depois de casados?”

“Se isso serve de consolo, é por causa das asinhas de frango, não das garçonetes peitudas.”

A mulher no balcão nos ignorou. “Então vai ser... prata?”

“Ouro.” Ela mostrou uma bandeja cheia de alianças de ouro, e Ben e eu experimentamos algumas de que gostamos e aquelas que serviam em nós. Ele se encarregou da conta, e eu me ofereci para pagar metade.

“Está de brincadeira? Não vamos rachar as despesas no nosso casamento”, ele disse.

“Muito bem, pombinhos. Vocês vão querer cópias da certidão de casamento?”

Ben se virou para mim com uma expressão de interrogação.

“Sim”, falei. “Uma cópia já basta, eu acho.”

“Certo, eu vou acrescentar ao custo total”, a mulher disse, estendendo a mão. “Vocês já têm o formulário?”

“Ainda não”, disse Ben. “Precisamos preencher.”

A mulher baixou as mãos para trás do balcão, como se estivesse dando a transação por encerrada. “Vocês precisam ir até o Escritório de Concessões de Licenças Matrimoniais. Fica a uns três quarteirões daqui. Não posso fazer nada sem esse formulário.”

“Quanto tempo isso demora?”, eu quis saber.

“Meia hora, se não tiver fila”, ela respondeu. “Mas em geral tem.”

Não tinha fila. Em questão de minutos já estávamos sentados, preenchendo a papelada.

“Ah, esqueci meu cartão da seguridade social”, ele falou quando chegou a hora de colocar o número.

“Ah, acho que não precisa”, falei. “Aqui só pede o número.”

“Bom, o problema é que eu nunca lembro do número”, ele falou.

“Ah.” O obstáculo com o qual nos deparamos não poderia ser mais trivial. Minha empolgação começou a arrefecer, e me dei conta de que no fim o casamento poderia acabar não rolando. Poderia não ter jeito. Ele precisaria ligar para a mãe para pedir, e como ficaríamos depois disso? “Quer saber? Vamos esperar até outro dia, quando você estiver com o documento”, falei.

“Como é?”, ele rebateu, inconformado com a ideia de um adiamento. “Não, eu tenho quase certeza de que sei o número. Olha só”, ele falou, enquanto anotava. “Sei que é 518 ou 581, mas tenho quase certeza de que é 518.” Ele baixou a caneta em um gesto triunfal, foi até o balcão, entregou a papelada e falou: “Uma licença matrimonial, por favor!”. Em seguida, se virou para mim. “A gente vai casar, meu bem! Você está pronta?”

Novembro

Guardo o cheque em uma gaveta onde sei que não vou esquecer e dou uma olhada no apartamento. Parece ser meu de novo. Parece que vou ser capaz de viver uma vida só minha aqui. Sei que sonhei com uma vida com Ben neste lugar. Que sairíamos daqui quando tivéssemos filhos. Inclusive imaginei Ben encaixotando as coisas enquanto eu supervisionava tudo com uma barriga de oito meses de gravidez. Essa vida não vai rolar. Mas agora percebo que existe um mundo de possibilidades. Não sei como vai ser quando me mudar daqui. Não sei quando vai ser. E só isso já é uma coisa empolgante. Qualquer coisa pode acontecer.

Meu celular toca, e a ligação é de um número que não reconheço. Por algum motivo, decido atender mesmo assim.

"Alô?"

"Alô, posso falar com Elsie Porter?", pergunta uma mulher.

"É ela."

"Oi, sra. Porter. Aqui é Patricia DeVette, do Departamento de Registros do Condado de Clark, em Nevada", ela diz. Juro que meu coração para de bater por um momento. "Eu estou com um... Em geral não entramos em contato com as pessoas dessa maneira, sra.

Porter, mas eu estava arquivando uns documentos aqui e gostaria de falar sobre o seu registro de casamento aqui no condado.”

“Certo...”, eu digo. Ai, meu Deus. Evitei este momento por tanto tempo que o problema acabou dando um jeito de vir até mim.

“Demorei um tempo para entender o que estava acontecendo aqui, mas ao que parece Ben Ross errou o preenchimento do número da seguridade social dele na licença matrimonial. Deixei várias mensagens para o sr. Ross, mas ele não respondeu.”

“Ah.”

“Estou ligando para avisar que o casamento ainda não está nos registros do condado.”

E aí está a notícia. Justamente o que eu mais temia. Ben e eu não somos legalmente casados. Quando ele era vivo, nossa relação nunca foi reconhecida como uma união estável. Meu maior pesadelo se tornou verdade e, enquanto estou aqui de pé, com o telefone na mão, fico surpresa por não entrar em colapso. Por não desmoronar.

“Obrigada, Patricia. Obrigada por ter me ligado”, eu digo. Não sei ao certo o que falar a seguir. É uma situação bem insólita. Tudo o que eu mais queria desde que Ben morreu era uma prova do que significávamos um para o outro. Mas agora percebo que papel nenhum é capaz de provar isso.

“Bom”, me ouço dizer. “É que Ben faleceu.”

“Como?”

“Ben morreu. Está morto. Então não sei se a certidão ainda pode ir para os registros.”

“Eu sinto muito, sra. Porter. Lamento muito pela sua perda.”

“Obrigada.”

Fico com a impressão de que a sra. DeVette não sabe o que dizer. Ela fica em silêncio por algum tempo antes de começar a falar. "Bom, eu ainda posso incluir a certidão nos registros", ela informa. "Porque é uma documentação retroativa de uma união legal que de fato aconteceu. Mas só depende de você. Não é obrigatório."

"Pode registrar, por favor", me ouço dizer novamente. "O casamento aconteceu. Precisa estar nos registros do condado."

"Certo, sra. Ross, eu vou fazer isso. Você pode me passar o número do cartão da seguridade social dele?"

"Ah", eu digo. "Que número ele pôs na ficha?"

"518-38-9087."

"É só trocar o 518 por 581."

"Ótimo, obrigada, sra. Ross", Patricia me diz.

"Eu que agradeço por você ter entrado em contato", respondo.

"Ah, sra. Ross?", ela diz quando está prestes a desligar.

"Sim?"

"Parabéns pelo casamento. E sinto muito pelo seu marido."

"Obrigada", eu digo a ela. Quando desligo o celular, sinto uma rápida e inconfundível sensação de paz. Eu era a esposa de Ben Ross. Ninguém pode tirar isso de mim.

Maio

“Elsie Porter”, disse o juiz de paz.

“Sim?”

“Ben Ross?”

“Sim.”

“Vocês estão prontos?”

“Sim, senhor”, Ben responde. O juiz de paz deu risada e nos cumprimentou com apertos de mão. “Meu nome é Dave”, ele falou.

“Vamos começar a cerimônia.”

“Certo!”, falei, agitando os braços.

“Vocês podem se virar um para o outro?”, ele pediu, e nós obedecemos.

“Ben e Elsie, estamos reunidos aqui para celebrar um dos grandes momentos da vida, e para reconhecer o valor e a beleza do amor, com vocês dois se unindo pelos votos matrimoniais.”

Eu nem olhei para Dave; só conseguia ver Ben. Os olhos dele estavam fixos em mim. O rosto de Ben se iluminou. O sorriso no rosto dele era inacreditável; eu nunca o tinha visto assim. Dave continuou falando, mas eu não escutei. Não conseguia distinguir as palavras. Era como se o mundo tivesse paralisado, como se estivesse pausado e mudo, suspenso no tempo e no espaço.

“Vocês prepararam seus votos?”, Dave perguntou, me trazendo de volta à realidade.

“Ah”, eu falei, ainda olhando para Ben. “Não, mas podemos providenciar isso agora. Quer fazer de improviso?”, perguntei para Ben.

“Claro.” Ele sorriu. “Vamos improvisar.”

“Ben? Você quer ir primeiro?”, Dave perguntou.

“Ah, sim. Claro.” Ben ficou em silêncio por um instante. “Os votos são tipo promessas ou... tipo qualquer coisa que a gente queira dizer?”, ele murmurou para Dave.

“Qualquer coisa que você queira dizer já serve”, foi a resposta.

“Ah, tá.” Ben respirou fundo. “Eu te amo. Sinto que te amo desde que coloquei os olhos em você naquela pizzaria, apesar de saber que não faz o menor sentido. Não consigo mais viver sem você. Você é minha melhor amiga, minha amante, minha parceira. E prometo que vou passar o resto da vida cuidando de você, e do jeito que você merece. Jamais imaginei que fosse encontrar na vida algo que eu valorizasse acima de mim mesmo, até que te conheci, então quero dedicar todos os dias da minha vida a você. É isso que você significa para mim. Você é o motivo para eu estar aqui. Sem você, eu não sou nada. Então obrigado, Elsie, por ser quem você é, e por querer passar a vida ao meu lado.”

Meus olhos ficaram cheios de lágrimas, e um nó gigantesco se formou na minha garganta.

“Elsie?”, Dave me chamou.

“Eu te amo”, falei, e desmoronei. Não conseguia articular as palavras em meio ao choro. Quando olhei para Ben, vi que ele estava chorando também. “Eu te amo demais”, continuei. “Nunca

soube como era amar tanto alguém, e ser amada assim de volta. Pelo resto da vida, vou ficar do seu lado, Ben. Vou dedicar minha vida a você.”

Ben me abraçou e me beijou. Me apertou tão forte que eu mal conseguia respirar. E eu retribuí o beijo até sentir que havia um braço nos afastando.

“Ainda não está na hora, filho”, Dave falou, nos separando, aos risos. “Ainda temos uma pequena formalidade para resolver.”

“Ah”, Ben falou, sorrindo para mim. “É mesmo.”

Dave sorriu e se virou para ele. “Ben, você aceita essa mulher como sua legítima esposa?”

“Sim”, ele disse, olhando só para mim.

“E você, Elsie, aceita esse homem como seu legítimo esposo?”

“Sim”, falei, balançando a cabeça e sorrindo.

“Então, pelo poder a mim investido pelo estado de Nevada, eu os declaro marido e mulher.”

Por um instante, ficou tudo em silêncio, e nós ficamos sem reação. Ben olhou para Dave, cheio de expectativa.

“É agora, filho!”, Dave falou. “É a sua chance. Beije a noiva com todas as suas forças.”

Ben me abraçou e me virou em seus braços e me beijou com força na boca. Foi muito bom, um beijo como aquele. Bom demais.

Dave riu sozinho e começou a se afastar. “Vou dar um tempinho para vocês se acalmarem”, ele disse e, antes de chegar à porta, complementou: “Sabem de uma coisa? Eu já casei muita gente, mas estou com um bom pressentimento em relação a vocês dois”.

Ben e eu trocamos olhares e sorrimos. “Você acha que ele diz isso para todo mundo?”, Ben perguntou.

“Provavelmente”, respondi, e me lancei em seus braços. “Está pronto para ir comer suas asinhas?”

“Daqui a pouco”, ele disse, acariciando meus cabelos e me puxando mais para perto. “Quero passar mais um tempinho admirando a minha mulher.”

Novembro

Pego o cheque e vou para o carro. Entro no Citibank para sacar o dinheiro. Sinto em mim a determinação e a energia que me abandonaram por um bom tempo, mas agora sei o que quero e sei que sou capaz de fazer.

A caixa do banco fica meio hesitante. Não tem nenhum motivo para não descontar o cheque, mas imagino que não seja muito frequente que uma jovem da minha idade apareça por lá com um desse valor. Peço o dinheiro em notas de cem dólares.

Não cabe tudo na minha carteira, então preciso levar alguns envelopes. Pego o carro e dirijo até a maior livraria que conheço. Entro na loja e sinto como se minha bolsa estivesse pegando fogo, e minha cabeça girando. Fico andando a esmo por um tempo até que uma funcionária vem me ajudar. Pergunto onde fica a seção de livros para jovens, e a moça me leva até lá. Ela estende a mão para mostrar as prateleiras — pilhas e pilhas de livros, com capas coloridas e títulos em letras garrafais.

“Eu vou levar”, digo.

“O quê?”, ela pergunta.

“Você me ajuda a levar para o caixa?”

“A seção inteira?”, ela pergunta, em choque.

São livros demais para eu colocar no carro, ou para eu levar sozinha para qualquer lugar, então a livraria se compromete a fazer a entrega. Pego três pilhas, ponho no meu porta-malas e tomo o caminho da Biblioteca de Fairfax.

Assim que entro vejo Lyle, que vem na minha direção.

“Oi, Elsie. Tudo bem com você?”

“Estou bem”, digo. “Você pode me ajudar a pegar umas coisas lá no meu carro?”

“Claro.”

Lyle pergunta como estou, e se acho que estou pronta para voltar a trabalhar. Não parece nem um pouco disposto a falar sobre o meu “incidente”, e fico grata por isso. Digo que volto a trabalhar em breve enquanto caminhamos até o carro.

Eu abro o porta-malas.

“O que é isso?”, ele questiona.

“É o início da Seção de Livros Juvenis Ben Ross”, eu digo.

“Quê?”

“Um caminhão de livros vai encostar aqui amanhã, e eles vão ser doados para a biblioteca em nome do Ben.”

“Uau”, ele comenta. “É muita generosidade da sua parte.”

“Só tem uma condição”, aviso.

“E qual é?”

“Quando os livros começarem a ficar com cheiro de coisa velha, precisamos nos livrar deles. Doar para outra biblioteca.”

Lyle dá risada. “Como é?”

Pego um livro no porta-malas e folheio na frente do rosto de Lyle. Sinto o odor do papel. “Está sentindo esse cheiro de livro novinho?”, pergunto.

“Claro”, diz Lyle.

“Quando eles ficarem com cheiro de livro de biblioteca, vamos ter que doar para outro lugar e substituir usando isto aqui.” Entrego para Lyle o restante do dinheiro. Está dentro do envelope, e parece até que estamos traficando drogas no estacionamento.

“Mas o que...”, Lyle me diz. “Guarda isso!”

Eu dou risada quando enfim consigo ver a coisa sob a perspectiva dele. “Acho que seria melhor fazer um cheque...”

Lyle dá risada. “Provavelmente. Mas você não precisa fazer isso.”

“Eu quero”, digo. “Podemos encomendar uma placa?”, pergunto.

“Claro”, ele responde. “Com certeza.”

“Que ótimo.” Entrego alguns livros para ele carregar, pego mais alguns e vamos para a porta de entrada.

“Tem certeza de que você está bem, Elsie?”, ele me pergunta quando entramos.

“Absoluta.”

Ana vem jantar comigo. Comemos só nós duas no meu sofá da sala, bebendo vinho até não aguentarmos mais. Dou risada com ela, e sorrio. E, quando ela volta para casa, ainda tenho Ben no meu coração e na minha mente. Não o perdi só porque me diverti sem ele. Não o perdi só por ser eu mesma com a minha melhor amiga.

Dezembro

Espero mais um tempo para me reajustar à rotina e, quando acordo me sentindo mais disposta, volto ao trabalho. O ar de Los Angeles está oficialmente mais frio — a temperatura gira em torno dos oito graus. Visto uma jaqueta que não usava desde o inverno do ano passado e entro no carro. Uma parte de mim está nervosa com o que vem a seguir — retomar o trabalho de verdade e deixar o passado para trás — quando entro na biblioteca. Vou até o escritório da administração e me sento à minha mesa. Não tem muita gente por aqui a esta hora da manhã, mas os poucos presentes me aplaudem quando chego. Vejo um broche enorme de doadora na minha mesa. Não estão me aplaudindo porque sou uma viúva de volta ao trabalho, e sim porque fiz uma coisa boa pela biblioteca. Deixei de ser só a mulher que perdeu o marido. Eu sou mais que isso.

O dia passa como sempre. Me vejo desfrutando das relações amistosas do ambiente de trabalho pela primeira vez em meses. Gosto de me sentir necessária aqui. Gosto de conversar com as pessoas sobre livros. Gosto quando as crianças perguntam onde encontrar determinada coisa e eu consigo dar uma pequena aula sobre o sistema decimal de Dewey.

Por volta da hora do almoço, as caixas de livros são entregues e levadas até minha mesa. Ainda não preparei a prateleira para receber os novos volumes, então fica tudo empilhado no chão, fazendo minha mesa desaparecer. Reconheço alguns dos títulos. Ben tinha alguns deles lá em casa antes de Susan levá-los. Já outros parecem novidades. Alguns parecem bem interessantes; outros parecem realmente bobos. Enquanto registro as aquisições no sistema, acho graça no fato de meu marido adorar livros feitos para adolescentes. A vida nunca acontece da maneira como a gente imagina. Ninguém acha que vai se casar com alguém que lê histórias escritas para pessoas de doze anos de idade; e ninguém acha que vai perder o marido tão pouco tempo depois do casamento. Mas, se é assim que tem de ser, então ainda tenho várias surpresas pela frente, e nem todas devem ser desagradáveis.

Ligo para Susan e conto sobre os livros. Pela voz dela, não sei se está rindo ou chorando.

“Você disse mesmo que os livros não podem ficar com cheiro de coisa velha?”

“Sim”, respondo da minha mesa. “Eles vão precisar ser doados para outro lugar.”

Ela ri, apesar de estar chorando. “Acho que finalmente vou poder pegar um livro na biblioteca, então”, Susan diz. “Aliás, eu também quero participar disso. Quero fazer uma doação. Quero que o estoque de livros com cheiro de novo nunca acabe.”

“Sério mesmo?”, pergunto, empolgada. “Uau! Então vamos mudar o nome para Seção de Livros Juvenis Ben e Susan Ross.”

“Não, o seu nome precisa estar lá também. Ah! E o do Steven! Então tem que ser Seção de Livros Juvenis Família Ross.”

Representando nós quatro. Que tal?”

Tento não dar muita atenção para a ternura do gesto, mas é impossível não me emocionar.

“Certo”, digo baixinho.

“Me manda um e-mail depois explicando tudo e para onde mandar o cheque, tá? Eu ligo para você no fim de semana.”

Desligo o celular e tento voltar ao trabalho, mas minha mente logo arruma outra distração.

O sr. Callahan não apareceu hoje. Pergunto a Nancy quando foi a última vez que ela o viu.

“Ah, nossa”, ela diz. “Faz pelo menos uns dois meses.”

Às cinco horas, eu me despeço e vou para o hospital Cedars-Sinai.

Pergunto à enfermeira na recepção qual é o quarto da sra. Lorraine Callahan. Ela digita o nome no computador e responde que não tem nenhuma pessoa com esse nome internada lá. Volto para o carro e para a rua da biblioteca. Encontro a casa que imagino ser a do sr. Callahan.

Vou até a porta da frente e toco a campainha. Não parece estar funcionando, então bato na porta. Preciso insistir mais um pouco antes que ele apareça. Ele abre e me vê através da porta de tela.

“Elsie?”, ele diz, incrédulo.

“Oi, George, posso entrar?”

Ele abre a porta de tela e me deixa passar. A casa parece desarrumada e triste. Percebo que Lorraine não está aqui.

“Como você está, George?”

“Estou bem”, ele responde em um reflexo automático.

“Como você está?”, repito, dessa vez com mais ênfase e interesse.

A voz dele estremece um pouco. "Na maioria dos dias, não consigo nem levantar da cama", ele responde. "Não vale a pena."

"Vale, sim", insisto. "Vale a pena, sim."

Ele sacode a cabeça. "Você não sabe", ele diz. "Ninguém sabe."

"Nisso você tem razão", concordo. "Vocês ficaram juntos por tanto tempo. Não consigo nem imaginar como você deve estar se sentindo perdido. Mas a questão é a seguinte, George: você pode ser velho, mas ainda tem muita garra e disposição. Lorraine não iria querer que você desistisse assim tão fácil." Eu o seguro pelos ombros e o forço a me encarar. "Vamos lá", eu chamo. "Vem tomar uma cerveja comigo."

E assim, de um momento para o outro, estou me oferecendo para consolar alguém. Não sou a pessoa que está sofrendo. Sou a pessoa que está ajudando. Minha vida sem Ben parecia vazia, mas aqui estou eu, fazendo alguma coisa com ela.

O sr. Callahan assente com certa relutância e calça os sapatos.

"Será que vão pedir para ver minha identidade?", ele pergunta. Nós dois damos risada, apesar de não ser tão engraçado assim. Precisamos aprender a rir das pequenas coisas. Por mais que a pessoa seja forte, inteligente ou durona, o mundo sempre encontra uma forma de jogar a gente para baixo. E, quando isso acontece, a única coisa que é possível fazer é aguentar firme.

Quando o sr. Callahan e eu chegamos ao bar, ele vai direto para o balcão. Eu espero mais um pouquinho antes de me juntar a ele. Respiro fundo. Olho ao redor. Um cara vem até mim e pergunta o que uma garota linda como eu está fazendo sozinha aqui em pleno happy hour. Ele se oferece para me pagar uma bebida.

Eu não aceito, mas também não dou um soco na cara dele. O sr. Callahan concorda comigo que isso é um avanço. Além disso, o Ano-Novo está chegando, e ninguém sabe o que o futuro pode trazer.

Junho

Nós acordamos em um quarto de hotel em Las Vegas. A cama era bem larga, com lençóis chiques. Tinha uma jacuzzi a quatro passos da cama. O sol forte já começava a se infiltrar através das cortinas, pelas frestas do meio e pelas pontas. Minha vida nunca tinha sido assim tão emocionante, tão cheia de possibilidades.

Ben ainda estava dormindo quando despertei. Resolvi simplesmente observar o seu sono. Apoiei a cabeça em seu peito e escutei seu coração bater. Li as notícias no meu celular. Mesmo as coisas mais comuns pareciam me trazer a alegria de uma manhã de Natal. Tudo parecia envolto em paz. Liguei a TV e fiquei assistindo em volume baixinho, com Ben adormecido ao meu lado. Esperei até que ele acordasse.

Quando deram onze horas, eu me virei e o sacudi de leve.

“Acorda, amor”, falei. “Precisamos levantar daqui a pouco.”

Ben não conseguiu despertar direito. Só me abraçou e enterrou o rosto no travesseiro.

“Vamos lá, maridão”, chamei. “Você precisa levantar.”

Ele abriu os olhos e sorriu para mim. Em seguida, erguendo a boca do travesseiro, falou: “Por que a pressa, querida? Nós temos todo o tempo do mundo”.

Agradecimentos

Devo muitos agradecimentos à minha agente, Carly Watters, e à minha editora, Greer Hendricks. Vocês entenderam o que eu estava tentando fazer, acreditaram no potencial da história e a tornaram melhor, mais inteligente e mais comovente. Obrigada. E agradeço a Sarah Cantin, da Atria, pela fé que depositou neste livro. Foi você que abriu esta porta para mim.

Também gostaria de agradecer aos amigos que me incentivaram ao longo desta jornada: Erin Cox, Julia Furlan, Jesse Hill, Andy Bauch, Jess Reynoso, Colin e Ashley Rodger, Emily Giorgio, Bea Arthur, Caitlin Doyle, Tim Pavlik, Kate Sullivan, Phillip Jordan, Tamara Hunter e Sara Arrington. A fé que vocês têm em mim me tornou imprudente a ponto de achar que eu daria conta do recado.

É fundamental agradecer também a meus chefes e professores que acreditaram em mim: Frank Calore, Andrew Crick, Edith Hill, Sarah Finn e Randi Hiller. Sou muito grata por ter tido vocês como mentores na minha vida.

Meu muito obrigada à Biblioteca Pública de Beverly Hills por me proporcionar um lugar tranquilo para escrever e por vender doces deliciosos e um chá gelado bem forte, e à comunidade da Escola Politécnica por todo o apoio.

Também não posso deixar passar a oportunidade de mencionar o homem que perdeu o amor de sua vida e fez um post a respeito no Craigslist. Você é um escritor muito melhor que eu, e a ternura do seu texto traz lágrimas aos meus olhos toda vez que leio. E já o li muitas vezes. Às famílias Reid e Hanes, obrigada por me acolherem com tanto afeto.

Martha Steeves, você vai morar para sempre no meu coração.

Minha gratidão às famílias Jenkins e Morris é infinita. Agradeço à minha mãe, Mindy, ao meu irmão, Jake, e à minha avó, Linda: o fato de vocês acreditarem que consigo fazer qualquer coisa que quiser é o motivo por que eu também acredito. Não existe presente melhor a oferecer para uma pessoa do que esse.

E, por fim, agradeço a Alex Reid, o homem que me ensinou que até uma mulher em pleno juízo pode se apaixonar loucamente e resolver se casar em questão de meses: obrigada por ser a inspiração para todas as histórias de amor que eu escrevo.



ELLY SCHAEFER

TAYLOR JENKINS REID nasceu em Acton, Massachusetts. É autora de *Daisy Jones & The Six* (2019), *Os sete maridos de Evelyn Hugo* (2019), *Amor(es) verdadeiro(s)* (2020), *Depois do sim* (2020) e *Malibu renasce* (2021), entre outros. Mora em Los Angeles com o marido, a filha e o cachorro.

Copyright © 2013 by Taylor Jenkins Reid

A Editora Paralela é uma divisão da Editora Schwarcz s.a.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

TÍTULO ORIGINAL Forever, Interrupted

CAPA Joana Figueiredo

FOTO DE CAPA Paopano/Shutterstock

PREPARAÇÃO Antonio Castro

REVISÃO Jasceline Honorato e Renato Potenza Rodrigues

VERSÃO DIGITAL Rafael Alt

ISBN 978-65-5782-343-9

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

editoraparela.com.br

atendimentoaoleitor@editoraparela.com.br

facebook.com/editoraparela

instagram.com/editoraparela

twitter.com/editoraparela



*Os sete
maridos
de
Evelyn Hugo*

TAYLOR JENKINS REID

Os sete maridos de Evelyn Hugo

Reid, Taylor Jenkins

9788554515737

360 páginas

[Compre agora e leia](#)

Com todo o esplendor que só a Hollywood do século passado pode oferecer, esta é uma narrativa inesquecível sobre os sacrifícios que fazemos por amor, o perigo dos segredos e o preço da fama.

Lendária estrela de Hollywood, Evelyn Hugo sempre esteve sob os holofotes — seja estrelando uma produção vencedora do Oscar, protagonizando algum escândalo ou aparecendo com um novo marido... pela sétima vez. Agora, prestes a completar oitenta anos e reclusa em seu apartamento no Upper East Side, a famigerada atriz decide contar a própria história — ou sua "verdadeira história" —, mas com uma condição: que Monique Grant, jornalista iniciante e até então desconhecida, seja a entrevistadora. Ao embarcar nessa misteriosa

empreitada, a jovem repórter começa a se dar conta de que nada é por acaso — e que suas trajetórias podem estar profunda e irreversivelmente conectadas.

"Evelyn Hugo faz Elizabeth Taylor parecer sem graça. Você vai rir com ela, chorar, sofrer, e então voltar para a primeira página e fazer tudo de novo." — Heather Cocks e Jessica Morgan, autoras de *The Royal We*

[Compre agora e leia](#)

UMA PERGUNTA. UMA ESCOLHA.
NOVE CAMINHOS PARA UMA VIDA.

As
Nove Vidas

de

Rose
Napolitano

DONNA FREITAS

As nove vidas de Rose Napolitano

Freitas, Donna

9786557823156

344 páginas

[Compre agora e leia](#)

Quais são as consequências das nossas maiores decisões? Acompanhando Rose Napolitano descobrimos como nossa história pode ser reinventada a cada escolha e, às vezes, seguir rumos que não imaginávamos. Um romance profundo sobre uma mulher que nunca quis ser mãe e as diversas formas com que a vida pode nos surpreender.

Rose Napolitano e Luke estão brigando. Ele prometeu, antes do casamento, que não queria ter filhos, mas mudou de ideia. Ela prometeu tomar as vitaminas para engravidar, mas não o fez. De repente, o casamento dos dois passa a depender de uma única resposta: Rose consegue encontrar dentro de si o desejo de ser mãe?

Ao narrar uma escolha de vida decisiva em nove

versões diferentes, Donna Freitas nos leva por todos os caminhos que moldam a vida de uma pessoa, refletindo sobre trajetórias que ressignificam o que é ser mulher. Um romance sobre amor, maternidade, traição, divórcio, morte e sobre como o destino pode interferir em nossos planos quando menos esperamos.

[Compre agora e leia](#)

Mayra Cotta

Thais Farage

mulher, roupa, trabalho

como se veste

a desigualdade

de gênero



Mulher, roupa, trabalho

Cotta, Mayra

9786557825839

228 páginas

[Compre agora e leia](#)

Este não é mais um livro de estilo. Nestas páginas, a consultora de moda Thais Farage e a advogada Mayra Cotta investigam a relação da mulher com a roupa de trabalho e o que há por trás das escolhas diárias que fazemos diante do espelho.

"Será que esse vestido me deixa velha?", "Essa camisa me faz parecer séria demais?", "Essa blusa é muito estampada?", "Ainda tenho idade para usar esse tipo de saia?". Quem é mulher sabe que, apesar de rotineira, arrumar-se para o trabalho não é tarefa fácil. Não importa o que vestimos, a roupa feminina é sempre avaliada, comentada e criticada por todo mundo, e o resultado é que quase nunca sentimos que nossas peças são apropriadas para a situação. Mas por que nossa relação com a roupa de trabalho

é tão complicada? De onde vêm tantas questões que parecem nem existir para o gênero masculino? Foi com isso em mente que Mayra Cotta e Thais Farage escreveram *Mulher, roupa, trabalho*, um livro que repensa a moda a partir de suas raízes políticas e questiona a política a partir da moda, tendo como base a roupa das mulheres no espaço de trabalho. O objetivo aqui é questionar as estruturas engessadas que determinam o que devemos ou não vestir para trabalhar e tentar subvertê-las. Só assim poderemos nos divertir mais com os looks e nos preocupar menos em nos espremer para caber neles.

"O livro que você tem em mãos é, além de uma ferramenta para formação de repertório crítico, uma potente arma de transgressão que vai ajudar a romper as lógicas que aprisionam as mulheres a padrões preestabelecidos e impostos." — Susana Barbosa, diretora editorial da *ELLE Brasil*

[Compre agora e leia](#)

NINA BROCHMANN E
ELLEN STØKKEN DAHL

VIVA A VAGINA

TUDO QUE VOCÊ
SEMPRE QUIS
SABER.

TRECHO GRATUITO

BRUNO
BRUNO
BRUNO
BRUNO

Viva a vagina - Trecho gratuito

Brochmann, Nina

9788554510497

48 páginas

[Compre agora e leia](#)

Um convite para conhecer seu corpo melhor: neste **trecho exclusivo** em e-book do livro *Viva a vagina*, você irá começar a entender um pouco melhor o aparelho sexual feminino. Descubra a linguagem divertida e informativa de Nina Brochmann e Ellen Støkken Dahl, duas estudantes de medicina que se uniram para desmistificar e esclarecer todos os mistérios e mal entendidos que afetam a saúde e bem estar das mulheres. Se gostar, continue a leitura em *Viva a vagina*.

[Compre agora e leia](#)

LIVRO 1 DA SÉRIE 4 HOMENS EM 44 CAPÍTULOS



Skin

Easton, BB

9786557825594

360 páginas

[Compre agora e leia](#)

Neste primeiro spin-off de *4 homens em 44 capítulos*, livro que inspirou a série *Sex/Life* da Netflix, BB Easton volta a deliciar seus leitores com uma história de amor proibido, cheia de cenas quentes, drama e muito humor — tudo baseado em acontecimentos reais.

É 1997, e Ronald McKnight, também conhecido como Esqueleto, é o garoto mais perigoso e temido da cidade... e talvez do mundo. Ele odeia todo mundo, sem exceção — quer dizer, menos BB Easton, uma doidinha meio punk que insiste em se meter no seu caminho.

BB, por sua vez, gosta de todo mundo... menos de Ronald. Na verdade, ela morre de medo dele. Tudo o que BB quer é se casar com Lance Hightower, o rei da cena punk local, que também é a cara do príncipe

Eric de *A pequena sereia*.

Mas Ronald não tem pressa. Ele é persistente.

Inusitado. E, uma vez que ele entrar no mundo de BB, a vida dela nunca mais será a mesma.

Um amor complicado, o humor ácido de BB Easton e personagens marcantes são os ingredientes que fazem de *Skin* um romance irresistível, que você não vai conseguir parar de ler.

CONTEÚDO ADULTO.

[Compre agora e leia](#)